

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E COMUNICAÇÃO - ICSC
JORNALISMO

Maria Rejane Guimarães e Silva

A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA
FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA:
Reinvenção e Capacitação

Campinas, SP
Novembro 2020

Maria Rejane Guimarães e Silva

**A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA
FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA:
Reinvenção e Capacitação**

Monografia apresentada à banca examinadora do Curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo, como requisito final para obtenção da titulação de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora de projeto:

Prof.^a Ms.^a Cibele Maria Buoro

Orientadora de produto:

Prof.^a Ms.^a Cibele Maria Buoro

Campinas, SP
Novembro 2020

**A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA
FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA:
Reinvenção e Capacitação**

Monografia apresentada à banca examinadora do Curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo, como requisito final para obtenção da titulação de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora de projeto:

Prof.^a Ms.^a Cibele Maria Buoro

Orientadora de produto:

Prof.^a Ms.^a Cibele Maria Buoro

Aprovado em: **BANCA EXAMINADORA**

_____ / ____ / _____

Prof.

Universidade Paulista – UNIP

_____ / ____ / _____

Prof.

Universidade Paulista – UNIP

_____ / ____ / _____

Prof.

Universidade Paulista - UNIP

Agradeço e dedico este trabalho a Deus em primeiro lugar. À minha família, meu marido Marcelo, meus filhos Ícaro e Dimitri, meus pais Raimundo e Núbia, meus sogros José Pedro e Conceição, a todos os entrevistados e aos professores Jeverson Barbieri, Cibele Buoro e Roni Muraoka.

AGRADECIMENTOS

Tenho o imenso prazer de dedicar esta página somente a Deus, o Alfa e o Ômega.

Obrigada.

RESUMO:

O presente trabalho busca compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram que se adaptar a novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à sua coluna, caderno e afins, passou a ser impulsionado, por interesse próprio, ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático. Este projeto tem como proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes propõe. Os processos de mudanças e acréscimos na carreira, suas opções, temores, decepções e o que acreditam deixar como legado, é o propósito deste projeto, investigado por meio de entrevistas semi-abertas, abordando questionamentos de cunho profissional e pessoal. Essa investigação faz-se pertinente devido a rapidez com que o mundo virtual vem crescendo no meio da comunicação jornalística e novas plataformas de divulgação de informações vêm sendo adaptadas ao ambiente em questão, requerendo desses profissionais, um melhor conhecimento e aperfeiçoamento em função da busca por novas habilidades. Essas distinções entre o antigo (analógico) e o novo (digital), jornalismo e jornalista serão analisados em tópicos subseqüentes organizados paralelamente.

Palavras-chave: Jornalismo analógico; Jornalismo Digital; Capacitação Jornalística.

ABSTRACT:

The present study comprehends changes that occurred in the media analogical journalist profession. With the internet boom in the nineteen ninety's, the pressed papers, radio and televised medias had to adapt and create new media edition formats for its public, reaching directly the newsroom and editorial department. The journalist was limited to his column had to evolve and adapt to the new means of communication. This study analyses what actions and experiences these professionals had to acquire in order to stay relevant and adapt to the new technological format of their industry. The go is to highlight the process changes that occurred, their fears, disappointment and accomplishments, obtained by semi opened interviews questioning their professional and personal take. This research shows the accelerated rate that the virtual world dominated the journalism area with new platforms of communication and mews information and require prepared professionals with advanced skills and abilities. The distinction from analogical and digital will be analyzed in paralleled topics.

Key-Words: Analogical Journalism; Digital Journalism, Journalism Enhancement

SUMÁRIO

RESUMO:.....	8
ABSTRACT:	9
1. INTRODUÇÃO	12
2. JUSTIFICATIVA	13
3. OBJETIVOS.....	19
3.1 GERAL	19
3.2 ESPECÍFICOS	19
4. METODOLOGIA.....	20
4.1 QUALITATIVA.....	20
4.2 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	22
4.3 ENTREVISTA SEMIABERTA	23
4.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	24
5. CRONOGRAMA.....	26
CAPÍTULO 1 - DA ORIGEM DO JORNALISMO E COMPOSIÇÃO DAS REDAÇÕES DA ERA ANALÓGICA	27
O QUE É JORNALISMO?	27
A PROFISSÃO DE JORNALISTA	31
A REDAÇÃO DO JORNALISMO ANALÓGICO	33
O JORNALISTA DA ERA ANALÓGICA	36
HABILIDADES ADQUIRIDAS	37
CAPÍTULO 2 - O JORNALISTA E O DESAFIO DE REINVENÇÃO DIANTE DA MÍDIA NO FORMATO DIGITAL.....	39
A REDAÇÃO DE UM JORNAL DIGITAL	43
PLATAFORMAS DIGITAIS.....	46
YOUTUBE	47
FACEBOOK.....	49
TWITTER	50
BLOGS.....	52
WEBJORNALISMO, UM CAMINHO SEM VOLTA	54
CAPÍTULO 3 – ENTREVISTAS.....	59
ANÁLISES.....	87
CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICE	102

1.	ASSINATURA TERMO DE AUTORIZAÇÃO	102
2.	PAUTAS	133
3.	TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	152
4.	CARTA DE AUTORIZAÇÃO – APRESENTAÇÃO BANCA FINAL	254

1. INTRODUÇÃO

Como um leque de possibilidades. É assim, que o profissional de jornalismo vislumbra a internet. Com o aporte dessa tecnologia no Brasil no início dos anos 90, o jornalismo vem experimentando constantes modificações em suas formas de praticar suas competências no que diz respeito ao exercício da noticiabilidade, da apuração, reportagem e principalmente, do ajuste ao ambiente webjornalístico (jornalismo em mídia digital) mundial.

Sendo parte essencial desse contexto, o jornalista é alvo principal desta pesquisa. Motivada pelo interesse de saber como esse profissional, advindo do Jornal Impresso, TV Analógica e Rádio, se capacitou ou vem se capacitando mediante às novas plataformas difusoras das notícias e singularmente, no relacionamento entre o leitor/telespectador, referente a comunicação direta via online. Este projeto, tem a intenção de aprofundar esse assunto por meio de entrevista semiaberta e em profundidade, para saber quais foram as dificuldades mais recorrentes no manuseio das mídias e aparelhos digitais.

Ainda com poucas informações na campo das pesquisas acadêmicas sobre o tema em questão, a relevância desse estudo teve como recorte observar as práticas adotadas pelos profissionais da comunicação analógica, mais especificamente, cursos que precisaram fazer para continuar atuando no mercado, ou simplesmente, saber o porquê decidiram abandonar as salas de redação e montar seus próprios canais virtuais, estabelecendo assim, uma comunicação mais intimista com o público.

O referencial teórico elenca uma lista de autores e pesquisadores do jornalismo no Brasil e alguns internacionais. Essa gama de agentes estudiosos do campo comunicacional trazem um suporte substancial aos dados históricos dispondo de conteúdos baseados em experiências próprias, enquanto atuantes da profissão.

As mudanças no formato de fazer jornalismo na internet ganhou a denominação de "webjornalismo". Essa nova tendência, presente a partir da década 90, desencadeou uma série de transformações nos ambientes físicos e intelectuais das redações e nos jornalistas respectivamente. Essa trajetória será abordada a partir das leituras de livros, artigos, entrevistas, reportagens e sites que reproduzam o ambiente das redações da era analógica, assim como também, explicitem as atualizações das novas redações, a partir da visão voltada para o ambiente virtual.

2. JUSTIFICATIVA

O tema dessa pesquisa dá-se em função de mostrar as dificuldades e superações do profissional de jornalismo que iniciou sua carreira na mídia analógica e a maneira como vem se capacitando frente aos desafios subjetivamente impostos, dentro de uma nova postura das empresas de comunicação na transição para o digital. Muitos profissionais que iniciaram suas carreiras no jornal impresso precisaram migrar gradativamente para o jornalismo digital, para assim, manterem vínculo empregatício ou construir seus próprios meios de trabalhos nas plataformas virtuais.

Esse tema busca mostrar o jornalista em um primeiro momento de sua carreira, no ambiente das redações analógicas. E, em um segundo momento, mostrar esse mesmo profissional se deparando com as mudanças advindas pela implementação da internet nas redações. Expor esse cenário é necessário para chegar ao centro desta pesquisa, que tem por finalidade mostrar as consequências e o impacto que essas mudanças causaram nos jornalistas com mais de 30 anos de atividade no jornal impresso. Saber quais procedimentos foram adotados para agregar valor às suas carreiras e as novas competências adquiridas para a adaptação aos meios digitais, faz deste projeto um meio para coleta de informações desses profissionais, que passam por um processo de reestruturação para não ficarem fora do mercado de trabalho e continuarem contribuindo com a sociedade digital.

Em vista dos argumentos apresentados e da falta de pesquisa acadêmica desse tema, é que esse projeto se propõe a contribuir, dando os primeiros passos na junção de elementos pertencentes ao mote a ser abordado. No período das entrevistas, as quais foram realizadas no formato semiaberto e em profundidade, foi possível extrair dos jornalistas selecionados, uma série de particularidades concernentes às atitudes tomadas, mediante as propostas de mudança para o formato digital.

Tendo como finalidade mostrar os desdobramentos que o jornalista está percorrendo para alcançar qualificação no campo virtual, as entrevistas são parte fundamental nesta pesquisa. Os entrevistados, por sua vez, foram rigorosamente escolhidos, atendendo a critérios pré-determinados, dentre eles: terem começado suas carreiras em jornais impressos; contar mais de 30 anos de carreira; participarem do processo de mudança das redações analógicas para digitais. Esses profissionais com vasta carreira colaborativa na prestação de serviços à sociedade,

encontram-se atualmente abrindo seu espaço dentro das esferas virtuais, campo dominado geralmente, pelos nascidos na década de 90.

Contar suas histórias, considerar seus medos e angústia, observar as opiniões boas e ruins sobre o webjornalismo e falar o que fizeram para superar seus próprios limites na busca do conhecimento e das habilidades necessárias para adaptarem-se ao novos canais de comunicação, serão tópicos abordados nas entrevistas e considerados como mais uma fonte de informação sobre esse tema ainda pouco exposto, principalmente, a partir ponto de vista relatados pelos jornalistas.

Para sondar esses impactos bons e ruins causados na profissão, pela evolução tecnológica, foram entrevistados jornalistas que justificam o teor deste projeto. No capítulo 3, o conteúdo das entrevistas se dará de forma aprofundada. Neste tópico, serão apresentadas as fontes designadas para compor este trabalho.

Roberto Fernandes de Souza (65 anos): Mais conhecido como **Bob Fernandes**, é um jornalista com mais de 40 anos de profissão. Iniciou sua carreira em 1978 na Rádio Jornal do Brasil. Entre 1979 e 1982, foi repórter das sucursais da revista Veja no Nordeste, da Folha de São Paulo e diretor da revista IstoÉ (ambas Brasília). Nessa época cobriu as eleições presidenciais entre George Bush e Bill Clinton, a guerra civil na Angola e diversas copas do mundo de futebol. Foi um dos fundadores da revista CartaCapital, na qual emplacou mais de 100 capas. Foi editor-chefe do Terra Magazine, no Portal Terra. Foi escolhido entre Os + admirados jornalistas brasileiros – Top 100, como editor do portal Terra. Com o encerramento do contrato no Portal Terra, demonstrou o desejo de seguir novos caminhos que o levou a criar as páginas na internet, "Bob Fernandes" e "Bob Fernandes jornalista", no Facebook, e o Twitter Bob Fernandes. Em fevereiro de 2019, estreou seu canal no YouTube. Essas mídias sociais são o foco principal desta entrevista, que gira em torno de saber por que fez a escolha pelo jornalismo na internet.

Carlos Edurdo Cerioni (56 anos), mais conhecido como **Edú Cerioni**, é formado em jornalismo pela PUC-Campinas (1986). Começou a atuar nos meios de comunicação em 1983. Trabalhou nas Rádios Difusora e Santos Dumont. Em 1986 criou o Jornal Rio Branco em Jundiaí. Foi trabalhar no Correio Popular, em Campinas, como repórter e saiu como editor de Esportes. Começou como editor do Viva, passou a editor-executivo e foi editor-chefe a partir de meados de 2009. Dentro da Rede Bom

Dia, foi trabalhar em São Paulo quando da compra do Diário de São Paulo e assumiu como editor-chefe também de Bauru, Sorocaba, Rio Preto, ABC, criando o jornal em Campinas. Com a capa “É Assim que Jundiaí Funciona” foi finalista do prêmio HSBC de Imprensa em 2013. Com aproximadamente 35 anos de jornalismo, com vasta passagem pelo jornal impresso, em 2014, criou site JundAqui, o qual é administrador e editor, dedicando-se integralmente à construção de pautas e produção de conteúdo voltados a cidade de Jundiaí (SP). A intenção desta entrevista é saber quais as adversidades encontradas e como superou a pouca experiência na manipulação das mídias digitais.

Eleonora de Lucena: É uma comunicadora graduada em Jornalismo e História pela UFRGS. Ingressou na Folha de São Paulo em 1994 tendo sido diretora-executiva do jornal (2000-2010). No momento, prepara um livro sobre Carlos Lamarca. Desde 2017, Eleonora e o marido Rodolfo Lucena criaram o site TUTAMÉIA (www.tutameia.jor.br), o qual conta hoje com aproximadamente 30 mil inscritos. Com quase 40 anos no jornalismo impresso, hoje consegue trabalhar um jornalismo mais independente. Por meio de seu canal, são realizadas entrevistas com personalidades que tratam sobre assuntos pertinentes à atualidade política, cultural e econômica do país e do mundo. O estúdio está instalado em sua residência. Esta entrevista tem como objetivo saber porque Eleonora se encaminhou para as mídias digitais e, quais foram as dificuldades e adaptações para atuar nessas plataformas?

José Luis Nassif: Nascido em Poços de Caldas (MG), o mineiro Luis Nassif, teve sua primeira experiência jornalística aos 13 anos, editando o jornal do Grupo Gente Nova na sua cidade natal. Começou a trabalhar profissionalmente em 1º de setembro de 1970, como estagiário da revista Veja (SP). Em 1979, no Jornal da Tarde (SP), criou a seção "Seu Dinheiro", primeira experiência de economia pessoal da imprensa brasileira, e o caderno "Jornal do Carro". Criou em 1985 o programa Dinheiro Vivo, na TV Gazeta, e a partir dele fundou, em 1987, a Agência Dinheiro Vivo, que desde então veicula na internet informações de Economia e Negócios. Considerado o introdutor do jornalismo de serviços e do Jornalismo Eletrônico no País, comanda o Portal Luís Nassif, construindo conhecimento e o *blog* Luís Nassif Online. Venceu, em eleição popular, o Prêmio iBest de Melhor Blog de Política, realizado pela Academia iBest. Foi eleito em 2014 e em 2015 entre os TOP 50 dos +Admirados

Jornalistas Brasileiros. Publicou os livros: O Cruzado por Dentro do Choque (Cultura, 1986); Menino do São Benedito e Outras Crônicas (Senac, 2001); O Jornalismo dos Anos 90 (Futura, 2003); Os Cabeças-de-Planilha (Ediouro, 2007), e A Casa da Minha Infância (Agir, 2008). Em abril do mesmo ano lançou uma iniciativa independente da sua Agência Dinheiro Vivo: o piloto do GGN, “o jornal de todos os Brasis”, projeto jornalístico que pretende trabalhar temas relevantes pouco abordados pela grande mídia, como gestão, inovação, direitos sociais, justiça de transição etc., além da cobertura comentada das notícias do dia. Esta entrevista tem o propósito de saber de Nassif, qual a finalidade na criação do GGN e se encontrou muitas barreiras para manter-se no mercado digital.

Lúcio Flávio Pinto: Paraense, nascido no município Santarém, Lúcio Flávio aos 71 anos, acumula mais de 50 de jornalismo. É Professor, jornalista e sociólogo brasileiro. É um dos mais prestigiados profissionais da área, único brasileiro na lista dos 100 mais importantes jornalistas da ONG Repórteres sem Fronteiras. Foi professor visitante (1983/84) do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida em Gainesville, Estados Unidos e também no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e do curso de jornalismo no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. É autor de diversos livros sobre meio ambiente e Amazônia. Foi correspondente da BBC Radio News, responsável pela sucursal do jornal O Estado de S. Paulo na Amazônia e repórter dos jornais O Liberal e A Província do Pará, entre outros. Desde 1987, publica, o Jornal Pessoal, quinzenário individual que circula em Belém (PA), sem qualquer tipo de publicidade, e que tem como diferencial em relação ao restante da imprensa paraense o não alinhamento a nenhum dos grupos políticos e empresariais do Estado. Mantém também um periódico na internet, denominado "Agenda Amazônica". A intenção desta entrevista é saber por que criou vários blogs na internet e qual sua familiaridade no tratamento com as mídias digitais? Considerando os mais de 50 anos de jornalismo impresso e certa aversão aos meios de divulgação digitais.

Alayr Ruiz: Mais conhecida como **Lalá Ruiz**, é jornalista, formada em 1988 pela PUC - Campinas. Iniciou sua carreira no jornalismo como assistente de Assessoria de Imprensa na extinta Logus Propaganda de Campinas. Trabalhou nos jornais do Grupo RAC, de Campinas (Correio Popular, Diário do Povo e Notícia Já),

com experiência na reportagem e edição em Cidades, Cultura, Economia e Turismo. Com experiência também na produção de conteúdo on-line, atualmente mantém o site Lalá Ruiz - Notícias Crônicas. A entrevista tem a finalidade de saber, como foi a adaptação de Lalá aos meios digitais, depois de ter trabalhado no impresso por vários anos.

Manuel Alves Filho: Jornalista formado pela PUC - Campinas em 1988. Tem experiência em jornal, revista, rádio e internet. Foi repórter e editor nos Jornais Correio Popular e Diário do Povo, ambos de Campinas. Foi assessor de imprensa na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde trabalhou por 18 anos. Tem profunda experiência na divulgação de assuntos relacionados à ciência, tecnologia e educação. Assina o Blog do Chef Mané, publicado pelo site campinas.com.br. É autor do livro "50 memórias, 50 sabores - A cozinha ancestral de quem ajudou a construir a Unicamp". É palestrante e organizador de eventos gastronômicos. Foi apresentador do programa "Prato do dia" na Rádio Unicamp. Manuel Alves participou ativamente no processo de mudança da redação analógica para a digital, quando trabalhava no Diário do Povo. O intento desta entrevista é saber do jornalista como vivenciou esse momento e quais dificuldades e superações enfrentou no período de adaptação da redação aos meios digitais.

Cynara Menezes: A jornalista sempre trabalhou no impresso. Quando universitária, fez rádio e TV. Se formou em jornalismo bem cedo, aos 20 anos. Trabalhou nos sindicatos dos petroleiros e dos telefônicos. Trabalhou em um jornal da Bahia e também num jornal experimental chamado Jornal do Pelô. A partir dos anos 80 foi para A Folha, depois Estadão e Correio Brasiliense. Viajou para a Espanha para fazer um doutorado em literatura, mas não conseguiu concluir. Em 2002, começou a trabalhar na revista CartaCapital. Depois de 8 anos Cynara deixa a redação da CartaCapital em 2015, na qual fazia reportagens. Começou então a dedicar-se exclusivamente ao blog Socialista Morena, como uma forma de trabalho independente. Ficou aproximadamente um ano no ar no canal do site, O Poder360 no YouTube, com o programa *Reação & Comuna*, juntamente com o jornalista Mario Rosa. A escolha dessa jornalista deu-se por conta de saber como é largar um emprego em uma grande revista e encarar os desafios de uma carreira independente no comando do blog Socialista Morena.

Mino Carta: Jornalista, 87 anos, nasceu em Gênova (Itália). Carta Começou no jornalismo em 1950, cobrindo a Copa do mundo como correspondente do Jornal Il Messaggero (Roma). Em seguida, colaborou de 1952 a 1955 com a revista Anhembi. Trabalhou como redator dos jornais La Gazzetta del Popolo, de Turim, e Il Messaggero e como correspondente do Diário de Notícia e da revista Mundo Ilustrado. Voltou em 1960 para o Brasil, onde fundou e foi diretor de redação da revista Quatro Rodas. Também fundou e dirigiu a edição de esporte do Estado de São Paulo (1964/65), o Jornal da Tarde (1966/68), a revista Veja (1968/76), a revista IstoÉ (1976/80). Foi diretor de redação da revista Senhor de 1982/88 e saiu para fundar a revista Carta Capital. Paralelamente, desenvolve uma carreira de pintor, iniciada em 1956. Em novembro de 2006, Mino recebeu o prêmio de Jornalista Brasileiro de Maior Destaque do Ano, da Associação dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira no Brasil (ACIE). É autor de vários livros entre eles “O Castelo de Âmbar” e “A Sombra do Silêncio”. A intenção desta entrevista é saber o que um jornalista, com mais de 50 anos de carreira, pensa sobre o jornalismo no formato digital e o que o levou a fazer vídeos para o YouTube. Quais são suas habilidades em lidar com os aparelhos digitais?

Realizada a devida apresentação dos entrevistados, fica justificado o propósito para o qual foram escolhidos. Jornalistas com grande relevância nacional e internacional que precisaram se capacitar e adquirir outros conhecimentos passíveis em agregar valor para uma nova fase na carreira.

3. OBJETIVOS

Produzir uma monografia que pesquise e revele como o jornalista da mídia analógica se reinventou e se adaptou à produção do jornalismo digital.

3.1 Geral

Apurar como os profissionais do modelo analógico de jornalismo reestruturaram suas carreiras e se capacitaram para se manterem no mercado de trabalho nas grandes redações, com a chegada das mídias digitais; apurar quais as competências exigidas para a execução da profissão jornalística nas redes sociais como: Facebook, Youtube, Twitter e Blogs.

3.2 Específicos

Os objetivos específicos têm como proposta averiguar junto aos jornalistas o processo de adequação aos novos formatos tais como:

- Capacitação das novas ferramentas: indagar como esse profissional (de impresso, televisão e rádio), procurou se atualizar para novas propostas de qualificação;
- Competências exigidas para a execução da profissão jornalística nas redes sociais como: Facebook, Youtube, Twitter e Blogs;
- Saber sobre o retorno financeiro de seus respectivos canais.

4. METODOLOGIA

Este projeto tem sua fundamentação a partir da leitura de livros, artigos e sites, os quais abordam as redações jornalísticas e os profissionais da comunicação, mas especificamente os jornalistas, inseridos no processo de mudança da mídia analógica para a digital. A metodologia adotada para a composição desta monografia será a qualitativa, entrevista semiaberta, entrevista em profundidade e pesquisa bibliográfica.

4.1 Qualitativa

A abordagem qualitativa será um dos métodos utilizados para esta pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2007):

Para afirmar em qual abordagem a pesquisa científica se encaixa, é preciso considerar a natureza da pesquisa: se o objetivo principal for de classificar um conjunto de observações, ela será qualitativa. (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 299).

As observações mencionadas pelas autoras serão mensuradas por meio de entrevistas com jornalistas que passaram pelo processo de mudança do jornalismo analógico para o digital e se capacitaram dentro da carreira, segundo a exigência mercadológica. Esse modo de pesquisa difere da pesquisa quantitativa pois, enquanto nesta última, "o pesquisador se vale de amostras amplas e de informações numéricas, na qualitativa as amostras são reduzidas, os dados são analisados em seu conteúdo psicossocial e os instrumentos de coleta não são estruturados". (LAKATOS; MARCONI, 2005, p. 300).

Desenvolvida a partir da leitura de livros, artigos e sites especializados, os quais retratam a história do jornalismo e sua relevância para a sociedade justificando assim o que diz Lakatos e Marconi (2005), "[...]o primeiro passo na pesquisa qualitativa é a realização de leitura e reflexão sobre obras selecionadas". Esse aporte de leituras variadas sobre o assunto a ser tratado, dá ao autor da pesquisa um repertório substancial na montagem da pesquisa.

Captar as motivações que levam o entrevistado a exteriorizar seus sentimentos, aspirações, princípios, convicções e o mundo subjetivo das emoções demanda uma investigação aprofundada, o que a diferencia da pesquisa quantitativa. Isso demonstra que "a pesquisa qualitativa é uma tentativa de 'compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos

entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos'. (LAKATOS; MARCONI, 2005, apud RICHARDSON, 2015, p. 90).

A preparação do conteúdo pré-selecionado para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa aplicada ao entrevistado, pode dispersar o foco dos resultados esperados. Lakatos e Marconi (2005), fazem menção ao comentário de Alves-Mazzotti e Gewandsznajder, 1999, p. 158), nos quais "admitem que 'a adoção prévia de um quadro teórico, *a priori*, turva a visão do pesquisador, levando-o a desconsiderar aspectos importantes, que não se encaixam na teoria e a fazer interpretações distorcidas dos fenômenos estudados"". Mas, para Lakatos e Marconi (2005), "o pesquisador precisa de um mínimo de estruturação, de embasamento teórico geral e um planejamento cuidadoso, para não se perder no contexto geral, que lhe serve de apoio".

O fator que promove a interação orgânica da pesquisa e suas nuances é a coleta de dados, na qual "o investigador entre em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada" diz Lakatos e Marconi (2005). Estabelecer regras dentro de uma pesquisa de cunho qualitativo não deve ser prioridade no ambiente proposto pelo pesquisador. As autoras entendem que ele (pesquisador) precisa passar por um aprimoramento imersivo na composição do tema. "Antes da delimitação do problema pressupõe que o pesquisador se aprofunde na vivência com o objetivo de sua pesquisa, considerando os aspectos mais diversos da vida, do passado e das circunstâncias atuais que condicionam o problema". (LAKATOS; MARCONI, 2005, p. 304).

Por fim, ao concluir um relatório, o pesquisador precisa ser transparente e acessível, transformando seu trabalho num indicativo científico capaz de compor sustentação para fins salutareis na sociedade. 'O bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade e intuição do pesquisador, que deve agir com rigor e ser criterioso, procurando não interferir nas respostas dos entrevistados nem deixar sua personalidade influenciar nas respostas'. (LAKATOS; MARCONI, 2005, p. 305).

A transparência na apresentação dos resultados revela o significado da importância da pesquisa, sempre com a finalidade de elucidar e/ou abrir precedentes para novos estudos concernentes ao tema ou afins.

4.2 Entrevista em profundidade

Embora com perguntas pré-estabelecidas, a entrevista individual em profundidade faz-se necessária aqui neste projeto, por se tratar de uma "técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada", segundo Duarte e Barros (2009). Esse método será utilizado para conhecer mais a fundo um tema ainda pouco discutido no ambiente acadêmico e que precisa ser explorado de forma a absorver mais detalhes do entrevistado.

A entrevista em profundidade é um recurso tecnológica que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. (DUARTE;BARROS, 2009, p.62)

Esse tipo de abordagem acaba por trazer para a pesquisa uma série de informações, que vão atribuir valor expressivo ao projeto permitindo ao entrevistador reformular suas perguntas de acordo com o fluir do diálogo. "A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível", afirmam Duarte e Barros (2009), e também justificam ser uma escolha adequadamente "útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido". (DUARTE;BARROS, 2009, p. 64).

Outro motivo importante para que seja validada, como adequada, a esse tipo de entrevista, são os rendimentos que os resultados trarão para o aprimoramento do tema. Segundo Duarte e Barros (2009), as perguntas "possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízo de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada".

Não compete à entrevista em profundidade verificar aplicadamente um problema, para se obter uma solução categórica. Para Duarte e Barros (2009), essa técnica "não permite testar hipótese, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno", visto que, ela tem a intenção de estabelecer uma relação com os entrevistados.

Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, os objetivos muitas vezes estão mais relacionados à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas, do que aos estabelecimentos das conclusões precisa e definitivas. (DUARTE;BARROS, 2009, p.63).

Tendo em vista os aspectos observados, a metodologia a ser aplicada, a coleta de informações e as devidas interpretações trarão evidência na validação deste projeto.

4.3 Entrevista semiaberta

O propósito de aplicar este tipo de entrevista, será com a intenção de elaborar algumas perguntas padronizadas, e assim, observar a conduta de cada entrevistado. Duarte e Barros (2009) dizem que "uma vantagem desse modelo é permitir criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes".

Os questionamentos são estruturados levando em consideração os elementos essenciais do assunto, alicerçados num estudo preliminar da problematização do tema.

Ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (DUARTE;BARROS, 2009, p.66, apud TRIVINOS, 1990, p.146).

Neste modelo de entrevista, cada pergunta indagada, tem sempre a possibilidade de abrir novos rumos para a conversa em desenvolvimento. "O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferência entre elas ou redundâncias", diz Duarte e Barros (2009). Sem deixar dispersar aos questionamentos essenciais, cabe ao interlocutor manter a linha estabelecida das perguntas e manter ao mesmo tempo um diálogo atraente e fluido. "A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador". (DUARTE;BARROS, 2009, p. 66).

Na listagem do roteiro deve constar perguntas específicas, as quais precisam ser exploradas à exaustão, para poder passar ao próximo tópico das perguntas relevantes predominantes. Para Barros e Duarte (2009), "Tal estratégia mantém a naturalidade e a vantagem das entrevistas semi-estruturadas e evita que alguma questão relevante não seja abordada". Esse procedimento deixa em aberto um material a ser estudado futuramente. "Pode ser particularmente útil para que diferentes pesquisadores retornem com a mesma estrutura de respostas". (DUARTE;BARROS, 2009, p. 67).

Para se fechar esse ciclo de forma abalizada, é importante manter a estrutura referencial do projeto, que visa buscar os resultados esperados na elucidação das conjecturas propostas.

4.4 Pesquisa Bibliográfica

A revisão de literatura é fundamental para o embasamento teórico de um projeto de pesquisa. É sempre por meio dela que "a consulta à bibliografia pertinente é uma atividade que acompanha o investigador, o docente e o aluno e, ao mesmo tempo, orienta os passos que devem seguir", segundo Duarte e Barros (2009). Desenvolvida a partir da leitura de livros, artigos e sites especializados, os quais retratam a história do jornalismo e sua relevância para a sociedade, a pesquisa bibliográfica irá fornecer os subsídios necessários para a execução do processo criativo deste projeto.

Independentemente do formato que adquirir (relatório de pesquisa, artigo de periódico, trabalho apresentado em evento, trabalho de conclusão de curso, dissertação ou tese), o texto divulgado vai se somar ao conjunto da literatura científica, permitindo que se estabeleça o encontro entre a fonte geradora de conhecimento (autor) e aqueles que desejam obtê-lo (usuários/ leitores). (DUARTE;BARROS, 2009, p. 52)

Quanto à elaboração do trabalho, no decorrer do desenvolvimento, haverá sempre uma conexão regular entre aluno e orientador. De acordo com Duarte e Barros (2009, apud Conway e McKeley, 1970, p. 1, 2), "o aluno será sempre inquirido pelo orientador com perguntas do tipo: '[...] Revisaste o que já foi pesquisado sobre o assunto?; Encontraste apoio na literatura sobre tal afirmação?; Como relaciona teu estudo com estudo com os estudos anteriores;'. E acrescentam ainda mais perguntas pertinentes à dedicação do aluno: " 'O que a revisão bibliográfica indicou sobre este assunto?', ou mesmo '[...] Será que estás em condições de formular o quadro referencial sobre o assunto em questão?'. Toda essa trajetória é importante na formulação dos conteúdos de revisão literária. "Os pesquisadores férteis estão constantemente lendo e descobrindo 'furos' no conhecimento que servirão para novas ideias e investigação". (DUARTE;BARROS, 2009, p. 53)

A escolha do orientador é ponto fundamental nesse processo inicial. Segundo Duarte e Barros (2009), "o orientador deve ser alguém que tenha conhecimento e/ou que venha investigando o assunto de interesse do aluno há algum tempo", certamente as obras literárias serão suas indicações. Após a organização dos elementos

fundamentais, leitura minuciosa e criteriosa e de posse do material intelectual necessário, sugeridos pelo orientador e identificados por meios próprios, "o primeiro passo é a revisão inicial do seu esquema inicial", de acordo com Duarte e Barros (2009). Depois, segue-se o curso normal de um projeto de pesquisa, aliado a planejamento e disciplina.

Portanto, a busca pela solução de um problema (geralmente próximo), é o que estimula o aluno a refletir sobre determinado assunto pertinente ao meio, é o que afirma Duarte e Barros (2009), quando dizem que: "ele geralmente escolhe para pesquisar um assunto que lhe instiga, que de alguma forma já lhe é familiar ou para o qual vem envidando esforços há algum tempo". Essa evidência irá refletir substancialmente no resultado do trabalho.

5. CRONOGRAMA

Atividades	FEV	MA R	AB R	MAI	JUN	JUL	AG O	SET	OUT	NOV
Elaboração do pré-projeto		X	X	X						
Entrega do pré-projeto finalizado				X						
Captação de fontes	X	X	X	X						
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X	X					
Coleta de dados	X	X	X	X	X					
Entrevistas	X	X	X	X						
Produção dos capítulos				X	X	X	X	X		
Revisão de capítulos								X	X	
Conclusão								X	X	
Entrega do TCC									X	
Defesa da banca										X

CAPÍTULO 1 - Da origem do jornalismo e composição das redações da era analógica

O que é Jornalismo?

A prática de fazer jornalismo evolui conforme a demanda por informações inseridas no contexto da história da humanidade se faz necessária. Cavalcanti (2014, apud Marcondes Filho, 2000) diz que o jornalismo se divide em fases, tais como: “A Pré-história, Primeiro Jornalismo, Segundo Jornalismo, Terceiro Jornalismo e Quarto Jornalismo”. Marcada pela Revolução Francesa entre os séculos XVII e XVIII, Cavalcanti (2014) comenta que os conteúdos nessa época, eram diretamente ligados à burguesia para publicações com viés político.

[...]quando o texto informativo surgiu, o que predominava era o discurso retórico e os jornais mais lembravam livros. Um século depois, o jornalismo acompanhou a luta pela destituição da aristocracia e pela desconstrução do poder da Igreja Católica. A produção de informação e saber, que, até então, estava nas mãos da Igreja, passou a fazer parte da vida de pesquisadores que não estavam ligados à instituição. (CAVALCANTI, 2014, p. 67 apud Lage, 2001).

Parte essencial, num período que mudaria para sempre o rumo dos direitos do homem, “o jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa”, segundo Ciro Marcondes Filho (2000). De contribuição fundamental na queda do sistema ditatorial, “Ele expande-se a partir da luta pelos direitos humanos, nesta que foi a ‘revolução símbolo’ da destruição da aristocracia, do fim das monarquias e de todo o sistema absolutista herdado da Idade Média, assim como da afirmação do espírito burguês”. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 10)

No Brasil, além do surgimento tardio, a tendência era a disseminação ideológica no campo da política, é o que afirma Callado (2011). Os propósitos primários deixaram fortes marcas repetidas até hoje pela classe governante. “Enquanto em outras partes do mundo o veículo impresso veio para fortalecer a classe mercantil que se impunha no cenário histórico, para nós a imprensa chegou, no início do século XIX (1808), com roupagem política”. (CALLADO, 2011, p. 42).

Tempos depois, a prática do jornalismo ganhou status de “essencial” para a sociedade. As técnicas desenvolvidas, são as armas usadas para a disseminação de informações. Para Dines (1986), “o jornalismo é a técnica de investigar, arrumar,

referenciar, distinguir circunstâncias”. Nada mais apropriado observar que o jornalismo continua com as mesmas definições. Segundo Pinho (2003, apud Rabaça & Barbosa, 2002) o jornalismo pode ser conceituado como:

[...] a atividade profissional que tem por objeto a apuração, o processo e a transmissão periódica de informações da atualidade, para o grande público ou para determinados segmentos desse público, através de veículos de difusão coletiva (jornal, revista, televisão, cinema etc.). (PINHO, 2003, p.57, apud Rabaça;Barbosa, 2002, p. 405).

"O jornalismo é tratado como uma profissão de comunicação", diz Kunczik (1997). É uma profissão indispensável e essencial para a fiscalização e responsabilidade social no que se refere à divulgação de informações com veracidade e imparcialidade. "Em geral, o jornalismo tem uma definição mais estreita do que a de comunicador, ainda que na literatura existam grandes divergências", é o resalta Kunczik (1997, apud Koszyk e Pruys, 1976), referindo-se a extensa agenda multidisciplinar que a profissão lhe confere. Ele completa seu raciocínio mostrando que "o jornalismo é considerado a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias; ou que contam os fatos do momento". (KUNCZIK, 1997, apud Koszyk e Pruys, 1976, p. 146).

Uma reflexão profunda e necessária é feita por Tabak (2002), a respeito da importância sobre a atitude de um repórter em relação ao que o jornalismo pode propiciar no exercício da cidadania. Para tal, o autor usa uma citação do jornalista cubano, Eduardo Ulibarri, que fala a respeito da transcendência do jornalismo em detrimento a uma reflexão prévia do repórter, sobre a realidade a ser trabalhada durante a execução de uma reportagem. Caso isso não aconteça, os procedimentos rotineiros em busca pela notícia, "se limitaria a uma simples feira de informações". (TABAK, 2002, p.62)

A principal função do jornalismo é aquela de 'produzir e disseminar informações' a respeito de eventos de 'interesse público e importância', é o que diz Recuero (2011, apud Schudson 2002). Escobar (2009) observa que desde que a diagramação foi descoberta pelos veículos impressos, o jornalismo segue critérios de hierarquização segundo os quais a posição de cada notícia já é uma informação quanto à sua importância. Ou seja, segundo Recuero (2011), "a principal função do jornalismo é aquela de fazer com que a informação circule na sociedade, a partir da produção de relatos sobre essas informações".

Caldas (2011) comenta que até bem pouco tempo o jornalismo era retratado pelo cinema como “uma atividade romântica, improvisada e boêmia, e o jornalista, como um profissional que cumpria suas tarefas com liberdade e um sentido de missão”. O jornalismo como conhecemos hoje só começou a tomar essa forma a partir do século XIX, segundo Recuero (2011). O jornal começa a ser moldado para distribuição em grande escala. “[...] os profissionais passaram a se preocupar mais com a noção de atualidade, manchetes, leads, pirâmide invertida e entrevistas. O texto ganhou características impessoais e as fontes ocuparam um espaço importante no crédito da informação”. (RECUERO, 2011, p. 3)

Esse ofício tem passado por muitas mudanças ao longo dos anos e sua definição de papel disseminador de informações esclarecedoras para a sociedade continua e será sempre um divisor de águas quanto exercido de forma séria e competente. Pereira (2004), aborda uma síntese relevante atribuída a, Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), em seu livro “Elementos do Jornalismo”, no qual eles “elaboram uma lista com nove itens fundamentais para o exercício da profissão e que ilustram bem esse espírito de missão:” (PEREIRA, 2004, p. 3)

A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exhaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência. (PEREIRA, 2004, apud, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, 2003, p.22-23).

Mas é importante citar que o jornalismo não pertence somente a uma classe de profissionais de notório saber, mas também da parte que as assiste. "O jornalismo não é obra exclusiva de jornalista", diz Noblat (2003), referindo-se ao fato de que os leitores são responsáveis também pela qualidade dos conteúdos. Está nas mãos dos assinantes a devolução das impressões do jornal. “Porque eles têm o poder, e todo o poder. Podem comprar um jornal se quiserem. E se quiserem podem deixar de comprá-lo”. (NOBLAT, 2003, P.21)

Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas por governos, partidos, empresários

e entidades diversas para o que se convencionou chama veículos de comunicação de massa. (ROSSI, 1980, p. 9).

No campo das Ciências Sociais, há um grande interesse em resgatar por meio do jornalismo uma postura do homem no contexto tempo-espaço. Segundo Medina (1986), “O jornalismo lido, fatalmente, com as contingências da presentificação: nem história imediata ele é, muito mais imperfeito, é sujeito a erro que aparece ao microscópio”. (MEDINA, 1986, p. 19). Mas a função de disseminador das informações o torna relevantemente essencial numa democracia, segundo Recuero (2011, apud Souza, 2009). Essa afirmação também se consolida na opinião de Santos (2014), quando diz que “a produção jornalística é um serviço público que fortalece a democracia”, trecho atribuído à Zélia Leal Adghirni (2005), extraído do artigo O Jornalista: do mito ao mercado.

[...]mais do que o exercício de uma profissão, a imagem do jornalista foi historicamente construída calcada sobre os ideais nobres da democracia, da justiça e da liberdade”. Robert E. Park no artigo ‘a história natural do jornal’ (1923: 38) afirma: ‘Thomas Jefferson declarou: eu prefiro viver num país com jornais e sem Governo do que viver num país com Governo e sem jornais’. (SANTOS, 2014, apud Adghirni 2005, p. 46).

É importante ressaltar o surgimento de um novo conceito de fazer jornalismo no fim da década de 1960, iniciado nos Estados Unidos, diz Cavalcanti (2014) e destaca também que esse novo formato ficou conhecido como “‘Novo Jornalismo’”, encabeçado por nomes, como Tom Wolfe, Truman Capote e Huter S. Thompson”. Esse modelo inédito oferecia uma espécie de aprofundamento em determinadas assuntos que ficavam devendo mais detalhes sobre reportagens apresentadas nos jornais. “Ele apresentou uma nova forma de oferecer a informação, mantendo a veracidade dos fatos, porém, com uma narrativa ficcional e descrição dos fatos de uma visão mais detalhada”. (CAVALCANTI, 2014, p. 67).

Hoje o jornalismo passa por mais uma fase de transformação com a eclosão da internet, em todos os setores da sociedade. Esse fato não seria diferente no que abrange um dos principais mobilizadores instituídos na formação de opinião pública, o Jornal. “Ao transferir-se para a Internet, o velho jornalismo-produto se transforma num jornalismo serviço, um fluxo contínuo de informação que se acumula, indexada, no sítio web, colocando-se à disposição dos usuários que queiram consumi-la”. (ROSENTAL, 2006, p.15). Esse movimento em torno da internet passa a requerer

das empresas de comunicação, mais investimentos na área tecnológica para se chegar à capacidade de auto-sustentação, diz Cavalcanti (2014, apud Marcondes Filho, 2000).

Desde seu surgimento, o jornalismo é um indicador fundamental no exercício da democracia e no crescimento da sociedade. Os direitos adquiridos ao longo dos anos, proporcionaram características peculiares à sua atuação. “Mesmo com uma participação muito mais direta do público, ainda é aos veículos e instituições jornalísticas que os atores nas redes sociais na Internet recorrem para legitimar, dar credibilidade, organizar e filtrar informações. (RECUERO, 2011, p. 15). Isso demonstra a grande importância dessa prática em prol da sociedade.

A profissão de jornalista

Um profissional atuante em várias frentes na construção da sociedade, esse é o jornalista. Com a missão insólita de levar ao público a informação da forma mais transparente e precisa possível, esse ator social está sempre se reinventando conforme a demanda dos acontecimentos. Sobre a origem da palavra jornalista, Santos (2014) diz:

A palavra *journaliste*, junção de duas palavras francesas *jour*, cuja tradução corresponde a “dia” e *analyste*, que significa analista, resultou na definição da profissão jornalista: analista do cotidiano. A profissão surgiu no século XV e desde o princípio esteve ligada às novas tecnologias com a invenção da prensa por Gutenberg e continuou a se desenvolver com o advento das novas tecnologias. (SANTOS, 2014, p. 1)

É importante mencionar que “no Brasil, a profissionalização do jornalismo tem início durante o Estado Novo e será concluída em 1969, com a aprovação da lei de Imprensa”, segundo Pereira (2004). Esse processo trouxe novos ares para uma profissão que passou por muitas provações devido sua importância em ser interlocutora da sociedade.

Ao longo dos anos esse profissional vem cumprindo seu papel de forma notável. A cobertura jornalística de grandes acontecimentos históricos e contemporâneos, o transformou em referência para a sociedade. Mas o jornalismo, transita em vários setores do universo político e financeiro, o que acaba por atrair “uma grande variedade de pessoas possuidoras das mais diversas aptidões”, diz Bond (1962). Esse é algum dos motivos pelos quais esta pesquisa tem como

premissa, saber mais a respeito de outras qualificações que o profissional de jornalismo vem adquirindo para se manter no mercado de trabalho diante da concorrência iminente de profissionais de outras áreas.

Sobre esse aspecto, não é raro ver assinaturas de profissionais de outras áreas em revistas, jornais etc. dissertando ou comentado sobre assunto de suas áreas específicas. “[...] Ter experiência em negócios ou sólida instrução dos cursos de comércio”, são diferenciais importantes, segundo Bond (1962). Independente desses desafios, o jornalista absorve um conjunto de atributos dentro de sua profissão. Segundo Kunczik (1997, apud Donsbach, 1987), o envolvimento do jornalista na formulação do conteúdo do produto da comunicação de massa, acata responsabilidades seja nos momentos das reuniões, avaliação ou apuração de material jornalístico.

Pereira (2004, apud, Moretzsohn, 2002), diz que “é a partir desse ideal que os jornalistas vão preservar suas práticas profissionais das pressões políticas e econômicas”. Isso demonstra o grau de comprometimento na formação de uma carreira consolidada e preocupada com a busca por perspectivas diferentes diante de cenários adversos. Esse “[...] estímulo que encontram no trabalho e nas oportunidades que seus empregos frequentemente lhes oferecem de contribuir para uma grande causa ou de alguma outra forma de trazer benefícios permanentes à sua comunidade e a seus semelhantes”, reitera (BOND, 1962, p. 29).

A objetividade, imparcialidade e verdade na narração dos fatos constituem os pilares dos valores éticos exigidos para o jornalista durante o exercício profissional, afirma Santos (2014). Desenvolver com rapidez, clareza e responsabilidade materiais com informes de natureza de interesse público, faz do profissional de jornalismo um mediador entre o fato e a informação. Hohenberg (1981), em seu livro, O jornalista Profissional, faz uma menção a Joseph Pulitzer e sua definição de jornalista.

Não é o gerente comercial, ou editor, e nem mesmo o proprietário de um jornal. O jornalista é o vigia na ponte de comando do navio do Estado. Ele nota a vela que passa, os pequenos sinais que surgem no horizonte. Ele informa sobre o naufrago que surge à deriva e se este pode ser salvo. Ele perscruta através do nevoeiro da tempestade para avisar sobre os perigos à frente. Ele não está pensando em seu salário ou no lucro da empresa. Ele está lá para cuidar da segurança e do bem-estar das pessoas que nele confiam. (HOHENBERG, 1981, p.8. apud Joseph Pulitzer, 1904).

Uma das habilidades fundamentais do jornalista é se recriar dentro da profissão. Alberto Dines (1986), escrevendo em seu livro “O papel do jornal: uma

releitura”, sobre a crise no papel, diante de várias especulações sobre o posicionamento das empresas jornalísticas em fechar suas portas e os fornecedores não terem mais estoques de papel, o autor faz um comentário eloquente e abalizador sobre o jornalista. “O jornalista preferirá o caminho mais difícil, mas para o qual está perfeitamente instrumentado: o engenho e a imaginação para criar um novo jornalismo”, Dines (1986). Esse ponto de vista depõe a favor dessa profissão em constante transformação. O estímulo para continuar, baseia-se no discurso subjetivo e suas convicções, ou seja, segundo Pereira (2004, apud, Moretzsohn, 2002), “é a partir desse ideal que os jornalistas vão preservar suas práticas profissionais das pressões políticas e econômicas”.

É indispensável a presença desse agente na formação sócio-cultural, econômica e política de um país. “Eu não sei se o modelo de negócios das grandes empresas de mídia vai ser suficiente para sustentar os prédios imponentes e os bônus dos executivos. Mas de uma coisa eu sei: continuaremos precisando de gente que tenha a atitude de um jornalista”. (BURGIERMAN, 2010, p. 29). Essa declaração manifesta o grau de importância e comprometimento do jornalista e sua missão.

A redação do jornalismo analógico

A forma do jornalismo analógico em seus primórdios, tinha os mesmos conceitos de hoje, de informar. Mas, o zelo pela arte de escrever era notavelmente um diferencial. Dines (1986) comenta que o jornalista, tinha sua concentração no estilo, na frase, na palavra e completa afirmando que “o beletismo, na ocasião, não era ainda restritivo (como tudo muda!)”.

Avançando para o campo físico das redações, alguns hábitos interessantes, próprios da época, que seriam hoje totalmente reprováveis, também compunham o ambiente. “E o que era impensável na atividade jornalística até dez anos atrás tornou-se uma realidade: não se fuma mais na redação”, diz Caldas (2011), e complementa: “O fazer jornalístico necessitava tanto do barulho da máquina quanto das muletas de cigarro”. Saudosismo foi o que restou para alguns funcionários. “Alguns afirmam que os jornais ‘mudaram de cara’ e as redações perderam muitas de suas principais características, como o barulho do teclado das máquinas de escrever e os papéis por todos os lados”. Travancas (2011).

Baldessar (2013), também comenta essa época fazendo alusão a um artigo publicado na Revista Imprensa, quando na era da informatização do jornal *O Globo*, no qual a autora transcreve em seu artigo intitulado “Apontamento sobre o uso do computador e cotidiano dos jornalistas”, o ambiente da redação como ‘uma louca sinfonia de gritos, gargalhadas, telefones, campainhas reverberavam impunemente (...)’. Ainda sobre o uso das máquinas de escrever ela diz que ‘as Olivetti e Remington que não sofriam de arritmia eram disputadas no tapa (...)’. (BALDESSAR, 2013, p.2). Outra descrição peculiar desse universo, também é feita por Caldas (2002).

Palco de uma agitação permanente, com as pessoas entrando e saindo, escrevendo e falando ao telefone, ruídos de vozes e de máquinas, cinzeiros entupidos de guimbas de cigarro, uma grande mesa central com máquina de escrever, telefones e laudas de jornal, mesas menores espalhadas pelos cantos, davam ao cenário ares de um espaçoso e desorganizado ateliê. (CALDAS, 2002, p. 19).

Planejado para fazer parte da rotina diária das pessoas, fora da redação o jornal impresso honrava sua existência. “A leitura do jornal impresso era (e ainda é para pessoas mais tradicionais) uma atividade para ser feita ao tomar o café da manhã”, diz Rasêra (2010). Esse envolvimento entre jornal e leitor criava um ambiente de proximidade entre as partes. Um cenário um tanto intimista e convidativo fazia parte da conjuntura das antigas redações. Caldas (2002), narra a respeito do relacionamento entre a comunidade com os jornais, retratando um cenário aparentemente bucólico quanto à recepção das pessoas no Jornal:

(...) Lá eram recebidos pelo chefe de reportagem e encaminhados a um repórter, cena inimaginável no clima de insegurança e violência urbana de hoje, que exigiu a imposição de rigorosos esquemas de controle e segurança. Esses grupos podiam entrar, sentar-se à mesa com o repórter escalado para ouvi-los, contar seus dramas, e até mesmo, dependendo do assunto, fazer pose para o fotógrafo, que no dia seguinte a história estaria estampada nas páginas dos jornais. (CALDAS, 2002, p. 21).

Travancas (2011), diz que “não há só jornalistas trabalhando diariamente na redação”. Dentro dos diferentes andares e setores do Jornal encontram-se funcionários engajados na entrega dos seus afazeres, para o bom funcionamento da redação. “Em cada editoria também circula um contingente de secretárias e contínuos, além de um ou dois técnicos de informática permanentes, para eventuais orientações ou para solucionar possíveis defeitos nos terminais”. TRAVANCAS, 2011, p. 24).

Rossi (1980) comenta que “os grandes jornais adoram, atualmente, uma divisão por editorias que oferece algumas variações de jornal para jornal”. Naquela época as divisões por editorias eram basicamente de “políticas, Internacional, Educação, Esportes, Cultura/Lazer/Arte/Entretenimento”. (ROSSI, 1980, p. 29). Essas divisões tomam forma e desenvolvimento através do empenho de cada profissional responsável pela editoria. “Geralmente desconhecidos do leitor e do público, os profissionais que ficam na retaguarda têm a responsabilidade de planejar e editar o jornal”, diz Caldas (2002). O compromisso com os leitores requer atenção por parte da direção. “São especialistas em boas ideias para a pauta estruturar grandes coberturas, desdobramentos, pensando o jornal em seu conjunto é no impacto que cada um dos componentes do produto poderá causar ao leitor”. (CALDAS 2002, p.23)

É indubitavelmente salutar que o jornalismo impresso mereça seu brio como agente transformador, multiplicador e fornecedor de insumos para agentes formadores de opinião. Sobre a cobertura do atentado que ocorreu em setembro de 2001, em Nova York, às torres gêmeas, World Trade Center, Caldas (2002) comenta a importância da cobertura jornalística do impresso. “No dia seguinte estarão em suas páginas, ao lado das fotos e das manchetes alarmantes, os primeiros acordos de uma longa discussão sobre as origens do atentado [...] abrindo um debate de ideias como só a imprensa escrita pode proporcionar”. O autor também exprime suas exímias considerações. “É a História servindo ao Jornalismo, contraface de um mesmo e permanente fenômeno, de que o Jornalismo faz História em seu dia-a-dia”. Caldas (2002).

Com a chegada dos computadores em meados da década de 1980, o jornalismo passou a experimentar uma nova fase no modo de captação, estruturação e divulgação das notícias. “Velhos repórteres conseguem encarar naturalmente a novidade dos computadores e trabalhar com eles sem tanta dificuldade”, relata Travancas (2011). A essa mudança da era do jornalismo tradicional para o digital, Pinho (2003) faz a seguinte referência:

A Internet é uma ferramenta de comunicação bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais – televisão, rádio, cinema, jornal e revista. Cada um dos aspectos críticos que diferenciam a rede mundial dessas mídias – não-lineares, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação, interatividade, pessoalidade, acessibilidade e receptor ativo – deve ser bem mais conhecido e corretamente considerado para uso adequado da Internet como instrumento de informação. (PINHO, 2003, p. 49).

Sob uma visão moderna e ampliada Haubrich (2017) diz que é preciso “reinventar-se e recolocar-se frente às transformações tecnológicas/sociais decorrentes da mídia digital”. É dentro desse universo que esta pesquisa permeia, buscando entender como ocorrem essas mudanças diretamente ligadas ao jornalista com a chegada da internet e como se está reconstruindo a carreira (não evidente ao público e estudantes de jornalismo).

Murad (1999) comenta que, “enfim a digitalização multiplicou a capacidade de transmissão de conteúdos e criou base para que a informação tivesse tratamento homogêneo e fosse convertida facilmente para diferentes meios de comunicação”. Da expertise e visão de cada empresa jornalística depende sua permanência no mercado. “Os jornais que sobreviverão serão aqueles que souberem fazer o melhor uso do vídeo e do áudio, assim como as TV e as rádios precisam saber apresentar e misturar suas narrativas tradicionais com outras, mais baseadas em texto e fotos”. (ALVES, 2006, p.98).

E assim, é essencial refletir sobre essa essencial adaptação aos meios midiáticos, impulsionados pela evolução tecnológica juntos aos meios de comunicação de massa e suas diversas formas de interação na Web, mas precisamente na utilização das mídias sociais: Facebook, Twitter, YouTube, Blogs.

O jornalista da era analógica

Este tópico visa abordar o trabalho exercido pelos profissionais da comunicação dentro das redações. Repórteres, redatores, fotógrafo, diagramador, subeditor, editor, chefe de reportagem, pauteiro, radioescuta, editor-chefe ou diretor de redação e editorialista, fazem parte das várias funções que Travancas (2011), destaca em sua pesquisa feita nas redações jornalísticas, no início da década de 90, que resultou na reedição de seu livro “O mundo dos jornalistas” .

Para Caldas (2002), o vai-e-vem das redações garante aprendizado vital para o desenvolvimento da carreira. “Hoje percebe como a prática cotidiana é fundamental na vida de qualquer jornalista”, diz Ferrari (2010). Para complementar a importância da preparação diária das atividades múltiplas que alguns jornalistas estão comprometidos, é importante observar que, “Por mais que a academia forneça o alicerce teórico, é no sufoco do fechamento que nós, jornalistas, aprendemos como fazer jornalismo”. (FERRARI, 2010, p. 13).

Segundo apuração feita por Travancas (2011), quando da sua passagem nas redações “o profissional que trabalha na imprensa escrita é considerado um modelo, o *paradigma do jornalista*”. Aliado ao desejo natural do ofício de informar, “o repórter afirma que acha ótimo ser jornalista e não tem nenhuma vontade de mudar de profissão; entretanto, [...] gostaria de fazer um jornalismo mais documental”, relata Travancas (2011).

Todas essas aspirações, seguidas das habilidades adquiridas ao longo da carreira já se encontram convergindo à iminente mudança nas redações, devido a chegada da mídia digital. Era dado início em um confronto ainda pouco considerado para época, porém, possivelmente inevitável. Caldas (2002), comenta que “[...] o repórter se defronta com seu improvável sucessor, o fantasma do provedor de conteúdo criado pela mídia eletrônica”. Esse fato causa nos jornalistas da mídia analógica um certo ar de incertezas, mas ao mesmo tempo, traz grandes expectativas dentro de uma profissão acostumada a mudanças.

Habilidades adquiridas

Adquirir novas habilidades para continuar transitando no cenário das redações, traz uma configuração diferente para esses profissionais. As exigências passaram a ser das formas mais variadas possíveis, o tempo é diferente. Esse assunto já era refletido no comentário de Noblat (2003). "Ele tem que dominar bem todas as técnicas para o exercício da profissão, manejar os instrumentos capazes de ajudá-lo a fazer o melhor trabalho e a ter a nítida compreensão do seu papel de multimídia". (NOBLAT, 2003, p. 36).

A convergência da mídia tradicional como o jornal impresso, televisivo, e radiojornalístico para a Web (World Wide Web), em português, Rede de Alcance Mundial, tem alterado perfil do jornalista. “O fenômeno de convergência não é um simples processo de recuperação de informação eletronicamente, mas sim um fenômeno que ocorre em múltiplos níveis por meio de cinco processos: tecnológico, econômico, social, global e cultura”. (RASÊRA, 2010, p. 6)

Esse novo perfil do jornalista, segundo Aroso (1999 apud Pavlik, 2001), conta com três tipos de mutação entre as quais o jornalista tem que ser mais do que um contador de fatos; desenvolver o papel do jornalista como intérprete dos acontecimentos seja expandido e em parte modificado; e a autora acrescenta ainda

que os jornalistas online terão um papel central na ligação entre as comunidades. Esse novo perfil ganha uma nova identidade, dentro de diversas categorizações. Murad, (1999), entende que:

As mudanças atingem a pesquisa, a produção e a difusão da informação. Possibilitando outras formas de relacionamento entre leitor e jornalista, exigindo a redefinição de técnicas. O novo quadro demanda, assim, alteração no perfil do profissional de informação. (MURAD, 1999, p. 1)

Na era da digitalização e da interatividade, os critérios de transição desse profissional passam a priorizar o dinamismo nas diversas faces que a rede online oferece, dentro da integração das mídias: áudio, vídeo, imagens e animação. Com tantos meios e recursos para chamar a atenção do público, os profissionais da comunicação precisam estar atentos e atualizados para que “busquem histórias que possam ser contadas de uma forma melhor na internet do que em outras mídias, diz Ferrari (2010) e acrescenta ainda que "os repórteres de mídias impressas, por exemplo, privilegiam a informação; os de TV buscam cenas emocionantes, sons e imagens para serem transmitidos junto com o texto da notícia". Esses são os caminhos norteadores para integração midiática.

CAPÍTULO 2 - O jornalista e o desafio de reinvenção diante da mídia no formato digital

O cenário dentro das empresas jornalísticas já não é o mesmo de alguns anos atrás. Para os profissionais da comunicação acostumados à rotina do *deadline* das redações, abrem-se novos mecanismos com interatividade virtual. As possibilidades que internet proporciona, tornam-se um vislumbre para um possível caminho independente. Algumas barreiras precisam ser superadas e dominadas, com perspicácia e atitude, qualidades pertinentes à missão que a própria profissão lhes impõe. “Quando a World Wide Web surgiu, na última década do século XX, dando formas gráficas à rede mundial Internet, que já tinha mais de vinte anos de idade, o jornalismo encontrou-se finalmente de forma definitiva com a Revolução Digital”. (ALVES, 2006, p.1).

Os jornalistas da mídia analógica estão frente a mais um desafio. Villela (2002), comenta que o jornalista moderno, além de acumular ou *know-how* tradicional, necessário para o desempenho da profissão, é imprescindível estar apropriadamente apto no domínio e adequação da informação no meio digital. Dinamismo e proatividade são característica básicas para esse novo estilo de se fazer jornalismo nas plataformas digitais.

A percepção desses novos meios de disseminação de notícias e afins, já pode ser detectado notoriamente por seus atores. A interatividade, instantaneidade e convergência midiática, segundo Santos (2014), tornam-se demandas emergentes, colocando a profissão de jornalista em pauta “devido às mudanças decorridas com a inserção e difusão das novas tecnologias no cotidiano das práticas jornalísticas”, afirma a autora. Essa situação é comprovada por Baldessar (2013), na pesquisa Campo Profissional e Mercado de Trabalho em Comunicação no Brasil. A autora relata que “89% dos entrevistados percebem mudanças significativas na profissão, e 79 % atribuem estas mudanças à introdução de novas tecnologias nas redações”. (BALDESSAR, 2013, p. 2).

Murad (1999) comenta que as mudanças na forma de busca, leitura e recepção da informação exigem nova maneira de escrever que contemple as relações com o tempo e o espaço. O jornalismo, inevitavelmente, sempre acompanhou essas conversões desde a invenção da imprensa pelo alemão Johannes Gutemberg.

Em termos de manejo e de acesso a informações, o único paralelo histórico que podemos encontrar para esta revolução é a invenção do tipo móvel por Gutenberg em 1542, que transformou a humanidade ao ampliar as possibilidades de disseminação do conhecimento. (ALVES, 2006, p. 95).

Desde a década de 1970, com tecnologias de alcance rápido da massa como por exemplo, a televisão, o jornalismo passa por mudanças que seguem até hoje, dizem Cavalcanti & Rocha Neto (2014). Os autores também constataam a ação que as ferramentas tecnológicas possuem ao influenciar a produção jornalística e a alterar a rotina das redações. O profissional da comunicação mais uma vez é alvo de readaptação no ofício de comunicar.

E é neste ponto que entra a figura do novo jornalista, o jornalista em tempos de internet. As características desse profissional não diferem da essência do bom jornalista das antigas. Ética, curiosidade e saber ouvir versões distintas de um mesmo fato continuam dando a tônica da profissão. Mas, o novo jornalista deve ter na cabeça uma coisa, não basta só escrever, fotografar, pesquisar, entrevistar, diagramar ou filmar. Ele precisa dominar todas estas técnicas juntas, porque o seu leitor na internet domina e vai cobrar. (SILVA, 2010. p. 45)

Apurar e escrever já são funções habituais do jornalista. Com a evolução da informática, Cavalcanti e Rocha Neto (2014) incluem também nessa lista: analisar bases de dados, filtrar informações na internet, mediar fóruns e chats, além de elaborar infográficos animados e tabelas para melhorar a compreensão do leitor. A apropriação de novas ferramentas para a difusão da informação pelo jornalismo já faz parte da rotina desse setor. Mas vale ressaltar que a digitalização da informação e a facilitação na distribuição de dados, causaram impactos fundamentais, virando o jornalismo do avesso, aponta Santos (2014, apud Christoletti, 2008).

Mais um momento determinante na carreira do jornalista, especialmente aqueles ainda inaptos ou avessos ao universo digital. Depois da chegada do computador nas redações, os jornalistas tiveram que se adaptar a uma outra realidade profissional, relata Baldessar (2013). A autora também comenta que há maior exigência de qualificação, especialização crescente dos ofícios e também modificações nas condições de trabalho.

De acordo com Prado (2011), em 2010, Peter Harrocks, diretor da BBC Global News, orientou os jornalistas da rede a que aprendessem a usar as redes sociais. 'Para ele, a tecnologia está mudando o jornalismo, e quem não

souber usar as ferramentas não conseguirá fazer direito o seu trabalho'. (CAVALCANTI & ROCHA NETO, 2014, apud Prado, 2011, p. 201).

Outra questão interessante, é o novo formato de relação com o leitor estabelecido pelo gerenciamento das próprias plataformas digitais. A caixa de comentários que aparece no final do texto, remete a novos desdobramentos da reportagem. “E nesta surgem discussões entre jornalista x leitor, leitor x leitor, que levantam novas pautas para o primeiro trabalhar. O leitor não dá pitaco, colabora”, diz Silva (2010). É nesse contexto que o leitor começa a interagir de forma mais significativa contribuindo, com o que alguns autores chamam de jornalismo colaborativo. “Neste início da segunda década do jornalismo digital, estamos percebendo com mais clareza essa extraordinária transferência de controle do emissor para o receptor”, diz Alves (2006). A esse fenômeno o autor chama de “eu-cêntrica”, pois está baseado nas decisões individuais do receptor. “A comunicação se torna eu-cêntrica porque tenho acesso somente ao que eu quero, na hora em que eu quero, no formato em que eu quero e onde eu quero. (ALVES, 2006, p. 97).

Em pleno ritmo de sucesso propiciado pela velocidade da internet, os jornalistas, auxiliados pelas tecnologias, também “vêm imprimindo cada vez mais velocidade à produção das notícias a fim de diminuir o intervalo entre a ocorrência de um fato e sua divulgação”, afirma Escobar (2009). Embora diante de tantas novidades e acontecimentos simultâneos, o aprendizado diário nas redações ou fora delas, necessita ainda de indicadores. “Quais são as principais referências? O que preocupações ou raciocínios devem ter em mente os jornalistas digitais? Como se preparar para enfrentar a interatividade e a multimídia?”, é o que pergunta Vilela (2002) a respeito dessa nova fase.

Algumas questões são levantadas referentes ao futuro do jornalista. Baldessar (2013) aponta que segundo algumas formulações teóricas, muitas profissões correm até risco de desaparecer e outras de sofrer mudanças com a introdução de novas tecnologias. Alves (2006, apud Alves 2001) fala em midiacídio, ou seja, “morte” de carreira, (no caso de jornalistas que não consigam de adaptar-se à nova realidade). Porém, Baldessar (2013) destaca também outra perspectiva analisando especificamente a profissão de jornalista:

[...] será uma das profissões menos atingidas pelo desemprego tecnológico, resultante da reengenharia das empresas: "... nem repórteres, nem redatores, nem revisores ou mesmo projetistas gráficos têm seus empregos ameaçados pela tecnologia. Ampliou-se sem dúvida, o âmbito de suas atribuições. A reciclagem necessária para isso é do tipo inclusiva - isto é, nos obriga a acrescentar a nossas habilidades o manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento de processos de telemática, afora a percepção mais aguda das questões sociais contemporâneas (...) a realidade da convergência tecnológica fará surgir um novo tipo de jornalista, informado sobre questões relacionadas com a produção de mensagens em sistemas informatizados e telemáticos. (BALDESSAR, 2013, apud Lage, 1995, p2).

Novas competências devem ser concebidas pelas jornalistas. A compreensão de outras atividades advindas com a introdução da internet nas redações, cruza o caminho desse profissional no momento atual de sua carreira. "O novo profissional de jornalismo, para agregar diferencial competitivo, precisa dominar o meio digital", diz Villela (2002). Experiência e aporte intelectual colocam esse profissional em um patamar acima dos ingressantes no mundo da informação. No entanto, Baldessar (2013) alerta para uma afirmação de Paulo Cabral, secretário geral da Associação Nacional dos Jornais e Executivo do Jornal Correio Brasiliense sobre o novo padrão exigido pelas empresas: "Terá que desempenhar funções multimídia, ou seja, tornar-se jornalista multifuncional. Esse profissional deverá agregar conhecimentos maiores e o domínio da informática e de línguas estrangeiras serão pré-requisitos para quem quiser vencer". (BALDESSAR, 2013, p. 7).

Saber utilizar as ferramentas corretas na ocasião da checagem torna trabalho rápido e eficiente. Atualmente, o leitor conectado com as notícias exige desse profissional agilidade e lisura na reportagem. Para ganhar essa credibilidade jornalista e empresa precisam tomar posicionamentos diferentes para a fidelização de seu público alvo. "Portanto, as redes sociais se tornam uma ferramenta a mais na apuração do repórter e de relacionamento com os internautas. Na nova fase do jornalismo online, quem souber 'conversar' com a sua audiência vai aproveitar mais as vantagens da Internet". (CAVALCANTI & ROCHA NETO, 2014, p. 75)

O computador já não é mais nenhuma novidade, mas sua aplicabilidade continua sendo objeto de estudo e pesquisa, da mesma forma que a internet e os desafios que estabelece, segundo Baldessar (2013). A autora também faz menção a uma pesquisa feita no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, na qual os pesquisadores apontam que "o processo de utilização do

computador pelos jornalistas, como ferramenta de trabalho, é irreversível e irrefutável””. (BALDESSAR, 2013, p. 7).

Em vista de todas essas transformações nos mais variados setores da sociedade por conta da internet, as gerações de jornalistas atuais têm uma grande incumbência, entregar à geração de jornalistas “digitais” os mesmos pilares que o regeram até os dias de hoje. “Existe um acordo tácito entre os que escolhem esta profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo contemporâneo: a notícia”, diz Escobar (2009, apud Traquina, 2005). Para Soares (2010), já contempla a nova forma de fazer jornalismo e diz que “quem vai lapidá-la serão as gerações de jornalistas que se criaram acostumados a ver o computador mais como um eletrodoméstico do que como um instrumento da ficção científica”. (SOARES, 2010, p. 41). Observação coerente, no que diz respeito ao hábito e manuseio dos aparelhos eletrônicos pelos *mass media*.

A redação de um jornal digital

Com o advento da internet, o cotidiano das redações jornalísticas mudou e, subsequentemente dos jornalistas também com a introdução dos computadores. Segundo Baldessar (2013), esse processo de informatização teve início na década de 80. Começa então, uma revolução de proporções mundiais no campo da comunicação jornalística. Rasêra (2010) diz que “o surgimento do jornalismo digital representa uma revolução na maneira de apurar, produzir e distribuir conteúdo jornalístico”.

De acordo com análise de Marcondes Filho (2000), desde a década de 1960 estamos vivendo a quarta fase do jornalismo, baseada na informação eletrônica e interativa. Esse momento é marcado pela alteração das funções do jornalista e pela possibilidade de toda a sociedade produzir informação. A partir da década de 1990, os veículos passaram a olhar mais para o ambiente da internet e começaram a produzir as notícias para esse meio. (CAVALCANTI & ROCHA NETO, 2014, p.2)

Os ambientes físicos das redações davam seus primeiros passos rumo a modernização já anunciada. A esse espaço foi dado um ar sofisticado e harmonioso. Baldessar (2013) descreve parte dessa atmosfera dizendo que as persianas amarrotadas foram substituídas por um moderno sistema de iluminação, prescindido de um requinte inimaginável de calhas especialmente desenhadas, com

direcionamento específico para cada setor, cujos focos de luz só iluminam as mesas dos terminais, sem reflexos nos olhos ou nas telas.

Outras mudanças significativas foram acrescentadas a esse novo cenário dando mais ênfase a um visual contemporâneo. “(...) um sistema de ar condicionado central acabou com o clima tropical que sufocava (...) e a sinfonia das pretinhas deu lugar a um silêncio cibernético, propiciado pelos 140 terminais e suas 138 teclas (...) e a limpeza, nada de montanhas de papel”. (BALDESSAR, 2013, p. 3).

O ambiente fora da redação também mudou. Atualmente pode-se produzir uma reportagem de qualquer lugar, com cobertura digital. Segundo Cavalcanti & Rocha Neto (2014), com os dispositivos móveis, como notebooks e smartphones, o repórter nem precisa necessariamente voltar para a redação para escrever a sua matéria. Essa facilidade na produção jornalística, requer dos profissionais melhores habilidades para lidar com a tecnologia destinada a esse tipo de produção.

[...] ... o fato mais curioso dessa mudança foi o fechamento cada vez mais antecipado. Em vez de o computador permitir um fechamento tardio, tornando os jornais cada vez mais atualizados, a ditadura do industrial criou prazos cada vez mais exíguos. A tecnologia ficou a favor de um jornal mais cedo na banca. (BALDESSAR, 2013, p. 3).

Em sintonia com o segmento, o jornalista tem um papel cada vez mais polivalente. Com atribuições antes destinadas somente a determinados cargos e funções, esses profissionais agora são definidos “como jornalistas móveis e explica que eles podem produzir as notícias de forma totalmente multimídia, carregando aparelhos de fotos, áudio, vídeo e texto”. Cavalcanti & Rocha Neto (2014, apud Briggs, 2007).

Uma marca fundamental nessa transformação do jornalismo analógico em digital é o *layout* na apresentação dos jornais. No início da introdução ao digital, Alves (2006), comenta que “A página inicial (home page) assemelhava-se à tradicional primeira página dos jornais, e as camadas interiores de conteúdo reproduziam as mesmas seções da edição em papel”. Mas essa configuração foi mudando conforme a necessidade e a concorrência pela motivação da aderência de leitores internautas.

Com o passar dos anos e com o surgimento do computador, foi possível a compressão do texto impresso em arquivos digitais e, com a internet, a liberdade de emissão e o intercâmbio de conteúdo, que passa a ser produzido e publicado online por qualquer indivíduo com acesso à rede. (AQUINO, 2009, p. 238)

Segundo Alves (2006) os modelos de videotexto e teletexto que utilizavam a tecnologia digital para distribuir notícias foram rapidamente abandonados quando os meios tradicionais se deram conta das vantagens da web. Santos (2014) revela:

Dossiê divulgado pela Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo (SBPJor), sob a elaboração do Instituto de Estudos Políticos de Renne (França), a convergência midiática iniciou na internet e produz uma reação em cadeia “fundindo e combinando a televisão, o rádio e a imprensa com os sites de notícias on-line”. (SANTOS, 2014, apud Neveu, 2010, p. 2)

É importante salientar que a concentração dos antigos formatos de jornal, agora encontram-se convergidos e adaptados aos novos formatos digitais. Marcondes Filho (2000) relata que “os terminais de vídeos substituem as máquinas de escrever, a gráfica separa-se fisicamente da redação”. As mudanças exigem novas qualificações no manuseio das ferramentas a serem usadas numa redação. “A diagramação deixa de ser manual para ser eletrônica, o texto passa a ser virtual: uma imagem na tela que é ao mesmo tempo distribuída, mexida, adaptada segundo a dinâmica própria” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 35). Sobre essa convergência de mídias Rasêra (2010) também faz uma reflexão apontando que esse termo, está sendo utilizado “exaustivamente e diversificadamente em toda a literatura que envolve o status das mídias contemporâneas”.

Com relação ao jornalista, uma nova postura faz-se necessária no relacionamento e interação com os leitores. Cavalcanti & Rocha Neto (2014), dizem que nos jornais impressos o canal de participação era a sessão de cartas. Ainda segundo os autores, hoje, nos portais de notícia, essas possibilidades vão desde as informações das notícias mais lidas do site até os comentários deixados nas matérias.

Essa nova conjuntura acaba por gerar também uma nova visão da empresa jornalística que, de acordo com Rasêra (2010), vem justificando o grande interesse das empresas de comunicação em produzir e distribuir conteúdo online gratuitamente, criar produtos novos e melhores e ainda aumentar os lucros da empresa. Através de recursos tecnológicos de informação e o retorno dos leitores, Cavalcanti & Rocha Neto (2014) afirmam que “é possível saber o interesse da audiência e que tipo de material poderia continuar sendo repercutido nos dias seguintes”. A reação do público mediante material fornecido pelas empresas, mesmo que gratuitamente, atrai uma

soma tão grande de leitores, segundo Rasêra (2010, apud Carlson, 2003) que o número de anunciantes passa a ser maior a cada dia.

Mudanças são necessárias. O computador imprimiu velocidade na produção, mas não resolveu todos os problemas “como por exemplo, o que fazer quando o sistema cai na hora do fechamento?”, pergunta Baldessar (2013). Mesmo com toda a tecnologia, tanto o velho, como o novo jornalismo, “não é diferente do que nossos ancestrais faziam, não importando qual a tecnologia empregada. A essência continua sendo apurar, escrever, editar.” (BALDESSAR, 2013, p. 4). Essa é a premissa do jornalismo compromissado em ter um papel atuante na sociedade.

Plataformas digitais

A inauguração da era da internet trouxe um movimento diferente, tinha início uma nova forma de comunicação: as Redes Sociais. Essa interação dentro do jornalismo enalteceu um tipo de produção na qual, público e leitor interagem de forma simultânea, trazendo à tona múltiplos questionamentos.

Esse tipo de produção foi adaptado com o surgimento das mídias sociais digitais, plataformas que permitem a publicação, divulgação e interação de conteúdos na internet. A partir do início dos anos 2000, essas mídias passaram a permitir, ainda mais, a participação da sociedade na produção de notícias. Agora, o consumidor da informação, que, antes, era passivo, passou a ter um papel de destaque, tanto em questões sobre o feedback que está sendo apresentado, quanto na própria produção desse conteúdo. (CAVALCANTI & ROCHA NETO, 2014, p.2)

Para entender melhor, as redes sociais devem ser diferenciadas dos sites que a suportam, afirma Recuero (2009). “Enquanto a rede social é uma metáfora utilizada para o estudo do grupo que se apropria de um determinado sistema, o sistema, em si, não é uma rede social, embora possa compreender várias delas. Os sites que suportam redes sociais são conhecidos como “sites de redes sociais”. (RECUERO, 2009, p. 3). Geradora de um novo estilo de trabalho, as redes sociais agregam valor na disseminação da informação. “O produto jornalístico sofreu uma metamorfose ao subir para a rede, se transformando em um serviço que gera fluxo contínuo e sempre disponível de informação acumulada e classificada por temas e interesses. (GUIMARÃES, 2016, p. 6).

Para o jornalista da era analógica, Baldessar (2013) comenta que “a adoção de novos instrumentos de trabalho e as formas de utilizá-los tem metamorfoseado o cotidiano”. Cavalcanti & Rocha Neto corroboram com essa concepção, pois, para eles “o crescimento e a popularização da Internet, aliados às tecnologias e desenvolvimento dos meios digitais, contribuíram para uma mudança no modo de fazer jornalismo no mundo”. Ainda conforme Baldessar (2013), essa rotina, no entanto, não teve mudanças radicais. Mas a autora ressalta que primeiramente esse evento foi recebido com medo, mas depois, cedeu lugar ao encantamento.

Contudo, é importante frisar, mesmo independentemente do fato de que “quase todas as ferramentas de comunicação mediada pelo computador sejam capazes de suportar redes sociais, Recuero (2009, apud Boyd e Ellison 2007) definem esses sistemas como aqueles que permitem a publicização da rede social, como característica diferencial. Mas Alves (2006) adverte:

[...]será necessário criar um novo jornalismo digital que conserve os elementos fundamentais do jornalismo tão bem descritos no livro *The Elements of Journalism*, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, mas que, ao mesmo tempo, desenvolva uma nova linguagem, um novo código comunicacional adequado às características multimídia da web e das outras plataformas digitais que existem ou venham a ser criadas. (ALVES, 2006, p.102).

Vale a pena lembrar que “a atual fase das redes sociais foi iniciada pelo lançamento do Friendster, em 2002, por Jonathan Abrams, inspirado pelo Match.com, um site de encontros para quem procurava namorado. Depois dela, surgiram muitas outras, como o Orkut, o Myspace e o Facebook”. (CAVALCANTI & ROCHA, 2014, P. 71). Regras individuais segmentam os usuários que definem a melhor forma de interação nas redes e plataformas digitais como: Youtube, Facebook, Twitter e Blogues.

- **Youtube**

Considerado uma plataforma basilar na área da produção audiovisual, o Youtube foi criado com a intenção de promover criações originais independentes.

O YouTube nasceu em 2005 pelas mãos de Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim nos EUA, Califórnia. Em suas raízes históricas, o website almejava propiciar a expressão de conteúdo individual e coletivo de teor independente, driblando as barreiras e filtros característicos dos meios audiovisuais anteriores como a televisão ou cinema”. (SILVA;MUNDIM, 2015 p. 235).

Muito utilizado na divulgação de conteúdos de massa, essa plataforma tem sido uma facilitadora, aliada dos jornalistas, que usam as redes digitais como veículo propagador de informações independentes. Alves (2012) comenta que mesmo não sendo o único meio de “compartilhamento de vídeos na internet, o *Youtube* se destacou pelo número ilimitado de *uploads*, pela possibilidade de incorporar o conteúdo em outros *sites* e também de se conectar a outros usuários, através de perfis pessoais chamados canais”. (ALVES, 2012, p. 57).

Quando surgiram esses canais alternativos, ainda pouco se explorava o potencial que a plataforma já oferecia na época. Villela (2012) fala sobre o amadurecimento da prática jornalística na internet. “[...] para se ter um produto inovador e de qualidade superior ao conteúdo recauchutado, era fundamental alterar criativamente essa matéria-prima, ou produzir um conteúdo perfeitamente adequado ao novo meio”. (Villela, 2002, p.162).

Esse produto midiático com tendência criativa, serviu de inspiração para a monografia da estudante de Comunicação Social, Hanna Guimarães, da Universidade de Brasília, em 2016, intitulado “Vídeos de viagem no YouTube: O jornalismo saiu da redação e foi viajar?”. O projeto buscou compreender o espaço que o jornalismo passa a ocupar na produção independente de vídeos para a plataforma online.

O trabalho de Guimarães (2016), é mencionado aqui, por estar exclusivamente voltado para a análise de seis canais de viagem criados especialmente por jornalistas, alvos deste estudo, na intenção de mostrar que este profissional possui hoje uma forte alternativa para continuidade de seu ofício na plataforma do YouTube. A instabilidade dentro das redações com as mudanças tecnológicas começa a exigir desse profissional experiente, novas habilidades para se manter no mercado de trabalho.

Somada a esse cenário, há a crise de emprego para os jornalistas. Em uma situação mundial na qual as redações de jornais estão pagando cada vez menos e demitindo cada vez mais funcionários, é importante identificar as opções dos novos profissionais de mercado no ramo jornalístico e ampliar a diversidade de empregos e fontes de renda. Criar um blogue de viagens, ou sobre qualquer outra atividade específica que caracterize um *hobbie* de determinado nicho da sociedade, pode ser uma forma de aproveitar a linguagem jornalística para ganhar dinheiro de forma independente. (GUIMARÃES, 2016, p. 8).

Para Murad (1999), “o novo quadro demanda, assim, alteração no perfil do profissional da informação”. Muito embora, algumas das previsões mais pessimistas temiam pelo desaparecimento do jornal, isso não aconteceu. “Depois do terremoto e

das falsas profecias de que os velhos meios desaparecerão, o meio novo [...] encontraria sua própria linguagem, ou seja, o seu código comunicacional”. ALVES (2006 apud Fidler, 1996). Essa nova linguagem serviu de motivação para os jornalistas, principalmente pela facilidade em possuir seu próprio canal e assim atingir um público específico com demandas em comum. O canal revela-se “atrativo para atingir públicos segmentados e fonte promissora de rentabilidade, com várias possibilidades de receitas”. (MURAD, 1999, p. 1).

Como ocupar os espaços disponibilizados pelo YouTube? Guimarães (2016) explica que o primeiro passo é entender o funcionamento das redes de informação das mídias digitais. Para o jornalista da mídia analógica, esse tem sido um grande desafio. Dado os fatos de que, a manipulação das ferramentas digitais, em alguns casos, torna-se um entrave na realização de uma comunicação eficiente. Mesmo “tendo em vista a facilidade de publicação de conteúdo audiovisual captado, produzido ou editado pelo próprio usuário”, segundo Silva;Mundim (2015), ainda é necessário uma assistência substancial para a divulgação de conteúdos jornalísticos propulsores de monetização.

O jornalismo expande sua perspectiva dentro das redes sociais. A utilização de diversos formatos de texto, imagens, animações, som e vídeo, citados por Villela (2012), atraem uma espécie de “co-participação do público no desenvolvimento/segmento posterior de um fato (abrindo o canal, estimulando o envio de comentários, ideias e informações complementares)” (VILLELA, 2002, p. 167). Esse retorno na comunicação vislumbra outras possibilidades agregadas à plataforma. É importante notificar que o YouTube, como empresa, é uma plataforma e um agregador de conteúdo, embora não seja uma produtora de conteúdo em si, segundo Guimarães (2016). As vantagens de geração de renda (extra), é percebida imediatamente pelo público-alvo, as quais chamam outros setores do audiovisual oportunizando mais empregos.

- **Facebook**

Indispensável aliado das empresas de marketing, publicidade e jornalismo, o Facebook, é a rede mais utilizada em todo mundo, segundo Cavalcanti & Rocha Neto (2014). Desde sua criação em outubro de 2003 por por Mark Zuckerberg, com o nome de Facemash, essa Rede Social tem o intuito de agregar usuários independentemente da conjuntura em que se encontra.

O ambiente do Ciberespaço confere um precioso poder para esses agrupamentos sociais e comunidades ideológicas, porque oferece um ambiente propício para que tais grupos façam uma aglutinação de pessoas com interesses comuns. Indivíduos de lugares e às vezes culturas diferentes reunidos-se no vácuo virtual em torno de ideias e ideais semelhantes. (VILLELA, 2002, 173).

Um fato de proporção mundial, que marcou época nas páginas do Facebook, foi a grande manifestação iniciada por Oscar Morales, em 2008, na Colômbia, contra as FARC. Registrada no livro “O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo”, escrita por David Kirkpatrick em 2010, no qual, ele narra como uma tomada de decisão em criar um grupo e torna-lo público, gerou comoção e resultados positivos.

Embora o Facebook não tenha sido concebido como um instrumento político, logo no início seus criadores perceberam que havia ali um potencial peculiar. Durante as primeiras semanas depois de sua criação em Haward, em 2004, os estudantes começavam a divulgar suas opiniões políticas ao substituir sua foto por um bloco de texto que incluía alguma declaração política”. (KIRKPATRICK, 2010).

Como se observa, o Facebook atua em várias frentes, independente das finalidades propostas. O apoderamento das empresas, por exemplo, na divulgação de seus produtos, mesmo não sendo canais segmentados, acabam agregando usuários com interesses comuns, segundo Cavalcanti & Rocha Neto. A clareza no momento de passar a mensagem de forma simples e direta, ajuda a equilibrar a informação dentro do contexto e realçar pontos importantes na comunicação entre fornecedor e cliente, entende Villela (2002). Portanto, é um dos meios digitais mais usados pelos jornalistas na disseminação de notícias e afins.

- **Twitter**

Ferramenta digital muito utilizada pelos jornalistas, “o Twitter foi fundado em março de 2006, pela Obvius Corp., nos Estados Unidos. Baseado na ideia de um microblog, o site permite que o usuário se expresse em até 140 caracteres”. (CAVALCANTI & ROCHA NETO, 2014, p. 72). Mas em 07 de novembro de 2017 o Twitter libera o dobro de caracteres para seus usuários. “[...] as pessoas passam menos tempo editando seus textos, têm mais facilidade para dizer o que querem e

podem enviar Tweets mais rápido do que antes’, afirma a empresa”, segundo o site de notícias G1 (2017).

A filtragem de informações é uma característica marcante dessa rede social no apoio do trabalho do jornalista. “Neste caso, as redes sociais vão atuar de forma a coletar e republicar as informações obtidas através de veículos informativos ou mesmo de forma a coletar e a republicar informações observadas dentro da própria rede. (RECUERO, 2009, apud Recuero e Zago 2009).

A velocidade com que os internautas se mobilizam coletivamente é surpreendente, no caso de grandes acontecimentos públicos, comenta Villela (2002). “O que está acontecendo” é a frase de status para o encaminhamento das informações de interesse individual. Alguns instrumentos de busca avançada do Twitter ajudam na eficácia de busca por esse material específico. Segundo Cavalcanti & Rocha Neto (2014), um exemplo disso é a pesquisa de “tags” utilizando o símbolo ‘#’ (jogo da velha), rapidamente aparece conteúdos agrupados em um só local.

A serventia do Twitter para o jornalismo é indubitavelmente valiosa pela velocidade empregada pela rede humana que se forma em busca de consumo de notícia, opiniões e discussões. Com visões particulares dos fatos, os usuários costumam realizar uma cobertura paralela, segundo Villela (2002), que observa também que a “rápida reação em cadeia dos usuários - atuando como emissores, enviando à imprensa ou publicando paralelamente novidades, informações e furos ainda antes dos jornalistas”. (VILLELA, 2002, p. 165).

De acordo com informações de Cavalcanti & Rocha Neto (2014), em outubro de 2009, um estudo vinculado na PRWeek e publicado pelo site Manual dos Focas, revelou que “70% dos jornalistas de Nova York admitiam usar o Twitter na prática da reportagem”. Ainda em relação a essa pesquisa, 92% responderam que as mídias sociais agilizavam a rotina de trabalho. É relevante admitir que “as redes sociais na Internet, apesar de todo o potencial colaborativo de produção de informação continuam dando ao Jornalismo a credibilidade e construindo uma função de legitimação das notícias”. (RECUERO, 2011, p. 3). Esse quadro revela que se torna indispensável que o jornalista migrante da mídia analógica para a digital desenvolva novas habilidades para manuseio dessas atividades.

- **Blogs**

Uma definição para essa nova modalidade a serviço do jornalismo é que “em termos gerais, consideramos que blog é um novo mecanismo de produção e divulgação de conteúdos na web que gera um modelo específico de site”, diz Escobar, (2009). Outra forma de apresentação para esse fenômeno com quase 25 anos de existência vem a ser: “O termo “blog” vem de “weblog”, contração de “web” e “log”, criado por John Barger com o seu pioneiro *Robot Wisdon* em 17 de dezembro de 1997”. (LEMOS, 2009, p.9).

Algumas características básicas dos blogs são apontadas por Villela (2002).

Visual limpo e claro, leve, sem poluição visual; Textos curtos, para grupos pequenos, pular linhas entre parágrafos. Preparar o texto, deixando ele temperado, no ponto para ser consumido; links pertinentes para informações complementares - que mostre o fato noticiado e auxiliem o usuário a entender a questão ao invés de distraí-lo ou desviá-lo para outros rumos. (VILLELA, 2002, P. 166).

À esta pesquisa, compete a incumbência de mostrar a importância desse novo meio de divulgação de notícias. Pois, para alguns autores, segundo estudo demonstrado por Escobar (2009, apud Deuze, 2002) os blogues estariam entre os sites do tipo metajornalístico e de comentários e os destinados a compartilhamento de discussão. Apoiada na temática de que estes seriam de natureza individual e personalizadas, então, não poderiam ser considerados apropriadamente jornalísticos.

Mas esse comentário é refutado por Escobar (2009). “Para nós, no entanto, é justamente a personalização que torna possível considerar um blog como jornalístico, pois a apropriação específica de cada agente humano é o que determina o tipo de conteúdo de um blog”. (ESCOBAR, 2009, p. 223). Prova disso aqui no Brasil, é o exemplo do jornalista Ricardo Noblat, que lançou o “Blog do Noblat”. Alves (2006) relata que ele (Noblat), começou sozinho, com um blog de notícias políticas e que conta com mais de 700 mil usuários. “Trata-se de um número impressionante num país onde a circulação diária dos maiores jornais só chega perto desses números nos domingos”. (ALVES, 2006, p. 100).

Nos EUA, Escobar (2009) comenta a respeito de duas situações nas quais são demonstradas a força dos blogs. Uma, são os atentados de 11 de setembro e outra

a cobertura da Guerra do Iraque. Alves (2006) também destaca o caso Mônica Lewinsky, revelado por Matt Drudge, fundador do site Drudge Report, na noite de 17 de janeiro de 1998. O autor ressalta que por falta de supostos critérios jornalísticos a revista Newsweek tinha decidido não publicar naquela semana o que viria a ser um dos maiores escândalos daquele país. “Agora, todos podem (com mínimos recursos) produzir e circular informação sem pedir autorização ou o aval a quem quer que seja (barões das indústrias culturais, *intelligentsia*, governos...)”. (LEMOS, 2009, p.9).

Esse canal de divulgação abriu precedentes para uma espécie de jornalismo diferenciado, o jornalismo cidadão. Guimarães (2016, apud Rodembusch, 2015) define que é “a prática em que qualquer membro da sociedade pode assumir o papel de coletar informações, chegar e divulgar fatos”. Essa abertura só contribui para que o jornalista encontre mais apoio na monitoração das informações sobre determinado acontecimento. Cavalcanti & Rocha Neto (2014), comentam que “muitos veículos passaram a publicar suas matérias nas redes e a pedir a colaboração dos internautas para ampliar as notícias”.

Um dos diferenciais notáveis do jornal impresso para o digital são os hipertextos. Com viabilidade de ligação para outros canais ou aplicativos que desenvolvam o mesmo tema ou similar notícia, essa alternativa é comumente usada pelos jornalistas e/ou interessados na divulgação de algum conteúdo.

Quando são criados, seu autor passa a visitar e comentar em outros blogs deixando o link do endereço do seu blog, que assim é visitado pelo autor do blog que recebeu seu comentário e pelos demais leitores. De acordo com Recuero (2003), essas práticas formam “webrings”, círculos de relações entre blogueiros que se visitam e se linkam mutuamente. (AQUINO, 2009, p. 243).

Todas essas características dos blogues somente agregam valor dentro da nova configuração digital em que o jornalismo se encontra. Lemos (2009) diz que “pela primeira vez, podemos publicar e distribuir, de forma planetária, conteúdo em forma de áudio, texto, foto, vídeo”. O fato de que as informações permanecerem armazenadas no ciberespaço, “proporciona que as redes não apenas difundam, mas igualmente discutam essas informações”, enfatiza Recuero (2009). Assim sendo, torna-se relevante destacar a observação interessante de Escobar (2009). “Conforme constatou Schittine, ‘enquanto os blogueiros manifestam um desejo de escrever como jornalistas, estes buscam uma escrita mais leve, menos informativa e mais ficcional do que aquela que

realizam em seu dia a dia””. (ESCOBAR, 2009, apud Schittine, 2004, p.156). E é dessa maneira desevolva e com sérias intenções que o jornalismo alternativo ou o webjornalismo vem ganhando corpo junto à sociedade.

Webjornalismo, um caminho sem volta

“A internet chegou para ficar, não é uma moda passageira e não haverá retrocesso”, diz Santos (2014, apud Travancas, 2010). Essa afirmação é concretizada no dia a dia das redações jornalísticas e na expansão no modo de consumo de conteúdo. “O jornalismo nas redes digitais, e especialmente na Internet, é um fenômeno relativamente recente, com uma expansão paralela à da World Wide Web (www) e com seus inícios em 1994”. (RASÊRA, 2010, p.2).

No Brasil, a abertura comercial da Internet aconteceu em 1995, mesmo ano em que a World Wide Web começou a ser usada de forma disseminada por cerca de 16 milhões de usuários. Em 2001, o número de pessoas na rede pulou para 400 milhões e, de acordo com levantamento do site Pingdom, publicado pelo site Gazeta do Povo, em 2012, a quantidade de usuários atingiu a marca de 2,4 bilhões. (CAVALCANTI & ROCHA NETO, 2014, p. 69)

No início, as empresas de comunicação não tinham muito interesse em investir na mudança virtual. Alves (2006) relata que o jornalismo digital era muito tímido no que se refere a criatividade e inovação. “Quando o jornalismo chegou na internet, em um primeiro momento, o que aconteceu foi literalmente o reaproveitamento do conteúdo que já existia para outros fins”, comenta Villela (2002). Em princípio as revistas e jornais não aproveitavam as facilidades que a nova interface lhes proporcionava, eles continuavam fazendo suas capas digitais aos moldes dos jornais impressos. Mas as mudanças para o digital, começavam a tomar forma. “As agências de notícias, logo em seguida, para aproveitar uma produção intensa de seus novos *feeds*, jogando-os também na rede – surgia com isso o noticiário *web* em tempo real”. (Villela, 2002, p. 162).

Alguns estudiosos das mídias comunicacionais chegaram a acreditar que o jornalismo deixaria de existir em função do desenvolvimento da internet. Palacios (2003) atribui esse pensamento a Pierry Levy. Simplificação descabida, segundo o próprio Palacios (2003), pois o autor sugere exatamente o contrário. “Com o crescimento da massa de informação disponível aos cidadãos, torna-se ainda mais crucial o papel desempenhado por profissionais que exercem fusões de ‘filtragem e

ordenamento' desse material, seja a nível jornalístico, académico, lúdico etc.”. PALACIOS, 2003, p.6).

Sem dar chance para um retrocesso, a internet contempla as possibilidades revolucionárias a seu favor. Alves (2006) afirma que estamos no começo da nova revolução do conhecimento e estamos vendo o impacto inicial sobre o jornalismo.

Como prática social, o jornalismo é fruto da ação de agentes humanos situados no espaço e no tempo que, apropriando-se das tecnologias e inovações disponíveis, promovem renovações e reconfigurações de tal prática. A partir do uso de novos suportes, surgiram as variantes radiojornalismo, telejornalismo e, mais recentemente, webjornalismo, cada qual apresentando características particulares configuradas em grande parte como adequações às potencialidades técnicas da mídia utilizada — rádio, televisão e internet, respectivamente. (ESCOBAR, 2009, p. 223)

Multimedialidade/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Customização do Conteúdo/Personalização, Memória, Instantaneidade/Atualização Contínua, fazem parte das características elencadas por Palacios (2003), “enquanto elementos distintivos da produção e consumo da informação jornalística nas redes telemáticas”. Esses elementos também constam na lista de características do jornalismo digital apontado por Rasêra (2010, apud Kawamoto, 2003), dentro as quais destaca-se aqui neste contexto, a hipertextualidade, hoje muito usada pelos jornalistas para dar continuidade ou fazer *links* com “(fotos de sons, vídeos, animações, etc), outros sites relacionados ao assunto, material de arquivos dos jornais, textos jornalísticos ou não que possam gerar polêmica em torno do assunto noticiado, publicidade, etc.. (PALACIOS, 2003, p. 4).

Em meados da década de 1990, o termo jornalismo digital ou ciberjornalismo, referia-se, na maioria das vezes, às versões desenvolvidas para a web de jornais impressos, diários e de modelo comercial. Eram poucas, ou praticamente nenhuma, as alterações na forma de narrativa jornalística. Após aprontar o conteúdo da edição do produto impresso, tal conteúdo era disponibilizado na web. (RASÊRA, 2010, apud MIELNICZUK Mielniczuk, 2008).

Grande volume de dados e informações produzidas vêm se popularizando no ambiente digital em confluência com a Web 2.0, segundo Silva;Mundim (2015). Segunda geração de serviços online, a Web 2.0, têm como principais características “potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de

informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” afirma Aquino (2009, apud Primo, 2006). Muito embora, o rádio e a televisão tenham acrescentado canais sensitivos à comunicação existente, como por exemplo, audição e visão, a internet ultrapassa todas fronteiras da comunicação. “A web representa uma mudança de paradigma comunicacional muito mais ampla que a adição de um sentido. Ela oferece um alcance global, rompendo barreiras de tempo e espaço como não tínhamos visto antes”. (ALVES, 2006, p. 95).

Por meio das multifunções da internet foram gerados canais alternativos de difusão de notícias. Fora do ambiente das grandes corporações jornalísticas, os profissionais do meio, dedicam-se a criação de conteúdos exclusivos para seus próprios canais comunicacionais, estabelecendo assim, uma reviravolta em suas carreiras e um novo modo de compartilhar informações. “Durante a evolução do webjornalismo, os veículos de comunicação reconheceram o poder e o valor dos novos produtores de conteúdo”, assegura Cavalcanti & Rocha Neto (2014). Outro autor corrobora com afirmativa de tempos inovadores e experimentais, dizendo que “enquanto o publishing desmorona, vão surgir milhões e milhões de oportunidades. Quando grandes indústrias que fazem serviços relevantes desabam, abrem espaço para gente inovadora propondo coisas diferentes”. (BURGIERMAN, 2010, p. 27)

Há 18 anos atrás, Vilela (2002) se perguntava: como será então a adaptação do jornalismo online, para tantos novos meios de exibição de informação digital? Impossível saber exatamente. O certo é que dezenas de novos formatos para apareceriam muitos dos quais sequer conseguiriam imaginar naquela época. Atualmente, a internet tem fomentado a comunicação atraindo benefícios facilitadores de interação, no caso do “jornalismo colaborativo”, que segundo Cavalcanti & Rocha Neto (2014), “ganhou relevância com o surgimento de sites de notícias produzidas pela população comum”. Outro ganho com o webjornalismo, segundo Palacios (2003), é a possibilidade de atualização contínua da informação, dentro das plataformas digitais.

A internet na vida da sociedade em rede mostra que ela é mais do que apenas uma ferramenta gerencial e organizacional: é também o espelho do ser humano, ao refletir todas as ações dele além do campo virtual. Deste modo, como o reflexo se altera conforme os movimentos da sociedade em rede, esse instrumento ganha vida e se transforma mutuamente junto com essa sociedade. (SANTOS, 2011, apud CASSIANO, 2011, p. 22).

A convivência com esses sistemas tem sido absorvida com muita facilidade pelas pessoas. “Ver TV e acessar internet ao mesmo tempo baixar *podcasts* e ouvir rádio, ler críticas dos experts em veículos massivos e acessar blogs de ‘pessoas comuns’ ao redor do globo”, segundo Lemos (2009), tornaram-se comum entre os internautas. As redes sociais trouxeram mais proximidade do público com o jornalismo, auxiliando principalmente nas funções mais peculiares como filtrar matérias relevantes, concedendo credibilidade e importância para as matérias jornalísticas através das reverberações, comenta Recuero (2009). A rapidez com que as transformações no ciberespaço são desenvolvidas cria um ambiente participativo, conectando milhões de pessoas, as quais interagem através de ferramentas que “permitem não só a comunicação, como também a colaboração para produção e publicação de conteúdo”, reitera Aquino (2009).

O jornalismo e suas congruências intercomunicacionais recebem aporte desse novo formato. As exigências do público consumidor de conteúdo informacionais, tornam-se mais apuradas. A multiplicidade de opções acaba por manifestar maior qualidade de produtos jornalístico, pois, segundo Alves (2006), o público agora tem “o poder de acessar uma infinidade de fontes, sem as barreiras de tempo e espaço que limitavam sua ação até o advento da web”. Os proveitos que a internet trouxe para o jornalismo tornaram-se substancialmente indispensáveis, principalmente para o jornalista *me si*. “Com a internet móvel a vida dos jornalistas se tornou ainda mais fácil, permitindo o envio e a publicação de informações diretamente do local onde ela ocorre” (GUIMARÃES, 2016 apud Fachini, 2011, p. 5).

O jornalista da mídia analógica que precisou migrar para a mídia digital, encontra um desafio além das barreiras físicas de uma redação. Atento à evolução midiática, o Webjornalismo é recebido como um forte aliado na preservação de sua carreira. Pois, segundo a análise de Cavalcanti & Rocha Neto (2014, apud Pinho 2013), as vantagens visuais, no caso da TV, o poder de mobilidade do rádio, “a capacidade de detalhamento e análise do jornal e da revista, e a interatividade da multimídia [...] tornam promissor o jornalismo na Web”.

O conceito de jornalismo mudou, é fato. E certamente o posicionamento do jornalista em relação ao mercado também. Com o surgimento de novas ferramentas e aplicativos, as competências exigidas para esse profissional o faz buscar reforço nas especializações.

A disponibilidade e acessibilidade a uma gama enorme de conteúdos múltiplos e variados acabou por gerar uma tendência à especialização: as pessoas passaram a poder escolher detalhadamente sobre o que elas querem se informar e não estão mais tão dependentes da agenda selecionada por canais de televisão e jornais impressos. Seus gostos passaram a ser incentivados de maneira cada vez mais específica e o impacto ultrapassou as barreiras digitais: multiplicaram-se os livros, revistas, filmes, tutoriais, roupas, acessórios, casas de entretenimento, restaurantes de culinárias especializadas etc. (GUIMARÃES, 2016, p. 6).

A definição do conceito de convergência entre os estudiosos, traz uma observação notável e comum entre as partes. Rasêra (2010, apud Quinns, 2005) afirma o fenômeno da convergência digital veio para ficar no meio jornalístico, independente das vantagens ou desvantagens, “é ele que norteará o futuro da comunicação no século XXI”. As pessoas já são consideradas seres multimídia por se tratar de consumidores de múltiplos meios de comunicação, diz Alves (2006). Ele evidencia que a novidade é ter um meio pelo qual são absorvidos todos os outros meios.

Portanto, o jornalismo segue fundamentalmente com seu papel primordial de informar com clareza e simplicidade, apenas, muda de plataforma. “Isso porque todo o jornalismo está se reinventando, seja ele de rádio, TV, impresso ou internet”, diz Silva (2010). Mesmo no auge de toda tecnologia, o debate sobre as diversidades no setor da indústria jornalística transcende o espaço físico das redações. “E em todas elas me parece haver um consenso, a informação é livre, mas continua tão valiosa quanto nunca. Ganha o leitor”, afirma Silva (2010). De forma dinâmica, o jornalismo e o jornalista seguem seus cursos, segundo à forma que a evolução se lhes apresenta.

CAPÍTULO 3 – Entrevistas

A identidade do jornalista não deve ser percebida como um resultado de uma prática. Considerando seus afazeres, segundo Santos (2014, apud Lopes, 2013), esse profissional engloba também “os valores, as crenças, os mitos, os saberes, as representações sociais, a história, a memória, as relações de poder, além de outros elementos”. Essas indicações demonstram a constituição de particularidades que sustentam esse indivíduo, no decorrer da vida e carreira.

Esse tópico traz os resultados das entrevistas que tiveram como proposta entender, apurar e mostrar se os jornalistas da mídia analógica promoveram a capacitação ou se adquiriram os conhecimentos necessários para migrarem para o jornalismo digital.

Segundo pesquisa da Organização Internet World Stats, que é responsável em monitorar o desenvolvimento da internet em todo o mundo houve “um aumento de 450% de uso em onze anos, já que, no final do ano 2000, havia cerca de 360 milhões de acessos, e, em março de 2011, foram mais de 2 bilhões de usuários, o que equivale a 30,2% da população mundial. (SANTOS, 2014, apud Cassiano, 2011, p. 10.)

Uma pesquisa, de caráter espontâneo, realizada em 2012 pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, intitulada “Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país”, analisou por meio de coleta de dados on-line, telefone e e-mail entre 25 setembro e 18 de novembro, 2.731 jornalistas de todas as unidades da federação e do exterior, algumas características basilares na temática em relação aos jornalistas que atuavam na mídia.

Os dados coletados afirmam que nesse período seis em cada dez, trabalhavam em meios impressos (63,6%); metade produzia para mídias via internet (44,6%); um terço, para rádio, TV ou cinema (33,6); 20,5% outras mídias. (FENAJ, 2012).

Após sete anos, o professor Jacques Mick, da UFSC, coordenador do projeto acima citado, em um seminário sindical, denominado “Qual o perfil do profissional jornalista no contexto de plataformização do jornalismo?”, avaliou as consequências para o jornalismo com as mudanças tecnológicas por meio de nova aplicação de questionários em um comparativo entre 2012 e 2017, com os mesmos participantes do primeiro. Segundo a apuração da FENAJ (2019), a pesquisa revela:

[...]4 em cada 10 jornalistas não estavam mais na profissão no comparativo entre 2012 e 2017 e dos que estavam foram da profissão, 68,3%

permaneceram fora dela no período. Os jornalistas também não migram a atuação da mídia para fora da mídia. A avaliação é que conforme o tempo vai passando, mais jornalistas desistem da profissão. Em cada dez jornalistas, cinco permanecem, três abandonam e dois atuam em outras áreas. (FENAJ, 2019).

Esses dados evidenciam o redirecionamento que esses profissionais estão dando às suas carreiras. Porém, “para produzir qualquer tipo de conteúdo bem adequado ao mundo digital o atual profissional de comunicação tem, portanto, a obrigação de compreender as peculiaridades do canal, no qual estará divulgando a informação”, afirma Villela (2002). Assim sendo, para que esta pesquisa tenha o efeito proposto, são apresentadas agora, as entrevistas com profissionais com mais de 30 anos de carreira, de prestígio nacional e internacional.

Para este trabalho, foram utilizados os métodos de entrevista semiaberta e em profundidade. Esta última, sendo empregada por ser “uma técnica dinâmica e flexível, útil para uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido”. (DUARTE, 2009, p. 64).

Ao todo, nove jornalistas foram entrevistados, sendo abordados com perguntas de caráter generalizadas e individuais. Seguem perguntas e respostas.

1- Como você teve contato com o jornalismo digital?

Luís Nassif: A minha história é um pouquinho diferente das demais, eu fui o primeiro a trabalhar com a informação eletrônica. Em 1987, 1988, eu abri mão de um convite da Globo, saí da Folha numa negociação que o Frias fez com José Sarney e o Saulo Ramos por denúncias que eu tinha feito, e eu tinha um programa de televisão na TV Gazeta voltado para o mercado chamado Dinheiro Vivo, na época eu montei A agência do dinheiro vivo como uma newsletter, estava começando a informação eletrônica, então nós lançamos a primeira agência de informações online do país.

Manuel Alves: Eu estou falando do final da década de 80 até meados da década de 90, No Brasil a internet ainda era incipiente, era pouca coisa que tinha em termos de blog. Quando eu fui para o Diário em 96, essa coisa já começava a ganhar corpo. Toda a redação já estava informatizada, já começava essas coisas dos blogs. Eu fiz um blog dentro do correio popular sobre gastronomia.

Mino Carta: Isso não tem nada a ver comigo. A turma do nosso site pede para fazer, aí eu faço. Eu converso com os leitores, que imagino, formem com uma multidão infinda atrás da máquina que me retrata.

Lúcio Flávio Pinto: Bom, uma boa parte da minha produção está escrito em papel, antes da era digital. Então eu estou tentando salvar. Eu criei cinco blogs. Um blog de informação que eu estou transformando em um blog menos cotidiano. Antes praticamente eu acompanhava os jornais, eu concorria com jornais, e as vezes colocava 8,9, 10 posts no único dia; Outro, somente sobre a Vale; Um sobre a Cabanagem; Há um quarto blog, meu banco de dados. Peguei todos os arquivos, clips, recortes de jornais e reprocesssei. Esse blog vai ser é uma espécie de enciclopédia da Amazônia contemporânea, quando estiver concluído, E vai ser em inconcluso, nunca vai concluir. Eu pego os fatos de 1940 até 2009. E por último, de Memórias.

Alayr Ruiz: Eu estava no Diário do Povo. Ela (internet) não foi implementada nas redações com rapidez, quem hoje está com acostumado com a internet, demorou. A gente demorou para ter e-mail, a internet era discada. Eu saí do jornal em 2015, do Correio Popular, decidi que ia fazer um site em estilo de Portal de notícias sobre turismo, gastronomia, aí eu comecei o laláruiznotíciascrônicas.

Eleonora Lucena: Quando eu saí da Folha em 2016, eu achei que eu tinha que fazer outras coisas. No impresso, sempre você depende de um empregador, depende de um processo de produção muito mais pesados digamos assim e eu estava afim de aprender coisas novas na verdade, eu e o Rodolfo (esposo) discutimos isso e a ideia de fazer o vídeo foi dele. Vamos fazer um programa de vídeo. Então ele sugeriu, ele pensou isso, aí a gente estudou alguns formatos e acabou optando por esse formato em que a gente faz um canal de vídeo basicamente, não somente, mas basicamente com entrevistas. A nossa ideia era fazer uma coisa na contramão do que estava sendo feito de muita estridência, muita rapidez, muito curta. Na verdade, queria entender o que estava acontecendo no Brasil, então vamos fazer entrevistas longas, vamos tentar entender o que está acontecendo e dividir isso. Partimos para esse modelo, que a gente faz entrevistas longas de fatos, sem edição. (...) O canal entrou no ar no início de 2018.

Bob Fernandes: Eu fiquei depois de 6 meses da Folha, como repórter especial enquanto construíamos a CartaCapital, que era inicialmente feita por 4 pessoas. Mino, eu, Vagner Careli e Letagi. Depois virou 7, depois 11. Fiquei lá 10 anos. No Terra Magazine eu criei o meu emprego. Na TV Gazeta eu fazia o meu comentário do meu jeito, absolutamente meu. (...) Agora isso é um caminho, você escolhe, tem caminhos mais fáceis. É uma questão de escolha, é claro, nem sempre a pessoa vai ter a oportunidade de fazer a sua escolha (em relação ao canal Bob Fernandes).

Cynara Menezes: Eu sempre trabalhei no impresso. No começo quando eu fiz rádio, na faculdade, eu fiz TV, mas pouco tempo. Logo depois, trabalhei em dois sindicatos, um dos petroleiros e dos telefônicos. Isso antes de me formar, me formei super jovem, com 20 anos. Eu criei o site porque eu acho que depois dos 40 anos o profissional de imprensa, o jornalista, tem vontade de colocar sua opinião, coisa que a gente não faz no jornalismo normalmente, nós somos repórteres, colocamos a opinião dos outros.

Eduardo Cerioni: Eu trabalhei em jornal a vida inteira, comecei e 84 com o jornal meu e fui até em 2014, você faz a conta 30 anos trabalhando como impresso, e cada vez eu ia vendo, diminui a tiragem, diminuía o número de páginas e os jornais não acompanharam o que as pessoas queriam. Quando eu saí do Jornal Bom dia, a gente já fazia toda essa editoração eletrônica, era papel, mas era tudo feito no computador, era tudo conversa por dentro da gente lá mesmo, em tão eu não usava nem telefone, era e-mail, a coisa veio. Aí eu falei o papel está com os dias contados, não adianta eu bater cabeça, eu vou fazer um jornal de quantas páginas? Quanto que eu vou pagar, como é que eu vou distribuir isso. (...) Chega uma hora que você fala: 'e aí o que vou fazer?' Vou pedir emprego em São Paulo, tá na hora de eu ficar em Jundiaí e fazer alguma coisa aqui, aí tive a ideia de fazer o site.

2- O que o levou a migrar para as plataformas digitais?

Luís Nassif: Eu montei pelo seguinte, eu nunca tive saco para ter...precisa tino comercial. Se você for ver ao longo do tempo como os jornais sobreviveram, é banal. IstoÉ, próprio padrão Veja, é usando a revista como instrumento pra parte comercial. O Mino nunca fez isso, o que o Mino fez foi deixar o cargo mais relevante da imprensa brasileira para poder ter o seu rumo, os outros jornalista, grandes jornalistas. Eles foram para o seu próprio canal porque havia agora uma alternativa, se não houvesse

essa alternativa estavam todos perdidos como eu estaria também. Quando eu resolvi romper com os jornais de vez e partir para blogs foi até em função de ataques que eu recebi da Veja, na época, A mando do Daniel Dantas, a Folha me impediu de me defender, ali eu percebi que realmente que tinha passado um tsunami na imprensa brasileira. E daí eu me recordei de um programinha que eu tinha na TV Gazeta em São Paulo, e com aquele espacinho pequenininho eu consegui espaço junto à opinião pública especializada que era meu. Então eu falei agora com o blog e a internet é a mesma coisa, eu vou ter um espaço muito maior do que eu vou poder entrar em todas as casas, Essa sensação de liberdade de você poder praticar o jornalismo é o que levou este jornalista saí, todos conhecidos... O Bob ele sai da Carta Capital quando o Terra monta a Revista (eletrônica), a Eleonora ela montou depois que saiu da secretaria de Redação da Folha, é um espaço que hoje foi aberto, graças ao Google e a outros aí, viabilizou essa Independência.

Manuel Alves: Eu decidi migrar porque era uma novidade muito gostosa. Porque a gente que foi formado numa redação analógica, num jornal impresso, o que acontece? Você escreve e o leitor é muito passivo, ele lê e pronto. Às vezes, um ou outro escreve para a carta ao leitor, mas isso é uma quantidade ínfima. Com os Blogs na internet, isso mudava totalmente. Você escreve, daqui a pouco as pessoas já começavam a comentar, se concordavam ou discordavam, criticavam. Isso é muito legal, era um retorno que o jornal impresso não te dava, foi uma transformação. E eu estou lá no campinas (portal campinas.com.br) vai fazer três anos, aí eu mudei de nome ficou Blog do Chef Mané. Mas a proposta é a mesma de escrever sobre isso é claro. Ainda no meio digital a gente tem as redes sociais, essas são ainda muito mais interativas do que o blog.

Mino Carta: Me dizem que um retorno excelente. Eu tenho a impressão que isso aumenta o raio de penetração da revista, sem dúvida. Mas eu não acompanho os números, nem o dinheiro envolvido, nada.

Lúcio Flávio Pinto: Eu criei um blog, eu cedi, não sou intransigente, um burro empacado, mas o meu blog não tem fotos, não tem cor, não tem vídeo. Meu blog tem frases curtas, não é sensacionalista, não é impressionista. O meu blog exclui os

leitores mais contumazes, 98% dos leitores da internet não vão ler meu blog nunca, isso me dói.

Alayr Ruiz: Decidi que ia fazer um site em estilo de portal de notícias sobre turismo, gastronomia. Comecei o Lalá Ruiz Notícias Crônicas, vislumbrei a oportunidade de fazer alguma coisa, porque o campo de trabalho está péssimo, para quem é mais velho então. Cargo de chefia como é o meu caso, não tem, ninguém te dá a oportunidade o que eles te oferecem de salário (quando te oferecem) não compensa nem você sair de casa, é um total desrespeito. Nosso mercado está muito ruim. As redações estão cada vez mais enxutas e se você quer trabalhar com jornalismo você tem que buscar um novo viés.

Eleonora Lucena: A gente começou em 2017. Era uma maneira de tentar entender o que está acontecendo, dividir experiências de algumas décadas. Vamos fazer alguma coisa para contribuir, para discutir. A gente mesmo, pessoalmente, entender o que está acontecendo, é o momento de mudanças políticas importantes no Brasil. A revista impressa acho que seria uma tentativa com resultado muito difícil, porque a mídia impressa exige investimentos físicos. Tem um custo fixo, exige formação de uma empresa. Existe uma série de investimento, grana mesmo, e o alcance da mídia impressa nos dias de hoje está muito reduzido. Tinha um desafio de aprender a fazer vídeo, a gente está aprendendo a fazer, todo dia. É uma maneira de tentar alcançar mais pessoas com um investimento que não era muito grande, é baixo a rigor.

Bob Fernandes: Eu saí de uma televisão, não fui procurar nada em lugar nenhum e saí. Na verdade, eu estava com José Roberto Toledo, conversamos já dois anos antes de começar o Terra Magazine, ou seja, quatro anos em fazer um canal de YouTube por motivos outros. Crie o seu caminho, seja como for, aposte no seu caminho. Eu não aceito de cabeça baixa tudo. Não é você rasgar um emprego, jogar fora o emprego, não é isso. Por exemplo, o Caco Barcelos não faz um programa extraordinário na TV Globo? Pois é, ele criou o caminho dele, ele faz um novo programa extraordinário de jornalismo com jovens estudantes.

Cynara Menezes: Eu criei o site porque eu acho que depois dos 40 anos, o profissional de imprensa, o jornalista, tem vontade de colocar sua opinião, coisa que

a gente não faz no jornalismo normalmente, nós somos repórteres, colocamos a opinião dos outros. Pela minha trajetória político-ideológica, eu acho que nunca iam me chamar para ser colunista em lugar nenhum. Na Carta, esbarrava numa idiosincrasia. Os colunistas lá, são os mesmos há anos e são todos homens, aí eu falei, não. Eu quero um espaço para dar minha opinião e fazer algumas matérias que, em geral, o jornalismo não valoriza, que são matérias de pesquisa, matérias históricas, matérias que fazem geralmente num lugar da redação que eu sempre adorei que é o banco de dados. No primeiro momento o que eu queria mesmo era opinar, era colocar minhas opiniões, além dos 140 caracteres que o Twitter original permitia quando surgiu, agora dobrou. (...) Eu realmente sou uma pessoa apaixonada pelo jornalismo digital, eu acho que não tem mais volta pro papel e nem eu desejo essa volta, porque o digital me dá umas possibilidades tão bacanas, sobre o modo do jornalismo. Se você prestar atenção em um post de um site, os intertítulos que é uma coisa que na imprensa escrita tem. No lugar dos intertítulos eu coloco vídeos sobre o assunto, eu encho meu texto de hiperlinks. Porque o jornalismo impresso tem um defeito de origem que é o fato de ser estanque, você termina ali. Com o digital, quando você coloca aqueles links embutidos, que você passa o mouse e vai para outro lugar, aquilo ali você pode passar a tarde inteira lendo um texto.

Eduardo Cerioni: Eu estava no impresso, perdi o emprego. Foi naquele desmonte do Jornal Bom Dia. O que acontece, essa migração é em nome total da economia. Chega uma hora que você fala: 'E aí o que vou fazer?' Vou pedir emprego em São Paulo, tá na hora de eu ficar em Jundiaí e fazer alguma coisa aqui, aí tive a ideia de fazer o site. Com certeza, o papel acabou porque o papel é caro, embora a gente diga que todo mundo gosta de ver no celular não é bem verdade. Tem um povo mais idoso, velho, gosta no papel, tanto é que eu faço dois jornais por ano, duas edições especiais do JundiAqui... Uma redação virtual, trabalha eu em casa, trabalha meu repórter na casa dele, a fotógrafa na outra ponta da linha, a gente vai juntando os três o material, e vai embora. Na verdade, a gente se vê no bar, acabou essa história de redação, reunião de pauta. Reunião de pauta é cinco minutos no "zap".

3- Quais foram as dificuldades encontradas ao migrar para a mídia digital?

Luís Nassif: Veja bem, você está falando daquele negócio de visão de futuro. Quando eu montei a Dinheiro Vivo, eu tenho a apresentação que eu escrevi na época, era o

mesmo conceito da Bloomberg. Nós montamos uma rede de computação, toda as informações iam para um servidor e a partir daquilo você tinha informação digital, tinha informação para boletim para as rádios que a gente fazia. E a gente tentava a informação pelo que se chama hoje de Podcast. A visão estratégica era perfeita, mas para se colocar em prática o que você tem que fazer? Você tem que estar estreitamente amarrado, cada aumento de gasto que você faz em contratação você tem que ter uma contrapartida de receita, aí entra características que eu não tenho, de controle. A gente criou uma baita de uma estrutura, sem ter uma estrutura ainda. O Roberto Campos dizia uma coisa interessante: 'Tem dois erros que se comete na vida, começar muito depois ou começar muito antes', eu cometi o erro de começar muito antes.

Manuel Alves: Eu não digo nem dificuldade, mas foi uma preocupação em começar já a tentando cometer menos erros. Antes do Facebook tinha o Orkut, a gente já tinha mais ou menos essa relação, foi uma adaptação. Só que eu procurei perguntar por exemplo, para quem já esperava essas redes, para quem era técnico e qual, a linguagem muda muito, A lógica muita muito, eu percebi que mudava, o Facebook no início dele em comparação com o Orkut era mais dinâmica do que o Orkut que era mais estático, então eu vi isso aqui, é um canal legal. Porque você pode por texto, vídeo, foto ele tem uma escala grande porque a hora que você se cadastro aí começa a convidar as pessoas e as pessoas começam a te convidar e um dia você vê que já tem centenas de pessoas que estão *linkadas* com você, aí você fala isso, aqui é um canal importante.

Lúcio Flávio Pinto: Quando teve o primeiro encontro dos blogueiros, eu fui convidado como precursor do blog e de jornal impresso em papel, porque eu não aceitava publicidade e publicava matérias alternativas. Hoje, a maioria dos Blogs jamais me convidaria, porque a maioria dos Blogs se tornou partidária, se tornou militante, e eu disse que jornalista não pode ser militante, o jornalista tem o compromisso da militância com a informação seja lá a quem sirva. (...) O leitor da mídia digital, ele nivela pelo mais baixo da humanidade. Então, essa praga da internet, não interessa se é verdadeira, se não é verdadeira, que favorece o fake news, que deixa de fazer as pessoas raciocinarem na análise lógica. Tudo isso é o universo por baixo da

internet que me causa asco, nojo. Faz com que eu chegue aos 70 anos achando que não tenha valido a pena.

Alayr Ruiz: Infelizmente eu tive que abrir mão do meu site momentaneamente, não sei quando eu vou retomar. Meu irmão, era administrador do meu site, ele faleceu, e era ele quem cuidava dos pagamentos da empresa de hospedagem. Eu entrei em contato com as empresas, pedi para passar a receber as cobranças, a empresa simplesmente me ignorou, aí eu fui procurar na internet o que estava acontecendo e disse que essa empresa eliminou o suporte ao cliente, então eu perdi tudo, eu perdi o dinheiro que eu investi. Tenho que tentar reaver o domínio para poder retomar.

Eleonora Lucena: Geralmente a gente faz as a gravação em nosso estúdio em casa, com 3 câmeras, 3 microfones, a gente tem uma mesa de som. É um ambiente relativamente controlado então a gente tem as condições de áudio e vídeo de iluminação, eu faço tudo. Temos uma situação, não digo que ideal, longe de ser ideal, mas a gente tem uma condição, tem o cabo da internet, é uma condição mínima. A gente não tem muito conhecimento de edição de vídeo, então, a gente sempre coloca o vídeo bruto na íntegra. Vamos fazer, como é que nós vamos fazer? Com o celular. Wirecast (programa de streaming) é muito prático. Eu gostei muito de trabalhar em vários ambientes de redação, quinhentas pessoas, foi uma experiência muito boa. Mas agora eu tenho uma satisfação que é muito boa, de fazer o que eu estou fazendo. Trabalhar em casa é uma circunstância porque, a gente não tem patrocínio, então, alugar um lugar e montar tudo isso em outro lugar é um investimento que eu não tenho como fazer. É uma questão prática e objetiva. Eu tenho uma casa que tem bastante espaço que a gente reservou um espaço para fazer isso, comodidade sim.

Bob Fernandes: Eu entendo a filosofia de cada processo é digital, isso não é uma coisa difícil de entender. Mas a manipulação disso, a utilização disso, eu tenho não sei se é preguiça, impaciência. Eu posso aprender uma coisa agora daqui ela no dia seguinte eu vou repetir a mesma operação eu vou ter que pedir ajuda de novo. Eu entendo a filosofia do *game*, mas eu não tenho paciência. Quando começou então um cara, que estava na Folha, era desesperador, que em 1994 eu cheguei nos Estados Unidos eu trabalhei na Folha quando estava começando exatamente, tinha aquele computador, tinha aquela lajota, tinha aqueles controles todos para começar. Mas é

um saco, pra mim aquele é um porre, porque todo dia eu tinha que reaprender aquilo que não tinha paciência, meu hardware não guarda aquilo, entendeu.

Cynara Menezes: A dificuldade foi mais... hackers derrubaram meu site algumas vezes antes da gente estabelecer umas barreiras para as pessoas, impedi-los de derrubar o site e de fazer ao mesmo tempo a Socialista Morena, mas não era assim tão difícil, minha dificuldade maior era... depois, quando eu fiquei independente, é difícil você se manter financeiramente do site. Demorou muito para eu chegar numa situação de independência. (...) Agora, agora eu estou independente financeiramente sem dever dinheiro para ninguém. No início meu irmão me ajudou. Mas eu poderia ter programado melhor esse tempo pra aguentar. Mas assim, eu acho que as coisas já iam se acelerar, muita gente, já tinha quase 500 mil seguidores no Facebook e eu achei que esses seguidores iam se transformar automaticamente em assinantes e não é assim. Até hoje eu mantenho mais ou menos o mesmo número de assinantes, não explodiu nunca, nunca essas 480 mil pessoas passaram a assinar meu site ao mesmo tempo que seria o ideal. Eu poderia a partir daí ter uma equipe, coisa que eu nunca consegui, e agora a parceria que eu estou fazendo com os outros canais, Conversa Fiada, o 247 com a Fórum, é que eu estou conseguindo me manter mesmo financeiramente, sem ficar dura o tempo todo. Mas em termos de gratificação eu me sinto mais feliz hoje do que qualquer época da minha vida profissional.

Eduardo Cerioni: A primeira dificuldade foi encontrar um nome, e a outra, é conseguir um provedor honesto e uma pessoa de TI que tenha disponibilidade. Porque, você contratar um TI para pagar 24 horas por dia não dá. Mas se você tiver alguém que naquela emergência, naquela situação te ajude, é importante. Eu tive um grande problema com o provedor, porque ele começou, “sua audiência está aumentando, sua audiência está aumentando”, e o preço dele foi multiplicando, até chegar um dia que eu falei: ‘Tô sendo roubado!’. Aí eu fui ver com outro provedor, o que eu pagava por mês pro cara, eu pagaria por ano no outro. Eu fui fazer a migração, esse cara me bloqueou, e nós estamos na justiça até hoje, ele me tomou dois anos... bloqueou, eu tive que pagar uma nota, começou querendo extorquir. Criei um novo site, em um outro provedor para começar do zero e até hoje eu tenho uma bronca por causa disso.

4- O jornalismo ganhou ou empobreceu com a internet?

Luís Nassif: O problema da cobertura mídia hoje é o seguinte, você tem um volume de informações como nunca teve. Matérias investigativas que você levava um, dois meses para levantar, agora você levanta em um dia. O grande trabalho jornalístico hoje é a contextualização. Como é que eu pego um volume grande de informações, estabeleço um nexos com elas. Me conta uma história, uma narrativa verdadeira? Eles não fazem. Quem começou a fazer lá atrás, foram alguns blogs alternativos, E hoje você tem alguns sites especializados, nessa de postagens mais aprofundadas, mas essa contextualização, esse papel do jornalismo ser, como eles falam, o monitor da informação, não é feito ainda.

Manuel Alves: Eu acho que essa coisa de você democratizar o acesso à informação é positivo, não tenha dúvida. A pessoa não necessariamente precisa gastar comprando o jornal para se informar, ela tem no mobile dela, pode acessar a qualquer momento essa informação. Isso eu estou falando da democratização do consumo. A democratização da produção também eu acho importante, porque hoje, não só o jornalista é produtor de conteúdos, nós temos outras figuras que produzem conteúdo também. Isso é importante? É importante quando o especialista é sério e fala sobre alguma coisa. O Dráuzio Varella, por exemplo, falando sobre medicina, é importante o que ele fala, certamente ele tem muito mais propriedade de falar do que eu como jornalista entrevistando um médico para falar sobre isso, então ele já fala direto. Esse produtor de conteúdo é muito importante, não é só o jornalista que produz o conteúdo hoje. Só que, é claro, há distorções. Essa democratização do acesso, faz com que tenha um volume, uma massa de informação, que vai exigir de você leitor um pouco de discernimento, do que é sério e do que não é sério, isso é um problema. As pessoas estão muito preocupadas em sobreviver, não dá muito para condenar o cara. Ele não tem muito tempo, ele cria o hábito de ler aquele lugar, muitas vezes ele só tem uma visão única de uma coisa, Por que ele só lê aquilo, ele não vai procurar um contraponto para fazer uma visão crítica Tirar uma posição em relação aquilo, não dá mais tempo, ou ele acha que não tem tempo para isso. Eu acho que isso é um ponto negativo, essa massa de dados na verdade exige mais de quem lê, ele precisa ter discernimento, ele precisa ter preocupação em saber selecionar aquilo que ele leve isso é um problema que a gente tem que superar.

Mino Carta: Se quem pratica esse tipo de jornalismo é o Paulo Henrique ou é Fernando Morais por exemplo, pode tirar proveito sem dúvida. Agora, o instrumento existe, eu sou muito drástico, muito radical nas minhas posições, portanto, não existe para mim. Mas é uma questão muito pessoal, e não sei até que ponto ela é eficaz, mas que é inegável que hoje em dia é difícil, senão impossível negar esse meio de comunicação, então eu obedeco a essa indicação dos especialistas.

Lúcio Flávio Pinto: É decepcionante a recepção aos textos na internet, eu não fiz nenhuma concessão formal de instrumento à internet, meus blogs são textos longos, não tem foto, não tem vídeo, não tem nenhum atrativo gráfico, são textos analíticos, como o impresso. Eu já faço uma seleção entre aqueles que vão se interessar, que é um universo pequeno. Ao invés de trazer para o impresso a internet, eu levei para internet o impresso. É uma experiência fadada a ser limitada, de alcance limitado, não tem a vantagem da internet, de uma propagação intensa, mas ela exclui exatamente aqueles que transformaram a internet no asilo de loucos. A linguagem que a internet impõe eu jamais vou adotar, nunca, vou morrer sem adotar.

Alayr Ruiz: Eu acho que tem bons jornalistas na mídia digital sim. Como também tem jornalistas ruins, no ainda resta de mídia impressa. Mas o que eu penso assim é que o brasileiro em geral... Tem dados, se você procurar na Câmara Brasileira do Livro eles tem alguns dados, o brasileiro lê muito pouco. Via internet, eu acho assim que, eu acredito que a gente tem uma boa parcela de analfabetos digitais, só pessoas que tem acesso ao mundo virtual mas que não sabe muito bem o que fazer com eles quando o final eu vou te citar um caso aí: eu estava na manicure e a manicure comentou com outra cliente, “Ela tem um site na internet?”. Aí a mulher falou assim: “Mas está no Facebook?”. Eu falei: Não. O Facebook é rede social. Tem uma fan page que você me segue e você fica sabendo das novidades, mas para você ler o que está no site você tem que entrar no link do site para ler o conteúdo. A pessoa não entendia, porque pra ela que tem o acesso aqui no celular, internet é Facebook e Whatsapp, quem nem é internet, Whatsapp é um aplicativo de mensagem. Ela está no mundo do Facebook, porque não tem familiaridade. E tem muita gente assim. Eu acho que o desafio hoje do jornalista é manter sua relevância, porque a gente está num momento muito delicado de fake News, com tudo, a imprensa muito desacreditada, as pessoas

preferem acreditar no mêmeme, preferem acreditar num comentarista x,y,z, do que ler uma reportagem e questionar, dá trabalho você ler, você procurar entender.

Eleonora Lucena: Olha a gente não pode culpar a internet por problema no jornalismo. A internet é outro meio de transmissão, é um dado que a gente tem que lidar, então não é que tenha prejudicado, é uma ferramenta que tem a vantagem muito boa da interação, que a gente não tinha nos meios tradicionais dessa forma, tinha de outras formas. Antes as pessoas tinham que mandar uma carta para o jornal, esperar. No rádio tinha um retorno maior, televisão praticamente não tinha. Essa interação é muito importante. As empresas que produzem jornalismo numa posição menos imperial que havia, esse evento de alguma maneira pode transformar as empresas que precisam olhar mais para seu público. O jornalismo e a tecnologia sempre melhora, mas não é que as coisas melhorem por causa da tecnologia. A tecnologia é uma plataforma que vai se modificando e você vai aproveitando dela e tendo mais recursos. Ela pode ser aliada ou não. A tecnologia, se você pensar, que nós vamos ter esse ano vídeos forjados, gravações forjadas, fotografias forjadas, tudo isso vai fazer parte do nosso mundo já, isso a tecnologia está trabalhando nesse sentido contra a verdade, contra o jornalismo. A tecnologia depende de como ela é usada. Ela em si não é nada, ela facilita, mas o que importa é o que você tem para mostrar a informação que você quer dar. (...) Eu acho que o jornalismo não está morrendo e não vai morrer, o jornalismo é uma profissão da qual a sociedade necessita, é uma profissão que busca mostrar a realidade. E o que a gente vê as vezes é uma cacofonia, uma produção de conteúdo que não é jornalismo exatamente. Isso muitas vezes leva à difusão que informações erradas, distorcidas, mentiras. Mas o jornalismo tem uma função social para além desse momento histórico, e de quem está me vendo aí tem uma função social que permanece, embora hoje esteja muito machucado. Com poucos investimentos aqui no Brasil e no mundo todo, tem uma crise no modelo de negócios do jornalismo mundial. Agora o jornalismo, ele permanecerá. Pode estar com maior dificuldade agora, problema de investimento, mas ele é uma necessidade, porque é uma forma da sociedade discutir os problemas delas mesmas, não tendo o jornalismo você fica numa selvageria informativa que não sabe o que é separar o joio do trigo. Assim é uma coisa muito, muito complexa pro cidadão, então uma cidade que busca, precisa de jornalismo.

Bob Fernandes: Ele ganhou obviamente, mas ele empobrece também porque ao tempo em que ele facilita extraordinariamente o acesso à informação ele também facilita o não necessário rigor na apuração da informação. Eu tive uma escola de jornalismo por exemplo na época da Veja que era muito ruim o resultado final porque a gente mandava relatório e eles publicavam, faziam o que queriam mexiam no texto, não era assinado, não era autoral, eu lembro que eles ficavam muito bravos comigo que eu mandava um texto construído, eles queriam só a informação para poder mexer e quando mandar pra construído, eles tinham o trabalho para poder desconstruir, para poder usar. Mas eu eu fazia de propósito já. Mas é uma extraordinária escola de apuração, sentir tudo no detalhe, o nome, o endereço, a hora a rua, tudo. Agora isso foi para fragilizado bastante entende, porque as pessoas, basta você citar alguém que falou, ah mas se era mentira, sinto muito, não sei quem já publicou. A gente tem que ter muito cuidado com isso, inclusive, por isso que eu boto o tempo todo aquelas manchetes ali do lado confirmando o que está dito para as pessoas verem. É óbvio que é extraordinário o avanço, nós estamos aqui fazendo jornalismo de um jeito ou de outro nessa conversa, e isso é possível porque tem internet, mas por outro lado. Mas não é uma questão isolada, aí entra questões mais complexas.

Cynara Menezes: Eu acho que o que empobreceu o jornalismo não foi a chegada da internet, foi a transformação do jornal. Aqui no Brasil, foi a transformação do jornal em partidos políticos. O jornalismo foi extremamente afetado pelo fato do antipetismo. Eles passaram a não produzir nada além disso, eles passaram a perder o senso crítico em relação a isso. Tanto é que hoje, a ombudsman da Folha, por exemplo, fala que a postura do jornais em relação à relação a Lava Jato foi muito subserviente, eles agiram como se fosse assessoria de imprensa. O cara chegava lá transmitia para o jornalista aquilo, ele jogava para o jornal e dizia que isso era jornalismo investigativo, como assim? Qual o trabalho que ele teve? Receber do procurador a notícia e publicar no jornal de forma acrítica? Vou citar um exemplo de empobrecimento total e de um acontecimento super antiético na nossa profissão. Foi o fato dos jornais terem divulgado a conversa da dona Marisa com o filho dela. Eu pergunto a qualquer colega, se eu tivesse a oportunidade de perguntar: Se fosse a dona Ruth Cardoso você publicaria? Não publicaria. Porque é antiético, e outra, é ilegal você grampear uma conversa particular de alguém.

Então hoje você vê muitos jornalistas dizendo, “nós somos éticos” e, no entanto, foram os primeiros a divulgar essa conversa da dona Marisa com o filho. Isso nunca entraria nos jornais que eu trabalhei, se os jornais não tivessem sido dominados por esse sentimento, valia tudo contra o PT, inclusive esquecer a ética da nossa profissão, eu acho que isso empobreceu demais o jornalismo brasileiro. Eu acho que hoje, que as pessoas estão descobrindo o que é fazer jornalismo digital, eu acho que outros países principalmente os Estados Unidos, tem utilizado o jornalismo digital, da maneira que ele é bacana, para fazer grandes reportagens, porque não tem a limitação do papel. No papel você tem 45 cm, como era na folha, é o máximo que você tem de espaço, no digital não você faz o quanto você quiser, lê quem quiser. Tem alguns sites como uma agência pública, por exemplo é que tem feito no digital, muita reportagem de fôlego e os jornais abandonaram esse tipo de reportagem. (...) Na nossa época era o repórter, o fotógrafo, cada um tinha sua função, agora eles querem que o jornalista seja multi-tarefas ou seja, eles querem que o jornalista filme, escreva, grave, fotografe, isso eu acho uma esculhambação. Porque o fotógrafo tem um olhar específico. Minhas fotos nunca foram boas como a de um fotógrafo profissional e nunca serão. Fotógrafo tem que ser valorizada, eu vejo que estão demitindo todos os bons fotógrafos e fazendo os repórteres de fotografarem, além da qualidade do material cair. O Estadão, ele mantém o seu fotógrafo.

Eduardo Cerioni: Eu tenho uma filha que acabou de fazer 24 anos agora em setembro, é jornalista no site da revista Exame, tem dia que nem almoça, não janta, não dá, porque tem que acompanhar a coisa em tempo real. Eu falo, essa é uma vantagem que eu consegui, estar no mundo online, estar no virtual, sem precisar estar nessa loucura de sair correndo atrás, disparando notícias para todo o lado para ter uma audiência. Eu tenho uma audiência, acho que diferenciada. Uma coisa que faz muita diferença no meu site é a coisa da opinião. Você deve ter visto um monte de “carinha” lá embaixo. As pessoas escrevem com certa regularidade, alguns não estão escrevendo como deveriam, preciso até renovar as pessoas e tal, porque chega um momento que elas já não têm tanto conteúdo, não recebem nada para escrever. Então eu diria que são formadores de opinião voluntários. Mas alguns escrevem com um grande frequência, eu tenho um número de acesso por conta disso, pessoas querem ver o que o José Renato Nalini, que já foi secretário de educação, que já foi presidente

do Tribunal de Justiça está escrevendo e ele é de Jundiaí, por isso que ele está escrevendo. Tem outras figuras que acabam movimentando bastante o site, isso eu devo a eles, quando eu faço festa, não esqueço deles não.

5- A alteração no perfil do jornalista da velha mídia tem causado muito desemprego?

Luís Nassif: Na Folha, quando começou essa restrição monumental, alguns dos jornalistas lá, a maneira de preservar o emprego foi uma “puxação de saco” assim, uma submissão ao jornal. Outros foram cautelosos e mantiveram a linha e estão até hoje fazendo um trabalho excepcional. Tem o Jânio de Freitas, por exemplo, foi colega de Conselho da Folha. Eu sempre tive um temperamento mais teimoso e prudente em relação as restrições, não tenho jogo de cintura para suportar restrições, se não fosse a internet e tudo, eu estaria escrevendo minhas memórias em algum lugar aí, ou estaria como muitos jornalistas aí desse período. O que fizeram jornalistas conhecidos? Ficaram como assessores de setores que eles cobriam antes. Tem muita gente boa, de primeiro time: assessor da Febraban, Fiesp... Que era o refúgio é digamos, do jornalismo aposentado uns até com bons salários e mantendo um bom nível de compreensão da realidade. Agora, eu não teria jogo de cintura para isso, se não fosse a internet, com todas as dificuldades que você tem, assim, de lapidar seu patrimônio para manter o sonho, eu estaria na minha cidade escrevendo crônicas, contos e memórias.

Manuel Alves: Eu acho que nem todo, mas em parte sim. Um, por problemas estruturais que a gente sempre teve, empresários sempre pensam em ganhar mais, mesmo nas redações analógicas, a gente tinha esse fenômeno de se desfazer de profissionais mais experientes e contratar profissionais recém-formados, por exemplo, como uma forma de economia, isso sempre existiu, em redações de jornais, rádio, TV, sempre existiu e vai continuar existindo. Agora ainda tem esse fator que eu diria que é uma nova linguagem, uma nova plataforma exige uma nova habilidade do jornalista além daquela que ele tem. Saber perguntar, saber escrever, saber raciocinar, saber fazer correlação entre os assuntos, saber contextualizar, ele tem também que ter essa informação de como fazer aquilo, como manipular, ele tem que se reinventar, ele tem que se atualizar para poder fazer o melhor uso dessa ferramenta.

Mino Carta: Foi o meu caso, eu saí da Editora Abril, da Veja, que eu dirigia, em fevereiro de 76, nunca mais houve quem me oferecesse um emprego, então, eu tive que inventar o meu emprego. Eu fundei aí IstoÉ, depois veio a Senhor, depois IstoÉ Senhor e depois a CartaCapital. É uma migração obrigatória, obrigação necessária para sobreviver.

Alayr Ruiz: Várias funções foram eliminadas. Digitação, revisão, *past up*, que era quem mandava o jornal, hoje essa função já foi substituída. Hoje você tem os programas de edição. Então, em alguns veículos você já tem seu espaço delimitado na página, você tem que escrever ali e pronto. É diferente na internet. (...) Os cargos vêm sendo ocupados, não porque você é o melhor, não é recentemente, isso é só uma realidade, eles querem pagar menos. Eu recebia um salário x, o editor que fazia a minha função hoje recebe 40 a 30% do que eu ganhava e olhe lá ainda. Tá muito ruim o mercado. Aí eu fui para a internet para tentar fazer alguma coisa, mas é muito difícil, porque a minha geração a gente foi feito para ser empregadas, não para ser autônomos, então é muito difícil, tem algumas pessoas, claro da minha geração que, desde o início já partiram para uma assessoria Mas são poucos, mas a grande maioria foi treinado para ser empregado, Na faculdade as aulas eram para você trabalhar no jornal, para trabalhar em rádio, na TV. A gente tinha algumas aulas de assessoria de imprensa, não é como hoje, é diferente, o mercado para o profissional de comunicação está bem diferente, tem muitas vagas em assessoria de comunicação em que o jornalista acaba fazendo mais um trabalho de relações públicas do que jornalismo propriamente dito.

Eleonora Lucena: Essa questão tecnológica não é um empecilho. E também, pessoas que não tenham conhecimento tecnológico sejam alijadas, não sei se isso é verdadeiro. O importante do jornalismo é sempre o conteúdo, independentemente da sustentação tecnológica. Não tenho nenhum exemplo de uma pessoa que foi alijada do mercado por não conseguir se adaptar. Eu lembro quando eu entrei na Folha, a Folha em 1984, foi o primeiro jornal a colocar computador na redação, mas eu comecei a trabalhar com a máquina de escrever. Naquele mesmo ano que foi introduzido o computador, imagina, o computador era um editor de texto, isso foi se modificando e sempre tinha alguém ... “Ah isso não vai funcionar. Eu não sei fazer. Eu não quero fazer”. A mudança tecnológica sempre existiu em qualquer profissão. Tentam estudar,

mudar a perspectiva, nenhum trabalho é estático no tempo, está congelado, fossilizado. Qualquer um, o engenheiro, o médico, eles têm que estar sempre aprendendo, assim é no jornalismo também. Não vejo nenhuma coisa diferente disso, é mais um aprendizado que qualquer profissional tem que ter na sua profissão. Agora os médicos têm que fazer as cirurgias remotamente, por computador em 3D, tem que aprender a fazer isso também. É da realidade do mundo em que a gente vive, tem que aprender sempre.

Bob Fernandes: Eu não sei. Em 1994 eu fui fazer a CartaCapital e a CartaCapital era um mundo muito paralelo, pela revista primeiro mensal, depois quinzenal. Eu fiz 105 capas. Eu estava sempre viajando e eu não convivia com as redações mais. Estadão, Folha, eu não convivia, eu tinha amigos, colegas, mas eu não convivi, eu não vivi na redação. Tipo Folha, nesses tantos anos eu vivi primeiro da CartaCapital que é um mundo à parte, eu vivia viajando fazendo matéria pra lá, pra cá. Depois eu vivi o Terra Magazine aquela que era a minha redação, uma outra coisa. Então certamente tem, mas eu não convivi com isso. Eu não estou na redação há mais de 20 anos, mas acho que ninguém perderia o emprego por não saber usar. A mudança geracional que teve não foi por isso não, foi a mudança geracional porque começou a baixar o salário, etc...

Cynara Menezes: Eu acho que o problema não são nem as outras profissões que estão jornalismo, o problema são pessoas que fingem que são jornalistas. Eu acho que essas são as problemáticas que abrem um site para transmitir fake news e se dizem jornalistas como é o caso desse grupo ligado ao Bolsonarismo, onde ninguém é jornalista e o que eles fazem não é notícia, o que eles fazem é usar um canal pseudojornalístico, pra difamar, caluniar, perseguir, incitar o ódio das pessoas... Então essas pra mim são mais perigosas. O fato de médicos, advogados, essas pessoas estão sendo jornalistas de algumas formas, sendo comentaristas eu acho menos ruim, natural até. Porque sempre houve um especialista médico dentro da Folha, sempre houve um especialista jurídico, sempre teve a figura do especialista. E eu acho que áreas assim como histórias, ciências política em geral costumam dar bons jornalistas, uma boa formação cultural. A concorrência na nossa profissão sempre foi alta, essa é a verdade. Desde a faculdade, era um dos cursos mais concorridos, era jornalismo. E na profissão também, e agora tem esses cursos de trainee, que a única maneira

que as pessoas têm para entrar na profissão. Na minha época eu ainda peguei, no finalzinho, eu me oferecia para trabalhar nos lugares. Por que que eu comecei a trabalhar na Folha? Porque eu peguei meu currículo e fui lá na folha me oferecer. Como eu trabalhei no jornal de Brasília? A mesma coisa, eu cheguei da Bahia com minha pastinha de matérias, fui no jornal de Brasília, apresentei e comecei a trabalhar. Eu sou favorável que o jornalista seja sempre um cara de pau. Eu pedi emprego, na maior parte que eu trabalhei na imprensa, eu pedi o emprego, não fui convidada.

6- No início, você contou com o auxílio de alguém para sua inserção na Web?

Luís Nassif: No Jornal da Tarde eu montei o projeto e aí o Mitre passou para o Celso Ming tocar. Daí eu montei o Jornal do Carro, que ele passou para outro montar. Na Folha eu montei a seção... Quando eu montei a Agência Dinheiro Vivo, tinha um grupo de mercado que me procurou na época, gostava muito do programa que eu tinha na TV Gazeta e se dispôs a entrar como sócio. Entrou um bom capital na época. Tinha uma equipe de 20, 30 pessoas.

Manuel Alves: Eu saí do jornal, fui para a Unicamp, e continuava fazendo o blog. Mas o que acontece cá entre nós, o Correio sofreu uma perda enorme de credibilidade, de leitores, eu sentia que o blog já não repercutia tão bem, tinha muito pouco leitor, como eles faziam toda essa parte técnica, eles que controlavam essa coisa de visita, eles que pegavam o dados e me passavam, e eu comecei a ver que caiu demais, as pessoas estavam desistindo do Correio por causa de uma série de coisas que aconteceu. Quando eu senti que realmente o Correio já não dava mais, que eu tinha um público muito pouco, um décimo do que eu tinha antigamente, então eu falei, está na hora de ir pro Campinas, por que o Campinas além de ter uma audiência muito grande, ele é um site voltado para a cultura, turismo, entretenimento, então a gastronomia está totalmente incluído neste caso, e o Correio é o clínico geral, fala sobre tudo. E eles falam basicamente sobre essas questões.

Alayr Ruiz: Meu irmão fez tudo para mim, meu irmão trabalhava com a internet, administrava para os sites, ele que fez para mim ele que criou, ele que fez tudo. (...) Eu fazia tudo (editorial), eu postava, eu que alimentava o site, mas não fui que desenvolvi, a gente discutiu o que eu queria, como é que eu queria que fosse, e a gente chegou a um modelo visual, o que me agradasse, ele fez o logotipo, ele fez

tudo. Eu tive depois alguns colaboradores que eu criei um blog nerd, era um casal de amigos e um blog de dicas de inglês que a minha irmã que fazia, ela é professora de inglês, chamado o Blog da Teacher. Aí a gente fez esses dois Blogs que era o Caverna Pop e o Blog da Teacher, e o que eles não faziam, o resto era eu quem fazia tudo. Mas essa parte técnica era meu irmão. Mas agora no momento eu não tenho como investir em contratação de um novo desenvolvedor, de alguma coisa pra fazer isso pra mim, um webdesigner, são os profissionais ligados à construção de sites.

Eleonora Lucena: Tivemos auxílio de muitas pessoas, amigos, e novos amigos que fizemos nesse período. A gente teve o apoio de uma pessoa para desenho do site você, tá lá no site, tem os nomes das pessoas que nos ajudaram. Tivemos o apoio na questão do som também, da iluminação. Foi uma amiga nossa que viu vocês precisam melhorar o som. Fulano está a fim de ajudar, foi lá passou um dia conosco, vocês precisam ter isso, isso, e isso e aí a gente foi seguindo essas orientações. (...) Teve um investimento sim, mas não foi um investimento de vulto. Na Santa Efigênia, você encomenda câmeras e microfones. Nosso primeiro microfone custou 100 reais, só pra ter uma ideia, então nós não gastamos muito para o básico que a gente tem. Hoje tudo é muito mais fácil, tem celular, a tecnologia facilitou muito, embora às vezes complica, às vezes você não sabe por onde andar, tem outros desafios diferentes. Antes a gente tinha que fazer tudo por telefone, você tinha que se deslocar, tinha que fazer em papel, era outro processo produtivo que exigiu sempre aprendizado o tempo todo, é errado pensar quem estava no mundo do papel estava tudo normal. Sempre temos que aprender outras coisas, hoje temos facilidades. O ritmo é diferente hoje, é porque eu estabeleço ritmo que eu quero fazer, que eu não quero fazer.

Bob Fernandes: Aqui em casa tem o que minhas filhas chamam de “a hora do berro”, é a hora que eu não estou entendendo alguma coisa e eu grito. Eu não estou entendendo, ah esse botão aqui, como é que eu ligo? Como agora, na hora do Zoom, eu não tinha usado ainda, a gente tentou abrir via celular, mas tinha que ter um credenciamento lá, um Google mail, sei lá o quê. Ah não, vamos pelo computador. (...) Eu conto com ajuda. Eu tenho uma câmera, que na verdade é um filmmaker, o Miguel Breyton, estudante de história da USP. A família dele tem a Quanta (produtora), é amigo das minhas filhas desde pequeno. Ele é um cara que me ajuda muito. No Facebook eu não posto o vídeo todo lá, para que não canibalize, o que, eu

faço no YouTube, o YouTube é que me paga ou com publicidade, embora eles me desmonetize toda hora, que isso é outra questão, ou via Catarse, que é a plataforma onde as pessoas colaboram comigo e com a equipe. Então eu subo um trechinho. Eu digo ou ele diz mais ou menos qual é o trecho legal que a gente escolhe, no analógico a gente chamaria de “chamada”. Então tem o Miguel que nesse momento não está me ajudando nesta questão de filmar, porque eu estou fazendo aqui em casa. Quem edita é o Yury Rosat, o Miguel é o filmmaker, mas que me ajuda a montar os teasers. Por exemplo: aqueles inserções no canal, eu estou aqui no sábado, no domingo pensando o que vou fazer pra terça ou hoje ou amanhã o que vou fazer pra quinta, cada vez que eu vejo uma coisa que me importa, eu estou falando com fonte, eu fotografo aquilo no celular e mando pra eles dizendo: vai pegando isso e na hora a gente escolhe, pra gente já ter as inserções e nesse pegando as inserções eu já vou construindo... por isso que eu digo que tem a ver com o cinema lá de trás, nessas imagens eu já vou construindo a narrativa, mesmo que eu vá pegando sem pensar, mas aquilo já é uma construção da narrativa, o que me chama atenção. No momento, a gente está fazendo de uma outra forma. Tem um Mac aqui, pra você ver como o moderno e o velho se misturam. Mas como eu uso o teleprompter, porque são textos muito grandes e as vezes muitos concatenados não dá pra fazer de memória. Quando eu vou gravar aqui, se a câmera está aqui em cima (do computador), se eu ficar lendo tudo, então os olhos abaixam e eu não vou ter um contato visual com a pessoa que está me vendo. Eu grudei aqui me cima uma caixinha de áudio cassete, e naquele buraquinho onde a gente colocava a fita cassete tá o celular deitado. Então eu leio as primeiras três linhas, memorizo e a gente vai parando, é a maneira que tem de gravar agora nestas condições (referindo-se a pandemia). Dá um trabalho brutal. Eu gravo num apartamento aqui perto, no apartamento do Luís Fernando Veríssimo, como ele não usa, eu uso como estúdio. Estou gravando em casa agora, eu trouxe as luzes nesse mesmo lugar. Aqui é um computador HP, um Mac, eu gravo aqui, com os livros aqui no fundo. Eu uso microfone no celular, então o áudio fica legal. As primeiras gravações, se você pegar quando começa a quarentena, tá escura, eu estava gravando no Mac direto, mas não estava legal. A gente começou a gravar no celular, a câmera do Apple é muito melhor, mesmo sendo 8, eu conecto o som e fica a qualidade legal e a luz também, estamos fazendo assim como é possível. Para você ver como é um pterodátilo, como é uma coisa de você entender a filosofia mesmo que você tenha inaptidão ou dificuldade técnica.

Cynara Menezes: Não. Houve período curto, no ano passado, o nome dela está até no expediente, uma colega minha estava desempregada e ficou uns meses comigo, mas fora isso não, basicamente tenho feito o site sozinha nesses 8 anos.

Eduardo Cerioni: Minhas filhas me ajudaram bastante no início. Primeira coisa foi bolar: O que eu quero? Ah, eu quero um parâmetro que nós vamos usar. Vamos usar o Uol, o Uol é bonito, o Uol é aquilo. Então a partir daí vamos fazer um desenho dele na mão, igual eu fazia do Jornal, igual uma capa de jornal, eu desenho a capa do meu site. Eu desenhei uma página interna que era para repetir para toda as outras. A partir disso, feita a diagramação como se fosse uma página de jornal, vamos achar quem transformes o para a internet, para o digital, foi então que eu encontrei uma agência de comunicação de Jundiaí para me ajudar. Nós fechamos uma parceria que durante o primeiro ano ele poderia por “x” anúncios de parceiros dele, em troca de criar a estrutura do site e me dar assessoria. Durou um ano e depois não deu muito mais certo, eu comecei a ver que eles estavam ganhando muito dinheiro em cima do meu trabalho, era muito mais barato eu contratar um TI. Nós fomos negociar não deu muito certo, aí nós separamos. Eu contratei um TI, e esse menino é meu amigo de futebol. Então, foi ótimo enquanto ele tinha um emprego, mas na hora que ele mudou para São Paulo, mesmo sendo online a comunicação, perdeu um pouco, ficou meio distante, hoje eu tenho um “figura” de Valinhos que tem uma agência lá, e de noite da casa dele ele trabalha para mim quando eu preciso mudar alguma coisa. (...) Ah, por exemplo, todo mundo podia copiar tudo do meu site. Você podia copiar a foto, hoje você não pode mais, então são coisas que eu vou aprimorando. É uma dificuldade que eu tenho o anúncio de que o *feed* aparece na minha página no notebook, na minha página no computador e não aparece no celular, por quê? Como é que explica isso? Ele está lá tentando resolver, disse que essa semana ele vai conseguir me resolver, porque eu nunca tinha notado, eu nunca tinha percebido, mas o anunciante percebeu, lógico. ‘Por que o nosso anúncio não sai no celular?’ Eu tenho que correr atrás disso porque a cada 10 acessos meus, 7 é pelo celular. Então eu dei um outro tipo de anúncio para ele, para ele aparecer no celular, até que eu consiga resolver essa questão técnica. Então esses “detalhinhos” eu não mexo com isso. No começo era a dificuldade “como é que eu vou postar isso e fazer um link, não sabia?” e era a minha filha, essa que já fazia jornalismo e tal, e que já nasceu com o celular, o povo sabe se mexer, sabe fazer e era ela que me ajudava. Mas a menor é melhor (filha

mais nova), que faz dança na Unicamp, tem 18, essa é melhor para me ensinar. Ela mora em Campinas, mas quando eu preciso de ajuda ela é mais aberta em me socorrer. Mas vou falar pra você, tem horas que é melhor perguntar para os filhos dos outros (rsrs). Eu acho que não tem volta. O caminho do impresso não tem volta.

7- Você consegue viver financeiramente do seu site?

Manuel Alves: Não ter patrocinador é um problema. Porque aquela coisa também o jornalista não foi treinado para vender, a gente não sabe vender, e essa parceria Campinas acho que deve ser bom também porque deve aproveitar a área comercial do campinas.com para a busca dessas coisas de patrocinador, é um blog independente até aqui. Geralmente ele gera mais rendimentos secundários. O blog em si, ele não me dá nenhum rendimento, mas ele me gera trabalhos. Através do que eu publico as pessoas ficam sabendo. Por exemplo, gera eu fazer uma palestra, dá uma aula show, fazer um trabalho de *personal chef*, aí eu cobro, as pessoas veem o meu trabalho dizem: “Poxa, esse cara é legal”.

Alayr Ruiz: Mais ou menos, empatado (na época do site). Posso dizer que eu tive mais prejuízo do que alguma coisa, por inexperiência mesmo. Não sou boa de vender, não sei me vender. Por isso é que agora eu estou nesse projeto com as amigas, porque são perfis bem diferentes, uma inclusive tem mais experiência nessa área, e a gente tem a esperança de ser uma coisa bem-sucedida. Ela é mais ligada à negócios, ela é jornalista, mas ela tem experiência em negócios digitais.

Eleonora Lucena: Isso aí não, tenho um pagamento muito marginal muito pequeno do YouTube. Nosso investimento em câmera, em computador, coisa básica que não foi muito, praticamente a gente zerou isso, mas a gente não tem. Também pela forma que a gente faz, a gente não faz nada patrocinada A gente também não foi buscar isso, quanto se monetiza, mas é uma coisa muito pequena, na verdade nós estamos nos alto financiando, o que o YouTube nos monetiza é ridículo é muito pequeno não dá para dizer que é uma coisa que dá para sustentar uma família, uma empresa, que seria legal, claro, A gente também não está focado nisso, as pessoas que vão buscar patrocínio, a gente não fez isso . Depende do modelo de negócio, tenho que fazer e ver. (...) A gente já está numa fase da vida em que a gente pode se dar o privilégio de fazer isso e o retorno ou não, a gente está deixando em segundo plano pode final a

gente até quer buscar isso, mas não tem como fazer isso a gente quer patrocínio a gente quer anúncio, são duas pessoas, isso aí exigiria um outro investimento. A gente nunca fez nenhuma transmissão impulsionada, nunca pagamos nada para nada. É um site muito pequeno um canal muito pequeno e aí a gente vai vendo o que é que rola.

Bob Fernandes: É até público, se você for ver lá no Catarse, eu consigo um dinheiro que dá pra pagar os meus meninos da equipe e minhas despesas básicas aqui. Eu felizmente dirigi redações 25 anos, já estou numa posição mais ou menos tranquila em relação ao be-a-bá, o básico, o feijão com arroz, mas eu consigo sim. Se você for ver lá... não estou divulgando, mas consigo, o mínimo para poder pagar as pessoas que me ajudam, para pagar minha operação, tudo que eu comprei, equipamento... Mas não dependo disso para sobreviver e pagar minhas contas todas, felizmente tive muitos anos antes, mas acho que é possível sim . Acho que quem faz isso, se fizer pra valer, com o trabalho pesado que a gente está tendo, consegue. Dependendo claro, das pessoas toparem colaborar, doar, fazer a colaboração. Eu dependo da colaboração das pessoas, enquanto elas tiverem colaborando, ok. Se elas pararem de colaborar não tenho como pagar os meninos.

Cynara Menezes: Agora sim, depois, quando eu fiquei independente. É difícil você se manter financeiramente do site. Demorou muito para eu chegar numa situação de independência.

Eduardo Cerioni: Eu tenho patrocinadores fixos. Alguns desde o primeiro dia, Max Shopping desde o primeiro dia. O primeiro dia que foi no ar já foi pro comercial da Maxi Shopping, da Algebran, e os outros foram entrando para o caminho. (...) Dá para viver do JundiAqui, mas é assim: você tem que ser firme. O que é ser firme? As pessoas acham que eu sou um cara alegre, gosto de tomar cerveja, dar risadas, fotografar mulheres bonitas e basta ele me convidar para ir, não vou assim. O ser firme é isto, o almoço mineiro que eu fui ontem lá para ajudar a igreja, lançamento de um livro, tem algumas coisas que você não vai por preço, você vai porque isso é notícia. Agora o cara vai inaugurar a lojinha de sapato dele que ele reformou, ele contrata a faxineira, ele contrata segurança para reparar o seu carro, contrata foto que você tira na hora , põe o bife, põe o espumante, ele paga tudo, mas ele não quer pagar

você, ele quer que você vá lá trabalhar em troca de tomar um gole de cerveja. Então eu falo, para tomar cerveja, eu fico no sofá da minha casa, não tem lugar melhor no mundo. Esse tipo de ação que é todo pago o que tem ingresso cobrado, eu acho que por respeito se ele quiser a cobertura do meu site ele tem que pagar também. (...) Eu tento ser o mais claro possível. Para os amigos eu dou uma oportunidade, eu vou mostrar o meu trabalho. Se você vai fazer uma festa eu vou lá cobro a festa te entrevisto, publico, o meu cartão de visita é esse. Mas agora numa segunda vez você me paga ok. Às vezes, os mais chegados, às vezes para quem eu sinto que está querendo criar uma relação, você entende que é uma pessoa as vezes que é uma promessa. Porque se eu não cobrar, eu tenho condomínio para pagar, tenho plano de saúde, prestação do carro, se você for contar esse dinheiro precisa sair de algum lugar, o JundiAqui tem que me pagar isso, a hora que ele não me pagar eu paro e vou trabalhar de outra coisa.

8- Qual sua relação com as redes sociais?

Manuel Alves: Íntima.

Mino Carta: Eu não me aproximo de um computador por nada deste mundo, tenho medo do computador ele me engole como engoliu a maioria dos brasileiros que são integrantes de um povo muito atrasado, muito primário, aqui vigora ainda a idade média, ponto final.

Lúcio Flávio Pinto: Nenhuma. Eu tenho um Face, que eu não alimento, que eu não vejo. É um amigo meu que disse: “Lúcio tu tens que ter um Face para reproduzir tuas matérias” Aí ele fez, não sou eu e nunca vi. Só quando ele me diz: “Lúcio tem uma pessoa pedindo uma opinião tua, tem uma pessoa te felicitando”. Ele me manda e eu respondo. Acho a rede social é o vírus negativo, o vírus agressivo da internet. Eu sempre fui refratário à internet. Eu não tenho celular até hoje.

Alayr Ruiz: Eu aprendi rapidinho, porque eu gosto. Eu gosto de internet, eu gosto dessa coisa de mídia social. Eu tenho conta em tudo. Tenho até canal no YouTube, nunca fiz um vídeo, eu falando. Fiz porque eu montei uns videozinhos para acompanhar algumas matérias minhas, do blog, do site, então tem lá cinco vídeos ou quatro vídeos, acho. Era para ilustrar a matéria. Sabe montagens com fotos.

Bob Fernandes: Eu uso muito, muito, muito. Aliás, eu escrevo eu pesquiso muito dado, muita coisa usando o digital.

Agora você está pergunta eu tenho paciência, eu não tenho saco eu acho que o futuro será eu dou a ordem aqui o negócio acontece entendeu, oralmente. Até porque essa é a forma que você tem que acho que existirá e terá de incluir as milhões, bilhões de pessoas que não estão incluídas nesse processo. Por exemplo, com 5 G a humanidade vai se divide radicalmente quem tem acesso e quem não tem acesso porque vai ser uma conexão total de quase tudo, entende, então eu acho que inevitavelmente se o mundo melhorar, não for essa coisa de “um clube para poucos”, vai ter um comando vocal para que as pessoas possam acessar até que não tem sentido você não tem um comando vocal amplo para todo mundo ainda acessar as coisas, entendeu, não tem por que. Não sei se isso é um truque ainda. Porque na verdade como você não tem capacidade de consumir nesta dimensão então não se importam com isso ainda né, mas na hora que as pessoas tiverem a capacidade de consumir. Assim como você tem a Siri e outras coisas que você dá o comando e aquilo lá é feito.

Cynara Menezes: Eu já tenho meu Twitter que eu gosto mesmo de mexer, tenho o canal do Facebook do Socialista Morena e eu uso esse do perfil do site quando eu quero colocar alguma coisa. Eu realmente acho que a gente está nas redes sociais demais, eu acho que eu não preciso de mais uma rede social. (...) Eu tenho um pouco de preguiça de ter tantas redes. Por exemplo, o Instagram do Socialista Morena, eu só fiz porque tinha um impostor lá querendo se passar por mim, qualquer espaço que eu não tenha perfil, alguém vai entrar e fingir que sou eu, isso é a verdade. Então você vê que eu não tenho perfil do Instagram pessoal, é só tenho do Socialista Morena por essa razão.

9- Qual o legado ou mensagem que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

Mino Carta: Não sei, vou pronunciar palavras, não sei se tristes ou melancólicas. Não tenho nenhuma confiança no Brasil, zero. Acho que no Brasil não há futuro para o jornalismo, eu vejo o Brasil desta maneira (mostra a capa da revista), um país demente.

Lúcio Flávio Pinto: Só façam jornalismo com paixão. Sem paixão não existe jornalismo, como não existe em profissão nenhuma. Mas a paixão principal do jornalista é pelo fato. É o fato bruto, é o fato sólido, é o fato feito por seres humanos, não estatísticas. A estatística é um caminho. A informação numérica e quantitativa é um caminho e o que interessa é a informação no contexto que o explica.

Alayr Ruiz: Eu acho que você tem que se conhecer como profissional e como você quer trabalhar. Se você acha que você foi talhado para a grande mídia, para trabalhar em jornal, você tem que procurar o seu espaço, sabendo que é um espaço difícil. Nem sempre o seu salário vai ser condizente com a sua função. O bom jornalista sempre vai ter um espaço, nem que seja o espaço que ele que ele criou para ele. Tem que ser uma coisa responsável. Tem certas coisas que não mudam na sua formação de jornalista que é: “Quem não lê, não escreve”. Se a pessoa não lê, ela não escreve, quando eu falo em ler, é ler reportagens, revistas, inclusive revistas e jornais com os quais você não concorda com a linha editorial, é importante você ler, Para você ver o que está rolando dos dois lados, você tem que ter vocabulário.

Bob Fernandes: É isso, acredite no seu olhar. Claro você tem que saber ter autocrítica de saber o que você não sabe, o que você precisa aprender, o que que você não conhece. Vou te dar um exemplo banal, na copa de 2006 eu estava cobrindo pelo Terra , na época do Terra Magazine, e tem uma grande discussão sobre o Ronaldo estava gordo só não estava magro, e eu estava cobrindo pelo Jornal Lance também fazendo crônicas, aí de repente tem uma cerquinha e nesse dia o Ronaldo não estava dando entrevista, mas ele passou lá atrás com uma garrafa de Coca-Cola pela metade, Coca-Cola não era zero não, era Coca-Cola. Eu fiz a crônica sobre o Ronaldo e a Coca-Cola. Quer dizer, um jogador na Copa do Mundo com alguns quilos a mais tomando Coca-Cola aqui no meio do treino. Isso não precisa ninguém te contar, você viu tá visto, você conta aquilo. É um exemplo banal, pequeno. Mas é isso, você no seu olhar às vezes é mais importante do que alguém vai lhe dizer. Não sempre, você tem uma fonte extraordinária te contando uma história, tudo bem. As pessoas acham que muitas vezes o jornalista despreza o que está vendo, o que está no rosto.

Cynara Menezes: Eu espero que eu possa inspirar os novos jornalistas a fazer um jornalismo honesto. Existe uma diferença, as pessoas dizem assim que o jornalismo tem que ser imparcial, eu não acredito nisso, eu acho que o jornalismo tem que ser honesto, verdadeiro, que você não prejudique ninguém. Eu quero inspirar as pessoas a sonhar, que elas possam ser jornalistas independentes, este foi meu sonho sempre, fazer as coisas que eu gosto e principalmente cumprir o papel social do jornalista que é compartilhar conhecimento. Eu acho que é o que é jornalismo comercial brasileiro se esqueceu e passou a disseminar a ignorância em vez de compartilhar conhecimento. Se você parar para pensar que na época que eu tinha 17 anos que eu entrei para a faculdade, as pessoas que assinavam artigos nos jornais tinham um nível altíssimo, você recortava as colunas de tão boas que eram. Otto Lara Resende, o próprio Nelson Rodrigues foi colunista. Mesmo os do campo da direita como Davi Nasser, eles tinham um estofo intelectual para escrever. Para você se tornar um colunista de jornal você tinha que saber... gente eles colocaram o Kim Kataguiri para escrever, eles botaram Rodrigo Constantino para escrever, só o ódio ao PT explica isso.

ANÁLISES

Os resultados obtidos na realização desta pesquisa sobre a migração do jornalista da era analógica para a era digital, tendo como premissa, entrevistas feitas com jornalista com até mais de 50 anos de carreira. Pôde-se observar o comportamento cético de alguns em relação ao jornalismo feito nas redes sociais e outros, otimistas em relação ao que consideram um caminho fértil e sem volta.

Jornalista que fizeram parte da pesquisa: Alayr Ruiz (site lalaruiznoticiasronicas) , Cynara Menezes (site Socialista Morena), Eduardo Cerioni (site JundAqui), Eleonora Lucena (Canal Tutaméia), Manuel Alves (Blog do Chef Mané), Mino Carta (Revista CartaCapital), Lúcio Flávio Pinto (Blog Lúcio Flávio Pinto), Luís Nassif (Jornal GGN) e Roberto (Bob) Fernandes (Canal Bob Fernandes).

Nove perguntas foram feitas, por meio de entrevistas semiabertas e em profundidade. Seguem os resultados alcançados.

Ao serem questionados sobre o contato inicial que tiveram com o jornalismo digital, oito dos entrevistados responderam que tiveram o primeiro contato quando ainda trabalhavam no jornal impresso. Apenas Lúcio Flávio Pinto, estava fora das redações físicas quando precisou criar um blog.

Em relação à migração para as plataformas digitais, um dos pontos mais considerados é a liberdade de opinião que o jornalista acredita ser cerceado pela mídia corporativa. Essa liberdade é expressa por todos, mas cinco se destacam mais enfaticamente. Segundo Luís Nassif, “Essa sensação de liberdade de você poder praticar o jornalismo é o que levou este jornalista sair”. Já para Mino Carta, além da liberdade que tem ao fazer seus vídeos com comentários pertinentes à política e economia no “Mino Responde”, seu canal no Youtube, a própria repercussão dos comentários enaltece a venda e/ou acesso digital da revista. “Me dizem que um retorno excelente. Eu tenho a impressão que isso aumenta o raio de penetração da revista, sem dúvida”.

Para três jornalistas, além da independência em fazer comentários de uma forma mais livre e dinâmica, o fato de terem sido demitidos das empresas de comunicação, levaram esses profissionais a experimentar novos caminhos. “Vislumbrei a oportunidade de fazer alguma coisa, porque o campo de trabalho está péssimo, para quem é mais velho então”, comenta Alayr Ruiz, jornalista com mais de 40 anos de carreira. Para Cerioni, não foi diferente. “Eu estava no impresso, perdi o

emprego. Foi naquele desmonte do Jornal Bom Dia. O que acontece, essa migração é em nome total da economia”.

Somente para Lúcio Flávio Pinto, jornalista com mais de 50 anos de carreira, ir para o espaço digital deu-se por conta da inviabilidade financeira de continuar expressando sua opinião através de seu próprio jornal impresso, o Jornal Pessoal. Devido a baixa adesão, foi obrigado a encerrar sua tiragem mensal, (que não o mantinha financeiramente), mas era uma forma de levar a informação aos que não tinham acesso à mídia digital. O jornalista paraense comenta o motivo de criar um blog. “Bom, uma boa parte da minha produção está escrito em papel, antes da era digital. Então eu estou tentando salvar, eu criei cinco blogs”.

Algumas dificuldades ao migrar para as plataformas digitais foram expostas pelos entrevistados. Alayr Ruiz, Cynara Menezes e Edu Cerioni, disseram ter sido prejudicados por conta de *hackers* e provedores desonestos. “Hackers derrubaram meu site algumas vezes antes da gente estabelecer umas barreiras para as pessoas, impedi-los de derrubar o site e de fazer ao mesmo tempo a Socialista Morena”, diz Cynara. Problemas na assessoria dos servidores também acarretaram prejuízos a Eduardo Cerioni. “Eu tive um grande problema com o provedor, porque ele começou, “sua audiência está aumentando, sua audiência está aumentando”, e o preço dele foi multiplicando, até chegar um dia que eu falei: ‘Tô sendo roubado!’”.

Quando questionados sobre ganhos e perdas do jornalismo na internet, oito dos entrevistados concordam que o jornalismo ganhou com a ida para as plataformas online. Eles destacam pontos positivos, mas também enumeram alguns pontos negativos. Cynara Menezes aborda o fato de que, não foi a internet que empobreceu o jornalismo, mas a transformação ideológica do jornal. “Aqui no Brasil, foi a transformação do jornal em partidos políticos. O jornalismo foi extremamente afetado pelo fato do antipetismo. Eles passaram a não produzir nada além disso”. Similarmente Eleonora Lucena compartilha dessa opinião no que diz respeito ao comportamento das grandes corporações da comunicação. “As empresas que produzem jornalismo numa posição menos imperial que havia, esse evento de alguma maneira pode transformar as empresas que precisem olhar mais para seu público”.

Dois os entrevistados questionam um mesmo ponto, o volume de informações. Bob Fernandes diz que: “Ele ganhou obviamente, mas ele empobrece também porque ao tempo em que ele facilita extraordinariamente o acesso à informação ele também facilita o não necessário rigor na apuração da informação. O jornalista Luís Nassif,

que se considera o introdutor da informação online no Brasil, corrobora com o comentário do colega de profissão. “Como é que eu pego um volume grande de informações, estabeleço um nexos com elas? Me conta uma história, uma narrativa verdadeira? Eles não fazem.

Outro ponto interessante a ser destacado em resposta ao enunciado, como ponto positivo, é referente a democratização da informação apresentada por Manuel Alves. “A pessoa não necessariamente precisa gastar comprando o jornal para se informar, ela tem no mobile dela, pode acessar a qualquer momento essa informação. Isso eu estou falando da democratização do consumo”. Outro jornalista, o mais experiente dos entrevistados, Mino Carta, declara sua opinião, com respaldo. “Mas é uma questão muito pessoal, e não sei até que ponto ela é eficaz, mas que é inegável que hoje em dia é difícil, senão impossível negar esse meio de comunicação, então eu obedeço a essa indicação dos especialistas”.

O único usuário da plataforma, que faz comentário desfavoráveis é Lúcio Flávio. “É decepcionante a recepção aos textos na internet, eu não fiz nenhuma concessão formal de instrumento à internet, meus blogs são textos longos, não tem foto, não tem vídeo, não tem nenhum atrativo gráfico, são textos analíticos, como o impresso”.

Os motivos de demissões dos jornalistas da mídia analógica foram abordados. Para dois dos entrevistados a causa de demissão não é exatamente por causa das adaptações às novas tecnologias e sim por causa de manter a redação sempre mais enxuta. “problemas estruturais que a gente sempre teve, empresários sempre pensam em ganhar mais, mesmo nas redações analógicas, a gente tinha esse fenômeno de se desfazer de profissionais mais experientes e contratar profissionais recém-formados”, comenta Manuel Alves. Opinião que é semelhante à da jornalista Alayr Ruiz. “Os cargos vêm sendo ocupados, não porque você é o melhor, não é recentemente, isso é só uma realidade, eles querem pagar menos”.

Para Luís Nassif, quem foi cauteloso e manteve a linha preservou seu emprego. “O que fizeram jornalistas conhecidos? Ficaram como assessores de setores que eles cobriam antes”. Lucena também acredita que não despensa por causa inaptidão tecnológica. “Não tenho nenhum exemplo de uma pessoa que foi alijada do mercado por não conseguir se adaptar”. O fato de ter pseudojornalista fazendo jornalismo não interfere no vínculo empregatício, segundo Menezes. “Eu acho que o problema não são nem as outras profissões que estão jornalismo, o problema são pessoas que

fingem que são jornalistas. Eu acho que essas são as problemáticas que abrem um site para transmitir fake news e se dizem jornalistas.

A busca de apoio no início da nova carreira no ambiente digital, teve substancial importância para a inserção na Web. Nassif conta que contou financeiramente com um aporte substancial para sua agência online. “Quando eu montei a Agência Dinheiro Vivo, tinha um grupo de mercado que me procurou na época, gostava muito do programa que eu tinha na TV Gazeta e se dispôs a entrar como sócio. Entrou um bom capital na época. Tinha uma equipe de 20, 30 pessoas”. Manuel Alves tinha seu blog de gastronomia no provedor do Correio Popular, mas ele conta que quando este entrou em crise, achou melhor sair. “Quando eu senti que realmente o Correio já não dava mais, que eu tinha um público muito pouco, um décimo do que eu tinha antigamente, então eu falei, está na hora de ir pro Campinas (site campinas.com.br)”.

Outra forma de ajuda foi relatada por dois dos entrevistados. Elenora Lucena conta que contou com a ajuda de amigos para ir melhorando a qualidade na produção e transmissão no site Tutaméia. “A gente teve o apoio de uma pessoa para desenho do site. Tivemos o apoio na questão do som também, da iluminação. Foi uma amiga nossa que viu, ‘você precisam melhorar o som’”.

Fernandes se considera um “inapetente tecnológico”. “Aqui em casa tem o que minhas filhas chamam de “a hora do berro”, é a hora que eu não estou entendendo alguma coisa e eu grito. Eu não estou entendendo. Ah esse botão aqui, como é que eu ligo?”. Outro jornalismo que segue na mesma linha é Eduardo Cerioni. “Minhas filhas me ajudaram bastante no início. Mas vou falar para você, tem horas que é melhor perguntar para os filhos dos outros (rsrs). Eu acho que não tem volta. O caminho do impresso não tem volta”.

Alayr fazia tudo no tocante ao editorial, mas também contou com a ajuda de parentes para montar seu site. “Meu irmão fez tudo para mim, meu irmão trabalhava com a internet, administrava para os sites, ele que fez para mim ele que criou, ele que fez tudo”. Com autonomia Cynara diz, “basicamente tenho feito o site sozinha nesses oito anos”.

Quanto ao retorno financeiro de seus canais na internet, Bob Fernandes, Cynara Menezes responderam que conseguem pelo menos pagar suas contas para manter seus respectivos sites. “É até público, se você for ver lá no Catarse, eu consigo um dinheiro que dá pra pagar os meus meninos da equipe e minhas despesas básicas aqui”, diz Bob. Cynara também comenta, “Agora sim, depois, quando eu fiquei

independente. É difícil você se manter financeiramente do site. Demorou muito para eu chegar numa situação de independência”. Já Cerioni vive exclusivamente do site JundAqui. “Eu tenho patrocinadores fixos. Alguns desde o primeiro dia”.

A maneira como se relacionam ou manejam as ferramentas digitais, o jornalista Manuel Alves revela sua familiaridade em uma palavra: “Íntima”. Em sentido contrário, Mino Carta revela sua intimidade com a tecnologia. “Eu não me aproximo de um computador por nada deste mundo, tenho medo do computador ele me engole como engoliu a maioria dos brasileiros que são integrantes de um povo muito atrasado, muito primário, aqui vigora ainda a idade média, ponto final”.

Lúcio Flávio também demonstra austeridade na utilização desse meio, respondendo à pergunta, ele diz. “Nenhuma. Eu tenho um face, que eu não alimento, que eu não vejo. É um amigo meu que disse: “Lúcio tu tens que ter um Face para reproduzir tuas matérias” Aí ele fez, não sou eu e nunca vi”.

Alayr Ruiz, Bob Fernandes e Cynara Menezes compartilham do mesmo pensamento. “Eu aprendi rapidinho, porque eu gosto. Eu gosto de internet, eu gosto dessa coisa de mídia social. Eu tenho conta em tudo”, diz Ruiz. Bob também comenta, “Eu uso muito, muito, muito. Aliás, eu escrevo eu pesquiso muito dado, muita coisa usando o digital”. Assim como também Menezes declara: “Eu já tenho meu Twitter que eu gosto mesmo de mexer, tenho o canal do Facebook do Socialista Morena e eu uso esse do perfil do site quando eu quero colocar alguma coisa”.

Mensagens de otimismo, persistência e cuidado foram proferidas pelos entrevistados aos futuros jornalistas.

Lúcio Flávio Pinto: Só façam jornalismo com paixão. Sem paixão não existe jornalismo, como não existe em profissão nenhuma. Mas a paixão principal do jornalista é pelo fato. É o fato bruto, é o fato sólido, é o fato feito por seres humanos, não estatísticas. A estatística é um caminho. A informação numérica e quantitativa é um caminho e o que interessa é a informação no contexto que o explica.

Cynara Menezes: Eu espero que eu possa inspirar os novos jornalistas a fazer um jornalismo honesto. Existe uma diferença, as pessoas dizem assim que o jornalismo tem que ser imparcial, eu não acredito nisso, eu acho que o jornalismo tem que ser honesto, verdadeiro, que você não prejudique ninguém.

Mino Carta: Não sei, vou pronunciar palavras, não sei se tristes ou melancólicas. Não tenho nenhuma confiança no Brasil, zero. Acho que no Brasil não há futuro para o jornalismo, eu vejo o Brasil desta maneira (mostra a capa de uma revista), um país demente.

Alayr Ruiz: Eu acho que você tem que se conhecer como profissional e como você quer trabalhar. Se você acha que você foi talhado para a grande mídia, para trabalhar em jornal, você tem que procurar o seu espaço, sabendo que é um espaço difícil. Nem sempre o seu salário vai ser condizente com a sua função. O bom jornalista sempre vai ter um espaço, nem que seja o espaço que ele que ele criou para ele.

Os resultados demonstram que a maioria dos jornalistas da mídia analógica, que migraram para o webjornalismo, tiveram que se readaptar para se manter no mercado de trabalho. Muito embora, a maioria não dependa financeiramente com exclusividade de seus respectivos canais digitais, eles acreditam que esse é o futuro do jornalismo, sem volta para o jornalismo impresso em papel.

Outro aspecto importante a ser citado, é o fato da preocupação com a qualidade das apurações. Alguns acreditam que que o grande volume de informações pode mais prejudicar do que ajudar na contextualização das informações afim de estabelecer os nexos pontuais.

Portanto, o fato mais relevante e que responde à principal indagação desse projeto, foi saber, pela maioria, que o jornalista reconhece a mídia digital como aliada. Ainda que alguns tenham sido demitidos de suas funções nos jornais impressos, eles buscaram ajuda com familiares, amigos e profissionais do ramo, mas não deixaram de coexistir junto ao processo tecnológico.

CONCLUSÃO

O jornalismo tem demonstrado sua face metamorfósica no decorrer da evolução tecnológica. A sobrevivência diante dos desafios impostos pela economia, cultura, política e sociedade em geral, revela sua importância para fins sociais. O impacto na construção de sua resistência, influencia diretamente nas relações dos comportamentos dos profissionais atuantes no meio.

A produção e distribuição de conteúdo é o cerne que permeia atualmente as grandes corporações jornalísticas, gerando e atraindo investimentos financeiros, novas parcerias a fim de inserir no mercado consumidor, um novo estilo de disseminação de notícias e entretenimento. Ademais, para os profissionais que atuam na imprensa desde a época do jornal impresso, essa situação tem se mostrado como uma forma de refúgio para projetos pessoais e fuga do desemprego.

A convergência da mídia analógica para o sistema digital não anulou as antigas formas de transmissão das TV's e rádios. Ao contrário do que muitos acreditavam, a internet está sendo usada para agregar valor e não para eliminar esse tipo de transmissão. A apropriação por parte dos jornalistas tem gerado outros meios e possibilidades de fonte de renda a seus usuários.

Durante a execução deste projeto, que tem como principal problematização, indagar como o profissional da mídia analógica se qualificou ao redirecionar seus trabalhos para a mídia digital, foram colhidos vários depoimentos, contendo uma diversidade de informações pertinentes às suas carreiras e o rumo do jornalismo.

Dentre as dificuldades encontradas no início da carreira como produtores de conteúdos, os jornalistas relatam que a pouca habilidade na operação técnica dos aplicativos não é empecilho para na execução das atividades. “Para você ver como é um pterodátilo, como é uma coisa de você entender a filosofia mesmo que você tenha inaptidão ou dificuldade técnica”, destaca Bob Fernandes. A força de vontade é a inspiração de Edu Cerioni, ao superar alguns limites. “Esses “detalhinhos”, eu não mexo com isso. No começo era a dificuldade como é que eu vou postar isso e fazer um link, não sabia?” Mas o aprendizado fez de Edu Cerioni, jornalista de Jundiaí, o segundo site mais acessado da cidade, ficando apenas atrás de um jornal de grande circulação. “O importante do jornalismo é sempre o conteúdo, independentemente da sustentação tecnológica”, conclui Eleonora Lucena. A apuração da pesquisa mostra

a concordância de todos os envolvidos em creditar à internet, um caminho a ser adotado pelo jornalista.

O reconhecimento de que fazer jornalismo na web e o futuro da profissão vem da experiência do octogenário Mino Carta. “Não sei até que ponto ela é eficaz, mas que é inegável que hoje em dia é difícil, senão impossível negar esse meio de comunicação, então eu obedeço a essa indicação dos especialistas”, conclui Mino. Essa coesão de pensamento também está implícita na resposta de Lucena, “é uma ferramenta que tem a vantagem muito boa da interação, que a gente não tinha nos meios tradicionais dessa forma, tinha de outras formas”.

Um levantamento foi feito a respeito do tipo de apoio que o profissional precisou recorrer. É notável destacar a participação da família e amigos nesse processo de mudança. Elo unificador das gerações, os pares mais próximos trazem um gentil confronto entre as aptidões adquiridas pelo jornalista iniciante da era digital e as habilidades naturais no manuseio da tecnologia pela geração atual. “Meu irmão fez tudo para mim”, diz Alayr Ruiz. “Foi uma amiga nossa que viu, vocês precisam melhorar o som”, relata Eleonora. Aqui em casa tem o que minhas filhas chamam de “a hora do berro”, é a hora que eu não estou entendendo alguma coisa e eu grito, comenta Bob Fernandes, mostrando a importância do seio familiar nesse novo período na carreira.

Um questionamento que não fazia parte da pesquisa em si, surgiu. Os números de seguidores dos entrevistados, relativizando a questão da quantidade de acessos e comentários e a qualidade dos mesmos. Nassif, jornalista ativo diariamente nas redes sociais, no seu canal TV GGN, quando instigado a falar sobre o assunto, foi sucinto, pois, a comparação entre seus seguidores e de alguns Youtubers seria ínfima em relação a números. “Para mim é o seguinte, eu acho que 163 mil é muito. Os 163 mil, é parte que vai fazer a diferença na questão da influência, é um público de qualidade intelectual muito grande”. Lúcio Flávio critica o baixo potencial que a rede mundial oferece em relação a qualidade nos conteúdos, deixando seu público ao fervor da ignorância. “A gramática foi jogada fora, você não raciocina e contextualização, você diz as coisas mais absurdas, liberou os porões e os sótãos da humanidade”. Ainda há muito a se fazer nesse universo virtual, e o jornalismo é um campo aberto a ser explorado de forma responsável por seus atores.

Outro ponto suscitado durante as entrevistas são as facilidades que a internet proporciona em se tratando de uma comunicação direta com o público, sem o

intermédio das grandes corporações jornalísticas. Profissionais como Bob Fernandes, com suporte intelectual adquirido durante os anos de carreiras, na cobertura de copas do mundo e fazendo jornalismo de guerra. Destaca-se aqui, o baixo custo do material necessário para se montar um *stúdio* de gravação ou fazer *streaming*. “Aqui é um computador HP, aqui um Mac, eu gravo aqui, com os livros aqui no fundo. Eu uso microfone no celular, então o áudio fica legal”. Essas demandas na produção de conteúdo de qualidade e com baixo custo, é possível que a longo prazo, ganhem uma performance maior nas plataformas digitais.

Diante do momento crítico o qual o Brasil atravessa, em relação às notícias falsas, estabelecer um plano de ação conjunta seria interessante por parte das autoridades governamentais e iniciativa privada em fornecer suporte para investimento na qualidade de material no campo da comunicação. Para o jornalista Lalá Ruiz, outro ponto que faria a diferença para isso acontecer, seria a união dos jornalistas em busca de uma possível solução para melhoramento da categoria. “E eu acho que falta hoje um pouco de consciência de classe, nós não temos consciência de classe como jornalistas”, afirma. Cynara Menezes também levanta questionamento voltado para essa temática da desunião da classe. “E o mais bizarro é quando eles falam de ‘jornalismo profissional’, qual é o critério? Se a própria imprensa corporativa entrou no Supremo (Tribunal Federal) para derrubar a obrigatoriedade de diploma, o que faz um jornalista ser profissional e outro não?”.

Mediante o exposto, esta pesquisa além de atingir o objetivo proposto, trouxe à tona outros questionamentos concernentes ao meio da comunicação. A problemática proposta foi elucidada pelos entrevistados de forma a extrair a essência que cerceia este projeto. Isto significa que, mesmo todo o aporte tecnológico, não é capaz de superar a determinação do ser humano, apesar de algumas limitações impelidas pela idade, como é o caso estudado aqui. Sobre as perspectivas que este trabalho oferece, os relatos demonstram que as experiências dos jornalistas em questão, contribuem para novos estudos a respeito do futuro do jornalismo na web, mediante reflexão sobre o ponto de vista da qualidade da informação.

Por fim, quanto ao novo formato de fazer jornalismo inseridos nas plataformas digitais, todos são unânimes em dizer que é um caminho sem volta. Mas uma temática fica sugerida nesse trabalho, o posicionamento das universidades quanto à grade oferecida aos novos ingressantes, pois, segundo alguns entrevistados, na época que concluíram o curso de Comunicação Social, os universitários eram formados para

serem empregados, trabalharemos numa redação física. Hoje, entretanto, com as facilidades da internet, faz-se necessário outros tipos de grades associadas a gerenciamento de carreiras independentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo Digital**: Dez anos de web... e a revolução continua, 2006. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/article/view/1217/1199>
Acesso em: 23 de julho de 2020.

AQUINO, Maria Clara. Os blogs na web 2.0: publicação e organização coletiva de informação. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (Org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/imagens/blogs%20boneco%20copy.pdf>> Acesso em 27 de julho de 2020.

AROSO, Inês Mendes Moreira. **A Internet e o novo papel do jornalista**. 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf>. Acesso em 21/03/19.

BALDESSAR, Maria José. **Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas**, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/39014632-Apontamentos-sobre-o-uso-do-computador-e-o-cotidiano-dos-jornalistas.html>> Acesso em: 21 de julho de 2020.

BOND, F.F. **Introdução ao Jornalismo**: Uma análise do quarto poder em todas as suas formas. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BURGIERMAN, R. Denis. O que é jornalismo? In: SILVA, Gilmar Renata da (Org.). **Novos Jornalista**: Para entender o jornalismo de hoje, 2010. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2016/07/Novos-jornalistas-para-entender-o-jornalismo-hoje.pdf>> Acesso em 24 de julho de 2020.

CALLADO, Ana Arruda. O texto em veículos impressos. In: CALDAS. Álvaro. (ORG) **Deu no Jornal**: O Jornalismo Impresso na Era da Internet. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CALDAS. Álvaro. (ORG) **Deu no Jornal: O Jornalismo Impresso na Era da Internet**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CAVALCANTI, M. E., & ROCHA NETO, M. (2014). **O uso das redes sociais na prática do jornalismo colaborativo**. *QUIPUS - ISSN 2237-8987*, 3(2), 65-78. Recuperado de, Disponível em: <<https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/view/703>> Acesso 24 de jul de 2020.

DINES. Alberto. **O papel do jornal: Uma releitura**. 8. ed. São Paulo: Summus. 1986.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ESCOBAR, Juliana. Blogs como nova categoria de webjornalismo. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/imagens/blogs%20boneco%20copy.pdf>> Acesso em 27 de julho de 2020.

FERRARI. Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010 (Coleção Comunicação).

GUIMARÃES, Hanna Pereira. **Vídeos de viagem no YouTube: O jornalismo saiu da redação e foi viajar?**, 2016. Disponível em: <<https://www.bdm.unb.br/handle/10483/15231?mode=full>> Acesso em: 18 de julho de 2020.

HAUBRICH. Alexandre. **Mídias Alternativas: A palavra da rebeldia**. ed. Florianópolis: Insular, 2017.

HOHENBERG, John. **O Jornalista Profissional: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa**. Tradução Eduardo Alberto Pinto. 4. ed. Rio de Janeiro: Interamericana. 1981.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook**: Os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro, 2011. E-book. ISBN 978-85-8057-011-3. Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/upload/livros/1cap_efeitofacebook.pdf> Acesso em 22 de outubro de 2020.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. Norte e Sul: Manual de Comunicação. Tradução Rafael Varela Jr. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia Científica. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEMOS, André. A experiência. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (Org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/imagens/blogs%20boneco%20copy.pdf>> Acesso em 27 de julho de 2020.

MARCODES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista - o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MURAD, Angèle. **Oportunidade e desafios para o Jornalismo na internet**. 1999. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/241/134>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2020.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória**. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), Modelos do Jornalismo Digital, Salvador: Editora Calandra, 2003. Disponível em: <

https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf> Acesso em 24 de julho de 2020.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado**. 2004. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>>. Acesso em 19 de mai. de 2020.

PINHO. J.B. **Jornalismo na internet**: Planejamento e produção da informação on-line. 3. ed. São Paulo: Summus, 2003.

RASÊRA, Marcella. **Jornalismo Digital**: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade de convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo de notícia. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/230424>> Acesso em: 23 de julho de 2020.

SANTOS, Nascimento Raissa dos. **Jornalismo do Século XXI**. Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos, 2014. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>> Acesso em 15 de agosto de 2020.

SILVA, Gilmar Renata da (Org.). O jornalista e a internet. **Novos Jornalista**: Para entender o jornalismo de hoje, 2010. Disponível em: <<https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2016/07/Novos-jornalistas-para-entender-o-jornalismo-hoje.pdf>> Acesso em 24 de julho de 2020.

SOARES, Marcelo. A silhueta do jornalismo que virá. In: SILVA, Gilmar Renata da (Org.). **Novos Jornalista**: Para entender o jornalismo de hoje, 2010. Disponível em: <<https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2016/07/Novos-jornalistas-para-entender-o-jornalismo-hoje.pdf>> Acesso em 24 de julho de 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo**: Elementos para discussão, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Raquel_Recuero2/publication/267789183_Red

[es Sociais na Internet Difusao de Informacao e Jornalismo Elementos para discussao/links/00b7d52b16abba517b000000/Redes-Sociais-na-Internet-Difusao-de-Informacao-e-Jornalismo-Elementos-para-discussao.pdf](https://www.raquelrecuero.com/links/00b7d52b16abba517b000000/Redes-Sociais-na-Internet-Difusao-de-Informacao-e-Jornalismo-Elementos-para-discussao.pdf) > Acesso em: 23 de julho de 2020.

RECUERO. Raquel. “**Deu no Twitter, alguém confirma?**” Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. 2011. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sbpjorrecuero.pdf>> Acesso em 23 de julho de 2020.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

SILVA, Sivaldo Pereira. MUNDIM, Pedro Santos. **Mediações no YouTube e o caso ‘Ocupação do Complexo do Alemão’**: características e dinâmica de uso. In: INTERCOM – RBCC. Goiânia, Goiás. *Resumos...* São Paulo, São Paulo, v.38, n.1: jan/jun 2015. Pág. 231- 253. < <http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n1/1809-5844-interc-38-01-0231.pdf> > Acesso em 18 de julho de 2020.

TABAK, Israel. O repórter em ação. In.: CALDAS. Álvaro. (ORG) **Deu no Jornal: O Jornalismo Impresso na Era da Internet**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TRAQUINA. N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS. Isabel Siqueira. **O mundo dos Jornalistas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2011.

VILLELA, Fernando. O lide do próximo milênio. In.: CALDAS. Álvaro. (ORG) **Deu no Jornal: O Jornalismo Impresso na Era da Internet**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

APÊNDICE

1. Assinatura Termo de Autorização

ALAYR RUIZ



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA FINS ACADÊMICOS

Eu, ALAYR RUIZ, portador da Cédula de Identidade no 10.556.719-X, inscrito no CPF sob nº. 084.136.588-10, Residente à Rua Coronel Quirino, nº 131, na cidade de Campinas, e-mail: ALAYR.RUIZ@YAHOO.COM.BR, tel. (19) 99602-4225 AUTORIZO o uso de minha voz e imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos ou filmes/video documentário, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho acadêmico de Conclusão de Curso, que integra o Curso de Journalismo para divulgação na esfera acadêmica desta Universidade. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, nas seguintes formas: (I) fotografias, (II) impressão off-set; (III) tipografia, (IV) reprografia; (V) slides dentre outras possíveis através de (I) home page; (II) cartazes; (III) entrevistas em vídeo ou impressos, (IV) documentários; (V) divulgação em geral; bem como todo e qualquer trabalho artístico e literário, respeitadas as diretrizes fixadas na legislação vigente. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e/ou voz ou a qualquer outro.

Obs: necessário anexar a este termo de autorização a cópia de documento (RG/CPF) do cedente.

Campinas, 31 de agosto de 2020.

Alayr Ruiz
Nome:

CYNARA MENEZES



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA: REINVENÇÃO E CAPACITAÇÃO**, que se refere a um projeto de iniciação científica da participante Maria Rejane Guimarães e Silva, aluna que pertence ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista UNIP.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os direitos dos participantes e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você, que será o entrevistado, e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas, antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a aluna, e com a Professora responsável pela pesquisa, Cibele Maria Buoro. Informamos que não haverá nenhuma forma de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento desta pesquisa.

Nos antecipamos em informar, inclusive, que não haverá benefícios diretos a você enquanto participante nesta pesquisa. No entanto, as informações fornecidas por você serão extremamente valiosas.

O objetivo deste estudo é compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram de se adaptar aos novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à redação de sua reportagem, passou a ser impulsionado, por interesse próprio ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático e



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090

e-mail: cep@unip.br

Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

das redes sociais. Portanto, este projeto tem por proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes impõe.

Sua forma de participação consiste em conceder, mediante entrevista, informações sobre sua trajetória como jornalista e suas percepções acerca das mudanças tecnológicas sofridas por esta profissão, e como você se adaptou a estas mudanças em sua carreira.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta, o risco pode ser avaliado como **mínimo**: defino o risco como mínimo porque esta pesquisa coletará informações por meio de entrevista jornalística, sendo o tema previamente acordado com os entrevistados, e estes, por sua vez, poderão se recusar a responder qualquer pergunta que julgarem inoportuna.

Por se tratar de um projeto que envolve entrevistas que serão transformadas em **texto jornalístico**, os entrevistados, diante do pesquisador, terá a livre iniciativa de se recusar a responder perguntas que não sejam de seu interesse. Para minimizar ainda mais os riscos, as fontes entrevistadas terão acesso prévio aos resultados e ao texto jornalístico, para que leiam, estejam cientes e concordem com a publicação dos resultados. A apresentação prévia dos resultados e do texto jornalístico se configuram como um benefício às pessoas entrevistadas para este projeto.

Outro aspecto que se configura como um cuidado tomado pelo aluno pesquisador deste projeto, Maria Rejane Guimarães e Silva, é a gravação de todas as entrevistas, procedimento que garante ao entrevistado, e ao pesquisador, inclusive, segurança quanto à precisão das informações coletadas. Além disso, antes de encerrar as entrevistas, o pesquisador se compromete a informar aos entrevistados suas anotações, indicar quais pontos da entrevista serão destacados no texto. Agindo dessa forma, o entrevistado terá conhecimento do teor da reportagem.

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Serão esperados os seguintes benefícios imediatos de sua participação nesta pesquisa: compreender como os jornalistas do período analógico da imprensa se capacitaram e se adaptaram às redações da era digital, e quais as mudanças que esses novos tempos exigem dos atuais profissionais da mídia.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu CYNARA MOREIRA MENEZES
RG 38091631-9, confirmo que Maria Rejane Guimarães e Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: Borutí Li 4,31 de AGOSTO de 2020.

Cynara Menezes
(Assinatura do participante da pesquisa)



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 - 4º andar - Vila Clementino

CEP: 04026-002 - Fone: (11) 5586-4090

e-mail: cep@unip.br

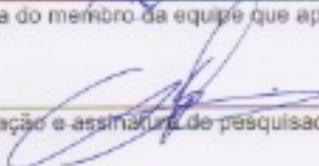
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Eu, Maria Rejane Guimarães e Silva
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.



(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)



(Identificação e assinatura de pesquisador responsável)



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA: REINVENÇÃO E CAPACITAÇÃO**, que se refere a um projeto de iniciação científica da participante Maria Rejane Guimarães e Silva, aluna que pertence ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista UNIP.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os direitos dos participantes e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você, que será o entrevistado, e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas, antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a aluna, e com a Professora responsável pela pesquisa, Cibele Maria Buoro. Informamos que não haverá nenhuma forma de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento desta pesquisa.

Nos antecipamos em informar, inclusive, que não haverá benefícios diretos a você enquanto participante nesta pesquisa. No entanto, as informações fornecidas por você serão extremamente valiosas.

O objetivo deste estudo é compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram de se adaptar aos novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à redação de sua reportagem, passou a ser impulsionado, por interesse próprio ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático e



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

das redes sociais. Portanto, este projeto tem por proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes impõe.

Sua forma de participação consiste em conceder, mediante entrevista, informações sobre sua trajetória como jornalista e suas percepções acerca das mudanças tecnológicas sofridas por esta profissão, e como você se adaptou a estas mudanças em sua carreira.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta, o risco pode ser avaliado como **mínimo**: defino o risco como mínimo porque esta pesquisa coletará informações por meio de entrevista jornalística, sendo o tema previamente acordado com os entrevistados, e estes, por sua vez, poderão se recusar a responder qualquer pergunta que julgarem inoportuna.

Por se tratar de um projeto que envolve entrevistas que serão transformadas em **texto jornalístico**, os entrevistados, diante do pesquisador, terá a livre iniciativa de se recusar a responder perguntas que não sejam de seu interesse. Para minimizar ainda mais os riscos, as fontes entrevistadas terão acesso prévio aos resultados e ao texto jornalístico, para que leiam, estejam cientes e concordem com a publicação dos resultados. A apresentação prévia dos resultados e do texto jornalístico se configuram como um benefício às pessoas entrevistadas para este projeto.

Outro aspecto que se configura como um cuidado tomado pelo aluno pesquisador deste projeto, Maria Rejane Guimarães e Silva, é a gravação de todas as entrevistas, procedimento que garante ao entrevistado, e ao pesquisador, inclusive, segurança quanto à precisão das informações coletadas. Além disso, antes de encerrar as entrevistas, o pesquisador se compromete a informar aos entrevistados suas anotações, indicar quais pontos da entrevista serão destacados no texto. Agindo dessa forma, o entrevistado terá conhecimento do teor da reportagem.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu **CARLOS EDUARDO CERIONI**

_____, RG 12.547.139 SSP-SP _____, confirmo que Maria Rejane Guimarães e Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

JUNDIAÍ, SÃO PAULO

27 DE AGOSTO DE 2020



(Assinatura do participante da pesquisa)

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino

CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090

e-mail: cep@unip.br

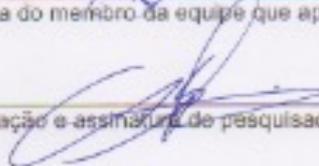
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Eu, Maria Rejane Guimarães e Silva
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.



(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)



(Identificação e assinatura de pesquisador responsável)



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA: REINVENÇÃO E CAPACITAÇÃO**, que se refere a um projeto de iniciação científica da participante Maria Rejane Guimarães e Silva, aluna que pertence ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista UNIP.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os direitos dos participantes e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você, que será o entrevistado, e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas, antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a aluna, e com a Professora responsável pela pesquisa, Cibele Maria Buoro. Informamos que não haverá nenhuma forma de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento desta pesquisa.

Nos antecipamos em informar, inclusive, que não haverá benefícios diretos a você enquanto participante nesta pesquisa. No entanto, as informações fornecidas por você serão extremamente valiosas.

O objetivo deste estudo é compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram de se adaptar aos novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à redação de sua reportagem, passou a ser impulsionado, por interesse próprio ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático e



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

das redes sociais. Portanto, este projeto tem por proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes impõe.

Sua forma de participação consiste em conceder, mediante entrevista, informações sobre sua trajetória como jornalista e suas percepções acerca das mudanças tecnológicas sofridas por esta profissão, e como você se adaptou a estas mudanças em sua carreira.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta, o risco pode ser avaliado como **mínimo**: defino o risco como mínimo porque esta pesquisa coletará informações por meio de entrevista jornalística, sendo o tema previamente acordado com os entrevistados, e estes, por sua vez, poderão se recusar a responder qualquer pergunta que julgarem inoportuna.

Por se tratar de um projeto que envolve entrevistas que serão transformadas em **texto jornalístico**, os entrevistados, diante do pesquisador, terá a livre iniciativa de se recusar a responder perguntas que não sejam de seu interesse. Para minimizar ainda mais os riscos, as fontes entrevistadas terão acesso prévio aos resultados e ao texto jornalístico, para que leiam, estejam cientes e concordem com a publicação dos resultados. A apresentação prévia dos resultados e do texto jornalístico se configuram como um benefício às pessoas entrevistadas para este projeto.

Outro aspecto que se configura como um cuidado tomado pelo aluno pesquisador deste projeto, Maria Rejane Guimarães e Silva, é a gravação de todas as entrevistas, procedimento que garante ao entrevistado, e ao pesquisador, inclusive, segurança quanto à precisão das informações coletadas. Além disso, antes de encerrar as entrevistas, o pesquisador se compromete a informar aos entrevistados suas anotações, indicar quais pontos da entrevista serão destacados no texto. Agindo dessa forma, o entrevistado terá conhecimento do teor da reportagem.

Serão esperados os seguintes benefícios imediatos de sua participação nesta pesquisa: compreender como os jornalistas do período analógico da imprensa se capacitaram e se adaptaram às redações da era digital, e quais as mudanças que esses novos tempos exigem dos atuais profissionais da mídia.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador.

Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu ELEONORA ALLGAYER CANTO DE LUCENA,
RG 37836040-1 (SSP-SP), confirmo que Maria Rejane Guimarães e Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: São Paulo, 24 de agosto de 2020.


(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu, _____

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 - 4º andar - Vila Clementino

CEP: 04026-002 - Fone: (11) 5586-4090

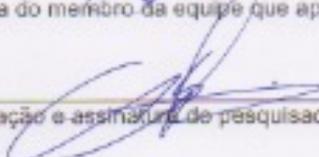
e-mail: cep@unip.br

Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Eu, Maria Rejane Guimarães e Silva
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.


(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)


(Identificação e assinatura de pesquisador responsável)

LÚCIO FLÁVIO PINTO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA FINS ACADÊMICOS

Eu, LÚCIO FLÁVIO DE FÁRIA PINTO, portador da Cédula de Identidade no 649.914, inscrito no CPF sob nº. 610.696.618-15, Residente à Rua ARISTIDES LOBO, nº 911, na cidade de BELEM - PARA, e-mail: lypfor@udl.com.br, tel. (91) 32417626 AUTORIZO o uso de minha voz e imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos ou filmes/vídeo documentário, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho acadêmico de Conclusão de Curso, que integra o Curso de _____ para divulgação na esfera acadêmica desta Universidade.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, nas seguintes formas: (I) fotografias, (II) impressão off-set; (III) tipografia, (IV) reprografia; (V) slides dentre outras possíveis através de (I) home page; (II) cartazes; (III) entrevistas em vídeo ou impressos, (IV) documentários; (V) divulgação em geral; bem como todo e qualquer trabalho artístico e literário, respeitadas as diretrizes fixadas na legislação vigente. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e/ou voz ou a qualquer outro.

Obs: necessário anexar a este termo de autorização a cópia de documento (RG/CPF) do cedente.

BELEM, 15 de AGOSTO de 2020.

Nome:

LUÍS NASSIF



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA: REINVENÇÃO E CAPACITAÇÃO**, que se refere a um projeto de iniciação científica da participante Maria Rejane Guimarães e Silva, aluna que pertence ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista UNIP.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os direitos dos participantes e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você, que será o entrevistado, e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas, antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a aluna, e com a Professora responsável pela pesquisa, Cibele Maria Buoro. Informamos que não haverá nenhuma forma de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento desta pesquisa.

Nos antecipamos em informar, inclusive, que não haverá benefícios diretos a você enquanto participante nesta pesquisa. No entanto, as informações fornecidas por você serão extremamente valiosas.

O objetivo deste estudo é compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram de se adaptar aos novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à redação de sua reportagem, passou a ser impulsionado, por interesse próprio ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático e



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

das redes sociais. Portanto, este projeto tem por proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes impõe.

Sua forma de participação consiste em conceder, mediante entrevista, informações sobre sua trajetória como jornalista e suas percepções acerca das mudanças tecnológicas sofridas por esta profissão, e como você se adaptou a estas mudanças em sua carreira.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta, o risco pode ser avaliado como **mínimo**: defino o risco como mínimo porque esta pesquisa coletará informações por meio de entrevista jornalística, sendo o tema previamente acordado com os entrevistados, e estes, por sua vez, poderão se recusar a responder qualquer pergunta que julgarem inoportuna.

Por se tratar de um projeto que envolve entrevistas que serão transformadas em **texto jornalístico**, os entrevistados, diante do pesquisador, terá a livre iniciativa de se recusar a responder perguntas que não sejam de seu interesse. Para minimizar ainda mais os riscos, as fontes entrevistadas terão acesso prévio aos resultados e ao texto jornalístico, para que leiam, estejam cientes e concordem com a publicação dos resultados. A apresentação prévia dos resultados e do texto jornalístico se configuram como um benefício às pessoas entrevistadas para este projeto.

Outro aspecto que se configura como um cuidado tomado pelo aluno pesquisador deste projeto, Maria Rejane Guimarães e Silva, é a gravação de todas as entrevistas, procedimento que garante ao entrevistado, e ao pesquisador, inclusive, segurança quanto à precisão das informações coletadas. Além disso, antes de encerrar as entrevistas, o pesquisador se compromete a informar aos entrevistados suas anotações, indicar quais pontos da entrevista serão destacados no texto. Agindo dessa forma, o entrevistado terá conhecimento do teor da reportagem.



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Serão esperados os seguintes benefícios imediatos de sua participação nesta pesquisa: compreender como os jornalistas do período analógico da imprensa se capacitaram e se adaptaram às redações da era digital, e quais as mudanças que esses novos tempos exigem dos atuais profissionais da mídia.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu *Guilherme*,
RG 5.243.686, confirmo que Maria Rejane Guimarães e
Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As
alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este
Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para
participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: São Paulo de 27 de agosto 2020.

Guilherme
(Assinatura do participante da pesquisa)

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 - 4º andar - Vila Clementino

CEP: 04026-002 - Fone: (11) 5586-4090

e-mail: cep@unip.br

Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Eu, Maria Rejane Guimarães e Silva
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

[Assinatura]
(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

[Assinatura]
(Identificação e assinatura de pesquisador responsável)

MANUEL ALVES FILHO



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA: REINVENÇÃO E CAPACITAÇÃO**, que se refere a um projeto de iniciação científica da participante Maria Rejane Guimarães e Silva, aluna que pertence ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista UNIP.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os direitos dos participantes e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você, que será o entrevistado, e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas, antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a aluna, e com a Professora responsável pela pesquisa, Cibele Maria Buoro. Informamos que não haverá nenhuma forma de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento desta pesquisa.

Nos antecipamos em informar, inclusive, que não haverá benefícios diretos a você enquanto participante nesta pesquisa. No entanto, as informações fornecidas por você serão extremamente valiosas.

O objetivo deste estudo é compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram de se adaptar aos novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à redação de sua reportagem, passou a ser impulsionado, por interesse próprio ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático e



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

das redes sociais. Portanto, este projeto tem por proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes impõe.

Sua forma de participação consiste em conceder, mediante entrevista, informações sobre sua trajetória como jornalista e suas percepções acerca das mudanças tecnológicas sofridas por esta profissão, e como você se adaptou a estas mudanças em sua carreira.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta, o risco pode ser avaliado como **mínimo**: defino o risco como mínimo porque esta pesquisa coletará informações por meio de entrevista jornalística, sendo o tema previamente acordado com os entrevistados, e estes, por sua vez, poderão se recusar a responder qualquer pergunta que julgarem inoportuna.

Por se tratar de um projeto que envolve entrevistas que serão transformadas em **texto jornalístico**, os entrevistados, diante do pesquisador, terá a livre iniciativa de se recusar a responder perguntas que não sejam de seu interesse. Para minimizar ainda mais os riscos, as fontes entrevistadas terão acesso prévio aos resultados e ao texto jornalístico, para que leiam, estejam cientes e concordem com a publicação dos resultados. A apresentação prévia dos resultados e do texto jornalístico se configuram como um benefício às pessoas entrevistadas para este projeto.

Outro aspecto que se configura como um cuidado tomado pelo aluno pesquisador deste projeto, Maria Rejane Guimarães e Silva, é a gravação de todas as entrevistas, procedimento que garante ao entrevistado, e ao pesquisador, inclusive, segurança quanto à precisão das informações coletadas. Além disso, antes de encerrar as entrevistas, o pesquisador se compromete a informar aos entrevistados suas anotações, indicar quais pontos da entrevista serão destacados no texto. Agindo dessa forma, o entrevistado terá conhecimento do teor da reportagem.

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Serão esperados os seguintes benefícios imediatos de sua participação nesta pesquisa: compreender como os jornalistas do período analógico da imprensa se capacitaram e se adaptaram às redações da era digital, e quais as mudanças que esses novos tempos exigem dos atuais profissionais da mídia.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

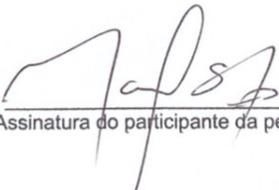
Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu Manuel Alves de Souza Filho,
RG 17.761.979, confirmo que Maria Rejane Guimarães e Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: Campinas, 06 de agosto de 2020.


(Assinatura do participante da pesquisa)

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 - 4º andar - Vila Clementino

CEP: 04026-002 - Fone: (11) 5586-4090

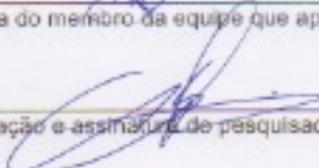
e-mail: cep@unip.br

Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Eu, Maria Rejane Guimarães e Sílvia
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.


(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)


(Identificação e assinatura de pesquisador responsável)

MINO CARTA



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA: REINVENÇÃO E CAPACITAÇÃO**, que se refere a um projeto de iniciação científica da participante Maria Rejane Guimarães e Silva, aluna que pertence ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista UNIP.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os direitos dos participantes e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você, que será o entrevistado, e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas, antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a aluna, e com a Professora responsável pela pesquisa, Cibele Maria Buoro. Informamos que não haverá nenhuma forma de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento desta pesquisa.

Nos antecipamos em informar, inclusive, que não haverá benefícios diretos a você enquanto participante nesta pesquisa. No entanto, as informações fornecidas por você serão extremamente valiosas.

O objetivo deste estudo é compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram de se adaptar aos novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à redação de sua reportagem, passou a ser impulsionado, por interesse próprio ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático e



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

das redes sociais. Portanto, este projeto tem por proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes impõe.

Sua forma de participação consiste em conceder, mediante entrevista, informações sobre sua trajetória como jornalista e suas percepções acerca das mudanças tecnológicas sofridas por esta profissão, e como você se adaptou a estas mudanças em sua carreira.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta, o risco pode ser avaliado como **mínimo**: defino o risco como mínimo porque esta pesquisa coletará informações por meio de entrevista jornalística, sendo o tema previamente acordado com os entrevistados, e estes, por sua vez, poderão se recusar a responder qualquer pergunta que julgarem inoportuna.

Por se tratar de um projeto que envolve entrevistas que serão transformadas em **texto jornalístico**, os entrevistados, diante do pesquisador, terá a livre iniciativa de se recusar a responder perguntas que não sejam de seu interesse. Para minimizar ainda mais os riscos, as fontes entrevistadas terão acesso prévio aos resultados e ao texto jornalístico, para que leiam, estejam cientes e concordem com a publicação dos resultados. A apresentação prévia dos resultados e do texto jornalístico se configuram como um benefício às pessoas entrevistadas para este projeto.

Outro aspecto que se configura como um cuidado tomado pelo aluno pesquisador deste projeto, Maria Rejane Guimarães e Silva, é a gravação de todas as entrevistas, procedimento que garante ao entrevistado, e ao pesquisador, inclusive, segurança quanto à precisão das informações coletadas. Além disso, antes de encerrar as entrevistas, o pesquisador se compromete a informar aos entrevistados suas anotações, indicar quais pontos da entrevista serão destacados no texto. Agindo dessa forma, o entrevistado terá conhecimento do teor da reportagem.



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Serão esperados os seguintes benefícios imediatos de sua participação nesta pesquisa: compreender como os jornalistas do período analógico da imprensa se capacitaram e se adaptaram às redações da era digital, e quais as mudanças que esses novos tempos exigem dos atuais profissionais da mídia.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu Demetrio Carta , RG 1627067, confirmo que Maria Rejane Guimarães e Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: São Paulo, 05 de agosto de 2020.

(Assinatura do participante da pesquisa)

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 - 4º andar - Vila Clementino

CEP: 04026-002 - Fone: (11) 5586-4090

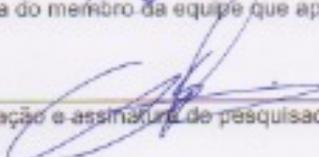
e-mail: cep@unip.br

Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Eu, Maria Rejane Guimarães e Silva
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.


(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)


(Identificação e assinatura de pesquisador responsável)

ROBERTO (BOB) FERNANDES



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090

e-mail: cep@unip.br

Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A TRANSIÇÃO DO JORNALISTA DA MÍDIA ANALÓGICA FRENTE AO AVANÇO DA TECNOLOGIA: REINVENÇÃO E CAPACITAÇÃO**, que se refere a um projeto de iniciação científica da participante Maria Rejane Guimarães e Silva, aluna que pertence ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista UNIP.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os direitos dos participantes e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você, que será o entrevistado, e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas, antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a aluna, e com a Professora responsável pela pesquisa, Cibele Maria Buoro. Informamos que não haverá nenhuma forma de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento desta pesquisa.

Nos antecipamos em informar, inclusive, que não haverá benefícios diretos a você enquanto participante nesta pesquisa. No entanto, as informações fornecidas por você serão extremamente valiosas.

O objetivo deste estudo é compreender as mudanças ocorridas na profissão do jornalista da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia. Com o surgimento da internet no Brasil no início dos anos 90, os jornais impressos, televisivos e radiojornalísticos tiveram de se adaptar aos novos formatos de edição para seus devidos públicos. Esse fato atingiu diretamente as redações dos jornais. O jornalista que, até então, limitava-se à redação de sua reportagem, passou a ser impulsionado, por interesse próprio ou a pedido da empresa, a se capacitar dentro do universo midiático e



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Campus Indianópolis

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

das redes sociais. Portanto, este projeto tem por proposta verificar quais atitudes foram tomadas por esses profissionais para se manterem no mercado de trabalho, com as novas exigências que a tecnologia digital lhes impõe.

Sua forma de participação consiste em conceder, mediante entrevista, informações sobre sua trajetória como jornalista e suas percepções acerca das mudanças tecnológicas sofridas por esta profissão, e como você se adaptou a estas mudanças em sua carreira.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta, o risco pode ser avaliado como **mínimo**: defino o risco como mínimo porque esta pesquisa coletará informações por meio de entrevista jornalística, sendo o tema previamente acordado com os entrevistados, e estes, por sua vez, poderão se recusar a responder qualquer pergunta que julgarem inoportuna.

Por se tratar de um projeto que envolve entrevistas que serão transformadas em **texto jornalístico**, os entrevistados, diante do pesquisador, terá a livre iniciativa de se recusar a responder perguntas que não sejam de seu interesse. Para minimizar ainda mais os riscos, as fontes entrevistadas terão acesso prévio aos resultados e ao texto jornalístico, para que leiam, estejam cientes e concordem com a publicação dos resultados. A apresentação prévia dos resultados e do texto jornalístico se configuram como um benefício às pessoas entrevistadas para este projeto.

Outro aspecto que se configura como um cuidado tomado pelo aluno pesquisador deste projeto, Maria Rejane Guimarães e Silva, é a gravação de todas as entrevistas, procedimento que garante ao entrevistado, e ao pesquisador, inclusive, segurança quanto à precisão das informações coletadas. Além disso, antes de encerrar as entrevistas, o pesquisador se compromete a informar aos entrevistados suas anotações, indicar quais pontos da entrevista serão destacados no texto. Agindo dessa forma, o entrevistado terá conhecimento do teor da reportagem.

Serão esperados os seguintes benefícios imediatos de sua participação nesta pesquisa: compreender como os jornalistas do período analógico da imprensa se capacitaram e se adaptaram às redações da era digital, e quais as mudanças que esses novos tempos exigem dos atuais profissionais da mídia.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

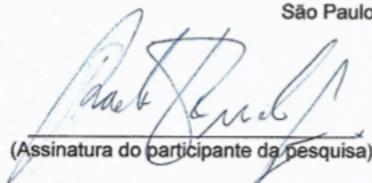
Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu Roberto Fernandes de Souza, RG 74518136, confirmo que Maria Rejane Guimarães e Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

São Paulo, 26 de agosto de 2020



(Assinatura do participante da pesquisa)

Serão esperados os seguintes benefícios imediatos de sua participação nesta pesquisa: compreender como os jornalistas do período analógico da imprensa se capacitaram e se adaptaram às redações da era digital, e quais as mudanças que esses novos tempos exigem dos atuais profissionais da mídia.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para outras informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

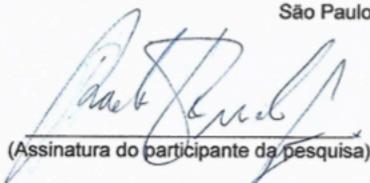
Cibele Maria Buoro

Rua Dr. Gilman José Jorge Farah, 44 Campinas SP

Fone 19 - 981617004

Eu Roberto Fernandes de Souza, RG 74518136, confirmo que Maria Rejane Guimarães e Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

São Paulo, 26 de agosto de 2020


(Assinatura do participante da pesquisa)

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
Campus Indianópolis

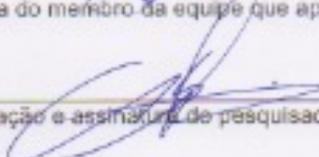
Rua Dr. Bacelar, 1212 - 4º andar - Vila Clementino
CEP: 04026-002 - Fone: (11) 5586-4090
e-mail: cep@unip.br
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Eu, Maria Regina Guimarães e Silva
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.



(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)



(Identificação e assinatura de pesquisador responsável)

2. Pautas

RETRANCA: LALÁ RUIZ/SITE NOTÍCIAS CRÔNICAS

OBJETIVO: Saber qual o motivo que a levou migrar para a mídia digital.

DADOS: Formou-se em 1988, na PUC – Campinas. Iniciou sua carreira no jornalismo como assistente de Assessoria de Imprensa na extinta Logus Propaganda de Campinas. Trabalhei nos jornais do Grupo RAC, de Campinas (Correio Popular, Diário do Povo e Notícia Já), com experiência na reportagem e edição em Cidades, Cultura, Economia e Turismo. Também tenho experiência na produção de conteúdo on-line. Atualmente mantém o site Lalá Ruiz - Notícias Crônicas. A entrevista tem a finalidade de saber, como foi a adaptação de Lalá aos meios digitais, depois de ter trabalhado no impresso por vários anos.

Fonte: Facebook Lalá Ruiz

PRODUÇÃO: Foi feito o contato por meio de whatsapp e posteriormente por telefone com Lalá. A entrevista está marcada no Fran's Café - Centro de Convivência as 15hs, dia 26/09/19.

Fone: (19) 99602-4225

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Por que você deixou o impresso e criou um site Notícias Crônicas?
4. Quais foram as dificuldades de criar um site? Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. Você consegue se sustentar com o site?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?
8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios

digitais?

9. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?

10. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

RETRANCA: CYNARA MENEZES/SOCIALISTA MORENA

OBJETIVO: Saber o motivo que a levou migrar para a mídia digital.

DADOS:

A jornalista sempre trabalhou no impresso. Quando universitária, fez rádio e TV. Logo depois, trabalhou em dois sindicatos, um dos petroleiros e dos telefônicos. Se formou aos 20 anos. Eu trabalhei em um jornal da Bahia, em Salvador e também num jornal experimental chamado Jornal do Pelô. A partir dos anos 80 trabalhou na folha, no Estadão e Correio Brasiliense. Foi para a Espanha fazer um doutorado em literatura, mas não conseguiu concluir. Em 2002, começou a trabalhar na revista CartaCapital. Cynara, deixa a redação da CartaCapital em 2015, onde trabalhou oito anos como repórter. Começou então a dedicar-se exclusivamente ao blog Socialista Morena, como uma forma de trabalho independente. Ficou aproximadamente um ano no ar, no canal do site, O Poder360 no YouTube, com o programa *Reaça & Comuna*, juntamente com o jornalista Mario Rosa. No quadro, eles analisam a conjuntura do poder, muitas vezes defendendo pontos de vista antagônicos. Por motivos pessoais, Cynara mudou-se para Brasília, de onde comanda o blog Socialista Morena.

PRODUÇÃO: Foi feito contato com a jornalista Cynara Menezes e marcada a entrevista para o dia 14 de julho as 15hs por meio do Zoom. São Paulo. Telefone: (61) 99145-5032. E-mail: cynara@socilaistamorena.com.br

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Por que você deixou o impresso e criou um site?
4. Quais foram as dificuldades de criar um site? Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. Você consegue se sustentar com o site?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?

8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
9. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?
10. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

RETRANCA: EDU CERIONI/SITE JUNDIAQUI

OBJETIVO: Saber qual o motivo que a levou migrar para a mídia digital.

DADOS: Carlos Eduardo Cerioni, 51 anos, nasceu na Vila Argos Velha, em Jundiaí. O objetivo principal desta entrevista é saber por que o jornalista resolveu trabalhar com jornalismo no formato digital, depois de uma vasta experiência em jornais de ponta. Como foi a adaptação às plataformas digitais, antes e depois de criar o site JundiAqui, em outubro de 2014, no qual é editor. Edú Cerioni, formou-se em Jornalismo em 1986, na PUC – Campinas, mas já trabalhava no ramo desde 1983, quando entrou no Jornal de Jundiaí. Atuou também na Rádio Difusora, depois na Santos Dumont. Em 1986, criou o Jornal Rio Branco, que durou até 1989, o primeiro jornal de bairro de Jundiaí. Foi trabalhar no Correio Popular, em Campinas, como repórter e saiu como editor de Esportes. Começou como editor do Viva, passou a editor-executivo e foi editor-chefe a partir de meados de 2009. Dentro da Rede Bom Dia, foi trabalhar em São Paulo quando da compra do Diário de São Paulo e assumiu como editor-chefe também de Bauru, Sorocaba, Rio Preto, ABC, criando o jornal em Campinas. Com a capa “É Assim que Jundiaí Funciona” foi finalista do prêmio HSBC de Imprensa em 2013. Colaborou com a revista Vogue Homem. A intenção desta entrevista é para saber como foi sua mudança do jornalismo impresso para o digital. (Fonte: Facebook JundAqui e o próprio jornalista em pré-entrevista)

PRODUÇÃO: A indicação da fonte foi do professor Jeverson. O contato com o entrevistado foi feito por meio de whatsapp, seguido de ligação para obter mais informações a respeito da fonte. A entrevista ficou combinada para o dia 23 de setembro às 16:30hs, na praça de alimentação do Jundiaí Shopping. Fone: (11) 97338-7784

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Por que você deixou o impresso e criou um site?
4. Quais foram as dificuldades de criar um site? Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?

6. Você consegue se sustentar com o site?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?
8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
9. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?
10. Como escolheu o nome JundAqui?
11. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<<https://www.facebook.com/people/Edu-Cerioni/100008275005302>>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

RETRANCA: ELEONORA LUCENA/SITE TUTAMÉIA

OBJETIVO: Saber o motivo que a levou migrar para a mídia digital.

DADOS: Eleonora Allgayer Canto de Lucena (Porto Alegre, novembro de 1957) é uma jornalista brasileira, graduada em Jornalismo e História pela UFRGS, trabalhou no jornal Zero Hora, em Porto Alegre. Transferiu-se para a cidade de São Paulo em 1981. Ingressou no jornal Folha de S. Paulo em 1984, tendo sido diretora-executiva do jornal (2000-2010); posteriormente, foi repórter especial e colaboradora eventual do veículo. No momento, prepara um livro sobre Carlos Lamarca. É casada com o jornalista Rodolfo Lucena, com quem tem duas filhas.

Desde 2017, Eleonora e o marido Rodolfo Lucena criaram o site TUTAMÉIA (www.tutameia.jor.br). Eles também possuem um canal no YouTube chamado Tutameia TV, com aproximadamente 30 mil inscritos, no qual, algumas vezes, fazem entrevistas em sua própria residência (onde funciona como estúdio), ou via Skipe com personalidades que tratam sobre assuntos pertinentes a atualidade política, cultural e econômica do país e do mundo. Eles também produzem entrevistas externas que são apresentadas em seu canal e site.

Essa entrevista tem como objetivo saber porque Eleonora se encaminhou para as mídias digitais, depois de trabalhar por mais de 30 anos no jornal impresso. E, quais foram as dificuldades e adaptações para atuar nas plataformas digitais.

PRODUÇÃO: O contato com a jornalista Eleonora Lucena foi feito por intermédio da professora Cibele. Eleonora marcou a entrevista para o dia 03/02, as 17hs, na Lanchonete Real, localizada na Av. Prof. Alfonso Bovero, 2 – Sumaré – São Paulo.

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Por que você deixou o impresso e criou um site?
4. Quais foram as dificuldades de criar um site? Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. Você consegue se sustentar com o site?
7. Você e seu marido fazem todo o processo de produção, edição e filmagens?

8. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?
9. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
10. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?
11. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

RETRANCA: LÚCIO FLÁVIO PINTO/SITE A AGENDA AMAZÔNICA

OBJETIVO: Saber qual motivo o levou a fazer jornalismo na internet como e lida com as mídias digitais

DADOS: Lúcio Flávio de Faria Pinto, (70 anos). É um professor, jornalista e sociólogo brasileiro. É um dos mais prestigiados jornalistas do Brasil. Único brasileiro na lista dos 100 mais importantes jornalistas da ONG Repórteres sem Fronteiras. Sociólogo, formado pela Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (1973). Foi professor visitante (1983/84) do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida em Gainesville, Estados Unidos. Foi professor visitante no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e do curso de jornalismo no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. É autor de diversos livros sobre meio ambiente e Amazônia. Foi correspondente da BBC Radio News, responsável pela sucursal do jornal O Estado de S. Paulo na Amazônia e repórter dos jornais O Liberal e A Província do Pará, entre outros. Desde 1987, publica, juntamente com seu irmão, Luiz Pinto, o Jornal Pessoal, quinzenário individual que circula em Belém sem qualquer tipo de publicidade, e que tem como diferencial em relação ao restante da imprensa paraense o não alinhamento a nenhum dos grupos políticos e empresariais do estado. Mantém também outro periódico, denominado "Agenda Amazônica". A intenção desta entrevista é saber por que criou vários blogs na internet, levando em conta certa aversão por esse meio de divulgação. E qual sua relação no manejo das mídias digitais, com quase 50 anos de jornalismo impresso?

Fonte: Blog: Lúcio Flávio Pinto – Uma agenda Amazônica

PRODUÇÃO: Foi feito contato com Lúcio Flávio, num primeiro momento, por meio da professora Cibele, para uma entrevista direcionada a um livro sobre jornalista que escrevem sobre meio ambiente. Posteriormente entrei em contato para combinar a entrevista. Ficou marcado para o dia 29/07/19, as 9hs da manhã, em sua residência, Centro (Belém/PA) Fone: (91) 3237-2073 / 98146-6821 (esposa)

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?

3. Por que você deixou o impresso e criou blogs?
4. Quais foram as dificuldades de criar blogs? Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. Vive financeiramente da receita dos blogs?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?
8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
9. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?
10. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

RETRANCA: JOSÉ LUÍS NASSIF/CANAL GGN

OBJETIVO: Saber qual o motivo que o levou migrar para a mídia digital e como faz para permanecer diante de muitos sites concorrentes hoje.

DADOS: Nascido em 24 de maio de 1950, em Poços de Caldas (MG), **Luís Nassif** teve sua primeira experiência jornalística aos 13 anos, editando o jornal do Grupo Gente Nova na cidade natal. Aos 15, fez estágio no Diário de Poços (MG), durante o período de férias escolares. Começou a trabalhar profissionalmente em 1º de setembro de 1970, como estagiário da revista Veja (SP). Foi efetivado no início de janeiro de 1971. Em 1974, tornou-se repórter de Economia da revista. No ano seguinte, ficou responsável pelo caderno de Finanças. Formou-se na ECA em 1976. Em 1979, transferiu-se para o Jornal da Tarde (SP), como pauteiro e chefe de Reportagem de Economia. Lá criou a seção Seu Dinheiro, primeira experiência de economia pessoal da imprensa brasileira, e o caderno Jornal do Carro. Em 1983, mudou-se para a Folha de S.Paulo (SP), onde criou a seção Dinheiro Vivo e participou do projeto de criação do Datafolha. Criou em 1985 o programa Dinheiro Vivo, na TV Gazeta, e a partir dele fundou, em 1987, a Agência Dinheiro Vivo, que desde então veicula na internet informações de Economia e Negócios. Desde 2005 mantém o Blog do Nassif, em que escreve sobre os mais variados assuntos, incluindo críticas à própria Imprensa. Iniciou em 2007 uma série de artigos sobre os bastidores da revista Veja (A catarse e a mídia), nos quais critica o jornalismo praticado pela publicação nos últimos anos. Introdutor do jornalismo de serviços e do Jornalismo Eletrônico no País, comanda o Portal Luís Nassif, construindo conhecimento e o blog Luís Nassif Online. Venceu, em eleição popular, o Prêmio iBest de Melhor Blog de Política, realizado pela Academia iBest. Foi eleito em 2014 e em 2015 entre os TOP 50 dos +Admirados Jornalistas Brasileiros, segundo apuração do J&Cia em parceria com a Maxpress. Participou como entrevistado do documentário O Mercado de Notícias (2014), de **Jorge Furtado**. Em novembro de 2015, foi um dos debatedores da Mesa Política do Encontro de Tiradentes, ao lado de **Zuenir Ventura, Marcelo Beraba e Daniela Arbex**, em evento que teve **Audálio Dantas** como curador e apoio da Prefeitura de Tiradentes (MG) e desde Portal dos Jornalistas. Também foi eleito para compor o Top 10 do Prêmio Os +Admirados da Imprensa de Economia, Negócios e Finanças 2016, iniciativa do

J&Cia e da Maxpress, onde também recebeu a premiação de +Admirado Editor/Diretor do ano. Publicou os livros: O Cruzado por Dentro do Choque (Cultura, 1986); Menino do São Benedito e Outras Crônicas (Senac, 2001); O Jornalismo dos Anos 90 (Futura, 2003); Os Cabeças-de-Planilha (Ediouro, 2007), e A Casa da Minha Infância (Agir, 2008). Passou a integrar o time de colunistas do Hoje em Dia (MG), em fevereiro de 2013, publicando comentários em cinco dias por semana, exceto sábados e segundas-feiras. Em abril do mesmo ano lançou uma iniciativa independente da sua Agência Dinheiro Vivo: o piloto do GGN, “o jornal de todos os Brasis”, projeto jornalístico que pretende trabalhar temas relevantes pouco abordados pela mídia, como gestão, inovação, direitos sociais, justiça de transição etc., além da cobertura comentada das notícias do dia. Esta entrevista tem o propósito de saber de Nassif, qual a finalidade na criação do GGN e se encontrou muitas barreiras para manter-se no mercado digital, já que é considerado o introdutor do jornalismo eletrônico no país.

PRODUÇÃO: O contato com o jornalista José Luis Nassif foi feito por intermédio da professora Cibele. A entrevista será realizada no dia 19/03/20 as 15hs, por meio do Zoom, com link compartilhado gerado pela entrevistadora. (a entrevista não se dará pessoalmente por causa da quarentena imposta pelo Governo, devido a pandemia do coronavírus). Contato realizado por meio do Facebook

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Por que você decidiu criar um jornal jornalístico eletrônico?
4. Quais foram as dificuldades de criar o site? Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. Você consegue se sustentar com o site?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?
8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
9. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?

10. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?
11. Por que o nome GGN?
12. Quais suas perspectivas sobre a qualidade do jornalismo online?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Bibliografia Luiz Nassif. Disponível em:
<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/luis-nassif/>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

RETRANCA: MANUEL ALVES FILHO/BLOG DO CHEF

OBJETIVO: Saber qual motivo o levou migrar para a mídia digital.

DADOS: Manuel Alves Filho é jornalista e chef de cozinha. Como jornalista, tem experiência em jornal, revista, rádio e internet. Foi repórter e editor nos Jornais Correio Popular e Diário do Povo, ambos de Campinas. Foi assessor de imprensa na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde trabalhou por 18 anos. Tem profunda experiência na divulgação de assuntos relacionados à ciência, tecnologia e educação. Assina o Blog do Chef Mané, publicado pelo site campinas.com.br. É autor do livro "50 memórias, 50 sabores - A cozinha ancestral de quem ajudou a construir a Unicamp". É palestrante e organizador de eventos gastronômicos. Foi apresentador do programa "Prato do dia" na Rádio Unicamp. Manuel Alves participou ativamente no processo de mudança da redação analógica para a digital, quando trabalhava no Diário do Povo. O intento desta entrevista é saber do jornalista como vivenciou esse momento e o quais dificuldades teve no período de adaptação da redação aos meios digitais.

PRODUÇÃO: O contato foi feito via whatsapp e a entrevista está marcada para o dia 24/09/19, na residência do jornalista, sito à Av.: Dr. Moraes Salles, 1027, Apto 133 - Centro.

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Por que você criou o Blog do Chef?
4. Teve alguma dificuldade em criar um site? Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. O Blog lhe rende o necessário para viver?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?
8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
9. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?

10. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

RETRANCA: MINO CARTA/CANAL MINO RESPONDE

OBJETIVO: Saber qual motivo o levou a migrar para a mídia digital.

DADOS: Mino Carta, (87 anos), nasceu em Gênova (Itália). Começou no jornalismo em 1950, cobrindo a Copa do mundo como correspondente do Jornal Il Messaggero, de Roma. Em seguida, colaborou de 1952 a 1955 com a revista Anhembi. Mudou-se para a Itália em 1957, trabalhando como redator dos jornais La Gazzetta del Popolo, de Turim, e Il Messaggero e como correspondente do Diário de Notícias e da revista Mundo Ilustrado. Volou em 1960 para o Brasil, onde fundou e foi diretor de redação da revista Quatro Rodas. Também fundou e dirigiu a edição de esporte do Estado de São Paulo (1964/65), o Jornal da Tarde (1966/68), a revista Veja (1968/76), a revista IstoÉ (1976/80). Foi diretor de redação da revista Senhor de 1982/88 e saiu para fundar a revista Carta Capital. Paralelamente, desenvolve uma carreira de pintor, iniciada em 1956. Em novembro de 2006, Mino recebeu o prêmio de Jornalista Brasileiro de Maior Destaque do Ano, da Associação dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira no Brasil (ACIE). É autor de vários livros entre eles “O Castelo de Âmbar” e “A Sombra do Silêncio”. A intenção desta entrevista é saber o que um jornalista, com mais de 50 anos de carreira, pensa sobre o jornalismo no formato digital e o que o levou a fazer vídeos para o YouTube. Quais são suas habilidades em lidar com os aparelhos digitais?

PRODUÇÃO: O contato com Mino Carta deu-se através de e-mail enviado à sua secretária Ingrid Sabino, que fez a ponte, marcando a entrevista para o dia 30/09/19, às 17hs, no Prédio onde funciona a redação da Revista CartaCapital, à Alameda Santos, 1.800, 7º andar. Fone: (11) 3474-0162.

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?
2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Por que o senhor está fazendo vídeos para o YouTube?
4. Alguma dificuldade em lidar com as câmeras? Conta com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. Qual a intenção de seus vídeos?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas

(praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?

8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
9. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?
10. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MINO, Carta. **O castelo de âmbar**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

"Jornalista do ano": Mino Carta recebe prêmio da Associação de Correspondentes Estrangeiros. **Portal Imprensa** - Jornalismo e Comunicação na Web. 2006. Disponível em:

<http://portalimprensa.com.br/portal/ultimas_noticias/2006/12/04/imprensa8658.shtml

>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

RETRANCA: BOB FERNANDES/CANAL YOUTUBE

OBJETIVO: Saber qual o motivo que o levou migrar para a mídia digital.

DADOS: Roberto Fernandes de Souza (64 anos), mais conhecido como Bob Fernandes é um importante jornalista brasileiro. Trabalhou entre 1978 e 1979 na Rádio Jornal do Brasil. Entre 1979 e 1982, foi repórter da sucursal da revista Veja no Nordeste, e escreveu colunas para o jornal Tribuna da Bahia. Entre 1983 e 1986 foi repórter do Jornal do Brasil em Brasília (DF). Em 1987 fez o programa de televisão *São Paulo/Brasil*, nos canais GNT e TV Cultura. Foi sub-editor da Revista Status em São Paulo. Em 1988 foi repórter da Folha de S.Paulo na sucursal de Brasília. Entre abril de 1989 e dezembro de 1991 foi diretor da sucursal da revista IstoÉ, em Brasília, tornando-se correspondente dessa revista nos Estados Unidos entre 1992 e 1993. Nessa época cobriu as eleições presidenciais entre George Bush e Bill Clinton. Dos EUA, decidiu ir para a Angola cobrir a guerra civil do país. Também cobriu diversas Copas de Mundo de Futebol e algumas Olimpíadas de Verão. Quando retornou ao Brasil, foi repórter especial da Folha de S.Paulo, até se tornar um dos fundadores da revista Carta Capital, em 1994, na qual emplacou mais de 100 capas. Foi editor-chefe do *Terra Magazine*, no portal Terra. No mesmo ano em setembro foi escolhido entre os Os + admirados jornalistas brasileiros – Top 100, como editor do portal Terra. A eleição foi feita por Jornalistas&Cia em parceria com a Maxpress. Repetiu o feito em 2015 e está entre os eleitos da premiação e de novo entre os TOP 100.

No final de outubro de 2014 despediu-se do portal Terra. Com o encerramento do contrato demonstrou o desejo de seguir novos caminhos. Esse é o foco principal desta entrevista, que gira em torno de saber por que fez a escolha pelo jornalismo na internet. Hoje ele mantém as páginas "Bob Fernandes" e "Bob Fernandes jornalista", no [Facebook](#), e o [Twitter](#) Bob Fernandes. Em fevereiro de 2019, estreou seu canal no [YouTube](#). (Fonte: Portal dos Jornalistas)

PRODUÇÃO: O contato foi realizado por e-mail. O jornalista concordou em dar entrevista por meio do aplicativo Zoom, (devido o distanciamento social por causa ao coronavírus), no dia 05 de maio as 14:30hs.

1. Por que você escolheu jornalismo como profissão?

2. Quanto tempo trabalhou no jornal impresso?
3. Você já tinha experiência na mídia digital (Portal Terra) quando resolveu criar seu próprio canal de comunicação. Qual foi sua maior dificuldade na criação desse novo desafio?
4. Contou com a ajuda de alguém?
5. Inicialmente, como se deu sua adaptação às mídias digitais?
6. Você consegue se sustentar com seu canal?
7. Como você vê o fazer jornalismo atualmente, com tantas pessoas (praticantes de atos jornalísticos) de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdos e postando nas redes sociais? Você acha que as pessoas estão sendo mal informadas?
8. Você conhece alguém que tenha sido demitido por não se adaptar aos meios digitais?
9. Em uma entrevista concedida ao Programa Perfi&Opinião da TVE Bahia, você diz que se considera um inapetente tecnológico, por que?
10. O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?
11. Qual o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/bob-fernandes/>>Acesso em 01 de maio de 2020.

3. Transcrições das Entrevistas

Entrevista concedida por Alayr Ruiz (site Lala Ruiz Notícias Crônicas, no dia 26 de setembro de 2019).

Eu trabalho em redação, em jornalismo, desde o século passado (rsrs). Eu peguei a evolução toda, quando eu comecei a trabalhar em jornal, eu usava máquina de escrever, Depois de um tempo começou a migrar para o computador, mas era só as produções de textos, algumas coisas.

Pergunta: Quando a internet chegou no Brasil você estava trabalhando em qual veículo?

Resposta: Eu acho que eu estava no diário do povo, só que assim, ela não foi implementada nas redações com rapidez, quem hoje está com acostumado com a internet, demorou. A gente demorou para ter e-mail, para ter uma internet a gente teve a internet discada, mas demorou muito, aí foi a chegada da internet nas Redações provocou diversas mudanças, principalmente na estrutura das Redações, várias funções foram eliminadas. Digitação, revisão, past up, que era quem mandava o jornal, hoje essa função já foi substituída. Hoje você tem os programas de edição. Então, em alguns veículos você já tem seu espaço delimitado na página, você tem que escrever ali e pronto. É diferente na internet.

Eu migrei para internet quando eu saí do jornal. Eu saí do jornal em 2015, do Correio Popular, decidi que ia fazer um site em estilo de Portal, de notícias sobre turismo, gastronomia, Aí eu comecei o Lalá Ruiz Notícias Crônicas, mas eu migrei por... eu vislumbrei a oportunidade de fazer alguma coisa, porque o campo de trabalho está péssimo, para quem é mais velho então, eu, com cargo de chefia como é o meu caso, não tem, ninguém te dá a oportunidade o que eles te oferecem de salário, quando te oferecem, não compensa nem você sair de casa, é um total desrespeito, Nosso mercado está muito ruim, muito ruim.

Pergunta: A migração do jornal impresso para as mídias digitais desvalorizou muito a profissão de jornalismo ou algumas funções foram extintas?

Resposta: Não é questão de extinção de função, função existe, mas eles, os cargos vêm sendo ocupados, não porque você é o melhor, não é recentemente, isso é só uma realidade, eles querem pagar menos. Eu recebia um salário x, o editor que fazia

a minha função hoje recebe 40 a 30% do que eu ganhava e olhe lá ainda. Tá muito ruim o mercado, aí eu fui para a internet para tentar fazer alguma coisa, mas é muito difícil, porque a minha geração a gente foi feito para ser empregadas, não para ser autônomos, então é muito difícil, tem algumas pessoas, claro da minha geração que, desde o início já partiram para uma assessoria Mas são poucos, mas a grande maioria foi treinado para ser empregado, Na faculdade as aulas eram para você trabalhar no jornal, para trabalhar em rádio, na TV pode seguida o jornalismo sindical não existia, gente tinha algumas aulas de assessoria de imprensa, não é como hoje é diferente, o mercado para o profissional de comunicação está bem diferente, tem muitas vagas em assessoria de comunicação em que o jornalista acaba fazendo mais um trabalho de relações públicas do que jornalismo propriamente dito, e as redações estão cada vez mais enxutas e se você quer trabalhar com jornalismo você tem que buscar um novo viés para que você possa trabalhar, infelizmente eu tive que abrir mão do meu site momentaneamente porque, não sei quando eu vou retomar, meu irmão era administrador do meu site, ele faleceu, e era ele quem cuidava dos pagamentos da empresa de hospedagem, eu entrei em contato com as empresas, pedi para passar a receber as cobranças, a empresa simplesmente me ignorou, aí eu fui procurar na internet o que estava acontecendo e disse que essa empresa eliminou o suporte ao cliente, em tão eu perdi tudo , eu perdi tudo perdi o dinheiro que eu investi.

Pergunta: Se você quiser abrir o seu site em outro provedor você pode?

Resposta: Eu tenho que tentar reaver o domínio para poder retomar Eu fiz um blog gratuito Para jogar lá uns textos, republicar os textos, só para não perder, para deixar online, eu estou começando a republicar, é o lalaruiznoticiasronicas.blospot.com, Mas é um blog gratuito eu abri com esses modelos que a gente entra com a conta do Google para deixar as postagens. O outro era lalaruiz.com.br, era um portal, com várias editorias.

Pergunta: Era só você que produzia?

Resposta: Eu fazia tudo. Eu tive depois alguns colaboradores que eu criei um blog nerd, era um casal de amigos e um blog de dicas de inglês que a minha irmã que fazia, que ela é professora de inglês, chamado o Blog da Teacher. Aí a gente fez esses dois Blogs que era o Caverna Pop e o Blog da Teacher, e o que eles não faziam, o resto era eu quem fazia tudo. Mas essa parte técnica era meu irmão. Mas agora no

momento eu não tenho como investir em contratação de um novo desenvolvedor, de alguma coisa pra fazer isso pra mim. Um webdesigner, são os profissionais ligados à construção de sites.

Pergunta: Na época você procurou alguma produtora?

Resposta: Meu irmão fez tudo para mim, meu irmão trabalhava com a internet, administrava para os sites, ele que fez para mim ele que criou, ele que fez tudo.

Pergunta: Sua função no site?

Resposta: Era editorial. Eu postava, eu que alimentava o site, mas não fui que desenvolvi, a gente discutiu o que eu queria, como é que eu queria que fosse, e a gente chegou a um modelo visual O que me agradasse, ele fez o logotipo, ele fez tudo. Então agora eu estou de volta meio está na estaca zero. Mas estou com outro projeto Com a amiga jornalistas que também estão a sendo a mesma coisa que eu, tentando arrumar um rumo para a carreira, são jornalistas Veteranas, gente tem um projeto que é turismo em vinho, voltado para o turismo , está só no Instagram é Facebook, mas a gente pretende ter um site, entre outras coisas, modelos de negócios que a gente está discutindo . À uma da mesma época as outras 2 são mais novas. A gente se uniu pela nossa afinidade por gostar de vinho e gostar de viajar. Então a gente se reuniu para fazer esse projeto voltado para o turismo. Começou há pouco tempo, mas a gente pretende ter um site, a gente pretende ter outros modelos de negócio que está definido como vai ser. E eu colaboro com o coletivo que se chama coletivo Multiversas Coletivo que é só Instagram é uma revista eletrônica pelo Instagram.

Pergunta: Como é para você lidar com as redes sociais, fazer postagens, marcar pessoas, como foi pra você

Resposta: Eu aprendi rapidinho, porque eu gosto. Eu gosto de internet, eu gosto dessa coisa de mídia social.

Pergunta: Então você domina o Facebook, Instagram...?

Resposta: Sim, eu tenho conta em tudo. Tenho até canal do YouTube, nunca fiz um vídeo, eu falando... eu fiz porque eu montei uns videozinhos para acompanhar

algumas matérias minhas, do blog, do site, então tem lá 5 vídeos ou 4 vídeos, acho. Era para ilustrar a matéria. Sabe montagens com fotos.

Pergunta: Você edita seus próprios vídeos?

Resposta: Sim, mas eram vídeos simplesinho, montagem com fotos, coisa mais elaborada eu ainda não aprendi, pretendo aprender, mas é mais assim para acompanhar matéria mesmo. Coisas curtinhas assim que eu fiz com montagens de fotos. Tem uma matéria que eu fiz sobre a Galleria Borghese que é em Roma, que fica no Parque, Vila Botghese, eu fiz uma montagem com fotos e pus um vídeo. Na matéria eu punha o link do vídeo: Veja o vídeo. Preciso até trocar isso aqui, porque a matéria eu até já republicuei no outro site, preciso trocar esse texto. Fiz uns dois (vídeos) de comida.

Pergunta: Na época do seu site, você conseguiu viver dele?

Resposta: Mais ou menos. Empatado. Posso dizer que eu tive mais prejuízo do que alguma coisa, por inexperiência mesmo. Não sou boa de vender, não sei me vender. Por isso é que agora eu estou nesse projeto com as amigas, porque são perfis bem diferentes, uma inclusive tem mais experiência nessa área, e a gente tem a Esperança de ser uma coisa bem-sucedida. Ela é mais ligada à negócios, ela é jornalista, mas ela tem experiência em negócios digitais.

Pergunta: Os bons jornalistas acabaram perdendo mercado por conta da mídia digital?

Resposta: Eu acho que tem bons jornalistas na mídia digital sim. Como também tem jornalistas ruins, no ainda resta de mídia impressa. Mas o que eu penso assim é que o brasileiro em geral... tem dados, se você procurar na Câmara Brasileira do Livro eles tem alguns dados. O brasileiro lê muito pouco. Via internet, eu acho assim que, Eu acredito que a gente tem uma boa parcela de analfabetos digitais, só pessoas que tem acesso ao mundo virtual mas que não sabe muito bem o que fazer com eles quando o final eu vou te citar um caso aí: eu estava na manicure e a manicure comentou com outra cliente, 'ela tem um site na internet'. Ai a mulher falou assim: 'Mas está no Facebook?' eu disse: Eu tenho um fan page no Facebook, mas pra você ler, você tem que entrar no meu site. 'Mas seu site é dentro do Facebook?' Eu falei: Não. O Facebook é rede social. 'Ah, mas não está no Facebook?'. Não, não está, tem

uma fan page que você me segue e você fica sabendo das novidades, mas para você ler o que está no site você tem que entrar no link do site para ler o conteúdo. A pessoa não entendia, porque pra ela que tem o acesso aqui no celular, internet é Facebook e Whatsapp, quem nem é internet, Whatsapp é um aplicativo de mensagem. Ela está no mundo do Facebook, porque não tem familiaridade. E tem muita gente assim. Um grande escritor francês pausar eu acho que o desafio hoje do jornalista é manter sua relevância, porque a gente está num momento muito delicado de fake News com tudo, a imprensa muito desacreditada, as pessoas preferem acreditar no (même), preferem acreditar num comentarista x,y,z, do que ler uma reportagem e questionar, dá trabalho você ler, você procurar entender. Eu acho que a gente vive um momento muito delicado, mesmo as coisas voltadas para o entretenimento, mas tem espaço pra todo mundo, pra política, pra entretenimento, pra esporte, eu acho que rola esse espaço. Mas eu acho que a qualidade deu uma caída, mas nem sempre a culpa do jornalista uma consequência de como é o mercado hoje de como são as empresas hoje. Você vê muita empresa que você trabalha em uma assessoria de imprensa, você manda um texto, e é simplesmente control c control v, eu trabalho numa ONG se chama Instituto Anelo e às vezes eu mando uns release e saiu assim control c control v, teve um dia eu saiu até meu nome telefone (rsrs)

Pergunta: Você faz assessoria para essa ONG?

Resposta: eu faço o que precisa, tiro fotos... Eu era voluntária lá vivo eu comecei lá como trabalho voluntário. Lá eles dão aulas gratuitas de música, fica na região do Campo Grande, no Jardim Florence 1. Eu faço uma parte da mídia social, alimento o site, faço press release essas coisas quando tem alguma coisa para divulgar. Eu comecei como voluntária, aí eles começaram me pagar, um pagamento simbólico, não chega nem perto de um salário de um jornalista. Eu faço para minha casa, e às vezes eu vou para lá quando precisa fazer mais alguma coisa, é isso.

Pergunta: Você sabe quanto está ganhando um jornalista?

Resposta: No site do sindicato do estado de São Paulo Eles têm uma tabela com piso salarial, trabalho freelance, pra tudo assessoria de imprensa, fotógrafo, jornalista, Produção de conteúdo, a cada 2 anos eles reveem os valores. Mas acho que o valor de 2018, 2019 ainda está lá no ar, no site do sindicato dos jornalistas do Estado de

São Paulo. Procura tabela, preço do sindicato dos jornalistas do estado de São Paulo. De cada estado, difere, lá você pega todos os valores.

Pergunta: Você agora pretende voltar, mais trabalhando em conjunto com as suas amigas jornalistas?

Resposta: A gente tem que unir forças, se quisermos seguir adiante. Eu penso assim, porque realmente é um desafio, nos dias de hoje, o mercado de trabalho hoje está ruim e quem falar o contrário... Mercado formal, então você tem que criar o seu trabalho.

Pergunta: Qual é o conselho que você dá para quem está se formando agora?

Resposta: Eu acho que você tem que se conhecer como profissional e como você quer trabalhar. Se você acha que você foi talhado para a grande mídia, para trabalhar em jornal, você tem que procurar o seu espaço, sabendo que é um espaço difícil, nem sempre o seu salário vai ser condizente com a sua função. Vou te dar um exemplo, o Correio popular estava procurando, um editor Para trabalhar 5 horas, mas você sabe que nunca é 5 horas, sempre é mais, Para pagar 3 mil reais por mês, eu não sei quanto que as pessoas pagam hoje de mensalidade de universidade, Mas ponha isso na ponta do lápis, você ficou quanto tempo? Você vai sair de uma Mackenzie ganhar 3000 reais? É um choque de realidade mesmo, porque existe um piso salarial, que é um piso sugerido para quem está iniciando na função, mas as empresas hoje mal pagam, as que pagam o piso são raras. E eu acho que falta hoje um pouco de consciência de classe, nós não temos consciência de classe como jornalistas. Você vê um tanto de gente que é sindicalizada em tal, mas é importante essas coisas. A gente sabe que o jornalismo a prancha pessoas muito diferentes, é muito diferente de um chão de fábrica de uma metalúrgica, as pessoas tenho um histórico parecido. O jornalismo atrai pessoas de diferentes classes, Poderes aquisitivos, enfim, é diferente. Tentam, falta um pouco de união da classe jornalística, para saber que tem direitos, que tem normas sim, que a gente tem a CLT, que é importante pra gente, que regulamenta o nosso trabalho.

São visões diferentes, histórico de vidas diferentes, acho que tudo contribui, da onde você veio, pelo que você passou, acho que isso influencia, claro, como você se comporta como profissional na hora de abraçar a causa, de você receber pelo menos o mínimo que estabelece o acordo do sindicato dos jornalistas e do sindicato patronal

e não é uma exorbitância, o piso salarial nem sei quanto é que está agora, ia ter que dar uma olhadinha no site do sindicato, nem sei quanto está.

Pergunta: Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Resposta: Eu acho que para a gente ser um bom jornalista, O bom jornalista sempre vai ter um espaço, nem que seja o espaço que ele que ele criou para ele. Tem que ser uma coisa responsável, bate tem certas coisas que não mudam na sua formação de jornalista que é: “Quem não lê, não escreve”. Se a pessoa não lê ela não escreve, quando eu falo em ler, é ler reportagens, revistas, Inclusive revistas e jornais com os quais você não concorda Com a linha editorial, é importante você ler, Para você ver o que está rolando dos 2 lados. Livros, revistas você tem que ter vocabulário.

Pergunta: Você acha que a mente atualmente no Brasil perdeu muito crédito, A credibilidade está manchada?

Resposta: eu acho que ela perdeu a credibilidade não tanto pelo trabalho, mas é pela campanha contra na internet. A mídia mente, a mídia sempre mente, a mídia mentirosa. Algumas vezes realmente ela distorce...

Pergunta: Então a mídia anda na contramão do que ela deveria pregar, no caso a verdade?

Resposta: Mas aí é uma questão muito delicada, os meios de comunicação são empresas, elas precisam lucrar para sobreviver. Então elas têm seus interesses sim, e algumas realmente se comprometem em função de seus interesses. Eu assisti na terça-feira, eu fiquei assim de boca aberta, com a cobertura da Record do presidente Bolsonaro no discurso da ONU, foi uma coisa assim, vergonhosa. Foi editado, cortado, para parecer que ele foi lá e foi aclamado, que ele falou só verdades. Depois deu uma entrevista exclusiva pra uma repórter da Record lá me Nova York, Chapa branca total. A pergunta que a menina fez: E como vai a saúde? Chamando o presidente de você, eu achei aquilo desrespeitoso, mas só que estava acordado, e ele com aquela cara, falando aquelas coisas que ele fala, mas assim, sem nenhum questionamento, sem nada, é como se ele tivesse ido lá e falado coisas importantes. Mais uma vez usou aquele um lar de palanque para falar com o eleitorado dele, foi isso que ele fez. Ele não falou para a ONU , ele falou para o eleitorado dele, ele deu dados errados, Sobre a Amazônia e outras coisas, enfim. Só que aí você vê essa cobertura do jornal da

Record, péssimo, Mas por quê que fizeram essa cobertura, por que o Edir Macedo, lá é proibido falar mal, na rede Record, no portal R7, É proibido qualquer tipo de notícia sobre o presidente Bolsonaro, Por que o Edir Macedo fez um acordo com ele, e a principal verba de campanha comercial, de campanha do governo federal hoje vai para a Record, mesmo a Record não tendo a audiência que justifique investir mais nela Do que por exemplo a Globo, que é líder de audiência. E as pessoas que falam mal da Globo, eu sugiro que comecem assistir o jornal da Record para ver o que é manipulação Em nome de um acordo que o dono da Record Edir Macedo fez com o governo do Jair Bolsonaro , Ela vau que ele deu para o eleitorado, para conquistar essa faixa do eleitorado.

Pergunta: A gente vê claramente, está muito dividido...

Resposta: Mas a Globo não é tanto o que esse povo fala, A Globo é super-governista. A Globo apoia a reforma da previdência...Acho que foi no programa da Ana Maria Braga, pequenos negócios que você pode abrir com 500 reais do FGTS, isso é ser governista. Mas essa cegueira contaminou muita gente bêbada inclusive, eu vejo muitas pessoas falando mal, mas não assiste nem uma nem outra. Eu fiquei estarecida quando eu vi a (reportagem) da Record. Eu olhei lá, e disse ter gente como é que pode eles fazerem uma matéria dessa. Na época que fez essa produção lá, foi na época da campanha, tem o Portal Comunique-se, eu sugiro até que se você quiser começar a acompanhar, é um portal voltado para jornalistas e comunicação em geral e tem claro, esses bastidores, essas coisas que acontecem nas emissoras. Então, na época da campanha deu aquele bafafá. No R7, na Record, realmente veio essa norma de que não se pode fazer notícia negativa sobre Jair Bolsonaro. Aí você vê essa cobertura que eles fizeram, eu achei patética. Mas para quem só assiste lá, nossa, Bolsonaro arrasou. Arrasou mesmo? Ou não arrasou.

Pergunta: Nosso país está à deriva?

Resposta: Às vezes eu me questiono se as pessoas querem ser informadas, elas decidem em quem vão votar, quando estão indo para a cabine de votação, Na hora de escolher o deputado, na hora de escolher a vereador. Acabam votando em nome conhecido, Ah, esse aí eu sei quem é. Outro dia eu fiquei assustada, Outro dia vi uma reportagem sobre Eduardo Bolsonaro veículo que foi eleito o deputado mais votado

do Brasil, por São Paulo, um milhão e setecentos mil votos numa seção (é o filho 02 do Bolsonaro, que ele quer transformar em embaixador dos Estados Unidos), a reportagem foi da Folha, E virgula apesar dele ter sido eleito por São Paulo, ele não tem casa em São Paulo, ele não mora em São Paulo, ele morou uma época em São Paulo porque ele foi trabalhar na polícia como escrivão da Polícia Federal. Ele tem um escritório que abre 2 vezes por semana, ele nunca vai no escritório, ele fica em Brasília. Com 6 meses de mandato ele não fez nada por São Paulo, E que outros deputados menos votados como Celso Russomano e Tiririca fizeram muito mais por São Paulo do que ele. Ele não fez nada. O que ele fez? Ele viajou de férias para as Maldivas, depois viajou de lua-de-mel, e acompanha o pai nas viagens e as pessoas votam, porque é filho do Bolsonaro. Por que você vai votar nele? Não, eu não voto no Bolsonaro, eu nunca gostei, não sou petista também, eu procuro sempre observar as pessoas, mas eu não gosto desde que ele aparecia na televisão, CQC, falando aquelas coisas que ele falava. Ele acaba sendo grosso, bronco. Eu não gosto, eu não gosto dele, nunca gostei, não me conformo das pessoas terem votado nele. Mas as pessoas votaram, ele tá aí, vamos aguentar ele por mais 3 anos e meio.

Mas eu penso que o desafio mesmo da imprensa, vai produzir conteúdos relevantes Na área em que a pessoa decidiu trabalhar, e o jornalista tem que Passar a ocupar os espaços que lhe são devidos, Espaços que foram ocupados por profissionais da publicidade, do marketing, do relações pública. O jornalista sabe produzir conteúdo, O jornalista de verdade. E o jornalista de verdade tem que ser o cara indignado, o dia que ele não se indignar mais com as coisas vírgulas que ele pode se aposentar. Com um cara que gosta de trabalhar com política, por exemplo, um Jornalismo voltado para os problemas da cidade, tem que ser uma pessoa indignada, tem um olhar da cidade, que saiba olhar e saiba ouvir as pessoas, eu penso assim.

Pergunta: Em que momento da sua vida você decidiu que queria ser jornalista?

Resposta: Foi por acaso, eu vou ser bem sincera. Eu sempre gostei de escrever, mas eu fiz vestibular para o curso de comunicação social. No primeiro dia de aula, eu fui surpreendida, não só eu como todo mundo na época, pela mudança na grade curricular. Funcionava assim, você gostava dois anos de comunicação social, E quando fosse mudado o segundo para o terceiro ano, você optava por publicidade,

jornalismo, com relações pública, a partir daquilo que você estudou nos dois primeiros anos da faculdade. Eu estava dividida entre publicidade e jornalismo, mas quando a gente chegou no primeiro dia de aula a gente teve que optar, aí eu optei por jornalismo e foi assim. Eu comecei a trabalhar durante a faculdade, eu trabalhava numa assessoria de imprensa, eu estudei com bolsa de estudo. Que eu comecei a trabalhar numa agência de publicidade na assessoria de imprensa, como assistente, o meu primeiro emprego foi como repórter de cidades no Jornal em 1989, no Correio Popular e depois eu passai pra Cultura que eu gosto, que eu sempre gostei, depois eu saí fui trabalhar no Diário do Povo, aí o Correio Popular comprou o Diário do Povo, eu fiquei um tempo no Diário, depois me passaram de novo para o Correio. Trabalhei no Notícia Já também, mas a minha área sempre foi cultura, eu sempre gostei muito de cultura, viagens também eu fiz algumas coisas, mas é o que eu gosto, é o que eu me destaquei, mas eu leio sobre tudo, eu acho que é importante, você tem que saber o que está acontecendo no mundo.

Entrevista com Cynara Azevedo (Site Socialista Morena), concedida no dia 14 de julho de 2020 (via Zoom)

Pergunta: Por que você escolheu o jornalismo como profissão?

Resposta: Desde criança eu sempre gostei de ler e escrever, aos 12 anos eu fiz um jornalzinho na escola, aí fiquei com vontade de ser jornalista e ao mesmo tempo eu queria fazer letras. Quando eu fiz vestibular eu era bem novinha, tinha 16 anos. Aí eu fiz o vestibular na católica pra Letra e na Federal para jornalismo. Passei nos dois, mas como todo filo de pessoa de classe média baixa eu escolhi o que era gratuito.

Pergunta: Quanto tempo você trabalhou no impresso?

Resposta: Eu sempre trabalhei no impresso. No começo quando eu fiz rádio, na faculdade, eu fiz TV, mas pouco tempo. Logo depois, trabalhei em dois sindicatos, um dos petroleiros e dos telefônicos. Isso antes de me formar, me formei super jovem, com 20 anos. Eu trabalhei em um jornal da Bahia, em Salvador e também trabalhei num jornal experimental chamado Jornal do Pelô, era um jornal do Pelourinho, era da secretaria de comunicação da prefeitura, mas voltado pro Pelourinho, era antes da reforma do Pelourinho em 1988.

Eu trabalhava em Salvador, eu vim pra cá pra Brasília, a primeira vez que eu morei aqui. Eu fui pro Jornal de Brasília, depois fiz um estágio na IstoÉ, que ainda se chamava IstoÉ Senhor. Depois eu fui pra Folha, a primeira que trabalhei na Folha foi em 1989, não foi durante muito tempo, mas foi minha primeira relação com a Folha. Eu trabalhei no Estadão aqui em Brasília, não gostei muito do Estadão, e voltei de novo a trabalhar no Jornal local, trabalhei de novo no Jornal de Brasília e também no Correio Brasiliense.

A Folha me chamou de volta em 93 e fiquei lá até 97. Em 97, fui morar na Espanha, que queria trabalhar na área de cultura, queria sair daqui de Brasília, não cobrir política, e queria trabalhar na Ilustrada da Folha em São Paulo, só que era muito difícil, as pessoas que saíam daqui, de política, não chegavam a trabalhar em cultura, muito difícil. Aí eu fiz um plano meio longo. Eu fui para a Espanha, fiz um doutorado em Literatura espanhol-americana, que era retomando meu curso de letras que eu não fiz, não terminei o curso... mas quando eu voltei para o Brasil, fui morar em São Paulo e me chamaram pra trabalhar no Cotidiano da Folha, e daí eu passei para Ilustrada, finalmente, era o que eu queria. Fiquei alguns anos cobrindo livros na Folha, até 2002.

Aí fui trabalhar na CartaCapital pela primeira vez e da Carta eu fui pro Estadão de novo, não gostei de novo, não tem jeito meu santo não bate... aí me chamaram pra ir pra Veja. Como eu não estava muito satisfeita no Estadão...uma amiga minha que assumiu a editoria de política da Veja, ela me chamou pra ir pra Veja, com muitas promessas que não se concretizaram e foi realmente uma coisa bem traumática minha passagem pela Veja, não gostei. Pela primeira na minha carreira, mudaram meus textos, colocaram coisas que eu não apurei, enfim, uma coisa horrível. Lá dentro da Abril mesmo, eu consegui um convite pra ir pra VIP, revista masculina, fiquei lá quase 4 anos, de lá eu voltei pra CartaCapital e fiquei até 2015. Eu já tinha fundado o site e resolvi ficar só com o site.

Pergunta: Por que você criou um site?

Resposta: O primeiro post do site é “Os 12 mandamentos do esquerdista moderno”, então a data que tiver lá... 19 de setembro de 2012.

Eu criei o site porque eu acho que depois dos 40 anos o profissional de imprensa, o jornalista, tem vontade de colocar sua opinião, coisa que a gente não faz no jornalismo normalmente, nós somos repórteres, colocamos a opinião dos outros. Pela minha trajetória político-ideológica, eu acho que nunca iam me chamar para ser colunista em lugar nenhum. Na Carta esbarrava numa idiossincrasia que... os colunistas lá são os mesmos há anos e são todos homens, aí eu falei, não, eu quero um espaço para dar minha opinião e fazer algumas matérias que... em geral o jornalismo não valoriza, que são matérias de pesquisa, matérias históricas, matérias que faz geralmente num lugar da redação que eu sempre adorei que é o banco de dados. “citar aqui momento da declaração quando vai pro site”. No primeiro momento o que eu queria mesmo era opinar, era colocar minhas opiniões sobre... além dos 140 caracteres que o Twitter original permitia quando surgiu, agora dobrou.

Por razões pessoais eu voltei para Brasília, e isso me prejudicou um pouco profissionalmente, porque eu tive que voltar a fazer política profissionalmente, meio que forçada, não sou muito fã de fazer matéria de política. Quando eu fiz política foi sempre matérias paralelas à política. Por exemplo: tinha a CPI do orçamento e eu ia lá para fazer clima, como os deputados se comportavam, fora do foco do hardnews. Hardnews realmente nunca foi meu forte. E eu ficando na Carta esses 8 anos, era só hardnews que rolava, então muitas das capas que eu fiz pra Carta, pra mim são

matérias chatíssimas. Na Folha eu fui melhor aproveitada pelo meu perfil, que é uma jornalista que não tem muito uma área de cobertura, eu gosto de fazer um pouco de tudo. Quando tinha uma cobertura especial de Cotidiano eu fazia, de política eu era puxada e as minhas matérias do dia a dia na Ilustrada, então eu me sinto mais uma jornalista sem área específica de atuação.

Como eu vim pra cá, eu era mais ou menos obrigada a fazer o hardnews da semana, eles não podiam se dar o luxo de ter uma pessoa em Brasília para ficar fazendo cultura, infelizmente não tinha como.

Pergunta: Quais foram as dificuldades que você teve quando criou o seu site?

Resposta: A dificuldade foi mais... hackers derrubaram meu site algumas vezes antes da gente estabelecer umas barreiras pras pessoas, impedi-los de derrubar o site e tal e de fazer ao mesmo tempo a Socialista Morena, mas não era assim tão difícil, minha dificuldade maior era... depois, quando eu fiquei independente, é difícil você se manter financeiramente do site. Demorou muito para eu chegar numa situação de independência.

Pergunta: Esse muito que você fala é o quê, anos, dois anos?

Resposta: Agora, agora eu estou independente financeiramente sem dever dinheiro para ninguém. No início meu irmão me ajudou... mas eu poderia programado melhor esse tempo pra aguentar, mas assim, mas eu acho que as coisas já iam se acelerar, muita gente, já tinha quase 500 mil seguidores no facebook e eu achei que esses seguidores iam se transformar automaticamente em

Assinantes e não é assim, até hoje eu mantenho mais ou menos o mesmo número de assinantes, não explodiu nunca, nunca essas 480 mil pessoas passaram a assinar meu site ao mesmo tempo que seria o ideal, eu poderia a partir daí ter uma equipe, coisa que eu nunca consegui, e agora a parceria que eu estou fazendo com os outros canais, Conversa Fiada, o 247 com a Fórum, é que eu estou conseguindo me manter mesmo financeiramente, sem ficar dura o tempo todo. Mas em termos de gratificação eu me sinto mais feliz hoje do que qualquer época da minha vida profissional.

Pergunta: Como você alimenta seu canal no Youtube? (canal do site 16m)

Resposta: eu comecei até fazer as entrevistas lá, como eu fiz um acordo com a Fórum, eu passei a fazer as entrevistas no canal deles. O meu canal do YouTube não é muito movimentado não.

Pergunta: Você tem permissão para colocar no seu canal também?

Resposta: Eu não fiz essa proposta, porque a intenção lá na parceria com o Rovai foi fortalecer um pouco o canal da Fórum, aumentar o número de assinantes deles. E..Eu tenho um pouco de preguiça de ter tantas redes. Por exemplo, o Instagram do Socialista Morena, eu só fiz porque tinha um impostor lá querendo se passar por mim, qualquer espaço que eu não tenha perfil, alguém vai entrar e fingir que sou eu, isso é a verdade. Então você vê que eu não tenho perfil do Instagram pessoal, é só tenho do Socialista Morena por essa razão.

Pergunta: Por que você não tem um perfil pessoal do Instagram?

Resposta: Eu já tenho meu Twitter que eu gosto mesmo de mexer, tenho o canal do Facebook do Socialista Morena e eu uso esse do perfil do site quando eu quero colocar alguma coisa... não sinto falta, eu realmente acho que a gente está nas redes sociais demais, eu acho que eu não preciso de mais uma rede social.

Pergunta: Você está focada mais no seu site?

Resposta: Eu tenho me disciplinado pra produzir mais conteúdo do que interação nas redes. Porque antes eu tinha muita interação nas redes, eu me ocupava demais, agora eu diminuí as interações e passei mais a focar mais no conteúdo dos sites e também as Lives tomam muito tempo, então eu não quero me ocupar tanto online assim. Eu quero ter meu tempo para poder escrever as minhas coisas, porque eu me sinto mal quando eu não escrevo, o meu foco mesmo é escrever. Vou te falar, as pessoas sentem muita falta da parte da escrita. Elas gostam da Lives, acho até que existe atualmente uma overdose de Lives, mas quando eu escrevo, elas adoram. (parei em18:49).

Eu acho que as pessoas as vezes cansam de tanta luz na cara, tanta voz e tanta imagem. Eu acho que as pessoas gostam da leitura, ontem eu joguei um texto uma coisa simples, sobre a entrevista do Oliver Stone com o Putin no Nocaute, site do Fernando Moraes, nossa, as pessoas divulgaram isso como se não houvesse

amanhã. E às vezes você coloca um vídeo e não faz tanto sucesso. Nunca alguém chegou tão perto de Putin com uma câmera na mão e um microfone na outra.

Esse tipo de liberdade que a gente tem... eu realmente sou uma pessoa apaixonada pelo jornalismo digital, eu acho que não tem mais volta pro papel e nem eu desejo essa volta, porque o digital me dá umas possibilidades tão bacanas, sobre o modo do jornalismo. Se você prestar atenção e um post de um site, os intertítulos que é uma coisa que na imprensa escrita tem. No lugar dos intertítulos eu coloco vídeos sobre o assunto, eu encho meu texto de hiperlinks. Porque o jornalismo impresso tem um defeito de origem que é o fato de ser stank, você termina ali. Com o digital, quando você coloca aqueles links embutidos, que você passa o mouse e vai para outro lugar, aquilo ali você pode passar a tarde inteira lendo um texto.

Eu lembro de quando eu trabalhava na Folha, surgiu uma campanha que eu achei o "ó", aliás, que chamava didatismo, que era você... toda palavra que você usasse num texto que era diferente você tinha que abrir um parêntese para explicar o que era, eles tomaram que o leitor da Folha tinha emburrecido e eles que dar tudo mastigado pro leitor, uma coisa que naquela época eu achava absurdo, porque eu acho que o jornal não pode ser stank, você tem que sair dele para ir pro dicionário, pra enciclopédia, sabe... Agora uma palavra que é mais difícil dentro de um texto eu simplesmente boto um link para um dicionário e pronto, resolvido.

Pergunta: Você conta com uma equipe?

Resposta: Não. Houve período curto, no ano passado, o nome dela está até no expediente, uma colega minha estava desempregada e ficou uns meses comigo, mas fora isso não, basicamente tenho feito o site sozinha nesses 8 anos.

Pergunta: Você consegue se sustentar com o site? Já respondeu.

Resposta: Agora sim.

Pergunta: O jornalista se sente ameaçado por conta de profissionais de outras áreas?

Resposta: Eu acho que o problema não são nem as outras profissões que estão jornalismo, o problema são pessoas que fingem que são jornalistas. Eu acho que essas são as problemáticas que abrem um site para transmitir fakenews e se dizem jornalistas como é o caso desse grupo ligado ao bolsonarismo, onde ninguém é

jornalista e o que eles fazem não é notícia, o que eles fazem é usar um canal pseudojornalístico, pra difamar, caluniar, perseguir, incitar o ódio das pessoas... Então essas pra mim são mais perigosas. O fato de médicos, advogados, essas pessoas e serem sendo jornalistas de algumas formas e sendo comentaristas eu acho menos ruim, natural até. Porque sempre houve um especialista médico dentro da Folha, sempre houve um especialista jurídico, sempre teve a figura do especialista. E eu acho que áreas assim como histórias, ciências política em geral costumam dar bons jornalistas, uma boa formação cultural. A concorrência na nossa profissão sempre foi alta, essa é a verdade. Desde a faculdade, era um dos cursos mais concorridos, era jornalismo. E na profissão também, e agora tem esses cursos de trainee, que a única maneira que as pessoas têm para entrar na profissão. Na minha época eu ainda peguei, no finalzinho, eu me oferecia para trabalhar nos lugares. Por que que eu comecei a trabalhar na folha interrogação? Porque eu peguei meu currículo e fui lá na folha me oferecer. Como eu trabalhei no jornal de Brasília? A mesma coisa, eu cheguei da Bahia com minha pastinha de matérias, fui no jornal de Brasília, apresentei e comecei a trabalhar. Eu sou favorável que o jornalista seja sempre um cara de pau. Eu pedi emprego, na maior parte que eu trabalhei na imprensa, Eu pedi o emprego, não fui convidada. Fora a vez que a minha amiga me convidou para ir para a veja, acredito que todas as vezes eu pedi em prego.

Pergunta: Hoje se exige do profissional mais conhecimento em tecnologia do que se fazer jornalismo, as empresas exigem o que os jornalistas sejam parceiros, colocar mão na massa, para fazer um trabalho muito mais braçal do que intelectual. Como você vê isso, concorda ou discorda?

Reposta: Na nossa época era o repórter, o fotógrafo, cada um tinha sua função, agora eles querem que o jornalista seja multitarefas ou seja, eles querem que o jornalista filme, escreva, grave, fotografe... Isso eu acho uma esculhambação. Porque o fotógrafo tem um olhar específico, minhas fotos minhas fotos nunca foram boas como a de um fotógrafo profissional e nunca serão. Fotógrafo tem que ser valorizada, eu vejo que estão demitindo todos os bons fotógrafos e fazendo os repórteres de fotografarem, além da qualidade do material cair, esses dias por exemplo, o Estadão ele mantém o seu fotógrafo. Outro dia eu fiz um post lá no meu site e eu gostei muito de uma foto do Dida Sampaio é que é do Estadão, Grande fotógrafo daqui de Brasília.

Era uma foto do Bolsonaro comendo cachorro-quente aqui em Brasília, eu queria muito aquela foto, mas eu não posso pegar uma foto do Estadão e colocar no meu site, porque tem direitos autorais, então eu queria comprar aquela foto. Aí eu falei, vou comprar essa foto, quanto será que custa? E eu fiquei positivamente surpresa porque uma Foto custa só 100 BRL. Porque um jornal como O Estadão, A Folha, O Globo, eles têm mais é que manter os fotógrafos, porque 'r um custo benefício que vale a pena, tanto para quem produz conteúdo e compra essas fotos, quanto para eles No seu jornal.

Pergunta: Sobre o troféu Mulher Imprensa, em 2013, que você ganhou, a quem pessoalmente você atribui as características básicas para uma mulher ganhar esse troféu? (mulher imprensa trabalhando com o jornalismo digital)

Resposta: Todas as primeiras edições do Troféu Mulher Imprensa eu fui indicada. E ganhei nesse, depois eles mudaram os nomes e atualmente eu não me encaixo em nenhuma categoria, é bizarro, e hoje em dia eu não me encaixo mais, então ninguém me indica mais. Mas, se eles tivessem mantido originalmente o que era, sempre iria aparecer, porque em termos de blog alternativo eu acho que o meu é o que tem mais destaque, inegavelmente. Aí eles sempre premiam, jornalista da Globo que trabalha em site, Jornalista da folha... Esses prêmios, eu tenho “bode”... Comunique-se, eu tenho “bode”, porque são prêmios super patronais que eles só premiam jornalistas dos meios corporativos, essa é a verdade, porque eles são patrocinadores dos prêmios. É igual aquela entidade de um jornalista que é a Abraji, Associação brasileira dos jornalistas investigativos, Patrocínio Globo, Patrocínio Estadão, aí desculpa, aí fica fácil né, se você é linkados com o patronato.

E o mais bizarro é quando eles falam de “jornalismo profissional”, é que você fica perguntando, qual é o critério? Se a própria imprensa corporativa entrou no supremo para derrubar a obrigatoriedade de diploma, o que que faz um jornalista ser profissional e outro não? Eu queria que eles me respondessem, porque eu sou formada, eu sou jornalista profissional mesmo, mas tem muita gente que está lá na Folha, Estadão, que nem formada em jornalismo é. Então qual é o critério Profissional? É ter um patrão? Então é jornalismo empregado, não é profissional.

Pergunta: Os jornalistas da antiga mídia, críticos, que tem postura, ideologia já não estão mais encontrando um lugar para trabalhar, estão ficando sem espaço. Como a gente atrai a audiência para que a população consigo perceber que o jornalismo feito pela imprensa corporativa, não é o jornalismo da sua essência, um jornalismo de interesse público, que vai dar base para que as pessoas possam pensar. Como que a gente faz para trazer essas pessoas para os jornalistas das redes sociais?

Resposta: Pelo que nós somos, totalmente alternativos, não temos por trás de nós, não temos nenhum dinheiro de grandes corporações ou construtoras, porque se você parar para pensar aquelas empresas da Lava jato se sustentaram bastante no jornalismo comercial, Como nós somos alternativos, para o que nós somos eu acho que nós temos bastante repercussão. Nós temos uma penetração muito grande, você vê que a TV 247 hoje, é uma TV vista por muita gente. Às vezes eu saio na rua E as pessoas me reconhecem. eu nunca trabalhei na Globo, nem no SBT, nem na Record, eu nunca fui convidada para programas da mídia comercial como que eles me reconhecem na rua? Porque a gente está tendo uma penetração forte, muito grande. Em termos de texto, eu gosto muito de escrever, texto é muito prioritário para mim. Tem uns números no site em relação a texto, que poucos meios de comunicação podem se gabar de ter, são post compartilhado no Facebook com mais de 3000 pessoas, eu vejo aí revista Piauí ou folha que não tem esse compartilhamento todo. Eu acho que a gente tem que continuar fazendo , o que falta ao jornalismo alternativo, é condições financeiras para fazer reportagens , porque acaba que muitos de nós , eu evito no meu site, eu estou sempre fazendo materinhas , mas são reportagens não são opinião, gente tem muita opinião no meio alternativo, é um excesso de opinião, em tão enfraquece como jornalismo . O que a gente tem que investir mais é na produção de conteúdo exclusivo, matérias exclusivas mas para isso é que entra dinheiro.

Não é o caso do Socialista Morena, porque toda a matéria que eu produzi ou que alguém produziu ou algum colaborador produziu, em geral são matérias exclusivas, a gente não repercute a mídia comercial, assim como fazem. Exemplo, saiu uma matéria na Folha e a gente bota de manchete lá, uma matéria da Folha, não. As matérias do Socialista Morena são do Socialista Morena.

Eu gosto muito do site da Biblioteca Nacional, lá tem alguns jornais que desapareceram com a ditadura , aqui tem muita coisa boa assim, às vezes eu encontro coisas ...Alguns jornais estão digitalizados, o Jornal do Brasil, Correio da manhã, o semanário que é um jornal muito bom, o diário carioca, estão todos lá.

Pergunta: O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?

Resposta: Eu acho que o que empobreceu o jornalismo não foi a chegada da internet, foi a transformação do jornal, aqui no Brasil, foi a transformação do jornal em partidos políticos, O jornalismo foi extremamente afetado pelo fato de... a antipetismo. Eles passaram a não produzir nada além disso, eles passaram a perder o senso crítico em relação a isso. Tanto é que hoje, a ombudsman da Folha, por exemplo, fala que a postura dos jornais em relação à relação a Lava Jato foi muito subserviente, eles agiram como se fosse assessoria de imprensa. O cara chegava lá transmitia para o jornalista aquilo, Ele jogava para o jornal e dizia que isso era jornalismo investigativo, como assim? Qual o trabalho que ele teve? Receber do procurador a notícia e publicar no jornal de forma acrítica?

Vou citar um exemplo de empobrecimento total e de um acontecimento super antiético na nossa profissão. Foi o fato dos jornais terem divulgado a conversa da dona Marisa com o filho dela. Eu pergunto é qualquer colega, se eu tivesse a oportunidade de perguntar: Se fosse a dona Ruth Cardoso você publicaria? Não publicaria. Porque é antiético, e outra, é ilegal você grampear uma conversa particular de alguém.

Então hoje você vê muitos jornalistas dizendo, “nós somos éticos” e, no entanto, foram os primeiros a divulgar essa conversa de dona Marisa com o filho. Isso nunca entraria nós jornais que eu trabalhei, se os jornais não tivessem sido dominados por esse sentimento, valia tudo contra o PT, inclusive esquecer a ética da nossa profissão, eu acho que isso empobreceu demais o jornalismo brasileiro.

Pergunta: Quanto a internet, qual é o ponto positivo?

Resposta: Eu acho que hoje, que as pessoas estão descobrindo o que é fazer jornalismo digital, eu acho que outros países principalmente os Estados Unidos, tem utilizado o jornalismo digital, da maneira que ele é bacana, para fazer grandes reportagens, porque não tem a limitação do papel, no papel você tem 45 cm, como

era na folha, é o máximo que você tem de espaço no digital não você faz o quanto você quiser ir ler quem quiser, tem alguns sites como uma agência pública, por exemplo é que tem feito no digital, muita reportagem de fôlego e os jornais abandonaram esse tipo de reportagem.

Pergunta: Qual é o legado que você acredita deixar para os futuros jornalistas?

Resposta: Eu espero que eu possa inspirar os novos jornalistas A fazer um jornalismo honesto. Existe uma diferença, as pessoas dizem assim que eu vou jornalismo tem que ser imparcial, eu não acredito nisso, eu acho que o jornalismo tem que ser honesto, verdadeiro, O que você não prejudique ninguém. E quero inspirar as pessoas a sonhar que elas possam ser jornalistas independentes, este foi meu sonho sempre, fazer as coisas que eu gosto e principalmente cumprir o papel social do jornalista que é compartilhar conhecimento. Eu acho que é o que é jornalismo comercial brasileiro se esqueceu e passou a disseminar a ignorância em vez de compartilhar conhecimento.

Se você parar para pensar que na época que eu tinha 17 anos que eu entrei para a faculdade, as pessoas que assinavam artigos nos jornais tinham um nível altíssimo, você recortava as colunas de tão boas que eram. Otto Lara Resende, o próprio Nelson Rodrigues foi colunista. Mesmo os do campo da direita como Davi Nasser... eles tinham um estofamento intelectual para escrever, pra você se tornar um colunista de jornal você tinha que saber... gente eles colocaram o Kim Kataguirí para escrever, eles botaram Rodrigues Constantino para escrever, só o ódio ao PT explica isso.

Comentário: Mas eles trouxeram essas pessoas, pra trazer aquele público de seguidores para serem assinantes de jornal. É a mesma coisa o Copolla que está lá na CNN...

Cynara: É um cara burro...

Comentário: Então isso é uma nova arma que imprensa tem, porque perdeu totalmente o rumo de que é jornalismo...

Cynara: Eles esqueceram o papel social, eles esqueceram O papel de disseminar conhecimento, em tão você passa a disseminar a ignorância porque você quer tirar

partido do poder. É então eu acho isso o pior desserviço que a mídia Comercial prestou ao Brasil, foi parar de disseminar conhecimento.

Pergunta: Você ainda está no Reaça & Comuna?

Resposta: Não, o Reaça resolveu sair, E a gente não achou uma pessoa que tivesse o perfil dele, assim, engraçado, aí nós interrompemos.

Pergunta: vocês ficaram por quanto tempo no ar?

Resposta: Foi mais ou menos 1 ano.

Pergunta: Quando você fala de jornalismo independente, você se posiciona como uma jornalista esquerdista. Você acha importante o jornalista se posicionar?

Resposta: Eu acho importante, eu costumo dizer que socialismo é a minha ideologia e jornalismo é o meu ganha pão. Eu não sou uma socialista, eu sou uma jornalista que é socialista. Eu sou atacada por Petista, por Psolista, Psirista, olha, eu tenho a minha posição política, agora, entre o jornalismo e a minha posição política eu vou escolher sempre o jornalismo. Então, assim, não venham achar que se um dia cair um furo na minha mão firme a respeito de quem quer que seja, eu vou deixar de dar, por conta de posição ideológica, não vai rolar.

Existem uma incompreensão muito grande do que é ser jornalista de esquerda no Brasil. Tanto pela direita quanto pela esquerda, à esquerda acha que você seja analista de esquerda é você pertencer a algum partido, e eu não pertencço a nenhum partido, eu sou de esquerda, mas eu não pertencço a partido.

Outro dia me chamaram, me convidaram para participar de uma entrevista de blogueiros com o Lula, eu nunca tinha entrevistado Lula, apesar de estar muito tempo nesta profissão, Dilma já, mas o Lula não . Aí eu fiz 2 perguntas para o Lula Que eu queria fazer, como jornalista, nossa, foi um Deus nos acuda, fui atacada pelo PT dizendo que eu era infiltrada. Eu disse, não acha que eu não vou fazer as perguntas, se vocês me convidaram, vocês têm que saber que eu sou jornalista, então não vai rolar. Eu não vou lá dizer amém para ninguém. O Lula respondeu, Ele levou numa boa, quem não levou numa boa foi a militância no Twitter que ficou “Ah, ela Queria que o Lula fizesse meia culpa”. Não, eu não falei nada de meia culpa, o que eu queria O Lula respondeu direitinho.

A pergunta era se ele não se arrependia de ter continuado com o PMDB depois de 2013, e ele falou, realmente, ele falou, depois de 2014 a gente podia ter ido sem o PMDB. É óbvio de podia ter ido.

Mas a pergunta não era para tanto. Mas é isso, é a incompreensão do que é, por causa de ignorância.

O que aconteceu no Brasil depois de 64? Aconteceu que em 64 toda a imprensa é contrária ao golpe foi extinta. Então as pessoas perderam o hábito de ver jornalista de esquerda no Brasil. Jornalista de esquerda estava fora de qualquer lugar e também mataram a imprensa operária, uma coisa que eu digo que eu faço, o jornalismo de sindicato, os jornais feitos por anarquistas, por trabalhadores, todos esses jornais deixaram de existir, então as pessoas se desacostumaram, Elas não sabem que isso existe no mundo todo, Jornalismo de esquerda.

A gente não tem no Brasil, ao contrário de outros países, um jornal de esquerda. Uruguai tem, Argentina tem, a Itália tem, os Estados Unidos têm a Inglaterra tem.

Pergunta: Você ainda está fazendo no Facebook o papo cabeça da semana?

Resposta: agora eu estou fazendo na Fórum, toda sexta às 18hs. Lá eu tenho um convidado, agora eu tenho um convidado. Eu faço daqui de casa, daqui mesmo eu faço tudo.

Entrevista concedida por Eduardo Cerioni (Site JundiAqui), no dia 23 de setembro de 2019.

Muita gente erra, fala Jundiá Aqui, então eu registrei o nome também, por causa dessa confusão, melhor não arriscar.

Pergunta: Hoje você não está mais dentro de uma redação (física)...

Resposta: Física não, mas é uma redação virtual. Trabalha eu em casa, trabalha meu repórter na casa dele, a fotógrafa na outra ponta da linha, a gente vai juntando os três o material, e vai embora, na verdade a gente se vê no bar... não há mais necessidade, na verdade acabou essa história de redação, reunião de pauta. Reunião de pauta é 5 minutos no zap, A gente conversa hoje vai ter João Carlos Martins aqui na cidade, 'Ah eu estou de boa eu quero ir lá ver', então me avisa eles. 'Ah, hoje eu vou lá, fica de sossego'. O que acontece, essa migração é em nome total da economia, com certeza , o papel acabou porque o papel é caro, embora a gente diga que todo mundo gosta de ver no celular não é bem verdade Tem um povo mais idoso, velho gosta no papel , tanto é que eu faço 2 jornais por ano, 2 edições especiais do JundiAqui, uma eu estou agora em fechamento dela uma é basicamente sobre aniversário de Jundiá e a outra é sobre a festa italiana que é um grande momento da cidade. É isso da festa italiana eu faço um jornal bilíngue. O que acontece é que há um grande público carente de bons jornais ainda, é um público mais velho. Sábado eu fui fazer... chamava-se Segundo Encontro da Família de um colégio tradicional na cidade, vai fazer 50 anos em 20 e 21. A mulher me ligou para agradecer a olha foi maravilhoso, onde eu pego o jornal? Mas ela já está com o jornal na mão, está no celular, está na tela do seu computador, se você tiver uma smart TV ele está na tela da sua televisão, olha que legal. Mudou o patamar, a história do papel e hoje a gente se adapta ou não vai pra frente, não tem mais, a tiragem dos jornais são muito pequenas. Eu trabalhei em jornal a vida inteira , comecei e 84 com o jornal meu e fui até em 2014 , você faz a conta 30 anos trabalhando como impresso, e cada vez eu ia vendo, diminui a tiragem, diminuía o número de páginas e os jornais não acompanharam o que as pessoas queriam. Hoje em dia quem tem um celular, assim como você está com este na mão, Todas as informações que você quer ... e esse é o grande problema do online, Se a grande dificuldade que a gente tem, é agilidade, Por que o sujeito está dando a entrevista ela na TV , na Globo News sobre a morte da menina no Rio, o cara quer lê, quer saber a

sua opinião, quer saber o que está acontecendo , ele quer uma análise disso. Não é o caso do meu site, porque o meu site eu faço uma ligação muito estreita. O Papa morreu e eu não consegui ligar ele com Jundiaí, eu não publico nada, porque eu acho que o sujeito vai ver no Uol, vai ver no G1, vai ver nos grandes sites, eu não tenho como concorrer. Eu posso achar um tipo de ligação. ‘Todos os jundiaenses que já tiveram lá na Praça São Pedro no Vaticano estão postando foto hoje na despedida do Papa e minha matéria em cima dessas pessoas só sentimento que elas tiveram e a partir daí citar, o Papa morreu desse jeito... e você que vá ver em outro canal, o meu Público ele tem uma certeza tem que ter alguma ligação com Jundiaí, se não eu não publico, não publico porque tento relacionar artista... Bianca Bin ela nasceu aqui, então cada coisa que tem alguma coisa da novela, se eu for citar, é por causa da Bianca Bin, se não, não vou citar. Agora tem outro menino chamado Gian Lucca (10 anos0, vai começar agora na próxima novela das nove, vou acompanhar um pouco a novela, contar um pouquinho como é que é a cena dele. Ele tava naquela Jezabel da Record, então vou contando e meu site tem outra certeza, não tem polícia. Essa história de matou, morreu, entendeu. Tem polícia de que jeito? Prefiro dar bias informações. Tem polícia se a gente conseguir criar novas ferramentas de defesa Principalmente da mulher, do homossexual, do negro e aí tem a mobilização em si, que eu acho legal. Agora, morreu na esquina, eu passo, eu nem fotografo, nem para mandar para os amigos, porque não é a linha do meu site. Eu criei ele para dar boas notícias de Jundiaí, a ideia é essa. Então, eu descobri no meio do caminho que um bom texto as vezes requer muita pesquisa, é difícil você pesquisar, entrevista várias pessoas, você vai, publica e dá um “x” número de acessos. Eu vou numa festa fotografo 300, 400 pessoas, esse “x” acessos soma por 10, é incrível como as pessoas querem se ver e eu acho que eu descobri isso, isso é um trunfo do meu site, mostrar as pessoas, então eu digo que o site ods melhores leitores de Jundiaí e é a cara das pessoas. Eu estou com ele aí fazendo 5 anos, vou fazer uma festa dia 22 de outubro, todo ano eu faço festa.

Com esse meu trabalho, o JundiAqui foi homenageado pela câmara em junho, teve uma homenagem pro site, e agora dia 17 de outubro eu recebo o mérito jornalístico de 2019, porque as pessoas estão entendendo que eu faço um trabalho de relevância pra cidade. Isso é uma grande coisa. Parece que não, mas ele trás anunciante, ele trás reconhecimento, ele muda um pouco seu patamar.

Pergunta: Seu site é uma referência aqui em Jundiaí?

Resposta: É o segundo site mais antigo. É o que eu vendo para as pessoas, é o que eu mostro apresento os nomes. Eu não tenho o site mais lido, longe disso, tem dois outros muito à frente. Mas, ninguém tem o público que eu tenho. Mulher, 34 a 39 anos, branca, casada, mãe, universitário completo, dona do próprio negócio, essa é a maior parte do meu público, que eu qualificaria elas como formadores de opinião, são as pessoas que dão as respostas, são as pessoas que acabam aparecendo que é o Club da Lady, faz festas que eu frequento, então acaba girando, meu público é predominantemente feminino. Eu diria que é referência em qualidade, sem falsa modéstia, porque a gente checa, tenta dar a melhor informação possível. Tem muito site que repete aquilo que caiu no colo, CNTR C CNTR V.

Pergunta: O jornalismo oferece várias possibilidades, como tirar proveito disso, mediante a uma grande variedade de notícias praticamente em tempo real, isso tem deixado de lado uma boa apuração? O que deixa aberto uma grande oportunidade para as fake News...

Resposta: Eu não tenho essa necessidade do tempo real, no começo eu achava que eu tinha essa urgência de sair com a notícia junto, eu me cobrava brigava, virava a madrugada, ficava fazendo coisas e eu vi que isso era inimigo da perfeição, até porque somos limitados, trabalhamos eu, mais um jornalista e uma fotógrafa. Eu comecei a entender que se eu buscasse uma notícia diferente, um outro ângulo, uma coisa melhor e levasse informações complementares era melhor, o resultado seria melhor, os números me diziam isso. Caprichar mais num título, buscar uma foto diferente. Uma coisa incrível que eu ainda não consegui fazer, mas uma hora eu vou criar, como as pessoas se interessam pela vida de quem morreu e fez alguma coisa. Quando eu conto história de algum morto famoso, não precisa ser famoso, alguém que tenha feito algo, que seja um nome conhecido na cidade, nossa a audiência é gigante. Teve um história de uma menina chamada Duda Azílio, que precisou de transplante de pulmão, ficou internada em Porto Alegre, eu fui até lá visitá-la no hospital para contar a história, acabei não podendo vê-la porque ela estava na UTI, mas entrevistei o pai e a mãe, irmão lá em Porto Alegre, eu contei essa história é um recorde absoluto de acesso e imagine, brigando com o Bloco que nem o Refogado do Sandi que eu faço 800 mil fotos (eu publico de um bloco de carnaval), ela conseguiu dar uma audiência maior do que um bloco de carnaval. Tem um fotógrafo da cidade que está passando por um

momento delicado, tava precisando de tudo e eu fiz uma festa quinta feira pedindo fraldas. 'Se vc for na minha festa leva fralda'. Eu enchi um carro de fralda, até o carnaval ele não precisa de fralda. É esse tipo de ação que você tem uma força de mexer um pouco com as pessoas e elas estão a fim de te ajudar.

Pergunta: você vai além de simplesmente se aparecer, de ganhar dinheiro...

Resposta: Não, eu estou a fim de ganhar dinheiro (rsrs), ganhar dinheiro é bom (rsrs).

Pergunta: As pessoas veem um diferencial humano em você, elas te notam...

Resposta: sim, eu acho que é isso.

Eu tenho uma filha que acabou de fazer 24 anos agora em setembro, é jornalista no site da revista Exame, tem dia que nem almoça, não janta, não dá pra para porque tem que acompanhar a coisa em tempo real e eu falo, essa é uma vantagem que eu consegui, estar no mundo online, estar no virtual, sem precisar estar nessa loucura de sair correndo atrás, disparando notícias para todo o lado para ter uma audiência. Eu tenho uma audiência, acho que diferenciada. Uma coisa que faz muita diferença no meu site é a coisa da opinião. Se não se você deve ter visto um monte de "carinha" lá embaixo. As pessoas escrevem com certa regularidade, alguns não estão escrevendo como deveriam, preciso até renovar as pessoas e tal, Porque chega um momento que eles já não tem tanto conteúdo, não recebem nada para escrever, então eu diria que são formadores de opinião voluntários. Mas alguns escrevem com um grande frequência, eu tenho um bom número de acesso por conta disso, pessoas querem ver o que o José Renato Nalini, que já foi secretário de educação, que já foi presidente do Tribunal de Justiça está escrevendo e ele é de Jundiaí, por isso que ele está escrevendo. Tem outras figuras que acabam movimentando bastante o site, isso eu devo a eles, quando eu faço festa não esqueço deles não.

Pergunta: Em que momento da sua vida você decidiu criar um blog?

Resposta: Eu estava no impresso, perdi o emprego. Foi naquele desmonte do Jornal Bom Dia. O Jornal Bom Dia chegou em Jundiaí como um gigante que acreditou que só ser grande, só ter número de páginas ganha mercado, conquista o mercado e a arrogância acabou derrubando ele. Mas ele durou de 2005 a 2014. Foram 9 anos, mas nunca foi líder de mercado, nunca conseguiu competir com o jornal de Jundiaí.

Pergunta: O que você fazia no Jornal?

Resposta: Eu comecei com o Jornal de Cultura e depois terminei como editor da rede toda, Jundiaí, Bauru, Sorocaba, Campinas, ABCD, Marília, Rio Preto, várias cidades. Eu acabei editando ele e saiu de Jundiaí foi para São Paulo, para dentro do Diário de São Paulo, a partir de lá a gente formou uma equipe que pegava as notícias da cidade, dava um tapa nelas diferente pra fazer para todas as redes e foi aí que morreu, lógico. Pessoas começaram a perceber que aquilo era mais do que comum, como diria, pentear release. Aquilo foi desmoronando o Jornal e, terminou.

Chega uma hora que você fala: 'e aí o que vou fazer?' Vou pedir emprego em São Paulo, tá na hora de eu ficar em Jundiaí e fazer alguma coisa aqui, aí tive a ideia de fazer o site.

Pergunta: De onde surgiu a ideia do nome do site?

Resposta: Eu estava dentro do carro, na época tinha um amigo meu que era um colunista social, na hora que eu descobri, falei pra ele, a gente berrava. Veio de um estalo, repetição de cansaço, você vai tentando, tinha muito nome, toda hora aparecia um novo, e a ideia era relacionar algo com Jundiaí, depois na hora que você pára pra pensar foi boa, o nome ajuda muito.

Uma coisa muito legal é a cobertura de Carnaval em Jundiaí. Ninguém dava bola para o Carnaval em Jundiaí mas quando eu assumi de editor do Bom Dia, Eu disse Carnaval é uma coisa importante, nunca deram uma manchete desse bloco de Carnaval Que leva 50 mil pessoas para a rua. Fala para mim o que tinha de maior importância na sexta-feira de Carnaval para esses caras? Não tem, só se matar se o prefeito se não tinha coisa mais importante Ninguém dava bola para eles. Então, comecei manchutando O Carnaval, hoje é O Grande Dia do Carnaval, Nós acompanhamos, fizemos um caderno com 12 páginas de fotos, Trouxemos a letra do samba, começamos a tratar o Carnaval com um jeito diferenciado no bom dia, e esse tratamento eu levo para o meu site, Sou um cara conhecido do Carnaval hoje, Por conta disso. Eu vou, me divirto e adoro.

Pergunta: Dá para viver do JuniAqui?

Resposta: Dá para viver do JundiAqui, mas é assim: você tem que ser firme. O que é ser firme? As pessoas acham que eu sou um cara alegre, gosta de tomar cerveja,

dar risadas, fotografar mulheres bonitas e basta ele me convidar para ir, não vou assim. O ser firme é isto, eu vou fazer uma festa de um bloco de Carnaval, O almoço mineiro que eu fui ontem lá para ajudar a igreja, Lançamento de um livro, tem algumas coisas que você não vai por preço, você vai porque isso é notícia, agora o cara vai inaugurar a lojinha de sapato dele que ele reformou ele contrata a faxineira ele contrata segurança para reparar o seu carro, contrata foto que você tirou na hora , e ponha o bife, e ponha o espumante, ele paga tudo, mas ele não quer pagar você, ele quer que você vá lá trabalhar em troca de tomar um gole de cerveja. Então eu falo, para tomar cerveja, eu fico no sofá da minha casa, não tem lugar melhor no mundo. Esse tipo de ação que é todo pago o que tem ingresso cobrado, eu acho que por respeito se ele quiser a cobertura do meu site ele tem que pagar também.

Pergunta: As pessoas confundem muito o Edu amigo com o Edu profissional?

Resposta: Ah, confunde. Eu tento ser o mais claro possível. Para os amigos eu dou uma oportunidade eu vou me mostre o meu trabalho, se você vai fazer uma festa eu vou lá cobro a festa te entrevisto, público. O meu cartão de visita é esse, mas agora numa segunda vez você me paga ok. Às vezes os mais chegados, eu às vezes para quem eu sinto que está querendo criar uma relação, Você entende que é uma pessoa as vezes que é uma promessa, porque se eu não pagar, eu tenho condomínio para pagar a vírgula tenho plano de saúde, prestação do carro, se você for contar esse dinheiro precisa sair de algum lugar , o JundiAqui tem que me pagar isso, a hora que ele não me pagar eu paro e vou trabalhar de outra coisa.

Pergunta: Você tem patrocinadores fixos?

Resposta: Eu tenho patrocinadores fixos. Alguns desde o primeiro dia, Max Shopping desde o primeiro dia, o primeiro dia que foi no ar já foi pro comercial da Maxi shopping, da Algebran, E os outros foram entrando para o caminho.

Pergunta: A fotógrafa e o repórter eles são teus funcionários ou eles são colaboradores?

Resposta: Eles são meus colaboradores, Freelance , hoje eu não posso fazer João Carlos Martins que vai estar hoje , então eu chamo ela pode final ela vai lá faz as fotos E eu publico.

Segunda-feira é o meu dia de folga, o meu forte é sexta, sábado à noite e domingo na hora do almoço.

Este fim de semana vai ter a inauguração de um brechó com o salão de beleza de uns meninos super descolados da cidade, não tem como cobrar deles, não tenho como eu não ir que é um evento bacana, me sinto bem. Aí teve o encontro da família do La Fontaine, teve os 60 anos do clube da Lady, teve o almoço mineiro e teve mais no Natura ontem a noite, Então eu fiz aí uns 6 trampos, se você colocar com umas 250 fotos em cada um, dá aí umas 1500 num fim de semana, É isso que faz a diferença. Numa cidade Que infelizmente não tem mais imprensa, ninguém vai, o maior jornal deve ter mais de 60 anos que é o J.J. tem o site dele, não frequenta, não vai, eles têm um fotógrafo... Jornal diário em Jundiáí só temos um, que nem sai mais às segundas-feiras que é o J.J., encolheu. O Jornal da Cidade sai quando tem o edital da prefeitura, quando não tem, não imprime, só fica na internet. E o jornal da região sai uma vez a cada 15 dias num sábado. O sonho de alguns governos, como é o do Bolsonaro, que é não ter a imprensa Em Jundiáí os caras conseguiram não ter imprensa, um bom dia veio com uma pegada que tinha 5 na editoria de política então você imagina o estrago que ele fazia nesta cidade todo dia tinha um algum furo importantes de política, todo dia os caras correndo atrás, até que conseguiram acabar com o jornal pontos seguido hoje algumas coisas assim, eu sinto vergonha, por exemplo tem uma feira de noivas tradicional na cidade, que chama noivas e festas às 17 anos este ano foi o quarto casamento que eles fizeram na história, só vai na feira em casa, casamento patrocinado , a feira oferece o convite ubi feio terno noivo o vestido da noiva todos os parceiros vão se cotizando, para fazer uma grande festa para essa pessoa, foi o quarto casamento que eles fizeram a 17 anos ponto em seguida eu fui conversar com o cara, tinha eu somente cobrindo o evento. Ele falou há 6 anos quando nós fizemos outro tinha 12 veículos cobrindo, no primeiro que nós fizemos há 15 anos tinha 25 ...

Pergunta: Por que esse desinteresse da imprensa em cobrir coisas básicas?

Resposta: Não tem verba, não tem dinheiro, o J.J. tem um fotógrafo. O cara trabalha um fim de semana sim, um fim de semana não. Eles pegam fotos no Facebook para divulgação, é incrível isso.

Pergunta: Mas no seu site é você que produz as fotos ou o teu freelancer?

Resposta: sim sou eu que produzo as fotos, muita pouca coisa eu pego do Facebook, porque eu não acho justo que as pessoas trabalhem para mim de graça. Tenho que me escreve todo dia mandando notícias que ele manda nos jornais todos, eu sei que ele tem interesse de se candidatar a vereador 1 hora, poxa você não quer apostar isso, eu não quero trabalho de graça, eu valorizo o jornalismo, eu acho que o jornalismo tem uma coisa muito importante na formação do jornalista que é a ética e não existe na rede sociais, nesse mundo aí de quem se acha dono da informação e vai postando a torto é a direito , por isso que a gente ensinou ética, a ética é importante. no meu site uma coisa assim o que as pessoas gosta, eu fecho uma parceria com o Maxi shopping, nós estamos tomando café nesse aqui porque aqui é mais fácil de você chegar, Eu não quero um anúncio desses, eu não tenho 2 concorrentes na mesma linha , é a ética , é a confiança do cara em você. Mas nada impede que, se aqui tiver uma exposição bacana, nada impede de divulgar se é gratuito, se tem uma exposição bacana, eu acho que o leitor merece saber o que está rolando.

Pergunta: Quando você migrou para as redes sociais você já tinha um traquejo, um certo manejo em lidar com as redes sociais?

Resposta: Nada, nada. Minhas filhas me ajudaram bastante no início.

Pergunta: Como foi essa passagem da máquina de escrever para a máquina elétrica?

Resposta: Nem teve essa migração de elétrica, não chegou a ter a elétrica era muito cara, nem se passou, foi direto da remeto para 5 cópias de papel, laudas , que você ponha o carbono para mandar uma para o revisor uma para quem quer fazer chamada de capa, uma para o editor, você estava boa a linha, uma para você aguardar, eu sei que eram 5 cópias que você fazia a matéria, tudo com o carbono, para você mandar para frente, na época se fumava na redação, e na época a gente bebia muito, isso não Correio Popular lá de Campinas, lá a gente fazia aqueles mesões, tinha um menino chamado Carlãozinho, ele era muito bom e muito rápido Ele vinha da rua ele sentava, acabava matéria para ir embora pro bar. É a gente conversava ver a Lauda dele indo embora, não tinha dúvida, tinham ruinzinho que ia lá pegar o isqueiro e tacava fogo na lavra do cara, para ele ter que começar tudo de novo, é para ele ficar melhor, a segunda versão ficar melhor, já estava com a matéria na cabeça , a gente

mentia fogo mesmo, Será que a lixeira na redação, era o editor louco, em nós dando risada, era pra dar tempo da gente sair todo mundo junto, pra sair pra zoeira. Aí vieram os computadores, a gente dominou em coisas de semana , a adaptação foi muito rápida, mas perdia assim matérias na hora de gravar, mais a coisa funcionou, é que daí Pro celular sim ela para esse mundo de tecnologia que abriu foi muito distante, aquilo lá era uma máquina de escrever com tela, que não tinha papel, os primeiros 486 sei lá, não lembro, eram os computadores lá do Correio.

Quando eu sai do Jornal Bom dia, A gente já fazia toda essa editoração eletrônica , era papel, mas era tudo feito no computador, era tudo conversa por dentro da gente lá mesmo, em tão eu não usava nem telefone, era e-mail, a coisa veio. Aí eu falei o papel está com os dias contados, não adianta eu bater cabeça, eu vou fazer um jornal de quantas páginas? Quanto que eu vou pagar, como é que eu vou distribuir isso. O grande problema de jornal também é a distribuição. Eu estou fazendo agora os 30 anos do Maxi shopping Jundiaí, e aí é meu grande parceiro desde o primeiro dia, é o meu patrocinador, eu estive na inauguração há 30 anos atrás eu fotografei a inauguração, só eu tenho os outros jornais acabaram com os estúdios os laboratórios com os arquivos, o J.J. se ele quiser ele não acha ele tem mas ele não sabe aonde, o J.C. jogou tudo fora, tinha 3 nego lá 30 anos, E eu tenho, porque eu guardei, Eu trabalhava no JJ e tinha o meu jornal de bairro e eu guardei no meu jornal pessoal eu fiz lá 23 filmes meus , com dor no coração , porque 36 poses Era uma grana aquilo lá, mais eu fiz. Eu guardei direitinho sem pegar luz, dentro de uma caixa. Fui lá com o Max e conversar aí ele adorou a ideia, vamos fazer. Como que você vai entregar a revista, porque se for para entregar aqui na minha portaria, o público que vem aqui, o público que já conhece, eu quero contar a minha história para fora daqui. Aí eu fiquei com aquilo na cabeça. Então eu comecei a pesquisar, são 100 anos do exército, 90 anos do grande artista da cidade, 80 anos da cidade de Vicentina que é grande entidade assistencial, 70 anos da guarda, Se assenta do distrito industrial, 60 do club da Lady, Comecei a ver pelas datas de redondas e disse eu vou fazer um grande jornal de um centenário e os aniversariantes vão distribuir esse jornal para mim . Então eu fui lá e ela disse: 'vamos fazer revista'. Então já mudei de jornal para a revista, Eu estou agora que nem um maluco para fazer essa revista mas ela Vai Ficar pronta, vou contar pelo -1 acontecimento por ano em cem anos de Jundiaí.

A primeira dificuldade foi encontrar um nome, e há outra dificuldade que a pessoa tem é conseguir um provedor honesto e uma pessoa de TI que tenha disponibilidade, por

que você contratar um TI para pagar 24 horas por dia não dá, mas se você ter alguém que naquela emergência, naquela situação te ajude, é importante. E essa história de provedor por que eu tive um grande problema com o provedor, porque ele começou, 'sua audiência está aumentando, sua audiência está aumentando', e o preço dele foi multiplicando, até chegar um dia que eu falei: 'tô sendo roubado'. Aí eu fui ver com outro provedor, o que eu pagava por mês pro cara eu pagaria por ano no outro. Eu fiz fazer a migração, esse cara me bloqueou, e nós estamos na Justiça até hoje, ele me tomou dois anos... bloqueou, que eu tive que pagar uma no, começou querendo extorquir. Ah, nós vamos pra Justiça. Criei um novo site, em um outro provedor para começar do zero e até hoje eu tenho uma bronca por causa disso.

Pergunta: Quando você disse vou criar um site, qual foi a tua dificuldade de quem te ajudou neste momento, você foi autodidata, você foi pesquisar você foi ver com a sua filha?

Resposta: primeira coisa foi bolar. O que eu quero? Ah, eu quero um parâmetro que nós vamos usar. Vamos usar o Uol. O Uol é bonito, o Uol é aquilo. Então a partir daí vamos fazer um desenho dele na mão, igual eu fazia do Jornal, igual uma capa de jornal, eu desenho a capa do meu site. Eu desenhei uma página interna que era para repetir para toda as outras. A partir disso, feita a diagramação como se fosse uma página de jornal, vamos achar quem transformes o para a internet, para o digital, foi então que eu encontrei uma agência de comunicação de Jundiaí para me ajudar. Nós fechamos uma parceria que durante o primeiro ano ele poderia por "x" anúncios de parceiros dele, em troca de criar a estrutura do site e me dar assessoria. Durou um ano e depois não deu muito mais certo, Eu comecei a ver que eles estavam ganhando muito dinheiro em cima do meu trabalho, era muito mais barato eu contratar um TI, aí nós fomos negociar não deu muito certo, aí nós separamos. Aí eu contratei um TI, e esse menino é meu amigo de futebol, em tão, foi ótimo enquanto ele tinha um emprego, mas na hora que ele mudou para São Paulo, mesmo sendo online a comunicação, perdeu um pouco, ficou meio distante, hoje eu tenho um figura de Valinhos que tem uma agência lá, e de noite da casa dele ele trabalha para mim quando eu preciso mudar alguma coisa.

Pergunta: Que tipo de serviço você solicita dele?

Resposta: Ah, por exemplo, todo mundo podia copiar tudo do meu site é você podia pegar teste copiar avião para pegar a foto de copiar, hoje você não pode mais, então são coisas que eu vou aprimorando. É uma dificuldade que eu tenho o anúncio que não aparece na minha página no notebook, na minha página no computador e não aparece no celular, por que? Como é que explica isso? Ele está lá tentando resolver, disse que essa semana ele vai conseguir me resolver, porque eu nunca tinha notado eu nunca tinha percebido, mas o anunciante percebeu um, lógico. 'Por que o nosso anúncio não sai no celular?' Eu tenho que correr atrás disso porque a cada 10 acessos meus, 7 é pelo celular. Em tão eu dei um outro tipo de anúncio para ele, sem seguir e, para ele aparecer no celular, até que eu consiga resolver essa questão técnica. Então esses "detalhinhos" eu não mexo com isso. No começo era a dificuldade 'como é que eu vou postar isso e fazer um link, não sabia?' e era a minha filha, essa que já fazia jornalismo e tal, e que já nasceu com o celular...o povo sabe se mexer, sabe fazer e era ela que me ajudava.

Pergunta: Ela teve paciência?

Resposta: Teve. Mas a menor é melhor, que faz dança na Unicamp, tem 18, essa é melhor pra me ensinar. Ela mora em Campinas, mas quando eu preciso de ajuda ela é mais aberta em me socorrer. Mas vou falar pra você, tem horas que é melhor perguntar para os filhos dos outros (rsrs).

Eu acho que não tem volta. O caminho do impresso não tem volta.

Pergunta: Você está no YouTube? Tem algum projeto para vídeo?

Resposta: Eu posso algumas coisas mas ...eu faço um trabalho voluntário na Bem-te-vi , é o centro de síndrome de Dal, eu fiz ano passado foi um grande jornal, chama-se o jornal da bem-te-vi , esse ano eu estou fazendo há um curta-metragem, inclusive eu estou concorrendo ao prêmio Estímulo de Jundiaí, e pelo que Me conheço, eu acho que eu vou levar . são 3 que vão ser premiados, tem 5 classificados só. Eu vi todos os projetos, o meu é melhor porque fala sobre inclusão, vai ser com Síndrome de Down, e faz uma diferença.

*Essa história que eu te contei da mulher que pediu um impresso, é velho, velho ainda gosta de papel.

Entrevista concedida por Eleonora Lucena, no dia 03 de março de 2020, em São Paulo

Pergunta: Quanto tempo você trabalhou impresso no impresso?

Resposta: De 76 até 2016 então são 40 anos.

Pergunta: Então tá aí eu vou ser sempre trabalhou no impresso?

Resposta: Sempre trabalhei no impresso. Eu fiz uns frilas em rádio aqui, mas foi um período muito breve.

Pergunta: Em quais veículos?

Reposta: Eu comecei trabalhando na própria diversidade na velocidade federal do Rio Grande do Sul depois eu trabalhei na Zera Hora e depois vim para cá eu trabalhei um Monte de lugar trabalhei na revista Brasil Hoje, esses não existem mais, Revista Banas, as revista da Gazeta Mercantil que tinham lá de marketing, mercado, trabalhei na imprensa alternativa né trabalhei no Co- Jornal, Em Tempo, Hora do Povo, eu trabalhei vários e depois e 83 aqui é eu entrei na Folha como frila e em 84 fui contratada de 84 a 2016.

Pergunta: Quando você deixou o impresso?

Resposta: quando eu sair da Folha em 2016, eu achei que eu tinha que fazer outras coisas, o impresso sempre você depende de um empregador, depende de um processo de produção muito mais pesados digamos assim e eu estava afim de aprender coisas novas na verdade, eu e o Rodolfo discutimos isso e a ideia de fazer o vídeo foi dele, vamos fazer um programa esse vídeo então ele sugeriu ele pensou isso, aí a gente estudou alguns formatos e acabou optando por esse formato em que a gente faz um canal de vídeo basicamente, não somente, mas basicamente com entrevistas. A nossa ideia era fazer uma coisa na contramão do que estava sendo feito de muita estridência, muita rapidez, muito curta, na verdade queria entender o que tava acontecendo no Brasil, então vamos fazer entrevistas longas, vamos tentar entender o que está acontecendo e dividir isso. Então partimos para esse modelo espero que a gente faz entrevistas longas de fatos, sem edição...

Pergunta: Você então decidiu, não foi porque vc perdeu o emprego na Folha...

Resposta: Eu perdi esse emprego na Folha, eu já eu estava fazendo já há alguns anos basicamente reportagens, também entrevistas lá, e aí a gente resolveu fazer isso. Claro, nessa circunstância eu poderia muito bem ficar sem fazer nada ou fazendo outras coisas.

Pergunta: vocês têm um site o Tutameia (tutameia.com.br) e um canal de vídeo...ter decidido ir para a área digital, seria porque o momento era mais adequado ou era o que estava crescendo na época, como é que foi a decisão? Ou fazer uma revista impressa?

Resposta: A revista impressa acho que seria uma tentativa com resultado muito difícil, porque a mídia impressa exige investimentos físicos. Tem um custo fixo é importante, exige uma formação de uma empresa existe uma série de investimento, grana mesmo, e o alcance da mídia impressa nos dias de hoje não sabe o que está muito reduzido né. Tinha um desafio de aprender a fazer vídeo, a gente está aprendendo a fazer todo dia, e uma maneira de tentar alcançar mais pessoas com um investimento que não era muito grande, é baixo a rigor. Então é foi isso quisera gente achou que era uma maneira de tentar entender o que está acontecendo dividir isso a gente tinha uma experiência de algumas décadas, então vamos fazer alguma coisa para contribuir, pra discutir gente mesmo pessoalmente entender o que está acontecendo, é o momento de mudanças políticas importantes no Brasil. A gente começou em 2017, eu trabalhei na Folha até o final de 2016. Na verdade, o canal entrou no ar no início de 2018 a gente tem algumas coisas muito experimental, foram experiências assim, experimentos que a gente fez eu diria que a gente anunciou que estava fazendo essa experiência em janeiro de 2018 na sua primeira Transmissão ao vivo foi em janeiro de 2018.

Pergunta: Vocês sempre entram ao vivo?

Resposta: Sempre, com algumas exceções quando tem algum problema técnico ou quando a gente está em uma circunstância por exemplo a entrevista do Lula não podia entrar ao vivo. Por exemplo, a gente fez uma entrevista com uma sindicalista italiana que a gente fez em Roma não tinha como transmitir ao vivo em Italiano, enfim. Tem algumas circunstâncias que a gente tem que gravar mas a gente passa ao vivo depois.

Pergunta: vocês têm alguma dificuldade, como que vocês se habilitaram pra fazer o site, pra manter esse site e pra gravar?

Resposta: na verdade essa entrevista (Itália) a gente não tinha planejado a gente estava de férias e a gente não tinha levado equipamento nenhum, geralmente a gente faz as a gravação em nosso estúdio em casa, com 3 câmeras, 3 microfones a gente tem uma mesa de som, é um ambiente relativamente controlado então a gente tem as condições de áudio e vídeo de iluminação, eu faço tudo. Temos uma situação não digo que ideal longe de ser ideal, mas a gente tem uma condição e a gente tem o cabo da internet então é uma condição mínima ali. A gente conseguiu essa entrevista no meio da viagem, gravamos com 2 celulares na versão que está então na internet a gente só usou um celular porque a gente não tem muito conhecimento de edição de vídeo então a gente sempre coloca o vídeo bruto na íntegra. Vamos fazer, como é que nós vamos fazer? com o celular. vale a pena fazer e depois enfim publica e foi o que fizemos. O som está ruim em comparação com os demais, mas é o que a gente conseguiu que não tinha o equipamento. Então a gente se preocupou por conta também dessas deficiências a transcrever a Entrevista pro italiano e pro português, mesmo com essas deficiências a gente compensa as deficiências com a transcrição integral da entrevista.

Pergunta: No momento a preocupação de vocês é mais com o conteúdo...?

Resposta: nesse caso, claro, sempre o conteúdo vem em primeiro lugar sempre.

Pergunta: Qual o programa que vocês utilizam?

Resposta: Wirecast é muito prático, é então é o que eu faço eu faço uma pré-edição com as legendas e já deixo mais ou menos pronto as vinhetas e eu posso acrescentar coisas no decorrer da entrevista às vezes eu faço isso e preparo eventualmente fotos ou vídeos que a gente queira passar durante A Entrevista ou durante o programa, já deixa tudo preparado no Wirecast, gente já fez algumas vezes é o que ele chama de presenter aqui a vincular a Transmissão à internet . É o seguinte: eu tenho outro computador conectado, eu quero falar de uma notícia que está acontecendo agora, eu consigo colocar no ar, eu quero mostrar o New York Time está dando a Super Terça, o seguinte destaque eu posso colocar ao vivo a Transmissão a gente já fez isso vídeo e o que está acontecendo, eu posso colocar outra pessoa então a gente faz isso também, vai aprendendo, tem muita coisa pra aprender.

Pergunta: Vocês tiveram o auxílio de alguém?

Resposta: Tivemos auxílio de muitas pessoas, amigos, e novos amigos que fizemos nesse período, que a gente teve uma o apoio de uma pessoa para desenho do site você, tá lá no site, tem uns têm os nomes das pessoas que nos ajudaram, tivemos um apoio para na questão do som também e eu tivemos o apoio da iluminação. Foi uma amiga nossa que viu vocês precisam melhorar o som, fulano está a fim de ajudar foi lá passou um dia conosco, vocês precisam ter isso e aí a gente foi seguindo essas orientações.

Pergunta: Vocês foram comprando equipamento, fazendo investimento?

Resposta: Teve um investimento sim, mas não foi um investimento de vulto. Na Santa Efigênia, você encomenda câmeras câmeras e microfones. Nosso primeiro microfone custou 100 reais, só pra ter uma idéia, então nós não gastamos muito para o básico que a gente tem.

Pergunta: E você foi aprendendo a mexer coma ajuda dessas pessoas?

Resposta: Sim e fui aprendendo..?

Pergunta: Suas filhas ajudaram também?

Resposta: Não, nesse processo não.

Pergunta: como você as pessoas atualmente praticando atos jornalísticos, São pessoas de diferentes setores da sociedade produzindo conteúdo E postando nas redes sociais. Nós como receptores estamos sendo mal informados? O jornalismo raiz está se perdendo por causa da internet ou está sendo o novo avanço para o jornalismo?

Resposta: Eu acho que o jornalismo não está morrendo e não vai morrer, o jornalismo é uma profissão da qual a sociedade necessita, É uma profissão que busca mostrar a realidade, E o que a gente vê as vezes é uma cacofonia, uma produção de conteúdo Que não é jornalismo exatamente. Isso muitas vezes leva à difusão que informações erradas, distorcidas, mentiras mas o jornalismo tem uma função social para além desse momento histórico é de quem está me vendo aí tem uma função social que permanece embora hoje esteja muito machucado eu já com poucos

investimentos aqui no Brasil e no mundo todo, tem uma crise no modelo de negócios do jornalismo mundial, um modelo de negócio agora o jornalismo ele permanecerá, pode estar com maior dificuldade agora, problema de investimento mas ele é uma necessidade porque é uma forma da sociedade discutirem os problemas delas mesmas, não tendo o jornalismo você fica numa selvageria informativa que não sabe o que é separar o joio do trigo assim é uma coisa muito muito complexa pro cidadão, então uma cidade que busca precisa de jornalismo.

Pergunta: Por causa das fake news, o jornalismo perdeu o crédito?

Resposta: eu acho que tem uma confusão aí, porque é o que aconteceu e se você procurar no site você vai ver algumas falas que eu fiz a esse respeito o que aconteceu foi que a gente teve no Brasil uma posição muito enviesado das empresas jornalísticas que acabaram colocando em segundo plano uma função jornalística, e isso acaba confundindo um pouco jornalismo, empresas jornalísticas e posicionamento político e isso leva sim a um descrédito, mas minha visão é que o jornalismo vai ultrapassar isso. Muito ruim para quem está vivendo de noticiário muito contaminado, envenenado, para uma profissão de conformação e que o interesse público permaneça.

Pergunta: E essa revolução da internet no meio jornalístico, das mídias digitais, na sua visão ajudou ou prejudicou, que parte ajudou e que parte prejudicou?

Resposta: Olha a gente não pode culpar a internet por problema no jornalismo. A internet é outro meio de transmissão é um dado que a gente tem que lidar, então não é que tenha prejudicado, é uma ferramenta que tem a vantagem muito boa da interação, Que a gente não tinha os meios tradicionais dessa forma, Tinha de outras formas. Antes as pessoas tinham que mandar uma carta para o jornal, esperar ... No rádio tinha um retorno maior, televisão praticamente não tinha. Essa interação é muito importante ela modifica e coloca o jornalismo, as empresas que produzem jornalismo numa posição menos imperial que havia, esse evento de alguma maneira pode transformar as empresas que precisem olhar mais para seu público.

Pergunta: Você conhece algum jornalista da sua época que foi demitido da redação por não conseguir se adaptar ao jornalismo midiático?

Resposta: Essa questão tecnológica não é um empecilho. E também pessoas que não tenho conhecimento tecnológico sejam alijadas, não sei se isso é verdadeiro. O

importante do jornalismo é sempre o conteúdo, independentemente da sustentação tecnológica, não tenho nenhum exemplo de uma pessoa que foi alijada do mercado por não conseguir se adaptar.

Eu lembro quando eu entrei na Folha, a Folha em 1984, foi o primeiro jornal a colocar computador na redação, mas eu comecei a trabalhar com a máquina de escrever. Naquele mesmo ano que foi introduzido o computador, imagina o computador era um editor de texto Isso foi se modificando e sempre tinha alguém ...

“Ah isso não vai funcionar. Eu não sei fazer. Eu não quero fazer”. a mudança tecnológica sempre existiu em qualquer profissão. Tentam estudar, mudar a perspectiva, nenhum trabalho é estático no tempo, está congelado, fossilizado. Qualquer um, o engenheiro, o médico, eles têm que estar sempre aprendendo, assim é no jornalismo também. Não vejo nenhuma coisa diferente disso, é mais um aprendizado que qualquer profissional tem que ter na sua profissão. Agora os médicos têm que fazer as cirurgias remotamente, por computador em 3D, tem que aprender a fazer isso também, é da realidade do mundo em que a gente vive, tem que aprender sempre.

Pergunta: Por que você escolheu o jornalismo como profissão?

Resposta: Na verdade lá atrás, nós estamos falando de 75, eu escolhi porque queria entender como que era uma profissão ... Eu fiz história também concomitantemente, naquela época dava para fazer na mesma universidade dos 2 cursos ao mesmo tempo, E eu achei que era uma profissão que me permitia uma abertura para o mundo Para entender as relações sociais, para entender o mundo, que era uma coisa que me satisfazia muito, outras profissões não tinham essa mesma perspectiva, A perspectiva de poder atuar, trabalhar para conhecer o mundo foi o que me atraiu nessa profissão. Naquele época era um tempo de censura, o mercado muito restrito, foram anos difíceis, mas foi bom.

Pergunta: Você comparando aquela fase com esta, onde você se sente mais satisfeita?

Resposta: Agora.

Pergunta: Trabalhar em casa que tipo de satisfação te dá?

Resposta: Eu gostei muito de trabalhar em vários ambientes de redação, 500 pessoas, foi uma experiência muito boa mas agora eu tem uma satisfação Que é muito boa de

fazer o que eu estou fazendo. Trabalhar em casa é uma circunstância porque, a gente não tem patrocínio, então, alugar um lugar e montar tudo isso em outro lugar é um investimento que eu não tenho como fazer. É uma questão prática e objetiva. Eu tenho uma casa que tem bastante espaço que a gente reservou um espaço para fazer isso, comodidade sim.

Pergunta: Quando você estava trabalhando na mídia impressa a força que você faz para fazer um trabalho, por que hoje você faz 1000 funções. Você corta, edita, liga. O esforço de trabalho você acha que está mais facilitado comparando ao de antes?

Resposta: Hoje tudo é muito mais fácil, tem celular, a tecnologia facilitou muito, embora às vezes complica, às vezes você não sabe por onde andar, tem outros desafios diferentes. Antes a gente tinha que fazer tudo por telefone, você tinha que se deslocar, Tinha que fazer em papel o papel desse Ah para o trabalho de condicionamento desse texto em papel, era outro processo produtivo que exigiu sempre aprendizado o tempo todo , é errado pensar quem estava no mundo do papel Estava tudo normal sempre tem temos que aprender outras coisas hoje temos facilidades. o ritmo é diferente hoje é porque eu estabeleço ritmo que eu quero fazer que eu não quero fazer.

Pergunta: Vocês têm 30.000 seguidores. Vocês já tem um patrocinador?

Resposta: Não temos patrocinadores.

Pergunta:O que você acha que a tecnologia está trazendo mais qualidade para o seu trabalho?

Resposta: A tecnologia eu acho que é neutra nisso, a tecnologia não diz respeito à qualidade, diz respeito à qualidade da imagem só, essas coisas. Mas a qualidade do trabalho objetivamente tem a ver com o acúmulo de conhecimento que você tem, não adianta sistema estúdio super hiper tecnológico se o conteúdo ...acho que o mais importante é ter uma produção de conteúdo aprofundado que é o nosso caso a gente não tem pretensão de fazer, já tentamos fazer isso mas vimos que era uma exigência muito grande de horas de trabalho e a gente quer uma coisa menos opinativa também Nosso objetivo é fazer é produzir conteúdo próprio.

Pergunta: para você A tecnologia ela acrescentou ou não algo para olhar ou piorar o jornalismo. O jornalismo e a tecnologia como é que você vê a influência?

Resposta: O jornalismo é a tecnologia sempre melhora, mas não é que as tecnologias as coisas melhorem por causa da tecnologia, a tecnologia é uma plataforma que vai se modificando e você vai aproveitando dela e tendo mais recursos. Ela pode ser aliada ou não a tecnologia se você pensar que nós vamos ter esse ano vídeos forjados, gravações forjadas, fotografias forjadas, tudo isso vai fazer parte do nosso mundo já, isso a tecnologia está trabalhando nesse sentido contra a verdade contra o jornalismo. A tecnologia depende de como ela é usada ela em si não é nada ela facilita mas o que importa é o que você tem para mostrar a informação que você quer dar.

Pergunta: Seu site já está compensando financeiramente, O retorno que você está tendo, você está compensando financeiramente?

Resposta: Isso aí não, tenho um pagamento muito marginal muito pequeno do YouTube, em tão, o nosso investimento em Câmera, em computador, coisa básica que não foi muito, praticamente a gente gerou isso, mas a gente não tem, também pela forma que a gente faz, gente não faz nada patrocinada A gente também não foi buscar isso quanto final a gente se monetiza mas é uma coisa muito pequena , na verdade nós estamos no salto financiando , o que o YouTube nos monetiza é ridículo é muito pequeno não dá para dizer que é uma coisa que dá para sustentar uma família, uma empresa, que seria legal, claro, A gente também não está focado nisso, as pessoas que vão buscar Patrocínio que vão buscar, a gente não fez isso . Depende do modelo de negócio, tenho que fazer e ver.

Pergunta: A sua preocupação é com qualidade e como vocês falam no começo, Chamamos os brasileiros e As Brasileiras que nos ajudem a defender o país.

Resposta: Essa é uma preocupação básica, e como a gente já está numa fase da vida em que a gente pode se dar o privilégio de fazer isso e o retorno ou não, a gente está deixando em segundo plano pode final a gente até quer buscar isso, mas não tem como fazer isso a gente quer Patrocínio a gente quer anúncio, são 2 pessoas isso aí exigiria uma um outro investimento. A gente nunca fez nenhuma transmissão é impulsionada, nunca pagamos nada para nada. É um site muito pequeno um canal muito pequeno e aí a gente vai vendo o que é que rola.

Pergunta: Seus entrevistados são de alto calibre, A questão da credibilidade dela também, você trazer essas pessoas para o seu programa é por que você também tem credibilidade você conhece as pessoas, trabalhou na grande imprensa

Resposta: Claro, evidente, Rodolfo também começou a trabalhar em 76, ele trabalhou na Folha mais de 20 anos.

Pergunta: Por que o site se chama Tutaméia?

Resposta: A gente gostou do nome é meio histórico nome, porque Tutameia é o último livro do Guimarães Rosa, e significa segundo o próprio livro, uma merreca, coisa nenhuma, então a gente não tinha a pretensão de fazer uma coisa mega, porque não tinha condição, nem dinheiro para fazer isso. Primeiro a gente achou que era uma coisa bem brasileira, um nome bem mineiro, uma coisa bem raiz que tem esse significado de ser quase nada e foi uma homenagem também ao Guimarães Rosa Que é um dos maiores escritores brasileiros e foi por isso que a gente escolheu esse nome. Olá já gostei bastante só que aconteceu algum ser pra eu destravar.

Entrevista concedida por Lúcio Flávio Pinto (Lúcio Flávio Pinto – Uma agenda Amazônica), no dia 29 de julho de 2019 (Belém -PA)

Pergunta: O senhor disse que passou a concentrar no seu site Lúcio Flávio Pinto - Uma Agenda Amazônica, todo o conteúdo que produz no seus Blogs, noticiários na coleção do JP (Jornal Pessoal), por quê?

Resposta: Bom, uma boa parte da minha produção está escrito em papel, antes da era digital. Então eu estou tentando salvar. Eu criei cinco Blogs: um blog de informação que eu estou transformando em um blog menos cotidiano, antes praticamente eu acompanhava os jornais, eu concorria com jornais, E as vezes colocava 8,9, 10 posts no único dia, tenho outro blog que é só sobre a Vale que eu acho que Grande parte do futuro do Pará, praticamente depende da Vale então eu gostaria que as pessoas acompanhassem a Vale, como acompanham a novena de nossa Senhora do perpétuo Socorro; Terceiro, um blog sobre a Cabanagem, porque é uma coisa incrível né você pegar O número de mortos na Cabanagem entre 1835 e 1840, deu 20% da população da Amazônia a população da Amazônia hoje tem 25 milhões de habitantes, ou seja, 5 milhões de mortos, não pode o fato desse ser ignorado a um registro de duas ou três linhas. Há um quarto blog, meu banco de dados. Peguei todos os arquivos, todos os meus clips, todos os meus recortes de jornais E reprocesssei isso porque uma matéria de 80 páginas trabalhar em 20, só contendo as informações perenes, as informações ocasionais as informações ocasionais, circunstanciais eu eliminei. Então esse blog vai ser é uma espécie de enciclopédia da Amazônia contemporânea, quando estiver concluído, E vai ser em inconcluso, nunca vai concluir. Eu pego os fatos de 1940 até 2009. E um outro de memórias, das minhas memórias, que também é o menos alimentado por que, acho que agora chegando aos 70 anos, está um pouco cedo, espero (rsrs), para escrever isso. E tem um Jornal o Pessoal que tem 32 anos, é um jornal Zinho criado por uma pessoa não aceita publicidade, não tem coluna social, não publica fotos, matérias densas. No entanto ele me deu o prêmio do CPJ, Comitê de Produção Jornalista de Nova York, que é uma organização jornalística dos EUA e a menção do Repórter Sem Fronteira que é uma organização do jornalismo mundial. E matéria no The New York Time, the Washington Post, no Los Angeles Times, The Guardian, JORNAL FRANCES, JORNAL ESPANHOL. Por que um jornalzinho tão pequeno, tão precário conseguiu isso? Porque ele publica o que a grande imprensa não publica. Mas chegou

num ponto de inviabilização. A tiragem foi reduzida de 2.000 para 1.000, o preço foi elevado de 5,00 para 7,00, para tentar sobreviver, porque não existe mais nem mais a quantidade de bancas que havia, 30% das bancas fecharam e todas vão fechar mais cedo ou mais tarde. Porque também mais jornal. ... na tentativa de fazer o jornalismo que sempre fiz com o meio da preservação da informação que eu acho que ainda é o melhor, que é o papel.

Pergunta: Você acredita mais no jornal impresso, principalmente para as pessoas que não tem acessibilidade?

Resposta: não exatamente isso, porque o jornalismo lido no papel, seja tudo em papel é mais reflexivo do que no computador. Eu sempre achei que quando você optou pelo meio digital seja no celular seja no computador na tela do computador, você fragmenta conhecimento, fragmenta o saber. Você vê uma tela, as vezes você não tem mais capacidade de ver um estilo, por que a tela é parcial, ver aquela tela mas não ver o texto inteiro, você não constrói o texto inteiro, depois você pode ler, mas eu percebo que a maioria dos jornalistas não leem mais o que escreveu, que sai erros áficos, muito ruins, erros de concordância, desapareceu revisor e mesmo tendo dicionário digital determinadas palavras do dicionário não tem, palavras mais antigas, a correção automática pelo dicionário empobrece a criatividade, porque o dicionário ele é uma ferramenta mas você é que tem que dar o destino final. Então eu criei um blog, eu cedi, não sou intransigente, um burro empacado, mas o meu blog não tem fotos, o meu blog não tem Cor, não tem vídeo, meu blog são frases curtas, meu blog não é sensacionalista, não é impressionista, o meu blog exclui os leitores mais contumazes, 98% dos leitores da internet não vão ler meu blog nunca, isso me dói. Eu quero ir em Leningrado, Petrogrado, são Petersburgo eu posso. Então é um absurdo que você dedique grande parte do seu tempo na internet, à rede sociais E que são cada vez mais elípticas, cada vez mais codificadas e nunca é “que” é “q”. A gramática foi jogada fora, você não raciocina e contextualização, você diz as coisas mais absurdas, liberou os porões e os sótãos da humanidade. Então há um empobrecimento cultural ignociológico. Por exemplo poesia, a poesia é coisa já superada, nunca vai ser superada. Então quando você não ler poesia, não lê outra ficção, lê apenas trailer de filmes, você reduziu o universo do seu cérebro. Cada vez mais um frequentador da internet se torna incapaz de raciocinar abstratamente. Daqui a pouco ele está como um habitante da caverna, ug, ug, bug, bug, eu acho isso terrível, eu continuo

resistindo, meus blogs não são para esse tipo de grupo padrão da internet, eu levei para o blog a forma do jornal impresso em papel.

Pergunta: Análise rápido sobre o Jornal Pessoal, que não duraria um ano e acabou sendo como uma alternativa para quem realmente busca a verdade sobre os fatos, por isso que está com 32 anos, como conteúdo informativo. Hoje nós estamos vivendo algo parecido, a grande mídia não divulga os fatos reais, mas tem os jornais alternativos que são os blogs, uma maneira de você dar sua informação, fazer busca, como o senhor fazia naquela época há 30 anos atrás. Hoje em dia estamos vivendo de uma maneira mais abrangente, os blogs têm muito essa função, tanto é que tem muitos jornalistas que migraram da mídia analógica para a digital.

Resposta: Quando teve o primeiro encontro dos blogueiros, eu fui convidado como precursor do blog e de jornal impresso em papel, porque eu não aceitava publicidade, publicava matérias alternativas. E hoje a maioria dos Blogs jamais me convidara, porque a maioria dos Blogs se tornou partidária, se tornou militante, e eu disse que jornalista não pode ser militante, O jornalista tem o compromisso da militância com a informação seja lá a quem sirva.

Pergunta: O que de você um grande inimigo da grande imprensa?

Resposta: É porque eu acho que a grande imprensa mente muito, deliberadamente ou por incompetência, por compromissos econômicos ou não.

Pergunta: Qual a sua maior dificuldade de lidar com as mídias digitais?

Resposta: O leitor da mídia digital. Ele nivela pelo mais baixo da humanidade. Durante quatro anos e meio eu não fiz moderação nenhuma nos comentários, milhares de comentários, talvez poucos blogs tenho tantos comentários de alto nível. Mas tinha pessoas que me ofendiam E eu publicava. Ofendiam, ofendiam, ofendiam, informações falsas, diziam o que eu não tinha dito, diziam que eu tinha dito o que eu não tinha dito, ao ponto que quatro anos e meio depois eu tive que moderar, porque uma das causas do meu mal de Parkinson, é essa tensão de ser ofendido, ser caluniado, ser agredido com a visível intenção de me inibir, então eu passei a moderar. Ataques pessoais, não só a mim, a qualquer um, acabou, não vou mais permitir, que é a tônica da internet. Resultado? As pessoas sumiram. Porque o propósito era meramente destrutivo. E todas eram pseudônimos. Não colocavam seus nomes

verdadeiros. Então essa praga da internet, não interessa se é verdadeira, se não é verdadeira. Que favorece o fake News, que deixa de fazer as pessoas raciocinarem na análise lógica, tudo isso é o universo por baixo da internet que me causa asco, nojo. Faz com que eu chegue aos 70 anos achando que não tenha valido a pena.

Pergunta: Essa alteração no perfil do jornalista da velha mídia tem causado muito desemprego?

Resposta: Eu sempre fui refratário à internet. Eu não tenho celular até hoje. Mas quando eu comecei a ir nas redações informatizadas, a coisa que mais me chocou é que as pessoas tinham fontes quem não sabiam quem era. Só conversava pela fonte pela internet, pelo computador e pelo celular. Nunca conversaram com a fonte. Todas as minhas fontes eu conheço, todas.

Pergunta: O que as plataformas digitais lhe proporcionaram?

Resposta: O Sartre esteve em Trier, na terra do Marx, onde Marx nasceu, eu procurei no blog, No Google, em todas as plataformas de acesso aos bancos de dados, não tem nada, nada. Então, o que as plataformas me mostraram, enorme potencial que elas têm, O pouco que elas realizam com esse potencial. Então, eu continuo tendo que conversar com as pessoas, ler os livros, ver os documentos, ver os Diários Oficiais... eu posso deixar de ler os jornais, mas eu não deixo de ler o Diário Oficial. Leio os balanços, sei ler balanços, analisar balanços, sou um excelente contador hoje, sem nunca ter feito curso de contabilidade. As plataformas elas mostram que o mundo virtual é maravilhoso, mas ele não compreende a realidade. A realidade tá na rua, o grande repórter ainda continua sendo aquele que ouviu o tiro de canhão.

Pergunta: Qual rede social que o senhor mais se identifica?

Resposta: Nenhuma. Eu tenho um Face, que eu não alimento, que eu não vejo. É um amigo meu que disse: Lúcio tu tens que ter um Face para reproduzir tuas matérias, aí ele faz, não sou eu e nunca vi. Só quando ele me diz Lúcio tem uma pessoa pedindo uma opinião tua, tem uma pessoa te felicitando, aí ele me manda e eu respondo. Acho a rede social o vírus negativo, o vírus agressivo da internet.

Pergunta: O que você acha da hipertextualização na internet? E quando você coloca um link de uma outra pessoa, qual critério você usa?

Resposta: O link pra mim é quando ele linka ao documento original. Você está escrevendo sobre uma sentença do Juiz, o link que me interessa, é a sentença do Juiz, eu vou à fonte. Você tem que ir à fonte mais original possível e as vezes a fonte original é a pessoa. Eu tinha uma fonte no Jari, um gerente da fábrica de celulose, que era um canadense, uma pessoa maravilhosa, competentíssima, com uma larga experiência internacional, mas nós só nos encontrávamos do outro lado da fábrica, tinha a fábrica do Jari em Munguba e nós nos encontrávamos no Mungubinha, onde não tinha o poder da fábrica, aí ele falava como uma pessoa livre. Lá na fábrica ele não falava, então as vezes a fonte é essa, mas numa determinada circunstância, então você tem que ir à fonte para que ela lhe ligue. Você se comunicando com ela pelo e-mail, pelo celular, pelo whatsapp, você não tem nenhuma confiança na fonte, credibilidade, fidedignidade da fonte. E vê agora esse caso do The Intercept, esse caso é exemplar, se eles pagaram por essa informação, isso não é jornalismo, se pagou, para mim não é jornalismo. A informação jornalística não pode ser mercantilizada. E se eles não publicam porque tem mas não querem publicar, também isso não é jornalismo, isso é militância, isso é política, isso é blog, mas não é jornalismo.

Pergunta: Qual é o legado que senhor acredita que vai deixar para o Brasil o mundo e para os futuros jornalistas? O senhor mesmo falou que deu aula na universidade e que não conseguiu formar jornalistas de frente...

Resposta: ... de frente não. Bons repórteres, escrevem bem, mas não de linha de frente... (pergunta: o que seria essa linha de frente?) Ouvir o tiro do canhão, estar lá no conflito, quando o conflito acontece. A maioria das matérias hoje sobre esses conflitos no interior do Pará por exemplo, são de agências, quando as agências mandam.

Comentário: É decepcionante a recepção aos textos na internet, eu não fiz nenhuma concessão formal de instrumento à internet, meus blogs são textos longos, não tem foto, não tem vídeo, não tem nenhum atrativo gráfico, são textos analíticos como o impresso. Eu já faço uma seleção entre aqueles que vão se interessar, que é um universo pequeno. Ao invés de trazer para o impresso a internet, eu levei para internet o impresso. É uma experiência fadada a ser limitada, de alcance limitado, não tem a vantagem da internet de uma propagação intensa, mas ela exclui exatamente aqueles

que transformaram a internet no asilo de loucos. A linguagem que a internet impõe eu jamais vou adotar, nunca, vou morrer sem adotar.

Pergunta: Como e quando você ingressou no jornalismo de meio ambiente? Foi ocasional ou buscou essa editoria para trabalhar?

Resposta: Na verdade a minha carreira profissional ela é um atestado de que o jornalismo é produto dos fatos e não o jornalista é o produtor dos fatos. Eu entrei no jornalismo em 1966. Em 66 foi um ano que eu vou te dizer, não tem na cronologia das coisas relevantes, não conta 66. Localmente conto muito, morreu o maior jornalista do Pará nesse ano que foi o Paulo Maranhão, edito por mais de 50 anos a Folha do Norte, que foi O principal jornal, tanto da primeira, quanto da segunda, quanto da terceira e quarta república. Nesse ano de 66 o jornal, que era um jornal partidário que era o Liberal, se tornou um jornal empresarial comprado pelo Rômulo Maiorana, viria a ser o líder da audiência das emissoras de televisão, rádio e jornal. Em 66 começa o Jornal da tarde em São Paulo, e na Amazônia foi a grande mudança que aconteceu, em 66 o governo fez a operação Amazônia, criou o Banco da Amazônia, a SUDAM, modificou a política de incentivos fiscais, e foi realizada o simpósio da Biota Amazônica para comemorar o centenário da mais antiga instituição de pesquisa científica da região que é o Instituto Museu Emílio Goeldi. Eu comecei com 16 anos no jornalismo, eu fui jogado nesse turbilhão de transformações que mudaram para sempre a Amazônia e é o processo de maior transformação, talvez irreversível da região. Eu acompanhei as reuniões do Presidente Castelo Branco, com os empresários, com o aparato federal. Nessa época trabalhava na Província do Pará. Eu vi que o governo vinha... da mesma maneira como tinha acontecido em 1950, quando Getúlio lançou o famoso discurso da Amazônia, e assumiu a presidência da República democraticamente e iniciou planejamento regional no Brasil pela primeira vez, um dos planejamentos regionais mais antigos do mundo com a criação da ESPÉVIA em 1953, era o plano de valorização econômica da Amazônia.

A partir daí, tanto por um processo de crescimento profissional mas também por causa do AI-5, eu fui para São Paulo, aos 19 anos, para fazer meu curso de sociologia porque eu não quis fazer curso de jornalismo, não ia adiantar nada, a sociologia sim ia me

adiantar e foi uma decisão correta. e eu fui também para o centro de decisão no âmbito nacional que era São Paulo. Eu fui com esse projeto. Primeiro porque eu sabia que a imprensa local não ia resistir a censura, ia sufocar, ia tapar o meio de expressão então não adiantava ficar aqui (Belém), as empresas iam fazer que o governo queria; Em segundo lugar porque eu fui atrás da formação em sociologia; em terceiro porque eu achava que o poder decisório era paulista porque os novos donos da fazenda, os donos eram principalmente de São Paulo e as instituições financeiras também. Surgiu a associação dos empresários da Amazonas em São Paulo funcionando na sede da federação das indústrias em São Paulo e eu aproveitei isso, de estar no olho do furacão e eu me beneficieei de uma formação teórica que São Paulo podia dar e eu não teria em nenhum outro lugar do Brasil, ao mesmo tempo os protagonistas da decisão.

Pergunta: Mensagem para os jornalistas:

Resposta: Só façam jornalismo com paixão. Sem paixão não existe jornalismo, como não existe em profissão nenhuma. Mas a paixão principal do jornalista é pelo fato. É o fato bruto, é o fato sólido, é o fato feito por seres humanos, não estatísticas. A estatística é um caminho, a informação numérica e quantitativa é um caminho e o que interessa é a informação no contexto que o explica.

Entrevista concedida por Luiz Nassif (Jornal GGN), no dia 19 de março de 2020, por meio do Zoom (direto dos Estúdios GGN)

Pergunta: Como essa transição de vocês, jornalistas que trabalharam na mídia analógica como foi sua transição do impresso para a mídia digital, já que algumas pessoas que eu entrevistei, nem usam celular?

Resposta: A minha história é um pouquinho diferente das demais, eu fui o primeiro a trabalhar com a informação eletrônica. Em 87, 88, eu abri mão de um convite da Globo, saí da Folha numa negociação que o Frias fez com José Sarney e o Saulo Ramos por denúncias que eu tinha feito, e eu tinha um programa de televisão na TV Gazeta voltado para o mercado chamado Dinheiro Vivo, na época eu montei A agência do dinheiro vivo como uma newsletter, estava começando a Informação eletrônica então nós lançamos a primeira agência de informações Online do país. A Transmissão era feita através da CNA, Da Meca diga lá que eram 2 distribuidoras e eram especificamente através de terminais de bolsas que iam as notícias. Mas eu tive dificuldades com eles, porque, como eles tinham canais de distribuição, a CNA não repassava a parte que cabia aos produtores de notícia, aí o investidor resolveu investir na Dinheiro Vivo. Nós montamos então um dos terminais de bolsa para a Transmissão online, passamos a usar o cirandão que era um sistema de BBS da Embratel na época, passamos a usar Express que era um sistema de mensagem e tudo. Daí meu enfrentei dificuldades e o Estadão comprou a parte deles na Noite broadcasting E contratou o meu pessoal. A broadcasting Agência Estadão surgiu da Dinheiro Vivo. Quando começa a internet a gente fez as primeiras transmissões pelo sistema chamado Mirc, que era um sistema que você abriu uma página interagir com outras pessoas. Nós chegamos a lançar um produto em parceria com o provedor da Philips. Eu estou nesse caminho desde o final dos anos 80. A Dinheiro Vivo não deu certo empresarialmente, quando veio a crise de 94, Ela teve dificuldades, mas eu continuei mantendo o site e o blog, começou em 2002 ou 2004, daí eu montei um blog na UOL e quando eu percebi que a mídia realmente eu estava se fechando, A partir de 2004 2005 a mídia ela entrou naquele jogo pesado de utilizar o discurso de ultra direita, para pressionar o governo, deixou de fazer jornalismo, É então ali eu entrei num conflito crescente com a Folha , Isso sofreu grande pressão de banqueiros da época, como Daniel Dantas, André Esteves do BTG, era a hora de partir para a questão individual. Então eu saí da UOL na época, o IG estava com Caio Túlio, me convidou

para ir lá, fiquei um tempo no IG, então a aposta que vem lá de trás, que eu tive a visão de futuro na frente de todo mundo a incompetência financeira para transformar o negócio redondo. A partir de 2004/05 o ambiente na mídia ficou insuportável para quem fazia jornalismo, jornalismo de guerra. A mídia aprontou muitos exageros no anos 90, eu tenho um livro chamado “Jornalismo dos anos 90” que eu pego 25 casos desses... (adendo: o livro tem um erro fundamental, por que eu achava que com a internet os jornais teriam competição e os jornais voltariam a fazer jornalismo, mas piorou). O problema da cobertura mídia hoje é o seguinte, você tem um volume de informações como nunca teve. Matérias investigativas que você levava um, dois meses para levantar, agora você levanta em um dia. O grande trabalho jornalístico hoje é a contextualização. Como é que eu pego um volume grande de informações, estabeleço um nexos com elas, me conta uma história, uma narrativa verdadeira, eles não fazem. Quem começou a fazer lá atrás, foram alguns blogs alternativos, E hoje você tem alguns sites especializados Nessa de postagens mais aprofundadas, mas essa contextualização esse papel do jornalismo ser como eles falam o monitor da informação, não é feito ainda. De um lado você tem um viés de cobertura jornalística desde 2005 que virou um jornalismo de guerra mesmo. Você pega a Lava Jato, você pega tudo que foi levantado pela mídia alternativa É um escândalo que foi denunciado lá atrás, Mas o que ocorreu nesse período, você tem as instituições, Ministério público, procuradoria, supremo, e houve um acordo tácito , é o seguinte: nós consideramos como denúncia o que vem da mídia corporativa, jornais e televisão. O conselho nacional de justiça com Ayres Britto e a Cármen Lúcia montou um grupo em defesa da liberdade de imprensa corporativa. Tentam, o que nós fazíamos de levantamento de informação Era invisibilizado. Escrevia denúncias pesadas que nós fizemos aí contra a Lava Jato, era invisibilizado. Quando vem a cobertura do Intercept daí já tinha passado, já estávamos perdidos com o resultado do Impeachment, que foi o Bolsonaro, quando veio o Intercept foi aquela surpresa, “Oh, acontecia tudo isso?”. A mídia perdeu totalmente o rumo nesse período, pela dificuldade em entender as novas mídias...Um ponto relevante também que é um erro, se você pegar no GGN Tem um trabalho que eu fiz para a folha em 98 sobre as novas mídias mesmo. Eu andei escrevendo sobre o fim daquele jornalismo tradicional Eu era do conselho editorial da Folha, o Otávio pediu para eu fazer um taper para fundamentar as discussões internas E eu mostrava esse papel, o jornalismo cada vez mais com essas informações Sobretudo na internet, ele vai ser um monitor de governo e tudo Usando as

informações que estão na internet Mas para isso tem que se preparar. Não se falava em jornalismo de dados na época, mas se falava na estruturar Informação, usar o sistema de captação de notícias do site de governo, usar as planilhas para se fazer esse trabalho. Mas, em vez disso o que é que a imprensa fez? Passou a emular a internet. O noticiário online surgiu muito rápido, Antes a notícia era diária, você tinha as revistas semanais consolidando o dia, Quando as notícias passam a ser horárias, O jornal diário tem que cumprir esse papel, Só que para ter isso, você tem que ter um outro perfil de jornalismo E de sistema de cobertura. Você tem que ter o jornalista mais especializado Capaz de pegar todo aquele imbróglio e contextualizar, Em vez disso o que é que eles fazem a própria Folha lá, Faça uma competir tanto com a figura da edição online quanto Com uma figura que surge em tão nos anos 90, que é o âncora, O palpiteiro, o cara que dá palpite em tudo aí , passa a competir com as armas deles. Então nós queremos matérias curtas. Cada vez que tinha algum fato você tinha aquele Monte de economista Disputando a atenção ... Então eles passam por exemplo, a dar notas curtas , se o leitor estar indignado Os colunistas passam por populisticamente a disputar A indignação com o leitor, ficam tão indignado quanto o leitor, Que não é papel do jornalismo, o leitor fica indignado quando ele não tem informação adequada ou está em potente em relação ao fato. O papel do jornalismo é levantar os fatos, esclarecer O leitor e pensar as saídas e as soluções dos fatos.

Isso eu estou falando dos anos 90 e começo de 2000 do início da internet. A gente fala muito em fake news hoje, mas o que é fake news? É você pegar um tema qualquer e esse tema você transforma num slogan e dispara o slogan mesmo que não seja fundamentado no conteúdo. Isso aí começou a ser praticado com exaustão pela imprensa nos anos 90. Eu estou falando anos 90, porque ele é central para entender o que ocorreu depois. Em todo lugar você tem 3 tipos de jornalismo: 1. você tem o jornalismo de opinião ou o jornalismo nacional que discute os temas federais, Washington Post, The New York Times, Financial times, aqui no Brasil era O Jornal do Brasil, ou Estadão, a Folha, Rede Globo e tudo. 2. Você tem o jornalismo panfletário e você tem o 3. Jornalismo Regional. Aqui o que houve a partir da campanha do impeachment, a empresa ficou tão prestigiada, tão temida, Que eles passam a recorrer a esse jornalismo de escândalo O que é o que gera todos esses episódios que tem nesse meu livro aí. Então quando chega a internet mais adiante eles passam a emular a internet, Recentemente eles começam a mudar em 2 níveis, um no nível Da linguagem, quando acaba o impeachment eles percebem que aquele

discurso de ódio que eles espalharam já estava com data de validade vencida então eles começam a mudar para um padrão diferente que eu brigo que é o liberal inglês um liberal de costume de conservador na política na economia e moderado da linguagem. O Globo faz uma mudança assim a folha começa a fazer também, ou est Adão também faz algumas mudanças. E daí eles começam com a radicalização do Bolsonaro até para definir um novo perfil de produto enquanto o final dos anos 90 que era o produto lá, você saía da ditadura com o jornal com muita Conta para pagar De apoio à ditadura, então eles dão a mais liberdade para o colunismo, eles abrem um leque do colunismo de esquerda, colunismo de direita. Isso acaba no período em que a imprensa passa ao jornalismo de guerra a partir de 2004/05 e agora eles tentam retomar. Então você tem temas , tem uma nova esquerda consentida que eles abrem espaço...Quando eles salientam o jornalismo profissional Como se fosse eles, eles não levam em conta que você tem um leque grande de jornalismo vindos da imprensa corporativa, eu tive todos os cargos de títulos que eu poderia ter na carreira convencional, o prêmio Esso participar de conselho da empresa, âncora de jornal, mas eles tratam como se o jornalismo alternativo não fosse a jornada de um profissional, daí isso criou um problema muito sério, porque quando houve a partidização Ficamos alvo do judiciário, hoje você tem uma perseguição de juizes o que é indecente. Por exemplo, outro dia o dólar é me processou, 50 mil reais multa, o juiz aumentou para 100. Minha filha foi alvo de um ataque terrível daquela YouTube deputada, inclusive porque confundiu homônimos, espalhou para cem mil seguidores, foi condenada por 15 mil reais. Outro dia nós publicamos várias fotinhas de personagem, uma montagem e lá no meio tinha uma foto de um cara homônimo, quando percebemos trocamos, ninguém deve ter percebido só ele é a família dele, 20 mil reais de... (multa). então você criou um processo de exclusão desse jornalismo.

Pergunta: Você está dizendo a perseguição do judiciário principalmente na imprensa progressista, então você tem vários casos de judicialização mais em cima dos progressistas?

Resposta: Abusos. Deixa só eu pegar um ponto que é importante para a sua tese porque criou essa ideia de que nós somos uma frente, os progressistas, na verdade isso não tem, houve um pacto entre todos os jornalistas aí que estavam fazendo esse contraponto partir de 2010, Quando veio a campanha eleitoral e havia a ameaça do Serra entrar, então houve uma frente lá e No final da campanha a gente disse cada

um tem o seu pensamento... Porque a pior coisa que tem é pensar em frentes de jornais de esquerda, de direita, Por que à frente ela não exerce o jornalismo, ela faz política. Mas pegou esse negócio aí, blog sujo, blog progressista e tudo e isso acabou criando Como a marcação do judiciário, ficamos todos marcados com o alvo na testa, no Rio de Janeiro eu fui condenado por 20 mil reais por difamar o Eduardo Cunha, ele preso lá, acusado dos piores crimes, disseram que eu difamei porque eu dei a entender que ele era sonegador. Sonegadores que tinham que me processar por serem confundidos com ele. Então hoje essa perseguição vem de todo lado. E daí entra um ponto em que a mídia foi muito responsável de abuso de ministro do supremo, que nem o ministro Roberto Barroso e outros, foi a partidarização do poder judiciário. Cada juiz de primeira instância passou a ser um deus, dando a sentença eu acordo com a preferência dele, E daí vem toda essa onda de processo contra os blogs alternativos.

Pergunta: Ou então o termo que você acha mais adequado é um jornalismo independente, não progressista, então você se considera independente?

Resposta: Veja bem, a gente teve uma reunião quando acabou A campanha de 2010, um seminário, Eu estava na mesa aí eu falei gente , vamos entre nós aqui Nós temos pontos em comum e temos diferença, há pontos em comum o que é a defesa da democracia, defesa do jornalismo contra esses abusos cometidos pela mídia de um modo geral, mas temos outras divergências em relação à economia, à política, partidos políticos, a tudo né. Portanto essa pluralidade é que seria ideal, no fim acabou esmagada pela própria polarização que a Rede Social traz. Então a Rede Social hoje, você tem as tribos de direita e de esquerda e a nuance que faz parte do jornalismo, você pegar um fato e dar as nuances, dá os contrapontos e tudo, fica muito prejudicado , porque se você fizer isso um dos lados aí vai te abandonar.

Pergunta: Pelo que eu li nos seus blogs, A sua principal missão é justamente não cair nessas nuances nem de direita, nem de esquerda é dar os fatos.

Resposta: É isso, você tem aí esses grupos de blog que tem aí é jornalistas que já passaram pela mídia com experiência e tudo e sabe da importância da informação crível. Qual é a diferença básica aí? Os jornais tenham uma estrutura para levantar informações de todos os lados, nós temos a condição de fazer a releitura que eles não fazem por Limitação político, ideológico, é então é esse é o ponto. Então, sai uma

notícia x lá de um jornalão sobre um tema tal, aí você vê naquela notícia uma nuance, mas eles vão explorar outra. sim nessa rapidez da informação, obviamente a manchete e a sub manchete, É muito mais relevante do que o conteúdo. Então o contraponto que nós fazemos, é fazer a releitura E levantar temas também. Um ponto que eu tenho feito lá no GGN é o xadrez. agora a gente vai começar com outra área que é o raio-x...

Pergunta: O xadrez é sensacional, como é que você faz para levantar todas aquelas informações que ninguém tem aquilo só você Nassif, como é o seu método?

Resposta: Quando começou a Lava jato, a Lava jato criou um método de investigação chamado teoria do fato, não confundir com o domínio do fato. A teoria do fato é algo que eu já fazia espontaneamente no jornalismo desde , se você pegar um capítulo que tem aí no meu livro sobre o serviço de precatórios, o método que eu sempre usei é o seguinte: se você entra num tema complexo, que tem muitas informações, cria uma teoria inicial, baseado nos fatos que você tem, então nessas teorias você foi lá, pega as premissas, as correlações e trabalha em cima disso para que? para você poder identificar as informações relevantes ou para confirmar ou para desmentir ou para reformular a teoria, então é isso que eu Ministério público começou a fazer com a Lava jato com uma diferença ele pegava a teoria inicial E não mudava, se os fatos atropelava a teoria, ele jogava os fatos fora. Então o que eu faço hoje, você tem um Monte de informações, as informações estão disponíveis para todos os lados, então você cria uma hipótese, “por essas informações eu acho que os fatos”..., você contextualiza, em cima desta contextualização você identifica o que é relevante ou não e identificando o que é relevante você vai atrás de informação você vai atrás pra confirmar ou não aquilo que você está pensando.

Pergunta: Então esse é um diferencial seu? Como você disse, o que é mídia independente tem feito, ela faz uma releitura e faz uma interpretação daquela manchete que a grande imprensa deu. Você não, você faz essa contextualização que é o seu xadrez E ele é comentado por várias outras mídias, então por exemplo, o comenta, Então o que você cria aí no GGN Ele é material Para replicadores depois, então você tem um método (eu pelo menos vejo assim), o que você está entregando é o grande diferencial que ninguém esta fazendo o que você faz.

Resposta: Aí entra um ponto, quando você vai analisar modelo de negócio, O faturamento é diretamente proporcional ao número de leituras que você tem, se eu faço um xadrez eu levo meio dia, 6 horas pra montar o xadrez, Ou se eu pego um fato qualquer de algum jornal, se eu pego aquele e jogo o chiste, o chiste dá tanto ou mais leitura que o xadrez. Daí nós entramos numa encrenca, porque se você pegar hoje os jornais bem sucedidos em termos de audiência e tudo O caso deles é rapidez e pegar aquilo que dá leitura rápida se a leitura rápida no padrão Twitter. Então você joga aquele ponto diferencial assim com aquela frase , às vezes você pega A nota de uma vez já, coloca na íntegra sem trabalhar, não desmereço não acho isso é uma seleção importante a de leitura mas não tem um acabamento, não tem esse trabalho da contextualização que eu acho que essencial pra jornalismo.

Pergunta: O xadrez é para um público que tem um conhecimento profundo de política e economia, se não ele não entende. Então vc tem um publico diferenciado para entender tudo o que vc está trazendo. Quem não conhece política, economia e não está acompanhando no dia a dia, não entende xadrez...

Resposta: Mas quando vc pega por exemplo o jornais, eu fazia isso na minha coluna da Folha, A coluna durante muitos anos foi uma das mais lida da Folha, por que eu também jogava tema, ligado a direitos humanos, no caso a Escola Base, fui eu que desmenti, o caso da Bodega e tudo, mas o que que eu fazia lá? Quando se vai no jornal, o leitor, Ele tem a parte lá da política, para quem gosta, porque quase ninguém gosta, tem a parte da ilustrada, tem a parte de esporte e tem a parte de economia. Então é possível você jogar conteúdo no todo do jornal. Quando você vem para a internet, uma coisa que me atrapalhou muito, primeiro que você não tem isso, segundo que hoje em dia você não tem mais a rotina da leitura do jornal, que nem você tinha no impresso, a maior parte da leitura você vai na nota e clica e lê somente aquilo que te interessa e vai atrás. Então digamos, isso dificultou muito A questão do pluralismo enquanto final eu vou dar um exemplo do que eu sempre fiz lá atrás, eu pegava coisas relevantes da esquerda e defendia, eu pegava coisas do mercado e defendia e fazia críticas. Mas o leitor como ele acompanhava todo dia a coluna Ele percebia a lógica, quando você vai para o ambiente da internet , o próprio fato de ser Google de ser Twitter de ser cliquei, atrapalha isso Porque se você faz um artigo aqui elogiando coisas do PT por exemplo, do governo Lula, Dilma aquilo lá circula, os inimigos vão pegar aquilo e vão soltar e vão te chamar de chapa branca, os que gostam do Lula

vão pegar aquilo lá e vão te enaltecer, aí no momento seguinte você tem que fazer a crítica. E aí quando você faz a crítica, inverte. O cara da direita falar: “Olha aí, até a esquerda está criticando”. Aí o cara da esquerda fala: “Ó, isentão... não sei o quê...Então digamos, esse exercício, então se a gente for entender o que é governo, é a mesma estrutura de poder que se tem fora de governo. Então lá; no governo Lula você tinha lá o pessoal da área social disputando espaço em verba com o pessoal da Fazenda. O Banco Central atuando da forma mais anti-social possível. Então o trabalho nosso lá era identificar esses pontos e fortalecer aqueles que você acha legítimo. Vamos fortalecer as políticas sociais, vamos criticar aqui o Banco Central. Então esse jogo, mercado por exemplo, você fala em capitalização de mercado, tem um monte de coisa relevante que poderia ter... as startups lá atrás que a Dilma poderia ter assimilado. As notícias, elas não estão mais no todo, a não ser para o leitor mais efetivamente mais qualificado. Em cada notícia você está sujeito a levar pancada da direita, da esquerda, eu mais da direita, porque os temas são mais ligados a direitos humanos e uma visão mais social da economia. Então isso atrapalhou muito, isso obrigou muitos veículos a produção e radicalizar e garantir a fidelização daquele seu público. Então se eu sou de esquerda não vou aceitar nenhuma crítica contra a Dilma, contra o Lula. Se eu sou de direita, qualquer coisa que venha é culpa da Dilma, culpa do Lula. Então você ficou muito preso a pior das armadilhas que é armadilha do leitor, é quando você não tem coragem de ir contra a onda do leitor, que está por trás de todos os escândalos da mídia dos anos 90, essa subordinação ao leitor. É o caso da Escola Base, eu faço a primeira matéria, o leitor quer que eu ache um criminoso, eu acuso o japonês, depois que eu acuso o japonês, todo dia a Folha faz uma pesquisa com o leitor ao telefone. O que eles querem? “Morte ao japonês”. Então eu vou matar o japonês, se alguém defender o japonês, eu não quero. Eu consegui ir contra todas essas ondas porque eu tinha meu espaço lá, era respeitado pela própria Folha, aí eu podia fazer um contraponto, mas na cobertura não.

Pergunta: Nassif, você tem muito tempo de experiência... lá atrás quando você começa a Agência Dinheiro Vivo, todo mundo começou a ler. Você tinha alguma informação, ‘eu tenho que ir pro digital, você foi um visionário, eu queria que você me contasse como é que foi? O que te levou a migrar para o digital e você teve alguma equipe, você chamou algum colega? Você manuseia bem Facebook, YouTube,

Twitter... fazer link. Estamos até perdendo muito material humano bom no mercado, por causa dessa molecada?

Que está aí com conteúdos que não tem informação, são apenas os textos, as manchetes e o conteúdo bom, ficou com vocês...

Resposta: Eu tenho uma característica, hoje é mais fácil de resolver, eu não domino o inglês, então eu não tinha informação lá atrás sobre as mudanças que estavam ocorrendo, nem sabia as fontes que poderiam. Mas desde o final dos anos 70,80... as vezes eu dormia e sonhava que o jornal, a foto passava a se movimentar.

Eu comprei o primeiro computador que surgiu aí, que era um computador que você gravava em fita cassete. Você não tinha programa, você tinha que aprender a programar em Basic e eu já tinha começado a me especializar em matemática financeira. Eu tinha saído da Veja, fui pro Jornal da Tarde, fiz um curso de matemática financeira. As calculadoras já tinham as formas, você não precisava estudar tábua logarítmica, e eu comecei a me especializar, vi um espaço ali para imaginação matemática muito grande, mesmo sem ter os conhecimentos das fórmulas. Em cima desse computador, em 82, eu montei uma baita da inadimplência do BNH, você tinha uma diferença entre o reajuste do BNH e o reajuste de salários que o Delfim tinha achatado. Aí eu montei um simulador de financiamento do SFH. Eu pegava qualquer financiamento, data, colocava no simulador, sabia quanto que a pessoa estava pagando, quanto que era ao saldo devedor. Isso aí foi uma revolução na época que nem o BNH tinha. Nos anos 80 eu fiz o nome através da matemática.

O quê que eu fiz? Eu peguei a OAB aqui em São Paulo e fui conversar com o presidente que era o Jairo Loureiro. “Jairo está vindo aí um baita de uma inadimplência, vamos organizar uma ação coletiva contra o BNH, você chama todas as OAB’s nacionais e a gente faz um evento, vocês preparam um minuta de ação para passar para eles que eu levo os cálculos para rebater, para dar fundamentos para essas ações”. Isso aí na época foi um rastilho, foi a primeira ação nacional contra o governo. Militar era mutuário, policial era mutuário, todo mundo era mutuário. Então explodiram ações para todos os lados, a partir dali que eu comecei a perceber... com a inflação muito alta, a matemática era essencial para defesa de direitos de aposentados. Logo em seguida fizemos um movimento dos aposentados para reagir contra um sub-reajuste que tinha dado. E a minha visão quando surge o computador era simples: A grande corporação ela usa o computador como uma forma de aumentar o seu poder e de ter um controle sobre o mundo. Com os computadores pessoais,

chegou a hora da pessoa física. Só que a pessoa física sozinha não podia fazer nada, hoje com a internet você consegue. Então essa pessoa física tinha que ser os jornais representando o interesse de seus leitores. Então foi a partir daí que eu montei a seção Seu Dinheiro no Jornal da Tarde, depois o Dinheiro Vivo na Folha, pra pessoa física, abordando desde aplicações financeiras até planos de consórcio, de financiamento, de condomínio e tudo.

Pergunta: Você tinha um grupo, uma equipe de apoio, uma empresa...?

Resposta: No Jornal da Tarde eu montei o projeto e aí o Mitre passou para o Celso Ming tocar. Daí eu montei o Jornal do Carro, que ele passou para outro montar. Na Folha eu montei a seção... Quando eu montei a Agência Dinheiro Vivo, tinha um grupo de mercado que me procurou na época, gostava muito do programa que eu tinha na Tv Gazeta e se dispôs a entrar como sócio. Entrou um bom capital na época. Tinha uma equipe de 20, 30 pessoas.

Pergunta: Em algum momento você sentiu necessidade para garantir seu trabalho 'eu preciso migrar para o digital', em algum momento você viu essa necessidade?

Resposta: Sim, desde o começo. Veja bem, você está falando daquele negócio de visão de futuro... quando eu montei a Dinheiro Vivo, eu tenho a apresentação que eu escrevi na época, era o mesmo conceito da Bloomberg. Nós montamos uma rede de computação, toda as informações iam para um servidor e a partir daquilo você tinha informação digital, tinha informação para boletim paras as rádios que a gente fazia. E a gente tentava a informação pelo que se chama hoje de Podcast. A visão estratégica era perfeita, mas para se colocar em prática o que você tem que fazer? Você tem que estar estreitamente amarrado, cada aumento de gasto que você faz em contratação você tem que ter uma contrapartida de receita, aí entra características que eu não tenho de controle... então a gente criou uma baita de uma estrutura, sem ter uma estrutura ainda.

O Roberto Campos dizia uma coisa interessante: 'Tem dois erros que se comete na vida, começar muito depois ou começar muito antes', eu cometi o erro de começar muito antes (rsrs)

Pergunta: Então você sabia que isso seria uma coisa certa?

Resposta: Eu montei pelo seguinte, eu nunca tive saco para ter... precisa ter tino comercial, se você for ver ao longo do tempo como os jornais sobrevivera, é banal, IstoÉ, próprio padrão Veja, é usando a revista como instrumento pra parte comercial. O Mino nunca fez isso, o que o Mino fez foi deixar o cargo mais relevante da imprensa brasileira para poder ter o seu rumo, os outros jornalista, grandes jornalistas, Eles foram para o seu próprio canal porque havia agora uma alternativa, Se não houvesse essa alternativa estavam todos perdidos como eu estaria também. Quando eu resolvi romper com os jornais de vez e partir para blogs Foi até em função de ataques que eu recebi da Veja, na época, A mando do Daniel Dantas, a Folha me impediu de me defender, ali eu percebi que realmente que tinha passado um tsunami na imprensa brasileira. E daí eu me recordei de um programinha que eu tinha na TV Gazeta em São Paulo, que a Folha Me afastou inclusive no governo do Sarney E com aquele espacinho pequenininho eu consegui espaço junto à opinião pública especializada que era meu. Então eu falei agora com o blog e a internet é a mesma coisa, eu vou ter um espaço muito maior do que eu vou poder entrar em todas as casas, Essa sensação de liberdade de você poder praticar o jornalismo É o que levou este jornalista sai, todos conhecidos... O Bob ele sai da Carta Capital quando o Terra monta a Revista (eletrônica), a Eleonora ela montou depois que saiu da secretaria de Redação da Folha, É um espaço que hoje foi aberto, Graças ao Google e a outros aí viabilizou essa Independência.

Pergunta: Você acha que a tecnologia abriu espaço para que vocês, Vocês consolidaram a carreira de vocês lá na época analógica, mas se não fosse a tecnologia hoje, Vocês teriam que ter um salário alto agora, mas as Redações estão descapitalizadas o que seria O futuro ou a possibilidade de vocês continuarem fazendo jornalismo se não fosse a tecnologia?

Resposta: Nenhuma, nenhuma. Na Folha eu combinei com vários jornalistas, que faziam parte do Conselho da Folha mesmo. Quando começou essa restrição monumental alguns dos jornalistas lá, A maneira de preservar o emprego foi uma “puxação de saco” assim, uma submissão ao jornal e outros foram cautelosos e mantiveram a linha e estão até hoje fazendo um trabalho excepcional, tem o Jânio de Freitas, por exemplo, foi colega de Conselho da Folha. Eu sempre tive um temperamento mais teimoso e prudente em relação as restrições, não tenho jogo de

cintura para suportar restrições, Se não fosse a internet e tudo, eu estaria escrevendo minhas memórias em algum aí, ou estaria como muitos jornalistas ai desse período. O que fizeram jornalistas conhecidos? Ficaram como assessores de setores que eles cobriam antes. Tem muita gente boa, de primeiro time: assessor da Febraban, Fiesp... Que era o refúgio é digamos, do jornalismo aposentado uns até com bons salários e mantendo um bom nível de compreensão da realidade agora, eu não teria jogo de cintura para isso, se não fosse a internet, com todas as dificuldades que você tem assim de lapidar seu patrimônio para manter o sonho... eu estaria na minha cidade escrevendo crônicas, contos e memórias.

Pergunta: O que significa TV GGN?

Resposta: Tá vendo isso aqui (mostra um jornal na parede), O líder. Era um grupo que nós tínhamos lá em Poços chamado Grupo Gente Nova (GGN), esse grupo foi montado em Belo Horizonte, pelo padre Maia, que era um jesuíta para competir com a JEC que era Juventude Estudantil Católica. A ideia dele era formar lideranças cristãs com ação social. Em Belo Horizonte quem tomou conta do grupo foram as freirinhas do (...não entendi), que levaram pra JEC isso aí. Eu com meus 11, 12 anos já fazia parte da União Municipal dos Estudantes, Eu era o caçula do grupo, aos 13 anos eu fui secretário De comunicação do grupo e criei meu primeiro jornal. Então quando eu fui ampliar o Dinheiro Vivo eu estava numa mesa conversando com pessoas e alguém perguntou: 'Qual foi o primeiro jornal que você fez'? Foi o GGN. 'Então põe GGN'.

Pergunta: Você tem 163 mil inscritos no seu canal no Youtube. (no Twitter tem 298 mil). Qual é a análise que o senhor faz do nível Brasil com o jornalismo do seu porte documental que o senhor tem enquanto a gente vê youtuber que conta piada, ter milhões de inscritos, pra onde que isso está nós levando?

Resposta: Vamos pegar a geração dos anos 90. Eu sempre procurei escrever na Folha, eu queria mudar a realidade e mudar a realidade significa você escrever para quem tem capacidade de influência, eu tenho umas discussões as vezes com colegas muito populistas, Então tinha um acidente qualquer, e o leitor estava indignado, entoa eles iam lá e ficavam indignados... nossa, tinha uma colunista que todo dia de manhã, molhava o dedo pra ver onde que o vento estava soprando pra... então eu sempre procurei, tanto que eu saio de uma era, e deixo de acompanhar o mercado financeiro e passo acompanhar temas de construção do país, Tecnologia, infraestrutura, gestão

pública. É então pra mim é o seguinte, eu acho que 163 mil é muito. ('os 163 mil é parte que vai fazer a diferença na questão da influência, é um público de qualidade intelectual muito grande'), é isso que você colocou.

Antes vi que você tinha o caminho bem definido, O jornalista falava notícia, você tinha uma mistura que a Globo dava muito livro eu peguei também um período na Bandeirantes e na Record que era o jornalista que estando na televisão compete com celebridade. Quando você pega a Rede Social o conceito de Celebridade é muito mais amplo é um jogador de futebol, é a modelo, é o sujeito que consegue pegar uma linguagem mais interessante, da quantidade de seguidores reflete o. que é o percentual do público efetivamente, mas tem muita rapaziada que gosta de temas leves que pega o... tem esses programas sensacionalistas do Datena, Brasil Urgente esses programas de sangue, deve ter uma audiência muito boa, quando você fala esse Público é o público que vai influenciar decisões ou é um público que põe um circo.

Entrevista concedida por Manuela Alves Filho (Blog do Chef Mané), no dia 23 de setembro de 2019.

Pergunta: Quanto tempo você trabalhou no impresso?

Resposta: Na verdade eu comecei na rádio, foi meu primeiro trabalho e foi muito curioso, eu comecei na Rádio Educadora, hoje é Band, as aulas começaram em março, meu primeiro ano de jornalismo na PUC, em abril eu já estava empregado como repórter da Rádio Educadora, um mês só de faculdade e já estava empregado com o repórter. Trabalhar em rádio sempre foi meu sonho, quando eu era garoto eu queria trabalhar em rádio, eu ouvia muito rádio, sabe aquele garoto que ficava assim 7 a 8 horas por dia ouvindo rádio, de tudo. Ouvia muito programa de música, muito programa de informação, noticioso e tal. Eu queria trabalhar em rádio, e aí coincidentemente fiz o primeiro mês de faculdade, ou o professor pediu um trabalho rápido para fazer e eu escrevi um texto e ele gostou do texto, olha que texto bom, texto padrão, elogiou. Era muito intuitivo porque eu lia muito jornal, desde garoto, meu pai me dava dinheiro para comprar guloseimas eu comprava metade inclusive uma e metade em jornal. eu sou carioca, eu comprava o Globo, o jornal do Brasil e era um Catatau, assim, desse tamanho de domingo assim, eu lia de cabo a rabo. passava o dia inteiro lendo, era muito intuitiva. Ele leu o meu texto na sala de aula, e um amigo meu já trabalhava em rádio, ele foi fazer jornalismo, mas já trabalhava em rádio eles queriam o diploma, Aí ele falou assim, 'olha o professor elogiou tanto você na sala de aula, lá na rádio estão precisando de um repórter, vai lá falar com chefe.' Eu fui lá, fiz uma matéria, ele gostou.

Eu tinha 21 anos na época. Nasci no Rio, mas vim estudar para cá com 20 anos. Meus pais eram daqui, se casaram aqui, se conheceram aqui, depois foram para o Rio e eu nasci lá.

Esse foi meu primeiro emprego, eu trabalhei na Rádio, assessoria de imprensa, mesmo sem ser formado ainda e assim que eu me formei eu fui trabalhar no Correio Popular. Eu trabalhei por 7 anos, depois eu trabalhei por mais 6 anos no Diário do Povo, e depois 20 anos na Unicamp. Então dá 33 anos aí, os dois jornais e a Unicamp, se contar mais rádio e tal, dá uns 35 anos de carreira. Saí da Unicamp, faz uns 20 dias. Lá eu tinha um programa "O Prato do dia" (na rádio Unicamp). Eu tenho essa atividade paralela que é gastronomia, mas eu gosto de falar da gastronomia não só como um aspecto assim, da comida bonita, gostosa, sofisticada e tal. Eu gosto muito

de falar da gastronomia dentro de uma dimensão que é a da cultura e história. Nesse programa a gente falava muito disso, de preparo, de prato, mas falava também da história envolvida naquele prato, na culinária, os hábitos e costumes relacionados a culinária. Esse programa era muito disso, falava um pouco de cozinha, de como era preparar um prato, mas falava muito da importância da gastronomia com um bem cultural e um bem histórico de uma população, de uma gente.

Pergunta: Você escreve textos científicos...

Resposta: sim, eu sobretudo, os textos mais técnicos dessa área de ciência e tecnologia era eu que fazia na Unicamp. Você imagina, a Unicamp tem praticamente todas as áreas do conhecimento em termos de curso. Ela só não tem direito, administração psicologia, na pós, ela tem alguma coisa em psicologia, Então, só essas áreas, o resto praticamente ela tem tudo. E eu cobria praticamente de tudo, tinha dias que eu escrevia sobre filosofia, Outro dia eu escrevia sobre física, outro dia eu escrevia sobre física, medicina, química, engenharia elétrica, todos os temas que você pode imaginar em 20 anos, imagina que eu meio que passei por tudo, desde a pesquisa sobre melhoramento genético de plantas, De terapia celular, essa coisa de você aplicar Células-tronco para fazer terapia contra as doenças, Coisas que às vezes a população nem sabe direito o que significa , mas por exemplo, Fazer um milho transgênico em que você inocula nesse milho O hormônio do crescimento masculino e esse milho conforme cresce ele produz Esse hormônio do crescimento humano, que é para ser usado em terapias, Por exemplo, pessoas que tem dificuldades de crescimento, nanismo, E precisa do hormônio. Só que o hormônio tem que ser sintetizado e é uma coisa caríssima, mais caro que o ouro. Então, tem pesquisas na Unicamp que fazem isso. O milho vai crescendo e vai desenvolvendo esse hormônio e esse hormônio pode ser usado depois das pessoas que precisam de terapia desse hormônio do crescimento.

Pergunta: Em tão foi um grande aprendizado da Unicamp?

Resposta: Lá é assim, você trabalha com alguns dos melhores cérebros do país naquela área de conhecimento. e é legal porque você tem que fazer duas coisas, primeiro evidentemente entender o que o cara está falando, é sua área, mas você vai ter que entender porque você vai ter que transmitir isso para os leitores. Mas que entender e transmitir, não é só ser um intérprete daquilo, É você saber como

comunicar aquilo para que as pessoas entendam, a partir do momento que elas entendem, Elas possam apoiar a ciência, a gente vive num momento muito difícil em que a ciência está tendo Corte de verbas, ataque de todas as áreas É importante é que a população saiba. A gente tem um exemplo muito claro, quando teve a discussão sobre se poderia ou não fazer pesquisas sobre células-tronco no país, e chegou até o Supremo Tribunal, que ia julgar se podia ou não. E o supremo julgou que podia, mas evidentemente muito O que funcionou para que o supremo pudesse tomar essa decisão, foi o debate, à sociedade... Você via os posts, 'tem que liberar, isso é muito importante pra sociedade'. Tinha alguma coisa em relação às igrejas que condenavam, mas o grosso da população entendia, isso aí é importante, é um tratamento como outro qualquer. Mas precisa ser feito a pesquisa, para que um dia a gente possa chegar no patamar onde a gente usa isso como qualquer terapia, qualquer remédio. E o supremo aprovou, mas por que aprovou? Porque a população foi muito bem informada sobre qual a importância disso. Nesse trabalho de divulgação científica, é isso, não só entender, Transmitir de um modo que a pessoa entenda, claro e objetivo, Mas de um modo em que ela fale, 'puxa isso aí é importante, Que legal que temos pessoas se dedicando a esse tipo de coisa Que vai trazer um benefício depois para a sociedade', Acho que esse era o papel principal lá.

Pergunta: em que momento você disse eu vou para a web?

Resposta: no Correio Popular, ainda não porque a web Ainda era um pouco incipiente para a época, eu estou falando isso no final da década de 80 até meados da década de 90, No Brasil a internet ainda era incipiente, era pouca coisa que Tinha em termos de blog, esse tipo de coisa. Quando eu fui para o Diário em 96, essa coisa já começava a ganhar corpo. Toda a redação já estava informatizada, a coisa já começava a andar, já começava essas coisas dos blogs e aí eu fiz um blog dentro do correio popular sobre gastronomia. Alguns blogs foram criados Cada um com um tema e eu comecei a falar sobre gastronomia.

Eu decidi migrar porque era uma novidade tão gostosa, porque a gente que foi formado numa redação analógica, num jornal impresso. O que acontece? Você escreve e o leitor é muito passivo E aí pronto ele vai fazer o quê, ele lê e pronto. Às vezes, um ou outro escreve para a carta ao leitor, mas isso é uma quantidade ínfima. Com a internet, com os blogs por exemplo, isso mudava totalmente. Porque você

escreve aí daqui a pouco as pessoas já começavam a comentar, concordavam ou discordavam, criticavam, isso é muito legal, era um retorno teu jornal impresso não te dava. Foi uma transformação... Isso é legal De fazer, porque é legal estabelecer essa relação Como leitor, e para você isso é importante também porque, para o leitor, Não é que você se polície, mas você procura se preparar melhor para escrever alguma coisa...Você vai escrever sobre um tema que você não é especialista, mas o que você estudou, Pesquisou, escreveu, você pode cometer um erro, aí o olhar Do especialista que está lendo vai dizer 'espera aí não é bem isso'. É então isso te obriga a se preparar bem, porque se um especialista Te olhar, não vou tomar paulada dele. Então, essa foi a principal motivação, essa coisa de você poder escrever, e estabelecer um Diálogo muito mais próximo é com aquela pessoa que te lê. Essa foi a minha primeira experiência no correio popular com o blog chamado Tok de Chef, em 96. Aí era um trocadilho porque aquele chapéu de chefe ele chama-se Toque Blanche em francês, Toque é touca então eu fiz uma brincadeira de toque de chefe. O toque da touca era um toque de dar um recado eu toque daquela coisa que era o toque final do chef, finalizar a receita filho aquela coisa que eu toque da no finalzinho. E foi muito legal, porque era um blog que era muito diferente de alguns outros, quietinho, que se dedicavam mais a essa coisa da comida em si. As pessoas falavam sobre pratos, falavam sobre receitas E eu ia mais além, E aí eu falava por exemplo sobre uma história relacionada aquele prato, sobre em que circunstância aquele prato era servido no seu país de origem vírgula como é que ele chegou no brasil vírgula se ele sofreu algum tipo de adaptação ao nosso paladar.

Pergunta: No impresso você teve essa oportunidade?

Resposta: Não. Eu cheguei a escrever alguma coisa para impresso, mas não era isso, era mais uma coisa de você ir visitar o restaurante depois de escrever sobre o restaurante seria legal se não era legal se a comida era boa se não era boa.

Pergunta: A ideia do blog foi surda redação?

Resposta: A ideia foi minha. a redação aprovou na hora. O Nelson Homem de Mello, que ainda está lá como diretor de redação e ele gostou na hora. Ele falou faz sim, porque era uma coisa muito nova os blogs, então a gente tinha o Bruno que falava sobre bares, eu que falava só sobre gastronomia, tinha outro blog de uma pessoa que falava sobre cinema, tinha assim é 16 dúzia de blogs sobre cada assunto e eu propus

falar sobre gastronomia que eu achava muito legal ponto em seguida mas eu continuei trabalhando um tempo no impresso até 2000 quando eu fui para a Unicamp, eu me desliguei mas continuei assinando o blog lá do correio eu me desliguei e fiquei acenando no blog até 2016 quando eu mudei o blog para o campinas.com.br e mudou de nome lá era Toque de Chef e no campinas passou a ser chamado é Blog do Chefe Mané. O toque de chef e foi encerrado.

Pergunta: Ele pertencia a quem?

Resposta: Pertencia a mim, mas para não usar o mesmo nome no novo local eu mudei o nome também. Porque eu saí do jornal, fui para a Unicamp, e continuava fazendo o blog. Mas o que acontece cá entre nós, o correio sofreu uma Perda enorme de credibilidade, perda enorme de leitores, eu sentia que o blog já não repercutia tão bem, tinha muito pouco leitor , como eles faziam toda essa parte técnica, eles que controlavam essa coisa de visita , eles que pegava o dados e me passavam, e eu comecei a ver que caiu demais, as pessoas estavam desistindo do correio por causa de uma série de coisas que aconteceu , quando eu sentir que realmente o correio já não dava mais que eu tinha um público muito pouco, um décimo do que eu tinha antigamente, então eu falei, está na hora de ir pro Campinas, por que o Campinas além de ter uma audiência muito grande Ele é um site voltado para a cultura, turismo, entretenimento, então a gastronomia está totalmente incluído neste caso, e o Correio é o clínico geral, fala sobre tudo. E eles falam basicamente sobre essas questões. E eu estou lá Campinas vai fazer 3 anos, aí eu mudei de nome ficou Blog do Chef Mané. Mas a proposta é a mesma de escrever sobre isso é claro, ainda no meio digital a gente tem as redes sociais, essas são ainda muito mais interativas do que o blog.

Pergunta: qual é a sua relação com as redes sociais

Resposta: Íntima.

Pergunta: Você teve alguma dificuldade em coisas simples como postagem, você teve que procurar alguém de TI para ajudar?

Resposta: Eu não digo nem dificuldade, mas foi uma preocupação em começar já a tentando cometer menos erros. Então quando eu senti que o Facebook, por exemplo, antes do Facebook foi uma coisa maios ou menos natural, porque antes do Facebook tinha o Orkut, Então a gente já tinha mais ou menos essa relação, Foi uma adaptação,

só que eu procurei perguntar por exemplo para quem já esperava essas redes, para quem era técnico e qual, a linguagem muda muito, A lógica muita muito, eu percebi que mudava, o Facebook no início dele em comparação com o Orkut era mais dinâmica do que o Orkut que era mais estático, então eu vi isso aqui é um canal legal porque você pode por texto você pode ter um vídeo você pode por foto ele tem uma escala grande porque a hora que você se cadastro aí começa a convidar as pessoas e as pessoas começam a te convidar e um dia você vê que já tem centenas de pessoas que estão linkadas com você, Aí você fala isso aqui é um canal importante. E eu comecei a explorar muito o Facebook em razão disso, por entender que era um canal importante, para divulgar isso. Tanto divulga algumas coisas que eu faço no meu blog, Quanto divulgo coisas que eu faço para outros veículos, eu escrevo para a revista Prado onde eu tenho uma coluna com o nome.., Eu divulgo as coisas do blog, da Prado na área da gastronomia, eu divulgo também os eventos que eu faço e também dou oportunidade para algumas coisas que não são necessariamente coisas maiores como uma resenha, como uma matéria, como uma crônica, comentários . Às vezes é um registro curto que funciona muito bem para as redes sociais, sei lá as vezes eu estou no lugar Fazendo uma compra em vez de uma coisa diferente então, talvez aquilo não exija um texto longo, um texto legenda, você faz uma foto e põe lá e 'olha o que eu achei hoje você não sabia onde tinha esse ingrediente, aqui tem'. As redes sociais são muito importantes para fazer esse tipo de coisa , para você conseguir dialogar talvez com pílulas com leitor, sem precisar fazer textos longos, em uma rede social funciona muito como isso meio que faz uma amarração De todos os outros trabalhos que eu faço que de alguma forma todos eles, convergem para A Rede Social.

Pergunta: Você ainda não tem um site, você tem um blog ...

Resposta: Não tenho site, o pessoal cobra muito para que eu tenha um site pontos seguidos eu estava um pouco resistente por causa disso porque dá trabalho não é, requer mais investimento, qual Unicamp era impossível porque a Unicamp já me tomava no mínimo 8 horas por dia que você fica lá disposição. Então eu não consegui realmente conciliar, e se eu tivesse que fazer iria fazer não muito bem feito, quando sobrasse tempo, e não é uma coisa que se faça assim , talvez eu faça semana que vem tem uma reunião com o pessoal do Campinas, eles querem que eu faça um site que esteja vinculado ao Campinas, mas alguma coisa talvez da linha até de

consultaria mesmo, que a gente sente que Campinas tem uma dificuldade tem um pensamento muito provinciano Diferentemente de São Paulo pontos seguida e às vezes a gente sente que determinados restaurantes enfrentam dificuldades, está perdendo público, e às vezes a pessoa de fora consegue enxergar aquilo que o dono não consegue, ele está tão perto do problema, Que ele não enxerga e a outra pessoa que está longe consegue enxergar melhor. Quase sempre, você identifica um problema no restaurante que pode ser o cardápio, o atendimento, pode ser uma série de coisas relacionadas a operação do restaurante, você resolve esse problema, mas, e daí, você precisa comunicar para as pessoas se o restaurante melhorou, mudou. Então normalmente esse trabalho de ajuste do restaurante tem que estar vinculado a um trabalho de divulgação também. Então o que a gente está tentando fazer é talvez pegar essa minha expertise de mais de 30 anos e somar forças e propor esse tipo de consultoria para o cara que dá concretude é tudo você vai sugere resolve os problemas de operação dele você comunica para a população para a sociedade que esse restaurante melhorou que vale a pena ser revistado e tal é uma coisa que a gente está começando, ensaiando. Eles publicam alguma coisa no Instagram deles em uma em 2 horas você tem 15.000 curtidas eles são fantásticos o pessoal do Campinas. Eles têm uma penetração muito grande, tem um público muito grande. E a ideia é essa Fazer essa parceria para poder levar esse tipo de prestação de serviços e melhorar porque tem gente que acha que é custo mas na verdade é investimento, acaba fechando o restaurante, tendo um prejuízo enorme, a pessoa começa a perder público, claro, deixa de entrar dinheiro, O que a pessoa vai fazer, vai se endividar, e vai injetando dinheiro na Esperança o que é aquilo é melhore vai injetando uma injetando, aí ele fecha como eu dívida enorme. Às vezes, se ele tiver alguém que aponte saídas para ele, ele pode gastar 20 mil reais numa consultoria mas se ele não fizesse isso provavelmente ele iria fechado devendo uns 100 mil reais, e às vezes ele gasta no investimento que resolve o problema dele E ele continua operando e passa a ganhar dinheiro mas não é fácil convencer as pessoas.

Pergunta: O seu blog tem patrocinador?

Resposta: Não tem patrocinador, É um problema também dessa falta também de tempo, porque aquela coisa também o jornalista não foi treinado para vender, gente não sabe vender, e essa parceria Campinas acho que deve ser bom também porque deve aproveitar a área comercial do campinas.com para a busca dessas coisas de patrocinador, é um blog independente até aqui.

Pergunta: O que o seu blog gera de rendimentos para você?

Resposta: Geralmente ele gera mais rendimentos secundários, O blog em si ele não me dá nenhum rendimento, mas ele me gera trabalhos, através do que eu público as pessoas ficam sabendo, então por exemplo, gera eu fazer uma palestra, dá uma aula show, fazer um trabalho de personal chefe , aí eu cobro, as pessoas vêem o meu trabalho dizem poxa esse cara é legal . Hoje mesmo esse amigo até que eu conheço, disse 'reserva uma data que eu quero que você faça o jantar de bacalhau para 8 os casais', opa tranquilo, muita gente chega até a mim por causa do blog , vem meu trabalho lá, vê os comentários que eu faço, vê os pratos que eu faço, Vê as abordagens que eu faço ver os eventos que eu organizo, e as pessoas acabo me procurando. Eles servem mais hoje como divulgação do meu trabalho e da gastronomia de modo geral, eu fui almoçar eu fui almoçar no Matisse, me convidaram para ir almoçar lá. Aí eu faço comentário 'olha o Matisse mudou, eu fui lá, tá legal, ou realmente isso não está tão bom, em tão eu faço os comentários. Bem então isso gera credibilidade, porque as pessoas vêem que é uma pessoa atuante sabe do que está falando.

Pergunta: Como você vê que a internet colocou o jornalismo ou jornalista hoje, o verdadeiro jornalismo está sendo meio que deixado de lado por conta das redes sociais, por conta dessa pressa na apuração que está sendo feita de modo rápido, o que você acha que esta acontecendo ou o que vai acontecer?

Resposta: Eu acho assim 2 coisas. Logo nesse começo da internet Eu lembro da gente na ACI (Associação Campineira da Imprensa), Perfeito alguns debates sobre isso em uma das minhas questões naquele momento era justamente esse, a questão da instantaneidade desse jornalismo digital ou de que a vírgula tem uma informação pública, e depois vai chegar a ser verdadeiro, ou se é completamente verdadeiro. Isso é um problema que existe até hoje, muitas vezes a pessoa ouve uma informação:

‘Houve O incêndio e põe lá o primeiro comentário que tem 10 mortes, dali 1 hora não são 10, são 7, dali a 1 hora não são 7, são 3. a gente vê muito isso hoje, inclusive na televisão onde saem os boletins, mas vê também nas redes sociais dos blogs e nos sites. Eu acho que isso existe muito, eu acho que a gente tem um fenômeno mais recente que, não que ele não existisse antes, mais ganhou dimensão por causa justamente da amplitude que a internet daqui são as fake news, A gente tá sempre teve notícias falsas mas não com essa amplitude que a gente tem, Não com a velocidade como que ela se espalha, E não só pelos blogs é sites, mas pelo WhatsApp por exemplo. O que me faz acreditar que embora a gente viva de fato uma crise do jornalismo, me faz acreditar que a sociedade nunca precisou tanto de jornalistas quanto agora. Porque eu acho que na minha visão o jornalista vai deixar de ser simplesmente o cara, eu lembro que quando eu me formei diziam que basicamente a gente era um contador de história, mas eu acho que a gente é mais hoje, eu acho que a gente tem que contar histórias, mas nós temos que ser um curador da notícia, que eu acho que é muito mais importante, não só saber as entrevistas, saber levantar, saber fazer as perguntas, mas você ser o curador do fato de você ainda ser mais crítico, mas contundente, mas A gente tem que saber o que é de fato notícia de interesse público, a gente vê, a gente liga a televisão e tem esses programas de celebridades, e fica falando de fulano ou ciclano, descasou...

As pessoas falam que tem público, eu sei que tem público eu sei que os colegas jornalistas fazem porque todo mundo tem que sobreviver, mas eu acho uma coisa irrelevante quem casou com quem, Quem separou de quem, quem foi flagrado traindo alguém, isso não é do meu interesse, isso não me agrega nada, isso não é de interesse público. Mas eu acho que a sociedade precisa de fato desse jornalista Com história, com os trajetória com competência para fazer essa curadoria. O que é que a sociedade precisa saber de importante hoje, o que afeta, o que representa o que o Bolsonaro foi lá falar na ONU ontem e que repercussão tem isso no mundo em que impacto isso deve trazer para o Brasil, de uma linguagem acessível desde o seu João que é o senhor que cuida da nossa limpeza até o grande empresário também.

Essa é a nossa missão, transmitir a informação. A sociedade nunca precisou tanto de jornalistas que possam fazer isso e levar de fato a informação com credibilidade, informação correta, informação densa, informação contextualizada, é porque também não adianta falar que isso aqui é bom mas É bom em que contexto, em que circunstância, como é que afeta o cidadão, então a sociedade nunca precisou tanto,

então a gente vive o que parece ser uma contradição, a gente vive uma crise em que Cada vez mais pessoas se acham divulgadoras, porque tem facilmente um instrumento a mão que podem divulgar as coisas, mas ao mesmo tempo a gente vê que essas notícias, que carecem de profundidade de seriedade, De credibilidade, e a sociedade não pode abrir mão disso. Como é que você vive numa sociedade em que você recebe informações em nessa falta de tempo todo o que as pessoas têm, as pessoas não têm tempo de checar se isso é verdade isso não é verdade, qual é a fonte, ou a pessoa assimila ou não assimila. Eu acho que a gente precisa de um impacto que a sociedade perceba que o jornalista é ainda o profissional treinado para cobrir essa tarefa para fazer divulgar a informação. Porque a informação falsa é ruim, à informação incompleta também é ruim, a informação dirigida também é ruim, então todas essas informações “causam desinformações”, porque elas não são sérias, não são críveis, não são profundas e não são corretas. Em tão a sociedade nunca precisou tanto, porque a gente nunca teve esse tipo de fenômeno, porque as falsas notícias são criadas, plantadas, e distribuídas assim. Você começa aqui e daqui a pouco você recebe aquilo que você passou de alguém que mora na Europa, é uma coisa incrível né. Cria um boato aqui e manda para os seus amigos E de repente você mesmo recebe aquele boato que você criou vindo da Europa. A gente precisa de um corpo e profissionais que possam trabalhar e tentar combater isso com a informação correta e credibilidade ver esse é o nosso desafio, não é um desafio trivial, é um desafio difícil , que vai exigir muito esforço nosso como jornalista mas um esforço da sociedade também em perceber que, esse cara é importante, como é importante perceber que o advogado Para que as leis também possam ser cumpridas, como é importante o médico para que trata da sua saúde para a saúde da informação eu acho que é importante que a sociedade perceba que o jornalista é indispensável para a sociedade.

Pergunta: Quais são as suas análises positivas e negativas quanto a passagem do jornalismo impresso para o digital?

Resposta: Eu acho que essa coisa de você democratizar o acesso à informação isso é positivo, não tenha dúvida, que você democratiza , a pessoa não necessariamente não precisa gastar comprando o jornal para se informar, ela tem no mobile dela ela pode acessar a qualquer momento essa informação, essa questão da democratização é importante. Isso eu estou falando da democratização do consumo. A

democratização da produção também eu acho importante, porque hoje, não só o jornalista é produtor de conteúdos, nós temos outras figuras que produzem conteúdo também. Isso é importante? É importante quando o especialista é sério e fala sobre alguma coisa. O Dráuzio Varella, por exemplo, falando sobre medicina, é importante o que ele fala certamente ele tem muito mais propriedade de falar ade que u como jornalista entrevistando Ou médico para falar sobre isso, então ele já fala direto. É então esse produtor de conteúdo é muito importante, não é só o jornalista Que produz o conteúdo hoje. Nesses dois sentidos da democratização eu acho importante é. Só que, é claro, há distorções. Essa democratização do acesso, faz com que tenha um volume, uma massa de informação, que vai exigir de você leitor um pouco de discernimento do que é sério e do que não é sério, isso é um problema. Segundo a gente queira ou não queira a gente tem deficiência de informação das coisas básicas , 3 dimensões básicas da escola, 2 anos base, a gente é um país em que a questão da leitura nunca foi muito incentivada , a gente tem essa dificuldade também, e aí tem a desculpa, que é muito real em vários sentidos, de que falta tempo. As pessoas estão muito preocupadas em sobreviver, não dá muito para condenar o cara. Então ele não tem muito tempo, ele cria o hábito de ler aquele lugar, então muitas vezes ele só tem uma visão única de uma coisa, Por que ele só lê aquilo, ele não vai procurar um contraponto para fazer uma visão crítica Tirar uma posição em relação aquilo não dá mais tempo, ou ele acha que não tem tempo para isso. Eu acho que isso é um ponto negativo, essa massa de dados na verdade exige imagem quem lê, ele precisa ter discernimento, ele precisa ter preocupação em saber selecionar aquilo que ele leve isso é um problema que a gente tem que superar. Eu falei do ponto positivo que o jornalista não é mais o único produtor de conteúdo, para os produtores de conteúdos sérios é positivo, mas tem aqueles que não são sérios, tem por exemplo eu vejo por exemplo na minha área quando o assunto é gastronomia você olha lá e vê que o cara tem hum milhão e poucos de seguidores, aí ele vai falar sobre gastronomia, aí ele vai num restaurante aí ele senta e só elogia, só elogia, é claro que aquilo lá É um público editorial, ele está recebendo para falar aquilo, mas ele não deixa claro para o ouvinte dele para o espectador dele que ele está recebendo para falar aquilo. Ele está vendendo uma coisa como se ele estivesse falando como um consumidor também, mas na verdade ele está recebendo para falar bem e não falar mal. Esse é um exemplo, a gente tem vários outros de pessoas que escrevem por interesse próprio, não está interessado em gerar um conteúdo reflexivo Que ajude a esclarecer a

população, ele está mais interessado em ganhar o dinheiro dele, em ter algum benefício em troca, Você tem os produtores de conteúdos que não são jornalistas, mais sérios, Mas aqueles que não são sérios também isso também é uma dificuldade, é um problema, a gente tem as 2 coisas. Eu tendo a achar de forma otimista, que a gente vai encontrar um meio termo para isso, eu sei por exemplo, colegas me falaram semana passada, que estão preocupados aqui em Campinas por exemplo, com a credibilidade dá notícia, de separar o joio do trigo, eles estavam até pensando, por exemplo, em criar uma entidade uma associação, está muito embrionário ainda, mas criar uma associação que congregasse jornalistas , e aí aqueles blogs, sites, feitos por jornalistas, receberiam um selo de qualidade. E se um cara sério é produz notícias sérias e a gente recomenda que você leia, se não estiver neste, fica por sua conta avaliar X se são sérios ou não. Claro que você olhando pelo seu você também avalia, mas isso seria uma forma de indicar é facilitar um pouco a vida do cara, olha isso aqui tem recomendação, a gente sabe que é jornalista que foi informado, que foi treinado para isso, é um cara sério, foi admitido numa associação, ele foi avaliado, a trajetória dele, o trabalho, esse é uma coisa que a gente recomenda. Outros produtores você vai ler e você vai ter que tirar suas próprias conclusões, se são bons, se não são bons, se são sérios, se não são sérios. Eu acho que é uma iniciativa positiva, São todos sérios, são todos jornalistas profissionais, formados, diplomados, e aí sim vai gerar credibilidade. O que não estiver ainda, pode até ser bom, mas eventualmente é feito por um não-jornalista, mas não vai ser admitido, porque ali vai ser feito por uma associação de classe, que representa os jornalistas que trabalham Com mídia digital, esses são sérios, E tem aqueles que a gente sabe que Não são sérios de, que tem político por trás, que tem empresa por trás de, ou que ele tem interesse comercial e fala bem de quem pagar para ele. Essas coisas eu acho que ajuda um pouco a população a diferenciar O que é bom o que não é bom, o que é sério que não é sério o que é comprometido que não é comprometido, eu acho que é um caminho que tomara que essa ideia vingue, Se for uma ideia boa que vingar e que as pessoas gostarem, Talvez em outras áreas possam fazer também, em outra cidade em outras regiões. Olha isso aqui tem um selo de qualidade como têm qualquer outra coisa, se a gente pensar num produto como é a ABIC, por exemplo, O que tem o selo de qualidade das indústrias de café, quais são as indústrias Que tem o selo que tenha qualidade comprovada, seria uma referência para você , claro, que você decidiria se isso é bom mesmo, mas tem uma referência, uma indicação. Acho que isso é uma

forma, talvez existam outras E a gente tem que pensar em discutir, mas acho que é uma forma para tentar um pouco com a bater essa coisa da fitness, isso é muito sério. Eu vou te contar muito rapidamente uma história que aconteceu comigo, que não teve resultados sérios, mas que poderia ter tido. Eu estava lá na Unicamp, TV há uns 45 meses atrás, o último eclipse da lua em 40 anos , vai demorar muito para ter de novo viva e até o eclipse, o que aconteceu, hackers invadiram a página do instituto de física da Unicamp, e publicaram lá que ia ter uma sessão de observação do eclipse no instituto de física da Unicamp, partir das 19:00, De graça, estão todos convidados, vai ter luneta para todo o mundo observar, invadirem publicaram isso. Quando o instituto de física identificou isso que ligou lá para nós para assessoria de imprensa: 'Ajuda a gente como é que a gente faz, é mentira, é fake News, vai aparecer um monte de gente aqui, como é que a gente faz,'. O que a gente fez? A primeira coisa a ser feita é vocês tirar isso do ar, Pega os técnicos não tira do ar, publicou uma nota vir a gente vai publicar também uma nota no site da Unicamp nas redes sociais da Unicamp , é claro que a gente não vai atingir todo mundo que leu, o cara leu isso aí e depois não vai ler mais. Vai ter gente que vai aparecer aí não vai ter jeito, mas a gente vai tentar evitar o máximo para não ter problema. A gente fez isso, e o que os hackers fizeram instantes depois, eles pegaram entraram e criaram uma página falsa no Facebook e disseram: Olha hoje vai ter uma observação do eclipse lunar No prédio 6 da reitoria, onde fica assessoria de imprensa. Fizemos a mesma coisa, uem viu ele não viu outro certamente

Pergunta: Os jornalistas da mídia analógica foram prejudicados coma a chegada da internet por não adaptarem às novas formas de divulgação de notícias? O jornalista preparado perdeu mercado de trabalho por conta da nova geração?

Resposta: Eu acho que nem todo, mas em parte sim. Um por problemas estruturais que a gente sempre teve, empresários sempre pensam em ganhar mais, mesmo nas Redações analógicas, a gente tinha esse fenômeno de se desfazer de profissionais Mas experientes, e contratar profissionais recém formados, por exemplo, como uma forma de economia, isso sempre existiu, em redações de jornais, rádio, TV, sempre existiu e vai continuar existindo. Agora ainda tem esse fator que dia que é uma nova linguagem, é uma nova plataforma exige uma nova habilidade do jornalista além daquela que ele tem, saber perguntar, saber escrever, saber raciocinar, saber fazer correlação entre os assuntos, saber contextualizar, Ele tem também que ter essa

informação de como fazer aquilo, como manipular, ele tem que se reinventar, ele tem que se atualizar Para poder fazer o melhor uso dessa ferramenta.

Pergunta: Você passou por isso ou seu aprendizado foi gradativo?

Resposta: O meu foi gradativo, é assim, por Terra ou network bastante amplo, bastante consolidado, isso facilita porque às vezes você faz consultorias informais com amigos, você pega um amigo que está mais familiarizado com aquilo que pede para que ele explique um pouco como funciona isso. Ele tem coisas assim que você fica surpreso, como é que funciona isso, como é que eu opero isso. Por exemplo quando eu comecei no Instagram lá atrás, eu publicava uma foto e o texto e tinha assim um pequeno público. Mas eu já tinha o número de seguidores razoável quando afinal alguém falou pra mim assim você pública as hashtag? Mas precisa? eu perguntei. Precisa porque aquilo lá, as pessoas te acham através das redes até que. Nossa, no primeiro dia que eu publiquei, quintuplicou o número de leitor e eu disse 'Olha', Alguém me falou isso em algum momento porque eu não sabia, E eu relutei muito Inter o Instagram também, por uma Questão de Tempo meu , eu falei eu não vou ter tempo de administrar mais uma rede social, eu já tenho meu trabalho na Unicamp, eu tenho o site, eu tenho uma coluna na revista Prado, eu faço freelancer para a revista da Bosch, eu tenho o Facebook, e eu ainda vou ter um Instagram Mas uma coisa para eu administrar no meu dia, eu relutei muito, mas depois eu pensei, isso aí também é um canal importante para eu Poder trabalhar é divulgar o meu trabalho, Ai fui aprendendo, você pega essas manhas, Aí você fala por que que as pessoas não estão lendo o que eu estou publicando, aí você coloca hashtag, sobre o que você está escrevendo um ponto de interrogação 'Ah eu escrevi uma matéria sobre gastronomia árabe', Então você põe lá hastag, comida árabe, quibe, esfirra.

Pergunta: Mas você sabia o que ia acontecer quando você colocasse a hashtag?

Resposta: Nem tão, aí me explicaram, você através daquilo, Muitas vezes as pessoas procuram assunto pela hashtag, então chegam até você. Ah eu não sabia disso, eu via que as pessoas colocavam, mas não sabiam por que colocava aí me explicaram. Aí outro já me falou, semana passada eu estava conversando com uma amiga lá de Indaiatuba, que ela é dessa área, ela estava falando que tem algumas coisas no Instagram por exemplo , que se você não colocar na primeira linha aquilo principal que você faz, você vai perder o cara Por que ele não vai ler até a última linha do que

seria o nosso lead, O que seria uns 5 ou 6 linhas, ele não vai ler, olha que coisa, olha que desafiou a gente tem para prender esse cara. Ele tem que ler ali na hora ele já sentir conquistado e estimulados a ler o texto até o final que também que não pode ser muito longo, e nem cabe né? É um desafio danado.

Eu quando escrevia para o correio popular, a gente fazia a chamada das matérias especiais para domingo, a gente fazia matérias para duas páginas, então a gente escrevia até não acabar mais...

Pergunta: Como foi para você ter que segurar o seu leitor, só que agora em 2 linhas?

Resposta: Difícil, muito difícil. Alguém falava que 'escrever era cortar linhas', na verdade a gente escrevia bastante. E cortar pra gente sempre foi um sacrifício porque tudo a gente achava importante, e aí de repente você vem para uma outra realidade em que você tem que ser absolutamente sucinto, absolutamente objetivo pode final em tão, é uma dificuldade que você tem que se treinar também, aí você busca um pouco da sua experiência, Por exemplo, se você teve a oportunidade de passar por algumas fases do jornalismo, tá bom, eu não sou repórter, eu também já fui editor, eu tenho que usar a minha capacidade de síntese quando na hora de fazer títulos fazer as linhas finas, Então você pode ver aqui a lógica pode ser parecida com um pouco com a lógica na analógica talvez seja um pouco parecido com o título que eu dava no Jornal pra eu fazer um texto por aqui, tem que ir direto, dá um soco logo não chega do leitor Para ele perceber do que a gente está falando, prender esse cara . Mas é a percepção que te leva a isso, você vai olhando vai percebendo quem vai conversando. Acho que essa coisa do diálogo principalmente com os mais jovens eu acho que é importantíssimo, quando os colegas me convidam para as palestras vim para os professores da por que que foram meus professores o Jeferson na Unip, Quando tem essa oportunidade do pessoal me convidar, eu vou sempre com a maior alegria. Esse contada com o pessoal mais jovem é importante para a gente se orientar também. Eu acho que foi começo deste ano que eu fui na PUC fazer uma palestra sobre crônicas, a professora sexta pediu para eu falar sobre crônicas, eu escrevo muitas crônicas em tudo quanto é lugar, nas redes sociais, nós blogs , esses dias eu escrevi sobre meu pai cozinheiro, eu fiz um prato que ele fazia, aí eu contei a história que, dia da maldade memória da cozinha, por que é sexta-feira, sexta-feira é o dia da que eu chamo de maldade que é o dia das gordices. Aí eu fiz esse prato para o almoço, e era um prato que o meu pai fazia que era uma baixá-la , aí eu escrevo sobre o prato escreva sobre

o meu pai e aí eu fui falar sobre crônicas lá para os alunos e aí eu perguntei pra eles: quem aí tem interesse em escrever sobre economia? Um levantou a mão. Quem tem interesse escrever sobre política? Um outro levantou a mão. Quem tem interesse em escrever sobre esporte? Com os 3 levantaram a mão. Aí eu falei agora vem a pergunta fatídica, quem aí tem interesse em escrever sobre moda? Uns 15 levantaram a mão. Gente, quando eu era estudante primeiro que não se escreveu sobre moda, não tinha uma editoria de moda, tinha aquelas revistas femininas que falavam de moda, mas era dentro de uma...por que elas falavam de moda sobre a sexualidade feminina, Sobre o comportamento feminino, mas não era especificamente sobre moda. Hoje tem a editoria de jornalistas de moda, não existia isso, Há 30 e poucos anos atrás, para você ver como mudou o perfil do estudante, mudou o interesse, aí eu imagino que a forma de ensinar também devia ter mudado, porque são outras pessoas, porque algumas bases são as mesmas, eu imagino que algumas outras questões devem ter mudados. você imagina daquele grupo 15 queria escrever sobre moda ou sobre política ou sobre economia e 3 sobre esporte, mudou completamente, é preciso se pensar nisso, qual é esse perfil desse colega que vai chegar no mercado daqui a pouco, Como é que ele está formado, quais são os interesses dele, eu imagino que diferentemente da minha geração a gente saía formado para ir trabalhar no veículo De comunicação, radio, jornal, Não tinha site ainda ponto mas eu acho que é muita gente hoje já quer sair para uma empreendedorismo, ele quer empreender, ele quer ser dono do próprio negócio dele, Ou ter um site ou sei lá o quê, que também é uma outra realidade, esse cara precisa ser treinado, a faculdade tem que dar um jeito . O que aconteceu no curso de gastronomia aqui na universidade São Francisco, eu fui lá dar uma palestra e a professora falou para mim que queria me convidar para dar aula na aula de pós-graduação, a gente queria fazer alguma coisa sobre publicações na área de gastronomia, eu queria que você coordenasse isso, queria que a gente produzisse livros e tal, Eu disse puxa isso eu adoraria fazer, aí ela disse que nós temos que segurar um pouco porque estava uma mudança aqui, antes a gente formava o chefe de cozinha aqui, cozinheiro Melhor dizendo, chefe é uma função que ele vai assumir depois ou não, Para ir trabalhar no restaurante, num café, no hotel, hoje, mais da metade dos que estão aqui eles querem colocar o próprio negócio dele vir então a gente não pode só ensinar eles a fazer comida a gente tem que ensinar eles a gerir um negócio, a gente está mudando toda a grade curricular edital, e talvez tenha que esperar, aí eu disse puxa, justo na minha vez (rsrs). Eu ia adorar tocar um projeto

disso, olha que legal, a gente faria a pesquisa, testaria, e depois publicaria em um livro a partir da pesquisa da prática, e levar essas informações para o público em geral, nossa Fiquei empolgado e tal, mas a coisa acabou não acontecendo porque houve essa mudança. Imagino que no jornalismo Debater também a necessidade de se adaptar e eu não sei como é que os professores hoje eu tenho lidado com essa questão mas fake News, da instantaneidade da notícia da necessidade de ser correto, Ter credibilidade, não sei como que está isso, é um desafio para eles também.

Entrevista concedida por Mino Carta (Canal Mino Responde), no dia 23 de setembro de 2019 (redação da revista CartaCapital)

Pergunta: O que significa pra o senhor o jornalismo impresso?

Resposta: Eu sou ser caduco, um escomburo humano a essa altura do campeonato, mas eu diria o seguinte que é sempre válida a ideia do *scripta manent* (os textos permanecem), então o que está escrito tem mais força tem mais valor do que o texto falado, agora é óbvio que nem todos os ouvintes representam o objetivo desse jornalismo escrito. Os ouvidos são muito mais numerosos, isso é óbvio, o jornalismo escrito tende a perder as tiragens por exemplo que já teve, isso é escrito, mas o escrito é sempre muito mais forte que eu falado. Agora no caso do Brasil nós estamos vivendo uma tragédia, inclusive vírgula em função do que é o texto escrito nos jornais brasileiros, é o pior dos mundos, são os piores do mundo. O Brasil não é por acaso o pior país do mundo, pretende ser civilizado? Se o jornalismo corresponde perfeitamente é isso tudo pronto seguido por duas razões básicas ao Meu ver: por uma questão estritamente política, Por favor pense prestado a casa grande de um lado, os jornalistas estão todos vendidos aos seus patrões que são inquilinos cativos da casa grande e além de tudo eles tratam a língua de uma forma absolutamente reprovável , levariam nota zero , haveriam de levar. O que me preocupa veja, é um país que tem a cultura da selfie, a cultura do celular, eu estou no elevador nunca vi entrar alguém que não fosse munido de celular é a única coisa que o brasileiro tem, cultura zero. Já fomos mais, não digo cultos, mas havia preocupações intelectuais claras em vários círculos, na universidade, no teatro, em várias manifestações brasileiras, hoje não tem mais nada.

Pergunta: O que significa pro senhor o jornal digital, essa migração do impresso para o digital?

Resposta: Eu acho que fez muito mal, eu não me aproximo de um computador por nada deste mundo, tenho medo do computador ele me engole como engoliu a maioria dos brasileiros que são integrantes de um povo muito atrasado, muito primário, aqui vigora ainda a idade média pode final

Pergunta: O senhor acha que a qualidade do jornalismo o que é feito nas redes agora o jornalismo que agora está colocado no site, o senhor acha que caiu a qualidade ou só fez uma migração do papel para a tela?

Resposta: A qualidade caiu muito, é claro que tem gente que lida bem com o vernáculo ainda, e que pode, portanto, no digital, se portar corretamente em relação a nossa língua que dizem haveria de ser a nossa pátria. Mas, existe alguns que se importa muito bem no digital. diante do novo instrumento eles agem corretamente e evidentemente se eles escrevem alguma coisa, à escrita e um bom português, um português clássico.

Pergunta: O senhor aprecia muito o bom português, mas com relação à qualidade de apuração, checagem, profundidade, essa avaliação que o senhor faz do jornalismo que está nas redes?

Resposta: Eu vejo que tem gente que as corretamente, com o mesmo espírito que o guiou quando os jornalistas do papel impresso, é então tem alguns, Paulo Henrique, Nassif, Azenha, Fernando Moraes, Esses jornalistas existem e fazem bem os seus serviços.

Pergunta: O que falar sobre os jornalistas que não conseguem mais se encaixar na mídia digital, E quando encaixa oferece um salário muito baixo ...

Resposta: mas a posição política deles, qual era? Quais são as razões pelas quais eles estão afastados das Redações. Nem sempre se deve essa transmigração, a essa mudança para outro instrumento, para outro meio de comunicação muitas vezes são pessoas que têm ideias diferentes daquelas do patrão. Nós vivemos no regime medieval. Porque digamos, um Paulo Henrique faz o blog dele? tinha um canal porque não tinha emprego em lugar algum, tinha sido despedido da Bandeirante onde ele tinha feito um jornal muito perfeito da televisão, mas foi afastado, porque ele era uma pessoa incômoda, não é escusava as ideias do patrão.

Pergunta: esses bons jornalistas que fazem um bom jornalismo não encontram mais espaço nas redações que contrariam a casa grandes, então eles têm que buscar o jornalismo na internet como alternativa?

Resposta: É uma migração obrigatória, obrigação necessária para sobreviver.

Pergunta: Por que que o senhor resolveu fazer seu canal no YouTube, e não responde, o senhor acha que isso ...

Resposta: isso não tem nada a ver comigo, A turma do nosso site pede para fazer aí eu faço.

Pergunta: Mas o que o senhor está achando dessa experiência?

Resposta: Não acho nada, é como conversar com a senhora, essa outra simpática a senhora, é a mesma coisa, então eu converso com os leitores, que imagino, formem com uma multidão infinda atrás da máquina que me retrata.

Pergunta: Está trazendo o retorno para Carta Capital, os vídeos que o Senhor tem feito?

Resposta: Naturalmente me dizem que tem um retorno excelente.

Pergunta: O senhor tem boas respostas quando você responde às perguntas dos leitores e as pessoas acessam justamente por causa da sua opinião, que é importante

Resposta: não é muito importante, mas é a minha opinião. Agora de qualquer maneira essa é a questão, me pedem para fazer e eu faço, sem medir depois as consequências... faço porque confio neles.

Pergunta: A Carta Capital vai permanecer nas redes sociais, no site, o senhor acha que isso é irreversível? Se o Senhor tivesse somente o impresso, o senhor ficaria só com impresso não ficaria nas redes sociais?

Resposta: Eu acho que eu teria entendido as razões pelas quais que convém ir para as redes sociais. Por quê no Brasil então é um delírio, é a única coisa que conta aqui. Tudo se faz pela rede social, toda cultura vem desse jeito para o Brasil e isso explica a nossa ignorância entre outras coisas

Pergunta: O senhor acha que o país está dividido?

Resposta: Não está dividido, o país está com o Bolsonaro, Bolsonaro tem a cara do Brasil. É a nossa cara.

Pergunta: A inércia do povo brasileiro incomoda muito Senhor?

Resposta: Sim, incomoda, mas justamente com essa consideração que eu tenho, eu sou forçado a fazer, com todo o meu discurso constatar essas situações, existe

também porque a esquerda brasileira nunca houve. Não existe esquerda no Brasil As pessoas não querem entender este fato até esse dia rotas pavão e comunismo aí, não sabe o que dizem, nunca houve uma esquerda que fosse capaz de chegar ao povo, de motivar o povo Então esse é o resultado e essa nossa situação é única entre os países com pretensões de pertencer a civilização ocidental e cristã. Não existe outro lugar tão desigual, tão feroz, tão maligno, com ódio de classe tão espalhado e não existe.

Pergunta: Esse contexto que o senhor está traçando político, econômico, como é que ele se reflete no jornalismo?

Resposta: No jornalismo, nós temos uma mídia que assume sempre mesmo a mesma postura a favor da casa grande a favor dessa ideologia. Seguida pensa que foi a lava-jato o mal que ela casou o país, não fala só da prisão do Lula, todo o mecanismo da lava jato foi terrivelmente daninho para o país e motivado por quê, motivado pela capacidade que a mídia teve de dar Guarida a ideia que estava aí o combate à o maior problema do país que a corrupção não é o maior problema do país, o maior problema do país é a desigualdade.

Pergunta: Voltando um pouquinho agora para sua carreira na internet, A Carta Capital passou a ser mais comentado depois que ela redes sociais, o senhor sentiu diferença?

Resposta: Eu tenho a impressão que isso aumenta o raio de penetração da revista, sem dúvida, mas, eu não acompanho os números, nem o dinheiro envolvido, nada. sei que vivemos de agruras, sei que eu não recebo salário desde, sei lá, março.

Pergunta: a preocupação do senhor aqui o que é, é o fechamento? O que senhor faz? Fechamento, a qualidade da revista, a capa o senhor vai nas redes sociais e faz o briefing, eu percebo que o Senhor tem aquela paixão de fazer jornalismo, de mostrar que a capa tá bonita o senhor tem paixão por isso?

Resposta: Lógico, isso foi a minha vida. Embora eu tenha sido também outras coisas, escrevi livros, fiz a exposição de pinturas, muitas no estrangeiro, aliás. Mas, nunca reconhecido no Brasil, nunca. Também a pintura morreu, tá morta, os últimos grandes pintores são Ingleses, Freud e Francis Backer.

Pergunta: O senhor usa celular?

Resposta: De jeito nenhum, é claro que eu não uso.

Pergunta: O senhor ainda escreve na sua máquina?

Resposta: Eu só escrevo na máquina ou à mão.

Pergunta: O senhor acha que se o senhor não fizesse as lives que faz, apresentar as capas, O senhor acha que eu preciso ir para internet para continuar o título Carta Capital?

Resposta: Eles me dizem que eu preciso, os que comentam essa operação me dizem que eu preciso, então eu obedeço.

Pergunta: e a sua satisfação em fazer isso?

Resposta: quando evidentemente, olha a minha sensação é muito relativa sempre, meu pai quando terminava o serviço, dizia, mais uma batalha perdida, eu posso dizer o mesmo.

Pergunta: como podemos tirar proveito do jornalismo na web, na internet?

Resposta: Se quem pratica esse tipo de jornalismo é o Paulo Henrique ou é Fernando Morais por exemplo, pode tirar proveito sem, sem dúvida. agora, o instrumento existe, eu sou muito drástico, muito radical das minhas posições, portanto, não existe para mim, mas é uma questão muito pessoal, E não sei até que ponto ela é eficaz, mas que é inegável que hoje em dia é difícil senão impossível negar esse meio de comunicação, então eu obedeço a essas indicações dos especialistas.

Pergunta: O senhor disse que os bons jornalistas já não estão mais encontrando espaços nas redações, então eles precisam migrar, então acaba sendo uma questão de sobrevivência Profissional, buscar a internet para trabalhar.

Resposta: foi o meu caso, eu saí da Editora Abril, da Veja, que eu dirigia, em fevereiro de 76, nunca mais houve quem me oferecesse um emprego, então eu tive que inventar o meu emprego. Eu fundei aí IstoÉ, depois veio a Senhor, depois IstoÉ Senhor e depois a CartaCapital.

Pergunta: E Essa falta de oferecimento de vaga numa redação, é por conta da sua posição crítica ou da sua história como jornalista crítico?

Resposta: Bem, a única pessoa que me procurou, foi o Hélio frias, e me ofereceu uma colaboração com a folha que eu mantive e por algum período da minha vida, basicamente entre 81 e 82,2 anos mais ou menos. Agora, o Otavinho é um diretor por direito divino, isso já criava um problema grave, os diretores por direito divino.

Pergunta: O senhor acha que o verdadeiro jornalismo, de 40 anos atrás, daquela época que o senhor fundou a IstoÉ, ele está fadado ao esquecimento, ninguém quer saber mais, o povo brasileiro já não está mais interessado nisso?

Resposta: O povo brasileiro não tem interesse em coisa alguma, o povo brasileiro está perdido, Não é nada, não tem parâmetros para exigir coisa alguma, eles não são culpados, entenda bem o povo brasileiro que é inerte, indiferente, é porque ele trás no lombo a marca da chibata, do chicote, a marca da chibata ainda está no lombo dele marcada, e ele é um fraco ponto final é a ideia da conciliação Mas isso não forma mente geral, as pessoas acham que dá para manear, tem um jeitinho brasileiro, olha aonde nos trouxe o jeitinho brasileiro, nós estamos vivendo um momento realmente da dramático, de uma forma poderosa, esse discurso dele na ONU (Bolsonaro), é um negócio inacreditável, é a tentativa de doutrinar o mundo.

Pergunta: o Senhor acha que Falta mais aproximação dos Jornalistas Com a sociedade, se a sociedade entendesse o trabalho importante que os jornalistas.

Resposta: mas a sociedade não quero entender por que a sociedade está presa no ódio de classes.

Pergunta: Qual a sua perspectiva em relação ao jornalismo no Brasil com a chegada da internet?

Resposta: Trágica. É tudo consequência. É como uma areia movediça na qual a gente tá afundando, porque o país é desguarnecido, porque o país está na mão da casa grande desde sempre, porque aqui só manda o rico, porque é um país desigual e o povo é absolutamente aturdido e vive num limbo trágico.

Pergunta: Que tipo de jornalismo que a gente poderia fazer aqui no Brasil?

Resposta: Como o da CartaCapital. A CartaCapital é uma revista que poderia circular na Europa tranquilamente, tem a qualidade que eles têm, mas é isso nunca vai ser reconhecido por um brasileiro.

Pergunta: Qual é hoje a tiragem da carta capital, em 2005 era 72 mil mais ou menos?

Resposta: Deve ser ainda por aí, só que tem a internet, que tem o site que funciona, tem os assinantes

Recado aos formandos de jornalismo: Qual é sua expectativa, boa ou ruim?

Resposta: Não sei, vou pronunciar palavras não sei se tristes ou melancólicas. não tenho nenhuma confiança no Brasil, zero. Eu pretendo viver uns 130 anos (rsrs).

Mino: O Jornalismo tem que obedecer a três princípios:

1. A total fidelidade a verdade factual, que discerne das milhões de verdade que a gente carrega na cabeça.
2. O exercício desabrido do espírito crítico, total.
3. Fiscalização do poder onde quer que ele se manifeste.

**Entrevista com Roberto (Bob) Fernandes concedida no dia 05 de maio de 2020.
(via Zoom)**

Bob: Eu estou no meio de um fechamento hoje, então confusão geral...

Pergunta: Esse é seu primeiro contato com o Zoom?

Resposta: Na verdade não, a minha família usa para falar com os parentes, mas eu como estou trabalhando demasiadamente esses dias, eu não estou usando o Zoom. Tem um aplicativo que custa U\$ 25, era o que estava tentando falar com o Jânio ontem, no qual uma pessoa remotamente, no caso meu editor, governa a conversa. Não funcionou ontem porque o Jânio não tinha wifi. Eu estou estreando no Zoom hoje.

Pergunta: Você tem quantos anos de jornalismo?

Resposta: Eu comecei a estagiar em 77 na Universidade Fed. Da Bahia, na reitoria. Tinha uma bolsa que a gente tinha na época que era o salário educação que a gente trocava por trabalho. Eu fiz a FACOM em Salvador, antes chamava Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Eu trabalhava na assessoria de comunicação e cobria artes e espetáculos, os museus de artes sacras, os eventos culturais que tinha. Em 77 ou 78 eu comecei a estagiar no Jornal do Brasil, em Salvador que era uma grande rádio que o país tinha na época. Depois estagiei tb na redação do Jornal que era junto e então fui contratado pela rádio. Depois passei um ano “vagabundando” pelo Rio (tranquei matrícula), e volt idem dezembro de 79 e no dia seguinte apar3ceu uma vaga para trabalhar na sucursal da Veja na Bahia, era o Ricardo Noblat, e eu fui contratado ainda estudante, por baixo do pano porque o Sindicato não deixava... então eu me formei em 81, então eu comecei a trabalhar lá.

O meu primeiro contato analógico, digital aliás, ainda não existia internet. Eu tinha sido diretor em Brasília da história pois se correspondente e 92/93 cobrindo a campanha do Bill Clinton versus Bush pai e Ross Perot. A internet existe a partir de 94 como ela é hoje, que é uma rede interligada. Até 93 existia um negócio chamado Compuserv aquela base de dados, você entrava, tinha as notícias, mas você não tinha a conexão ainda que a internet que a gente conhece a partir de 94. Então foi meu primeiro contato, na verdade, antes de existir a internet eu já tive contato durante 2 anos com o mundo digital, esse aí, pré-cambriano.

Pergunta: Em 2006 você passou a ser o editor chefe da do Terra Magazine. Esse foi o seu primeiro contato com o mundo digital aqui no Brasil?

Resposta: Não. Na verdade, assim, em 2000 eu era redator-chefe da Carta Capital e a gente tentou, o Mino e eu tentamos fazer a Carta Digital, mas quando começamos, já estava acabando a onda Nasdaq e a grana para aquilo ali. A gente acabou não fazendo eu queria fazer, mas a gente acabou fazendo, não fazendo, quando eu sair da carta capital eu saí já com a intenção de fazer uma revista digital o que foi o que eu fiz. Eu vinha de um projeto no Portal Terra, que eu formulei e vendi chamado Terra Magazine, o Toninho Prado que é meu parceiro nessa parada agora ele tá ele tá no Japão de férias, ele me convidou eu fiz a Terra Magazine que na verdade experiência única porque além do Brasil ela tinha 40 colunistas e tinha 6 repórteres no seu período maior redação, mas Ela Foi feita em 17 países da América Latina e Estados Unidos em língua espanhola sua edição diária por 2 anos e meio com alguns dos melhores momentos de cada país se escreviam colunas diariamente então acho que isso é uma coisa que eu não tenho notícia de ter sido feita na América Latina e na revista latino-americana então eram rede digital já já minha primeira experiência prática então começa com o Terra Magazine em abril 17/04/2006.

Pergunta: Você fala numa entrevista que você deu pro Perfil Opinião da sua inapetência tecnológica. Você ainda se considera?

Reposta: Serei sempre tem um lado do cérebro que é assim. Por exemplo eu não tenho carteira de motorista não dirijo, eu tenho uma, eu não sei como é que chamaria isso na psiquiatria, na psicanálise, eu tenho uma dispersão para isso. Ao mesmo que eu sou muito ligado em outras coisas, tem uma coisa que não é, a mecânica... eu entendo a filosofia de cada processo é digital, isso não é uma coisa difícil de entender. Mas a manipulação disso, a utilização disso, eu tenho não sei se é preguiça, impaciência. Eu posso aprender uma coisa agora daqui ela no dia seguinte eu vou repetir a mesma operação eu vou ter que pedir ajuda de novo ... eu entendo o que eu entendo a filosofia do game mas eu não tenho paciência. Quando começou então um cara, que estava na Folha, era desesperador, que em 94 eu cheguei nos Estados Unidos eu trabalhei na Folha quando tava começando exatamente, tinha aquele computador, tinha aquela lajota, tinha aqueles controles todos para começar. Mas é um saco, pra mim aquele é um porre, por que todo dia eu tinha que reaprender aquilo que não tinha paciência, meu hardware não guarda aquilo entendeu.

Pergunta: E é justamente por isso que eu quis fazer essa pesquisa...

Resposta: meu caso acho que é diferente pelo seguinte: tem gente da minha da minha geração, que usa e eu uso muito mais do que muita gente até uma nova geração como forma de acesso a dados etc etc, isso para mim é fácil,

Pergunta: você usa para o bem?

Resposta: eu pesquiso muito dados. Eu não tenho paciência eu não sei o que que é para o mecânico, entende, a coisa mecânica. Agora não sei se é só uma coisa geracional porque tem muita gente da minha geração que faz. É uma coisa é muito particular da minha inapetência mesmo independente de outras inapetência né na minha inapetência para coisas, assim com o estudo de exatas, eu gostava muito de uma área, e exatas eu... para mim aquilo ali passava assim né...

Pergunta: Eu entrevistei o seu Mino e ele disse: 'Não tenho celular eu não uso celular'...

Resposta: É mas o Mino é diferente, é o caso ele jamais será capaz de pesquisar nada. Eu uso muito, muito, muito. Aliás eu escrevo eu pesquiso muito dado, muita coisa usando o digital.

Agora você está pergunta eu tenho paciência, eu não tenho saco eu acho que o futuro será eu dou a ordem aqui o negócio acontece entendeu, oralmente. Até porque essa é a forma que você tem que acho que existirá e terá de incluir as milhões, bilhões de pessoas que não estão incluídas nesse processo. Por exemplo, com 5 G a humanidade vai se divide radicalmente quem tem acesso e quem não tem acesso porque vai ser uma conexão total de quase tudo, entende, então eu acho que inevitavelmente se o mundo melhorar, não for essa coisa de "um clube para poucos", vai ter um comando vocal para que as pessoas possam acessar até que não tem sentido você não tem um comando vocal amplo para todo mundo ainda acessar as coisas, entendeu, não tem por que. Não sei se isso é um truque ainda. Porque na verdade como você não tem capacidade de consumir nesta dimensão então não se importam com isso ainda né, mas na hora que as pessoas tiverem a capacidade de consumir, a coisa mais simples do mundo é (não entendi). Assim como você tem a Siri em outras coisas que você dá o comando e aquilo lá é feito.

Pergunta: Mas não é não é exatamente isso que você chama de pluralidade?

Reposta: Isso não tem nada a ver com pluralidade. Isso é o seguinte: é democratizar o acesso ao uso do digital. Se as pessoas não sabem nem ler, milhões de pessoas mal sabemos são até os ricos brasileiros, vários... as pessoas que estão na rua lutando contra a pandemia são pessoas que têm capacidade cognitiva nenhuma né. Então se as pessoas não conseguem nem entender, imagine você acessar coisas complexas, isso deixa à margem um pedaço da humanidade. Acho que na hora em que o mundo “um dia vieram melhorar” isso será que não estalar de dedos equacionado de outra forma, vocal, a íris do olho, qualquer coisa, não precisa tudo isso. A pluralidade é uma outra coisa que não tem nada a ver com isso. É o seguinte: por exemplo o Brasil tem 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, salvo engano, que sempre muda do Oiapoque ao Chuí e tal... e tem 211 milhões de habitantes. O Brasil não discute em rede nacional de televisão e rádio nem futebol, como é que pode um continente que não discute absolutamente nada. Você conhece algum programa de televisão do Brasil que discute em rede nacional (não vale aquele da rede Bandeirantes domingo de noite à meia-noite que tem meio por cento de audiência lá, o canal livre). Nada é discutido para valer com todas as posições, eu tô dizendo esquerda direita, centro, fundo, quem contra o aborto, quem é a favor do aborto, a favor da pandemia, não se discute nada e nem mesmo futebol, porque os programas de futebol que tem no Brasil são das redes regionais Globo Esporte São Paulo... como é que um continente não conversa sobre os seus problemas suas soluções. Como é que funciona na Inglaterra: a BBC é mantida por pessoas que pagam. Usuário na casa que pode, ele paga por ano acho que 650 libras, para manter a BBC que é um édito real renovável a cada 16 anos pela rainha a Deutsche Welle é a mesma coisa na Alemanha, na Espanha, na Itália, na Oceania são redes públicas não estatais como a TV Cultura da Bahia, de São Paulo, pública, mantida pelo cidadão, isso permite a questão da pluralidade que é a diversidade de visões. Você pode ter uma notícia que com 10 visões, ela (Cibele) está assistindo na sua conversa se tiver 10 pessoas você assistindo nossa conversa, essas 10 pessoas forem escrever, se terá certamente 10 percepções diferentes, eles não podem errar na cor do seu cabelo, da sua camisa não sou o resto cada um usar isso é pluralidade que nós não temos. Nós temos quantidade de rede social, mas não significa pluralidade que são tribos falando com tribos.

Pergunta: Por que você escolheu o jornalismo como profissão?

Resposta: Ixi, isso é um tratado. Olha eu acho que toda profissão é uma construção que a gente nem sabe que a vida já vem fazendo. Às vezes é uma imposição econômica, não foi o meu caso, alguém que precisa fazer tal coisa precisa ganhar dinheiro sei lá entendeu, no meu caso específico eu morei até os 18 anos em cidades pequenas. Quando tinha 5 anos meu pai era um funcionário agrônomo do Banco Do Brasil, tinha 6 filhos era muita gente em casa daquela confusão e eu não sei porque eu vivia na rua... Eu me lembro de estar assistindo um comício, de um cara chamado JB que era candidato ao governo Estado de São Paulo em 60. Eu lembro da música: “Eu vou votar em JB. JB é quem vai governar”. Eu me lembro de estar em um comício, evidentemente saindo de casa, sem autorização para tal como fazia o tempo todo e me lembro do meu pai dizendo muitos anos depois que um dia um amigo dele chegou em casa e disse: ‘Henrique seu filho está no palanque’. Eu vivi na rua o tempo inteiro. Depois estudei em colégio interno em Campinas, no Salesiano, com 7 anos de idade. Porque exatamente eu era um garoto da rua e tentaram me consertar. Eu fui interno no Colégio de padre, depois morei em Bragança. Eu acho que o jornalismo é uma consequência da minha curiosidade da vida, desde sempre. E, depois eu comecei a ler ainda menino com 13/14 anos. Pasquim, depois os jornais em movimento, Opinião, jornais de oposição à ditadura... Em Bragança tinha um Clube Literário, que na verdade era um Clube com piscina grande e tinha lá à disposição todo dia a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo. Não era muito comum na minha geração, mas eu tinha a curiosidade de todo dia ler os dois jornais. Então eu lia dos jornais da oposição, eu lia os jornais censurados na época da ditadura, mas eu já tinha curiosidade, sempre tive. Gostava de ler muito gibi também. Campinas é importante na minha formação, porque quando eu fui interno no Salesiano, eu ia aprender a ler ainda, mas o colégio tinha cinema. Minha primeira linguagem foi cinema. Eu acho que ela é importante na maneira como eu faço as coisas. Tem gente que diz: ‘Você faz como se fosse fotogramas’... Por isso que eu digo que é tudo recorrência da vida. Eu não conhecia televisão ainda. Em Olímpia tinha uma televisão numa praça, numa loja fechada, mas que eu nunca tinha visto ligada. A minha primeira linguagem foi o cinema enquanto eu aprendia a ler, eu fui vendo cinema no Salesiano em Campinas.

Pergunta: Você conta com ajuda de alguém no Bob Fernandes?

Resposta: Eu conto com ajuda. Eu tenho um câmera, que na verdade é um filmmaker, o Miguel Breyton, estudante de história da USP. A família dele tem a Quanta, é amigo das minhas filhas desde pequeno. Ele é um cara que me ajuda muito. A gente está escolhendo quais são os teasers da entrevista do Jânio... eu falei pra ele quais são os dois teasers (é o que vai subir no Instagram). No Facebook eu não posto o vídeo todo lá, para que não canibalize o que eu faço no YouTube, que é o YouTube é que me paga ou com publicidade, embora eles me desmonetize toda hora, que isso é outra questão, ou via Catarse, que é a plataforma onde as pessoas colaboram comigo e com a equipe. Então eu subo um techinho. Eu digo ou ele diz mais ou menos qual é o trecho legal que a gente escolhe, no analógico a gente chamaria de “chamada”. Então tem o Miguel que nesse momento não está me ajudando nesta questão de filmar, porque eu estou fazendo aqui em casa. Quem edita é o Yury Rosat, o Miguel é o filmmaker, mas que me ajuda a montar os teasers. Por exemplo: aqueles inserções no canal, eu estou aqui no sábado, no domingo pensando o que vou fazer pra terça ou hoje ou amanhã o que vou fazer pra quinta, cada vez que eu vejo uma coisa que me importa, eu estou falando com fonte, eu fotografo aquilo no celular e mando pra eles dizendo: vai pegando isso e na hora a gente escolhe, pra gente já ter as inserções e nesse pegando as inserções eu já; vou construindo... por isso que eu digo que em a ver com o cinema lá de trás, nessas imagens eu já vou construindo a narrativa, mesmo que eu vá pegando sem pensar, mas aquilo já é uma construção da narrativa, o que me chama atenção. Claro tem a fonte, se eu falo com Ministro do Supremo, com não sei quem...mas tem um a narrativa visual que as pessoas tem que ver o que a gente está conversando ali. Isso é a construção eu mando pra eles e o Miguel ou o Yuri, depende do dia (quem está ocupado ou não), eles vão pegando e vão escolhendo e tem um detalhe, somos obrigado por mim , isso não só agora, desde de sempre a dar o devido crédito a quem a gente está usando alguma informação. É um mal hábito do jornalismo brasileiro, todo mundo chuta tudo, isso desde de quando era escrito, o jornal do Brasil, IstoÉ. Pegou informação de alguém não tenha nenhuma vergonha de citar que foi o outro que fez, não precisa roubar, cita. Por isso que sempre você vai ver lá os créditos devido, no mínimo do jornal, quase sempre, e às vezes citado na própria narrativa quem foi que fez uma coisa importante.

No momento, a gente está fazendo de uma outra forma. Tem um Mac aqui, pra você ver como o moderno e o velho se misturam. Tem um Mac, mas como eu uso o

teleprompter, por que são textos muito grandes e as vezes muitos concatenados não dá pra fazer de memóri. Quando eu vou gravar aqui, se a câmera está aqui em cima (do computador), se eu ficar lendo tudo, então os olhos abaixam e eu não vou ter um contato visual com a pessoa que está me vendo. Então eu grudei aqui em cima uma caixinha de áudio cassete, e naquele burquinho onde a gente colocava a fita cassete tá o celular deitado, então eu leio as primeiras três linhas, memorizo e a gente vai parando, é a maneira que tem de gravar agora nestas condições. Dá um trabalho brutal. Eu gravo num apartamento aqui perto, no apartamento do Luís Fernando Veríssimo, como ele não usa, eu uso como estúdio. Estou gravando em casa agora, eu trouxe as luzes nesse mesmo lugar. Aqui é um computador HP, aqui um Mac, eu gravo aqui, com os livros aqui no fundo. Eu uso microfone no celular, então o áudio fica legal. As primeiras gravações, se você pegar quando começa a quarentena, tá escura, eu estava gravando no Mac direto, mas não estava legal. A gente começou a gravar no celular, a câmera do Apple é muito melhor, mesmo sendo 8, eu conecto o som e fica a qualidade legal e a luz também, estamos fazendo assim como é possível. Eu ontem tentei fazer assim com o Jânio, mas não foi possível, por que não tinha wifi na casa dele, e a gente só descobriu na hora, por que o menino que entrou em contato com ele pra combinar, esqueceu de perguntar se ele tinha wifi, então foi oral.

Para você ver como é um pterodátilo, como é uma coisa de você entender a filosofia mesmo que você tenha inaptidão ou dificuldade técnica. O Terra fazia um negócio de mídia on no Itaú ali na Paulista, o Itaú Cultural e trazia gente do mundo todo, em 2006/07/08...Eu me lembro que um dia teve uma ação da Polícia Federal que prendeu... os caras do PCC iam assaltar o caixa forte de três bancos de Porto Alegre, o Banrisul e o outro Banco e eu tive a dica de noite, na madrugada que ia acontecer essa prisão. Eles estavam cavando um túnel para entrar nos dois bancos. Eu liguei para a Fernanda Veríssimo, e falei 'me arranja um câmera agora, mandada ele estar 6:30hs da manhã' - "Pra quê?" - 'não importa, fala pra ele estar em tal lugar, sentado no banco'. O cara ligou e disse: 'Você tá louco, o que você quer?'. Eu disse: você não está ganhando, você senta lá e fica com a câmera ligada que você vai entender. O cara foi. Quando deu 6:30 da manhã chegaram 200 policiais para poder prender os caras que estavam entrando pelo túnel para roubar o banco. Então isso tinha imagem, eu narrei, tinha texto, tinha foto. Quando foi no Mídia On, um cara chamado Roger, o futurista do The New York Times, durante um seminário, foi apresentado essa matéria, e ele falou: 'Isso é o futuro', isso era em 2006/07. Então você não precisa ter o domínio

técnico, manual de tudo, você precisa entender o jogo. Quer dizer, eu o pterodátilo não sei mecanicamente mexer, o importante é que você entenda o jogo. Se você souber mexer melhor ainda. Aqui em casa tem o que minhas filhas chamam de 'a hora do berro', é a hora que eu não estou entendendo alguma coisa e eu grito. Eu não estou entendendo, ah esse botão aqui, como é que eu ligo e tal. Como agora, na hora do Zoom, eu não tinha usado ainda, a gente tentou abrir via celular, mas tinha que ter um credenciamento lá, um google mail, sei lá o quê. Ah não, vamos pelo computador.

Pergunta: Quais as capacitações que foram exigidas de você quando começou e se você sentiu alguma diferença no meio digital, se você teve que ter outras capacitações, como você vê esses dois momentos de fazer jornalismo, quando você estava no analógico e quando veio para o digital?

Resposta: Em 96 eu fazia um programa com a Bárbara Gancia e Roberto Muijlaert, na TV Cultura, chamado São Paulo Brasil, que era GNT e Tv Cultura. Mas o digital que é de 2006 pra cá, é uma coisa dupla. Ao mesmo tempo você tem dificuldade, as capacitações, mas é infinitamente mais facilitador, eu não vejo a dificuldade, pra mim, o bom é a facilidade. Por exemplo: há 10 anos atrás nós não estaríamos falando por aqui. Há 15 anos atrás eu teria que pegar um avião para ir a Brasília falar com uma fonte, hoje você fala com um Ministro do Supremo, com um general, um senador durante a sessão. Isso muda até a sua capacitação, entende? Do ponto de vista tecnológico, você tem que adquirir coisa, mas junto vem extraordinárias facilidades, isso a me referir as questões tecnológicas, os avanços. Agora, você tem que ter texto, você tem que ter lido, você tem que entender o que está escrito. Tem gente que não entende de ironia. Isso é o básico. A pessoa que não leu no mínimo os clássicos do jornalismo, se não leu Truman Capote, pelo menos isso, não digo que não tenha lido Thomas Menen, Courbet... mas se não leram o básico, é difícil. E claro, você tem que ter como em qualquer profissão o que se chama de dom, que é alguma coisa que vida ou lhe deu ou você aprendeu que leva você a fazer aquilo de uma forma legal. Tem uma coisa que é importante, quando eu estava na TV Gazeta, em 2011 e 2018, a TV Gazeta não tinha um departamento de digital, não tinha redação digital. Como eu vim do Terra, veio comigo um público grande, tão grande que a TV Gazeta teve que criar uma redação digital. Quando eu saí de lá a redação do digital era maior que a redação da televisão. Isso eu não sendo originariamente do digital, eles perceberam que tinha um monte de gente que não era habitual dali. Isso é uma coisa. É claro que

quem não tem uma formação anterior, uma base anterior, além de você tem o que está disponível agora você traz o que você já tinha desde antes que é a sua vivência como jornalista. Quer dizer se eu cobri 5 copas do mundo, guerras, 5 eleições, eleições fora do Brasil, golpe de Estado, claro que eu tenho uma bagagem que me ajuda extraordinariamente.

Pergunta: O jornalismo empobreceu ou ganhou com a internet?

Resposta: Ou mais do que que você qual é a sua opinião ele ganhou obviamente mas ele empobrece também porque ao tempo em que ele facilita é extraordinariamente o acesso à informação ele também facilita a não necessária não é necessário rigor na apuração da informação entendeu. Eu tive uma escola de jornalismo por exemplo na época da Veja que era muito ruim o resultado final porque a gente mandava relatório e eles publicavam fazer o que queriam mexiam no texto, não era assinado, não era autoral, eu lembro que eles ficavam muito bravos comigo que eu mandar um texto construído eles queriam só pra poder mexer e quando mandar pra construído, eles tinham o trabalho para poder desconstruir, para poder usar. Mas eu eu fazia de propósito já. Mas é uma extraordinária escola de apuração sentir tudo no detalhe, o nome, o endereço, a hora a rua, tudo. Agora isso foi para fragilizado bastante entende, porque as pessoas, basta você citar alguém que falou Ah mas se era mentira, sinto muito, não sei quem já publicou. A gente tem que ter muito cuidado com isso, inclusive, por isso que eu boto o tempo todo aulas manchetes ali do lado confirmando o que está dito para as pessoas verem. É óbvio que é extraordinário avanço, nós estamos aqui fazendo jornalismo de um jeito ou de outro é só conversa e isso é possível porque tem internet, mas por outro lado... mas não é uma questão isolada, aí entra questões mais complexas. O Brasil não fez como boa parte do mundo tem, isso tem a ver com aquela coisa da Tv pública que eu falei no começo, a regulação econômica capitalista dos meios de comunicação, algo que não permitam o seu Sarney, o Collor, o ACM, o Tássio Jereissat, os Coelhos, todo mundo ser dono de televisão isso é um poder extraordinário, o Quércia em Campinas. Isso não existe em lugar civilizado porque não pode ter. Isso levou com o tempo há um gigantismo desses grupos e uma fragilização econômicas e demitável por que na hora que alguém tivesse uma fragilidade aquilo ali não tinha espaço pra mais ninguém por que aquilo ali quebrou, a Bahia tem 2 jornais correio da Bahia e a Tarde. A tarde está praticamente morta, daqui a pouco não vai ter nenhum, O Estadão, essas coisas que

tinha um milhão de pessoas, agora vê 150,130,120. Isso levou o empobrecimento dos jornais a empobrecimento das redações. Mandaram embora quase todos os jornalistas experientes e teve uma proletarização com vantagens que contratam pessoas muito boas novas muito bem preparadas mas você perde a memória na história de um Monte de coisa, de prática, você perde muita coisa é um sempre um recomeçaram, um recomeçar, um recomeçar o tempo todo. Você está vendo a CNN na televisão nova né, parece fazer uma televisão de faculdade. Porque é uma televisão que está começando sem anti-corpos, tem de gente experiente e tal. Não é que tenha que ter “velhadara” mas é que tem que ter um mix, por isso que eu digo empobrecimento eventual eu não acho que empobreceu não, acho extraordinariamente vantajoso mas tem perda. Você tem a vantagem de ser muito mais rico mas no caso específico do Brasil você tem perdas muito grandes. Como é possível que as pessoas não tenham coberto quem é o Bolsonaro até a hora da eleição, isso é inadmissível. Vou te dar um exemplo anota e 14/03/2014 ou seja 7 anos atrás um texto chamado “Bolsonaro é uma semente do fascismo” é um comentário que eu fiz na TV Gazeta, se um jornalista pode fazer um comentário a 7 anos atrás dizendo isso que você vai ver o comentário todo lá, porque que não se pode. Num outro dia 10 de junho do dia 10/06/2013, três dias antes da explosão de junho 2003 tem um comentário, longo comentário sobre o que que viveríamos com a falta do debate ideológico. Então seguinte: é como é que você leva 6, 7 anos para perceber que o Bolsonaro é o Bolsonaro. Você se lembra da Transmissão do governo Dilma pro governo Temer? Quem dava entrevistas nas televisões? Moreira Franco, gangster. Geddel Vieira Lima, gangster. Como é que o jornalismo entrevista gângsteres que estão falando sobre corrupção e não pergunta vai ser meu amigo levou um cofre pra casa já uma vez você não é acusado de matar a mãe sei lá o quê. É isso, esse jornalista acrílico, anódino, não é a tecnologia que faz o jornalismo ficar bom o tempo todo é também a memória é usar as coisas, as informações. Você não pode entrevistar o Geddel Vieira Lima sobre corrupção e não perguntar meu amigo tu tem uma fama de ser um rato na Bahia, é isso.

Pergunta: você acha que falta para jornalistas mais autonomia porque eles estão todos presos a linhas, a jornais que dependem de Patrocínio. Você chegou a viver um tempo de autonomia de você pode tocar sua pauta?

Resposta: Falta exatamente, por uma questão, que não é questão é pessoal, é uma questão estrutural da comunicação brasileira que é isso que eu falei agora há pouco, você não tem uma relação econômica, não é controle social o que vai escrever não é isso, é controle capitalista se você não pode juntar Colgate com Kolynos, Antarctica com Brahma como é que você pode juntar informação? Como é que políticos governadores podem ser donos de meios de comunicação com o dinheiro da verba do Estado para os seus meios, portanto, prejudicando a pluralidade que não existe na capacidade do outro de enfrentar o cara que recebe dinheiro do governo, do prefeito. Como É Que É a televisão Globo pode falar sobre corrupção se tem sócios que são gângsteres. Esses nomes que eu falei aí e tem Jader Barbalho que é sócio da Band e do SBT e tem o Romero Jucá que é da Globo, e tem o Edson Lobão... isso é um delírio. É isso que leva a essa coisa da falta de autonomia, aí existem as particularidades, eu acho que é o meu caminho fala por mim.

Pergunta: Esse é um dos motivos que levou você abrir seu canal?

Resposta: esse é um dos motivos pelos quais eu criei alguns empregos junto com outras pessoas. Por exemplo, eu nunca aceitei pauta. Eu me lembro que quando eu trabalhava no Jornal do Brasil em 83/84. Negreiros que já faleceu, pergunta pro Noblat, liguem pro Noblat e pergunta para ele, o Negreiros dizia assim: Cadê o Bob? Ele já ligou o detector de pauta dele. O quê que significa isso? Eu sempre chegava no dia seguinte, eu ia à noite pro (restaurante, não consegui entender o nome) onde estavam os políticos, no dia seguinte com a pauta minha, que eu tinha então ninguém precisava me pautar porque já tinha minha. Eu sempre me pautei. Eu não me lembro qual foi a última vez na vida que alguém me deu uma pauta, não me lembro.

Primeiro a Terra Magazine, a IstoÉ, que foi comprando pela Senhor que o Mino dirigia em 89. Comprada pelo (não entendi o nome) houve uma reconstrução da revista IstoÉ, eu era o diretor em Brasília, eu comandava Brasília eu comandava as pautas. Nós fizemos a matéria do PC Farias, era tudo aquilo até a queda do Collor, então não tinha pauta pra mim. Campanha do Tancredo 84 que eu cobri a campanha do cotidiano eu ia até a porta do banheiro onde ele ia, eu estava cobrindo.

Pergunta: você diz numa entrevista que no seu contrato estava escrito que você tinha autonomia.

Resposta: a minha combinação quando eu fui chamado pra TV Gazeta, eu vou dizer o que eu quero escrever. Tanto é que eu saí de lá em determinado momento, saíram todos, voltaram todos menos eu, é só vocês verem tá todo mundo de novo, porque eu disse exatamente o que eu achava que deveria dizer.

A minha mulher que estava aqui quando estava ligando aqui ela dizia que estou escrevendo um livro chamado “Fechando portas, e desagradando pessoas” e eu sempre disse pra ela o seguinte: eu eu faço todas as vezes como se fosse a última, por que se não você não faz. Se você começar a se censurar não vai dar Rolo você tem que ter responsabilidade tem que ter cuidado uma informação mas você não pode ter medo de dizer as coisas de que você tem certeza que se apurou você checkou que você sabe. Eu me considero privilegiado porque eu tive como criar... Por exemplo, a IstoÉ Senhor foi reinventada quando o Mino assumiu a Status e a gente criou, praticamente recriou um emprego. Eu fiquei depois de 6 meses da Folha como repórter especial enquanto construíamos a Carta Capital que era inicialmente feita por 4 pessoas. Mino, eu, Vagner Careli e Letagi. Depois virou 7, depois 11. Fiquei lá 10 anos. Terra Magazine eu criei o meu emprego. Na TV Gazeta eu fazia o meu comentário do meu jeito absolutamente meu. A televisão só sabia o que falar na hora para chegar lá entregava o texto 20 minutos antes. Partir de casa 6 e pouco, quando eu chegava era 6:40, 7 horas tava entrando no ar. Eles não sabiam que era até eu ler no ar. E agora é a mesma coisa. Agora isso é um caminho, você escolhe, tem caminhos mais fáceis. É uma questão de escolha, é claro, nem sempre a pessoa vai ter a oportunidade de fazer a sua escolha. As vezes o cara mora no Maranhão ou em Minas você tem um jornal, tem 3 filhos para tomar conta, ele vai aceitar o que tem.

Pergunta: Você fala que liberdade é uma questão de escolha é você escolheu o seu caminho.

Resposta: É às vezes você não tem escolha da liberdade. Liberdade é uma questão de escolha, acho que sim, se a pessoa faz de conta que não tá enxergando... por que a televisão brasileira toda ela não colocou aquela imagem do Bolsonaro dizendo que iria matar 30 mil, fizeram a favor da (entendi tortura) ao longo dos anos todos, quando aparecia cada vez que eles são uma miséria daquela, por que que não botava. Aquilo não permitiria a construção do cara. Por que que deixaram para usar só na época da eleição? No programa eleitoral, isso é grotesco. se o cara disse tem que matar 30.000

a começar pelo Fernando Henrique Cardoso, cada vez que você mostrar o cara você bota aquela imagem pô.

Pergunta: Ele está falando dos caminhos. O Bob tem uma trajetória bastante aí no jornalismo. Você acha que é mais fácil Bob pra quem tem todo o seu repertório porque tem muito estudante de jornalismo que hoje quer fazer algo como você faz né o que você o que você diria como uma sugestão?

Resposta: Eu diria que eu faria o que eu fiz agora quer dizer eu saí de uma televisão não fui procurar nada em lugar nenhum e saí, na verdade eu estava com José Roberto Toledo conversamos já 2 anos antes de começar o Terra Magazine ou seja 4 anos em fazer um canal de YouTube por motivos outros.. é crie o seu caminho. seja como for aposta no seu caminho e não aceite de cabeça baixa tudo não é você rasgar um emprego joga fora o emprego, não é isso. Por exemplo o Caco Barcelos não faz um programa extraordinário na TV Globo. Pois é ele criou um caminho dele ele faz um novo programa extraordinário de jornalismo com jovens estudantes.

Pergunta: você vê um diferencial no seu trabalho o que que você tem como diferencial?

Resposta: é difícil falar sobre si mesmo nessas coisas né eu acho que é a coisa da vida de ter estado sempre na rua e ter aprendido a... que eu estou vendo é o que eu estou vendo o que eu estou ouvindo eu estou ouvindo. Eu não preciso que ninguém me diga que... Quando eu cheguei Brasília por exemplo pra cobrir pelo Jornal do Brasil, tinha uma coisa pra chamada de fontismo é tudo as pessoas atribuem... o deputado tal falou, a deputada tal falou, gente eu não preciso que um deputado me diga, estou ouvindo. Eu estou no plenário da Câmara, estou ouvindo o que eles tão falando. Tinha muita matéria descrevendo a sessão que não era uma fórmula muito comum ou não era comum você descrever na sessão era mais comum você ouvir o que que alguém acha não sei o que não sei o que, eu estou ouvindo, eu não preciso nem nada pra ninguém. Eles tão falando aqui entre eles estão falando o cafezinho, é só você ouvir é um ambiente público não é off, quando é off é off, quando é público você vem e publica. Se há alguma coisa que eu diria pra alguém que tem uma informação, uma formação minimamente legal como pessoa, como humano e sabe ler e escrever é o seguinte: acredite no seu olhar acredito que você está vendo acredito que você faz é isso.

Pergunta: essa seria sua mensagem para os novos jornalistas?

Resposta: É isso, acredite no seu olhar, claro você tem que saber ter autocrítica de saber o que que você não saber, o que que você precisa aprender, o que que você não conhece. Vou te dar um exemplo banal, na copa de 2006 eu estava cobrindo pelo Terra , na época do Terra Magazine, e tem uma grande discussão sobre o Ronaldo tava gordo só não estava magro, e eu estava cobrindo pelo Jornal Lance também fazendo crônicas, aí de repente tem uma cerquinha e nesse dia o Ronaldo não estava dando entrevista, mas ele passou lá atrás com uma garrafa de Coca-Cola pela metade Coca-Cola na zero não, era Coca-Cola. Eu fiz a crônica sobre o Ronaldo e a Coca-Cola. Quer dizer, um jogador na Copa do Mundo com alguns quilos a mais tomando Coca-Cola aqui no meio do treino. Isso não precisa ninguém te contar, você viu tá visto, você conta aquilo. É um exemplo banal, pequeno, mas é isso você no seu olhar às vezes é mais importante do que o que alguém vai lhe dizer, não sempre, você tem uma fonte extraordinária te contando uma história, tudo bem. As pessoas acham que muitas vezes o jornalista despreza o que está vendo, o que está no rosto.

Pergunta: você foi fazer uma entrevista com Carlos Castelo Branco e perdeu uma informação...

Reposta: foi no comecinho da minha carreira na rádio Jornal do Brasil, o Castelinho que era um grande economista de política, era o Jânio de Freitas da época. Ele ia dar uma palestra em Salvador estávamos no hotel Othon foi entrevista-lo, quando cheguei na redação eu esqueci uma informação qualquer, eu liguei pro Castelinho, ah que horas que vai ser, alguma coisa assim, nuclear da informação, ele falou assim : 'no mais das vezes os jornalistas só tem uma oportunidade boa noite'. E bateu o telefone na minha cara.

Pergunta: você conhece alguém que foi demitido da sua época ou que não conseguiu se adaptar a essa nova essa nova plataforma?

Reposta: eu não sei. Em 94 eu fui fazer a carta capital e a carta capital o mundo muito paralelo entendeu pela revista primeiro mensal, depois quinzenal, e eu fiz 105 capas então eu estava sempre viajando e eu não convivia com as redações mais. Estadão, Folha, eu não convivia entendeu, eu tinha amigos colegas mas eu não convivi, eu não vivi redação, tipo Folha nesses tantos anos eu vivi primeiro da carta capital que é um mundo à parte, eu vivia viajando fazendo matéria lá lá para cá, depois

eu vivi o Terra Magazine aquela que era a minha redação, uma outra coisa. Então certamente tem, mas eu não convivi com isso. Eu não estou na redação há mais de 20 anos, mas acho que ninguém perderia o emprego por não saber usar. A mudança geracional que teve não foi por isso não, foi a mudança geracional porque começou a baixar o salário, etc...

Pergunta: Você consegue se monetizar, você vive só do seu canal?

Resposta: É até público, se você for ver lá no Catarse, eu consigo um dinheiro que dá pra pagar os meus meninos da equipe e minhas despesas básicas aqui. Eu felizmente dirigi redações 25 anos, já estou numa posição mais ou menos tranquila em relação ao be-a-bá, o básico, o feijão com arroz, mas eu consigo sim. Se você for ver lá... não estou divulgando, mas consigo, o mínimo pra poder pagar as pessoas que me ajudam, pra pagar minha operação, tudo que eu comprei, equipamento... mas não dependo disso para sobreviver e pagar minhas contas todas, felizmente tive muitos anos antes, mas acho que é possível sim. Acho que quem faz isso, se fizer pra valer, com o trabalho pesado que a gente está tendo, consegue. Dependendo claro, das pessoas toparem colaborar, doar, fazer a colaboração. Eu dependo da colaboração das pessoas, enquanto elas tiverem colaborando, ok. Se elas pararem de colaborar não tenho como pagar os meninos.

Pergunta: Essa nova geração de jornalista e até de espectadores eles tem hoje nas redes sociais, esses pseudos-jornalista, no caso você citou a CNN...

Resposta: Eu acho que tem bons jornalistas da CNN, eu acho que tem um problema de formatação da linguagem de você fazer uma televisão, você não faz num instalar de dedos, Está há meses no ar uma construção ainda.

Pergunta: Mas aquele programa Grande Debate, que tem aquele nome Caio Coppola, aí ele se apresenta como influenciador, isso está destoando do bom, jornalismo?

Resposta: Quem fala bobagem, quem não fala a informação ou quem diz asneira, isso aí é em qualquer lugar, mas não é só lá, na Globo News tem de boa e tem gente falando bobagem, você tem o Guga Chacra, que está fazendo um trabalho legal, não é nenhum esquerdista, como as pessoas ficam querendo, ele é um esquerdista... ele é um bom repórter que se comporta muito bem, o Pontual faz bem, o Ariel Palacios,

independente da posição que cada um tem. Em todo lugar tem gente ruim, no sentido de mal profissional. Agora essa coisa do influencer, essa bobajada toda, no Brasil tem espaço pra tudo né, o Brasil não estaria vivendo o que vive se a gente tivesse informação.

UNIVERSIDADE PAULISTA UNIP

4. CARTA DE AUTORIZAÇÃO – APRESENTAÇÃO BANCA FINAL

Eu, Professora Cibele Buoro, do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, ratifico que a aluna Maria Rejane Guimarães e Silva, RA [T2319J3](#), autor do TCC intitulado “A transição dos jornalistas da mídia analógica frente ao avanço da tecnologia: Reinvenção e Capacitação”, apresentou trabalho concluído dentro dos requisitos exigidos e, portanto, está autorizado a participar da banca de defesa de conclusão de curso.

Prof^a Cibele Buoro